FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.038 DOMINGO, 12 DE JUNHO DE 2022 R$ 7,00

Política A10

Janio de Freitas, 90

Na **Folha** há 42 anos e referência para gerações de repórteres, o colunista do jornal faz 90 anos e afirma que "é do jornalismo que ainda vem esse suspiro de democracia".

O jornalista Janio de Freitas em retrato de 2017 Ricardo Borges - 6.jul.2017/Folhapress

Mundo A13

Festa dos Santos Populares, precursora das juninas, volta em Portugal após 2 anos

Dianteira de Lula expõe cisão social do eleitorado

Analistas veem mudanças no equilíbrio de forças e pobres mais influentes

Para além da corrida ao Palácio do Planalto, pesquisadores da ciência política e analistas têm identificado nas pesquisas eleitorais deste ano mudanças mais profundas no processo democrático e no equilíbrio do poder de decisão entre camadas populares e elitizadas.

A dianteira de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e a rejeição a Jair Bolsonaro (PL) na base da pirâmide social, somadas à predileção de mulheres, negros e moradores do Nordeste pelo primeiro e de homens, brancos e ricos pelo segundo expõem a crescente cisão do eleitorado.

"É uma oposição entre dois Brasis", diz o cientista político Felipe Nunes, diretor da Quaest, que faz pesquisas eleitorais. Ele vê um cenário em que a polarização se torna não só política ou partidária mas também social e afetiva. "Isso põe em jogo direitos, privilégios e recursos."

Outro fenômeno é a expansão da influência de mulheres e negros, alicerçada em campanhas pelo empoderamento feminino e antirracismo e nas bolhas das redes sociais. Na mais recente pesquisa Datafolha, Lula tinha 48% das preferências, e o presidente, 27%. Política A4

Observado por soldados, policial federal isola área em que o barco com Pereira e Phillips pode ter sido escondido, às margens do rio Itaquaí, no vale do Javari (AM) Pedro Ladeira

ilustríssima

Bárbara de Alencar desafiou tabus e a Coroa portuguesa no século 19 C10

Sociólogo discute pressões sofridas por intelectuais na Guerra Fria em novo livro C4

Esporte B7

Empresa se junta ao centenário Ypiranga, mas futebol não será prioridade

EDITORIAIS A2

Contra preços, inépcia

Sobre medidas e apelos eleitoreiros de Bolsonaro.

Jogo truncado

A respeito de desorganização do futebol brasileiro.

ISSN 1414-5723

Wilson Gomes

O pobre bandido e os Genivaldos

Chegamos ao ponto de alguns verem nazistas e fascistas por todos os lados, como olavistas e outras subespécies bolsonaristas se veem cercados de comunistas. Como ter certeza de que o último a se sentar à mesa é nazista, comunista ou fascista? Ilustríssima C3

Desânimo marca busca por dupla desaparecida no AM

Os 12 indígenas que auxiliam as equipes de buscas que procuram o indigenista Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips na Amazônia não escondem seu desânimo com a estágio atual da missão, relatam os enviados **Vinicius Sassine** e **Pedro Ladeira**.

A dupla desapareceu no domingo passado no vale do Javari, oeste do Amazonas. No fim da tarde deste sábado, a Polícia Federal isolou um ponto suspeito de abrigar o barco de Pereira e Phillips. O único suspeito preso no caso afirmou ter sido torturado. Política A6 e A7

Eduardo Knapp/Folhapress

BRASIL PERDE R$ 16,5 BI EM CAPITAL HUMANO POR COVID

Da esq. para a dir., Dedé Paraizo, Sérgio Rosa, Everson Pessoa e Ricardo Rosa, os Demônios da Garoa; grupo perdeu um integrante e o empresário, vítimas da Covid-19, doença que, segundo a FGV, gera R$ 16,5 bilhões anuais em perda de capital humano Mercado A18 e A19

Grupo pró-armas oferece apoio por cargo no Congresso

Presidente do maior grupo pro armamentista do Brasil, Marcos Pollon disse nas redes sociais que o Proarmas tem oferecido apoio em troca de cargos nos futuros gabinetes de mais de 50 pré-candidatos, que negam haver negociações com a entidade. Cotidiano B1

Lula tem responsabilidade fiscal, afirma coordenador

Um dos coordenadores de programa do PT, economista Guilherme Mello diz que eventual governo Lula terá novo regime fiscal, mas responsável. A20

Infectados pela 1ª vez por coronavírus relatam frustração

A recente alta de casos de Covid atingiu mesmo aqueles que acreditavam que passariam ilesos pela pandemia. Enquanto alguns relatam frustração por terem sido infectados, outros se dizem conformados diante da disseminação do vírus. Saúde B5

Pré-sal falha ao não reduzir importação de combustíveis

O crescimento da produção do pré-sal pôs o Brasil entre os grandes exportadores de petróleo, encheu cofres de estados e municípios, mas não garantiu a redução da dependência de combustíveis importados, que poderia segurar os preços num cenário de crise como o atual.

Como o setor de refino é deficitário na oferta de gasolina e diesel, a Petrobras defende política de preços baseada na paridade de importação. Mercado A15

Papa faz reforma no Vaticano sob rumor de renúncia

Na esteira do anúncio de 21 novos cardeais e da entrada em vigor da reforma na Cúria Romana, ganha força o rumor de que Francisco, 85, estaria preparando a renúncia após esses processos. A locomoção difícil também tem alimentado especulações. Mundo A12

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)* e Everton Fonseca *(tecnologia)*

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Contra preços, inépcia

Ofensiva eleitoreira de Bolsonaro fica mais cara e mais tosca, incluindo apelo a supermercados

A carestia de alimentos e energia é problema social e econômico grave. Estados cobram impostos excessivos sobre combustíveis e eletricidade; o ICMS é um tributo de normas caóticas. A receita do governo federal e dos estados de fato cresceu, em parte por causa justamente da escalada da inflação.

Com base nesse diagnóstico óbvio, Jair Bolsonaro (PL) e aliados no Congresso propõem medidas ineptas com objetivo de mascarar os problemas até o fim deste ano. Pretendem reduzir impostos federais e, na marra, estaduais.

De modo ainda mais tosco, Bolsonaro e seu ministro da Economia, Paulo Guedes, exortaram supermercados a conterem margens de lucro e preços até o fim deste 2022.

As soluções aventadas, demagógicas, constituem uma espécie de pedalada fiscal em sentido amplo. Isto é, gasta-se agora e alguém paga a conta depois, sabe-se lá como.

O pacote de impostos implica, em princípio, a perda de ao menos R$ 60 bilhões apenas neste ano e pode, de fato, provocar alguma redução de preços. Parte do alívio tributário encerra-se no final do ano.

Em 2023, no entanto, os impostos voltam, o que terá impacto na inflação e mais problemas para que o Banco Central cumpra sua meta, com efeito altista nas taxas de juros. Caso o desconto tributário persista, a dívida pública aumentará —o governo já é deficitário e toma empréstimos até para pagar despesas correntes.

A desoneração tributária também estimula o consumo desses bens escassos. Há risco de falta mundial de diesel, perigo agravado no Brasil por causa das pressões contra reajustes da Petrobras. A certo preço, importadores deixam de comprar o produto.

A medida, por fim, é socialmente injusta. Bolsonaro fará dívida extra para beneficiar também os mais ricos, que por sua vez financiarão o déficit extra do governo a taxas de juros ora crescentes.

A receita de todos os níveis de governos tem crescido muito, mas o fenômeno é temporário. Cresce o risco, portanto, de se gestar nova crise dos estados, como se viu a partir de 2015. Decerto, muito governo estadual gasta mal, mas abrir súbitos rombos em suas contas não é um bom plano de reforma.

Essas políticas casuísticas e as pressões demagógicas para que empresas contenham preços, enfim, desacreditam a administração pública, prejudicam o crédito do país e reduzem investimentos.

Ainda que naufraguem, tais projetos podem servir à propaganda oficial. É costume de Bolsonaro se eximir de responsabilidades e de atribuir a outrem problemas causados por sua negligência. Se os preços não baixarem, a culpa será atribuída aos governadores, como na pandemia, ou aos empresários.

Jogo truncado

Impasses para a criação de uma liga dos clubes expõem atraso organizacional do futebol brasileiro

Há décadas o futebol brasileiro debate-se com graves problemas de gestão. Em contraste com sua capacidade de revelar talentos e seu histórico vitorioso em Copas do Mundo e disputas internacionais de diversas categorias, o Brasil no quesito organizacional é um fiasco.

Clubes endividados, jogadores transferidos para a Europa antes mesmo de se estabelecerem nos torneios locais, sobreposição irracional de competições, corrupção e amadorismo persistente atestam a inoperância de parte significativa de dirigentes e entidades.

É verdade que, aos trancos e barrancos, alguns passos importantes têm sido dados, como o Brasileiro no sistema de pontos corridos e o investimento de clubes —nem sempre de forma responsável, diga-se— em centros de treinamento e arenas modernas.

Mais recentemente, em agosto do ano passado, nova lei criou um meio de transformar clubes em empresas, a Sociedade Anônima do Futebol (SAF), e vai se desenhando a possibilidade da fundação de uma liga de clubes, que assumiria a administração e a comercialização de torneios, nos moldes do que se observa na Europa.

A criação da liga, contudo, esbarra em desavenças sobre a distribuição dos recursos, que já provocaram uma acirrada divisão entre as principais agremiações das séries A e B do campeonato nacional.

Embora exista a expectativa de que o entendimento e o bom senso venham a prevalecer, não se pode descartar um fracasso, em se tratando de um meio que tem dado provas continuadas de incapacidade de se profissionalizar.

Os diagnósticos sobre as deficiências já foram produzidos e o mapa do que precisa ser feito é sobejamente conhecido. As providências elementares são a elaboração de um calendário racional, que respeite a integridade física dos atletas e as chamadas datas Fifa, reservadas às disputas entre seleções.

É fundamental também adotar critérios equilibrados de distribuição de receitas de modo a contemplar os clubes de maior apelo, mas sem deixar ao abandono os demais.

Caso queiram superar o renitente subdesenvolvimento num terreno em que há plenas condições para prosperar, os dirigentes do futebol brasileiro precisam pensar a atividade como um todo, tornando-a sustentável e lucrativa.

Lamentavelmente, muitos insistem em disputas paroquiais e míopes, que apenas atrasam a desejável mudança de patamar.

Como o mundo funciona

Hélio Schwartsman

"How the World Really Works", de Vaclav Smil, pode ser descrito como um destruidor de mitos. Valendo-se da boa e velha aritmética e de valiosos esclarecimentos sobre como suprimos nossas necessidades básicas, o autor traça um panorama realista dos desafios que temos pela frente.

Mudança climática, poluição e superexploração de recursos naturais são problemas graves, que cobram ações de todos nós, mas é precipitado afirmar que o fim do planeta ou da civilização esteja próximo. Não há risco, por exemplo, de o oxigênio da Terra acabar, como já sugeriu um presidente. Já água e comida são uma preocupação, mas não em relação à produção e sim à distribuição. Temos esses dois recursos em quantidades suficientes, mas os gerenciamos muito mal. Um terço dos alimentos produzidos estraga sem ser consumido.

O aquecimento global é uma realidade e vai ser difícil limitá-lo aos 2°C. O problema é que somos uma civilização de combustíveis fósseis e livrar-nos deles é uma tarefa de séculos, não de anos nem de décadas. Nós provavelmente avançaremos de forma rápida para tecnologias sustentáveis na produção de eletricidade e transportes, mas isso é só parte da conta.

Os fertilizantes, indispensáveis para alimentar os 8 bilhões de humanos que habitam o planeta, e aço, cimento e plásticos, que dão a base material para nossa civilização, encapsulam enormes quantidades de carbono. E, se quisermos ser minimamente justos, isto é, estender aos bilhões de terrestres que ainda vivem na pobreza níveis de conforto semelhantes aos experimentados pelos habitantes de países ricos, então precisaremos produzir muito mais. Ao contrário da eletricidade, não há à vista nenhuma tecnologia sustentável para substituí-los.

E, como lembra Smil, contrapondo-se aos defensores de soluções mirabolantes, é da Terra que precisamos cuidar; nenhuma das pessoas que está lendo estas linhas vai se mudar para Marte.

helio@uol.com.br

Sete de Setembro: o retorno

Bruno Boghossian

Jair Bolsonaro começou a organizar uma versão anabolizada dos protestos de Sete de Setembro do ano passado. A ideia é reeditar a pauta golpista, reforçar ataques a ministros do STF e espalhar suspeitas falsas sobre as eleições —desta vez, a poucas semanas do primeiro turno.

Os bolsonaristas descrevem os atos como um "movimento espontâneo", mas o próprio presidente faz a convocação. Em entrevista ao SBT, ele avisou que as manifestações devem ocorrer nas capitais, em apoio "a um possível candidato que esteja disputando". Acrescentou que um dos objetivos é mostrar que seus apoiadores "querem eleições limpas".

Bolsonaro vê a data como um ato preparatório para a contestação do resultado das urnas, 26 dias depois. O presidente alega que a ida dos apoiadores às ruas será uma prova de que ele tem mais apoio que Lula, de que há gente suficiente desconfiada do processo de votação e de que essas pessoas não aceitam o que "dois ou três lá do TSE querem impor".

O plano, ao que tudo indica, é explorar os atos para criar a falsa impressão de que ele tem apoio e legitimidade para tentar melar a eleição.

O presidente quer agitar os seguidores com os mesmos artifícios que usou às vésperas do feriado de 2021. Nas últimas semanas, ele voltou a dizer que pretende descumprir decisões judiciais e citou as Forças Armadas como ferramentas para garantir o que ele chama de democracia.

Para abrir essa etapa, Bolsonaro teve que rasgar de vez o armistício fajuto que havia assinado com o Supremo no ano passado. Na mesma conversa com o SBT, o presidente acusou o ministro Alexandre de Moraes de descumprir um acerto que os dois teriam feito quando o presidente publicou a carta elaborada pelo ex-presidente Michel Temer. Jogo zerado para novos ataques.

Às vésperas das manifestações de 2021, Bolsonaro disse que precisava do Sete de Setembro para mostrar ao mundo "uma fotografia" que justificasse seus atos dali por diante. Todos já sabem o que Bolsonaro planeja para os dias seguintes em 2022.

E aquela do Groucho Marx?

Ruy Castro

Ao saber que o homem com quem estava conversando tinha 17 filhos, Groucho Marx espantou-se: "Puxa, eu também fumo charuto. Mas costumo tirá-lo da boca de vez em quando". E quando um padre com quem cruzou num aeroporto lhe disse que a mãe dele era sua grande fã, Groucho respondeu: "Não sabia que vocês tinham mães! Achava que eram filhos da Imaculada Conceição!".

Ao ler minha coluna de domingo último (5) com as frases de Dorothy Parker, um amigo perguntou quem seria o equivalente masculino de Dorothy em tiradas rápidas. A resposta é, claro, Groucho Marx. Sua frase mais famosa, "Não entro para clubes que me aceitam como sócio", entrou para a cultura e é citada por linguistas, sociólogos e economistas. Mas ele deixou muitas outras dignas de estudo.

Quando sua filha Miriam foi proibida de frequentar uma piscina por ser judia, Groucho a defendeu: "A mãe dela não é judia. Donde Miriam é meio-judia. Tudo bem se ela entrar na piscina só da cintura para baixo?". Em 1958, ao saber que o Japão estava sendo assolado pelo rock'n'roll, comentou: "Bem feito por nos terem mandado a Gripe Asiática". E, quando um aspirante a humorista enviou-lhe o livro que acabara de publicar, Groucho escreveu de volta: "Do momento em que recebi o seu livro até fechá-lo quase morri de tanto rir. Um dia pretendo lê-lo".

Em carta para a revista "Confidential", especialista em reportagens difamatórias sobre famosos cujos processos não davam em nada e a faziam vender milhões, Groucho ameaçou: "Se vocês continuarem a publicar esses artigos sórdidos a meu respeito, advirto que cancelarei minha assinatura". Os artigos pararam.

E, jogando bridge com os amigos, o insuportável filho do anfitrião não deixava que eles se concentrassem. Groucho chamou o garoto em particular. Minutos depois, voltou sozinho e garantiu: "Ele ficará quieto no banheiro por muito tempo. Ensinei-o a se masturbar".

Shows de parasitas

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

Há um fio de continuidade entre determinados episódios sob o regime militar e os atuais shows de cantores ditos sertanejos, financiados por prefeituras que dilapidam os seus orçamentos precários, desviando verbas da saúde e da educação.

Esse fio são os pagamentos astronômicos para algo que se apregoa publicitariamente como "cultura". Na época, o "espetáculo" não era musical, mas a reprodução em revistas coloridas das benesses auferidas por remotos municípios nordestinos como consequência dos supostos avanços promovidos pelo regime.

Não eram atividades mediadas por um publicitário ou um jornalista qualquer: o produtor detinha excepcionais condições de pressão, a exemplo de contatos com figuras poderosas, senão a intimidação por meio de documentos especiais, para coagir os ordenadores de despesas de pequenas localidades.

Os resultados eram edições especiais a cores destinadas a fixar a imagem festiva da transformação das condições de vida locais. Chantagem desse peso poderia arruinar por anos um pequeno orçamento municipal. Mas a mediocrização autocrática justificava-se com o nome da cultura, entendida como divulgação e entretenimento.

Um primeiro problema é que "cultura" é noção ao mesmo tempo vital e ambígua. Classicamente, impôs-se como o vínculo existencial que os homens mantêm entre si, articulado como uma totalidade que desenha o espaço-tempo de uma sociedade, logo, as funções institucionais que orientam comportamentos e atitudes.

Por complexa que pareça, essa noção espelhou-se sempre na literatura e nas artes, ajudando a formar cívica e espiritualmente a consciência do homem moderno. Os atos de perceber, sentir, pensar, conhecer e fazer convergem para um "comum", que é o centro aglutinador das instituições e o lugar de produção do sentido social. É isso precisamente o que a modernidade tem chamado de cultura.

Essa aglutinação implica evidentemente hegemonia, ou seja, o poder por consenso. Foi essa a porta de entrada da mídia eletrônica para a conquista de mentes por meio da demagogia e da lógica dos grandes números. Nessa vasta operação batizada de "soft power", as formas culturais mais rebaixadas passaram a disputar o jogo da hegemonia. Simplificadoras, anestesiantes, quase sempre se confundem com a propaganda do poder em exercício.

Daí a importância de políticas culturais contra-hegemônicas articuladas com a educação e a criatividade, como no excepcional período dos "pontos de cultura" de Gilberto Gil e Juca Ferreira. Mas daí também, por efeitos perversos, o fio de continuidade protofascista entre a exploração das prefeituras no passado e a de agora: a cultura como forma parasitária de existência.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

O voto precioso das mulheres

Não reeleger Bolsonaro é ato cívico das brasileiras

Betty Milan
Escritora e psicanalista; autora dos romances 'O Papagaio e o Doutor' e 'Baal' (ed. Record), entre outros

As razões para nenhuma mulher votar em Jair Bolsonaro (PL) em outubro são muitas. Como tendemos a ser desmemoriados, relembro os fatos e apresento os motivos:

1 - Na tradição machista, Bolsonaro desqualifica as mulheres. O exemplo disso foi a ocasião em que declarou ter quatro filhos e uma filha "por ter fraquejado uma vez". Além de ter humilhado a própria filha, dando a entender que a jovem era a expressão de uma fraqueza, também humilhou as mulheres mais velhas ao ofender a primeira-dama francesa, Brigitte Macron. A tradição machista na qual ele se reconhece é responsável pela alta taxa de feminicídios no Brasil, a quinta maior do mundo;

2 - O aborto já foi legalizado em 63 países e, recentemente, em nações da América Latina. Pela Constituição brasileira, é permitido em casos de estupro, risco de morte materna ou anencefalia. A legislação precisa ser mudada urgentemente porque é a saúde das mulheres que está em jogo. Claro que é preciso privilegiar a contracepção, porém esta pode falhar —e as mulheres pobres acabam praticando o aborto com sonda, correndo o risco de morrer. Vi isso no pronto-socorro do Hospital das Clínicas, em São Paulo, quando era residente. A única saída é a legalização. O presidente é contrário ao aborto mesmo quando a mulher tenha sido estuprada. Engravidou, tem que dar à luz, acredita ele. Defende a vida do embrião, não a da mãe;

3 - Bolsonaro já fez apologia do estupro. Quando a deputada federal Maria do Rosário (PT-RS) o acusou de tentativa de estupro, ele respondeu que jamais a estupraria por ela ser feia e concluiu que a deputada "não merecia" ser estuprada. Incitou o abuso, transformando um ato de violência masculina num ato de reconhecimento do mérito feminino;

4 - Não é contrário ao estupro, porém preconiza a esterilização do estuprador para evitar que a mulher fique grávida e faça um aborto, valendo-se do seu direito. Bolsonaro pode ter se inspirado nos experimentos de esterilização conduzidos em Auschwitz para destruir a capacidade de produzir óvulos ou espermatozoides;

5 - As mulheres precisam educar os seus filhos, e o presidente não pode servir de exemplo. A educação implica contenção, e ele não tem controle algum sobre o que diz. Chegou a tratar de energúmeno um educador como Paulo Freire, reconhecido nacional e internacionalmente. Por falta de ideias claras e, na falta de argumentos, Bolsonaro xinga. Vale-se de todos os meios de comunicação de massa ao seu dispor para difundir o ódio.

A população brasileira é composta por mais pessoas do sexo feminino que do sexo masculino. Como estão em número superior, elas podem barrar o caminho de um presidente que foi eleito graças a uma facada e à promessa de acabar com a corrupção e não negociar cargos. Um presidente que não parou de demitir ministros qualificados para eleger os que aceitassem a mais absoluta submissão. Exemplo disso é o caso de Luiz Henrique Mandetta, que alertou repetidamente para o desastre que resultaria da política de saúde de seu governo.

Bolsonaro se opôs ao isolamento e retardou a aquisição de vacinas, contrariando a tradição de um país cujo povo deseja ser imunizado. E, como se nada fora, circulou pelo mundo sem estar vacinado —na trilha do mentor americano, Donald Trump, que testou positivo para a Covid-19 e foi sem máscara ao debate com Joe Biden, ameaçando o então candidato democrata.

Bolsonaro vilipendia continuamente a imagem do país no exterior, como se pudéssemos viver perdidos no "mapa-múndi do Brasil". Ignora o drama do planeta, deixando as queimadas e as inundações se perpetuarem. Mais que isso, foi ter com o presidente russo, Vladimir Putin, e não se opôs claramente à guerra, cujo preço maior é pago pelas mulheres e crianças ucranianas.

Não reeleger o presidente é um ato cívico no qual as brasileiras não podem deixar de se engajar. O voto de cada uma é precioso. Significa a liberdade de dispor do próprio corpo e de se tornar mãe ou não. Este 2022 pode ser o ano da virada.

Claudia Liz

Candidatos sem ambiente

Soluções não aparecem nos programas de governo

Emerson Kapaz
Empresário, foi secretário de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do estado de São Paulo (1995-98, governo Mario Covas) e deputado federal (1998-2002)

Fora os negacionistas convictos, aqueles que se arrepiam à simples menção da palavra ciência, há consenso sobre a urgência de se frear a destruição do planeta, buscando pelo menos retardar a hecatombe climática. Isso impõe mudanças, até mesmo radicais, nos modelos de desenvolvimento e no modo de vida das sociedades, cujo bem-estar, em breve, estará associado a riquezas muito diferentes das cobiçadas até então.

No Brasil, um dos líderes mundiais de desigualdade social, os 45% da população sem coleta de esgoto (dados atualizados pelo Data-San-FGV) convivem com mais de 3.000 lixões a céu aberto, nefastos para a saúde das pessoas e do ambiente, multiplicando doenças e produzindo nada menos do que 27 milhões de toneladas de CO_2 ao ano. Pior: o desarranjo ambiental é mais agudo para os pobres, aprofundando o fosso da miséria. Basta observar a frequência das tempestades violentas. Só nos últimos cinco meses 7,8 milhões de pessoas sofreram com cheias e deslizamentos —mais de 500 morreram. O Sul do país secou, dizimando plantações.

A gravidade do cenário não permite adiar soluções. Ainda assim, elas não aparecem nos programas de governo —desconhecidos do eleitor a menos de quatro meses da eleição — nem nos discursos dos candidatos à Presidência da República que lideram as pesquisas, mais preocupados em disseminar o ódio do que em construir qualquer alternativa para as crises de hoje e do amanhã.

Reféns de seu descaso, os postulantes nem notam que as saídas existem. Muitas delas já em curso no meio empresarial, com a introdução de práticas ESG na produção, atendendo aos novos parâmetros ambientais e de relações humanas. Ou ainda no agronegócio de ponta, que redescobriu que vive da saúde da terra e da água.

Mas é possível avançar mais, com celeridade —e, acreditem, com apoio popular. Pesquisa realizada pela FGV com 5.400 entrevistados aponta que 94% reconhecem que a mudança climática está acontecendo e 74% acham que ela é prejudicial para o país e para as suas vidas. Números nada desprezíveis, que deveriam seduzir os candidatos.

Na prática, as mudanças que o mundo e o país exigem começam a ser construídas a partir da formulação de uma agenda alicerçada em um novo contrato social. Essa é a minha aposta. Não individual, mas coletiva, de dezenas de cientistas, empresários, dirigentes e militantes de ONGs e tantos outros. Estamos convencidos de que o mundo do presente e do futuro gira em torno do eixo ambiental —nova moda de impulsão do desenvolvimento. E que o Brasil tem tudo para liderar estes novos tempos. Nele, a água potável vale mais do que o petróleo, a floresta em pé mais que todo o ouro retirado pelo desmate do garimpo. Nele, não há lugar para candidatos sem ambiente.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Nova derrota de Kassio

O pior não é nem um juiz, ministro etc., querer tomar decisão de acordo com a sua consciência ("STF retoma cassação do deputado Valdevan", Poder, 11/6). Mas saber que estamos ocupando de maneira desprezível a maior corte do país e gastando recursos públicos em algo que o mundo todo sabia que seria derrubado, enquanto questões mais relevantes têm que aguardar. Não é a toa que a imagem do STF só piora.
Leandro Oliveira Carneiro (Salvador, BA)

*

Não vejo a hora de toda essa turma virar jornal velho. Surreal.
Jeanne D'Arc de Faria (São Paulo, SP)

Augusto Aras

Augusto Aras, o PGR, poste geral da República, teme o povo ("PGR aciona a PF para investigar brasileiros que cobraram Aras em Paris", Poder).
Fátima Marinho (São Paulo, SP)

*

Eles não xingaram. Cobraram o procurador. E devemos cobrar mesmo. Cobrar para que faça o mínimo da função que é investigar.
Mariano Aparecido (São José dos Campos, SP)

*

As cobranças dos manifestantes são legítimas, afinal Aras é servidor público e deve satisfação ao público. Não vi ameaça à integridade física do PGR, como houve em relação aos ministros do STF, pelo bolsonarista Daniel Silveira. Atitude do Aras é digna dos regimes autoritários.
Márcia Escobar (Porto Alegre, RS)

Perda de renda

E a elite que elegeu Bolsonaro não está nem aí para isso ("5% mais pobres perdem quase 34% da renda no Brasil", Mercado, 10/6).
Hugo Falcão Silva (Olinda,PE)

*

Quem ainda tem salário sabe, e muito bem, que o aumento do preço das coisas provoca o "sobra mês" para o salário. Governo irresponsável, destruiu o Plano Real.
Josué de Oliveira (Rio de Janeiro, RJ)

*

Fica em casa. Fique sem trabalhar. Viva da poupança. Ah, mas não tem poupança. Mas fica em casa igual. Se sair com a carrocinha de pipoca, eu prendo. Se for para a praça, eu prendo. Se for à praia, eu prendo. Se levantar a porta do comércio, eu mando lacrar e prender. Mas tenho que pagar o aluguel. Isso é problema seu. Quem fez isso mesmo?
Salete C. Possebon (Santa Maria, RS)

Eleitor negro

Verdade ("Eleitor negro brasileiro é o único que elege seus inimigos, diz ativista Hélio Santos", Poder, 11/6). Pura verdade o negro eleger seu inimigo. Parece alguma coisa parecida com Síndrome de Estocolmo.
Renato Vieira (Florianópolis, SC)

*

Não acredito que mais negros e mulheres na política irá melhorar algo no Brasil. Exemplos são Câmara Municipal e Assembleia Legislativa de SP, que nada produzem a não ser escândalos e confusão.
Eduardo Freitas (São Paulo, SP)

Temas mais comentados pelos leitores no site
De 3 a 10.jun - Total de comentários: **18.414**

549	Sob pressão, XP cancela divulgação de pesquisa que dá vantagem de Lula sobre Bolsonaro (Mônica Bergamo) **8.jun**
315	Tribunal decide que Moro não pode ser candidato por SP (Mônica Bergamo) **7.jun**
271	Instituto chave para Bolsonaro quer mudar regras do TSE antes de auditar eleições (Poder) **10.jun**

ASSUNTO COMO VOCÊ TEM CONCILIADO SUAS ATIVIDADES COM CUIDADOS COM A COVID?

É complicado, pois a volta às atividades vem com a nova Covid. São cuidados redobrados pelo medo e pela dor. É algo que não se sabe quando vai passar e se vai passar.
Estevam P. dos Santos (Belo Horizonte, MG)

*

Um olho no gato, outro na frigideira.
Pedro Kopschitz Bastos (Juiz de Fora, MG)

*

Posso ficar em casa, mas não atendo a ninguém sem máscaras e higienizo as mãos várias vezes. E, se sair, uso máscara tanto ao ar livre quanto em ambiente fechado.
Maria Izabel Rocha (Curitiba, PR)

*

Desde o princípio eu me orientei pela opinião de especialistas, por isso ainda uso máscaras em locais fechados e mal ventilados. Quase não saio de casa, mas, quando o faço, sigo usando máscara em mercado, loja, shopping etc. Com a flexibilização das medidas protetivas, mudei algumas coisas, como o uso de máscara em ambiente aberto e bem ventilado. Para tomar as devidas medidas protetivas, mantenho o uso de máscara (locais fechados). Além, claro, da vacinação em dia.
Bruna Julie dos Santos Franco (Itu, SP)

*

Sigo fazendo uso de máscaras em ambientes fechados. Mesmo eventualmente retomando a ida a bares e restaurantes, tenho evitado aglomerações, ambientes mais cheios. Só retomei contato mais próximo com família e amigos mais íntimos.
Fábio Chaves de Souza (Indaiatuba, SP)

*

Uso máscara PFF2 e procuro manter distanciamento. E todas as vacinas, claro :).
Isabel Amalia M. Rocha (João Pessoa, PB)

*

Quando vou trabalhar, uso máscara N95, a mesma que utilizo em locais com movimento e fechados. Continuo com o álcool em gel e lavo as mãos com frequência. Já tomei três doses da vacina, a da gripe e já peguei Covid-19 uma vez, com sintomas típicos de gripe forte.
Jose Ernesto da Silva Neto (São Paulo, SP)

*

Ignoro notícia que propaga o fim da pandemia e me comporto como se nada tivesse mudado, ou seja, sempre de máscara. Higienizo as mãos, evito local aglomerado e faço cumprimentos breve (soquinho).
Augusto Y. Teoi (São José dos Campos, SP)

*

Uso duas máscaras (PFF2 + cirúrgica) no trabalho —e todos estão sem máscaras—, vou ao mercado quando está vazio e vejo poucos amigos.
Cora Santos (São Carlos, SP)

*

Não deixei de usar máscara em local fechado e até em aberto com grande número de pessoas, como comércios de rua. Afinal não acabou.
Antonio José (Santana, BA)

*

Uso máscara em todos os locais fechados, com distanciamento social e cumprimentando amigos a distância. Mantenho rotina de atividade física, com boa alimentação. E cuido do psicológico na medida do possível, especialmente com a nova onda —a pressão é grande.
Vitor Luis Aidar dos Santos (Jaboticabal, SP)

*

Faço tudo o que fazia antes de surgir a dita Covid. Até peguei a gripe, pois fazia dois anos que não pegava; deu bem mais forte. Nunca tomei vacinas de gripe. Só tomei Tylenol.
Rafael Alberti Cesa (Caxias do Sul, RS)

PAINEL

Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Contaminação

Em dois encontros em maio com integrantes do STF, senadores relataram que o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, está "envenenado" pelo discurso de Jair Bolsonaro (PL) contra as urnas eletrônicas e que partilha das acusações de que Alexandre de Moraes perseguiria o presidente. Em uma das reuniões, Moraes reagiu em tom de brincadeira, dizendo que ainda não fez nada. Os encontros ocorreram nas casas da senadora Kátia Abreu (PP-TO) e da ministra Cármen Lúcia.

TIRO NO PÉ O comitê de campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) quer convencê-lo a parar de atacar a urna eletrônica e o processo eleitoral brasileiro. Pesquisas internas apontam que o objetivo de aglutinar a base já foi alcançado e, fora da bolha bolsonarista, as falas estão sendo interpretadas como derrotistas.

JOGOU A TOALHA Em levantamentos qualitativos feitos em grupos, uma visão comum é a de que Bolsonaro já estaria esperando uma vitória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em outubro e começou a preparar o discurso para desacreditar sua derrota.

TURNÊ Investigada pelo STF por estimular atos de raiz golpista, a regional da Aprosoja (Associação Brasileira dos Produtores de Soja) em MT vem bancando eventos e comunicadores bolsonaristas. Nas últimas semanas, promoveu encontros com palestras do comentarista político Caio Coppolla, ídolo das redes de apoio ao presidente, por 28 cidades.

MARCA A entidade também patrocina o podcast dos humoristas Márvio Lúcio (Carioca) e Marcos Chiesa (Bola), ex-integrantes do programa Pânico alinhados ao presidente, e é uma das promotoras da terceira edição da conferência conservadora Cpac, que ocorre neste fim de semana.

NA MIRA No ano passado, a Aprosoja-MT foi alvo de diligências ordenadas pelo ministro Alexandre de Moraes (STF), relator do inquérito dos atos antidemocráticos. Procurados, a entidade, Coppolla e os podcasters não se manifestaram.

METAMORFOSE O esboço de programa de governo de Lula, divulgado na segunda (6), mostra como a Lava Jato mudou o modo como o partido encara o combate à corrupção. O texto defende respeito ao processo legal e às garantias fundamentais, em referência à prisão de Lula, considerada injusta pelo partido.

OUTRA ERA O tom contrasta com o de 2014, última eleição antes do auge da operação, em que o programa de Dilma Rousseff exaltou a "nomeação de procuradores da República que garantiram a plena autonomia funcional ao Ministério Público". Anos depois, a força-tarefa da operação no MPF entraria na mira do partido.

ESPERANDO... Filiada ao PSOL, a chef Bela Gil diz que ficaria muito feliz se fosse convidada para ser vice na chapa de Fernando Haddad (PT) para o governo de São Paulo. A menção ao nome dela surgiu em encontros recentes de membros da coordenação de campanha de Luiz Inácio Lula da Silva.

...NA JANELA "Se esse convite for feito, eu ficaria muito honrada, muito feliz, com certeza. Ouvi falar dessa história, mas ainda não conversei com o Haddad sobre isso", disse Bela ao Painel. Ela descarta tentar uma vaga de deputada.

EMPACOU Projeto da senadora Simone Tebet (MDB-MS) que cria cota de 30% para mulheres nas estruturas partidárias está parado há dez meses na Comissão de Constituição e Justiça do Senado. O texto prevê que, caso a regra seja desrespeitada, os diretórios estarão passíveis de dissolução e suas decisões, anuladas.

VIDA REAL Um exemplo da ausência feminina no comando dos partidos foi a reunião em que Tebet recebeu apoio da federação PSDB-Cidadania para sua candidatura presidencial. Dos dez participantes, somente a senadora, que marcou presença virtualmente por estar com Covid, era mulher.

ACABOU Em meio a uma quarta onda de Covid, o Senado interrompeu os testes periódicos em servidores, terceirizados e parlamentares. Servidores procuraram a Direção Geral, mas não conseguiram reverter a decisão. O Senado diz que o contrato com a empresa que fazia os testes venceu e que os servidores podem optar pelo trabalho remoto.

CURRÍCULO 1 Dois veteranos da Lava Jato estão na lista para vagas de juiz abertas no Tribunal Regional Federal da 4ª Região, com sede em Porto Alegre (RS). Luiz Antonio Bonat, que substituiu Sergio Moro no comando da operação, foi um dos 12 selecionados para 10 posições destinadas a magistrados de carreira.

CURRÍCULO 2 Já o procurador Mauricio Gerum, que atuou no processo relativo à prisão do ex-presidente Lula, entrou na lista tríplice destinada à vaga do Ministério Público Federal na corte. A decisão é do presidente Jair Bolsonaro (PL), que não tem prazo para anunciá-la.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

Dianteira de Lula opõe 'dois Brasis' e acentua redesenho de forças políticas

Vantagem do petista em camadas populares, enquanto Bolsonaro agrega fatias privilegiadas, aponta tendência de mudança no poder decisório

Joelmir Tavares

SÃO PAULO A dianteira das intenções de voto no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em grupos da base da pirâmide social e a expressiva rejeição ao presidente Jair Bolsonaro (PL) nesses segmentos menos privilegiados sinalizam fenômenos para além da corrida ao Planalto deste ano.

Pesquisadores da ciência política e analistas têm identificado nas pesquisas eleitorais pistas de mudanças mais profundas, tanto no aspecto do poder de decisão —com influência mais sensível das camadas populares em detrimento das elitizadas— quanto no processo democrático.

Ao mesmo tempo, a vantagem de Lula em setores como mulheres, negros, pobres e moradores do Nordeste, em contraste com a predileção por Bolsonaro em estratos como homens, brancos, ricos e empresários, acentua a crescente divisão do eleitorado nos pleitos nacionais.

Fatores sociais, políticos e culturais ajudam a explicar a chamada clivagem social do voto, com contraposição clara entre fatias da população e também cisões dentro de parcelas específicas (homens estão mais divididos entre Lula e Bolsonaro, mulheres majoritariamente escolhem o petista).

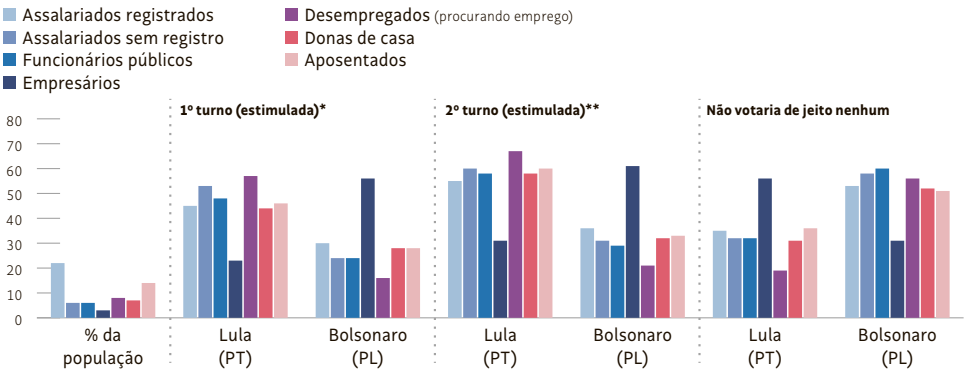
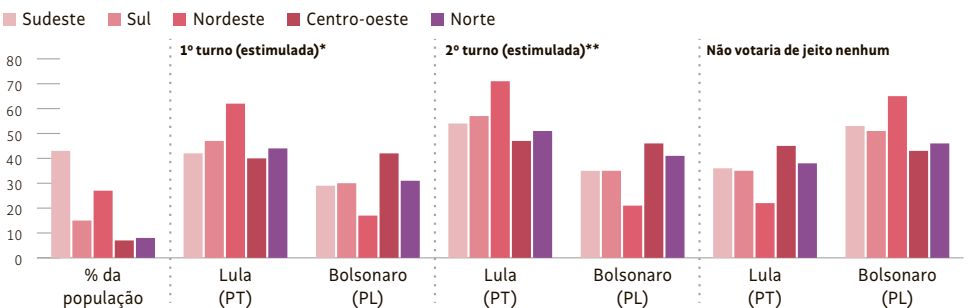
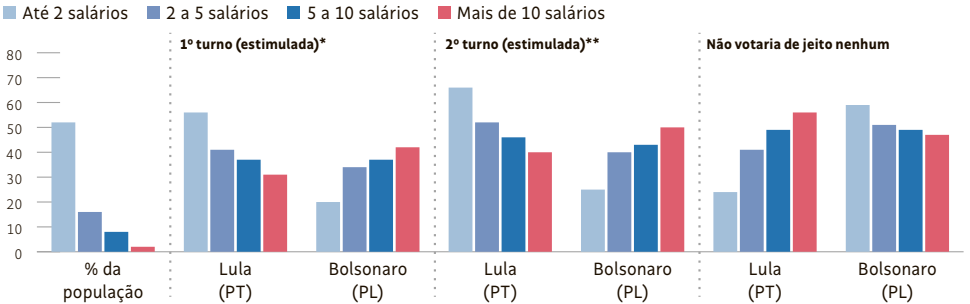
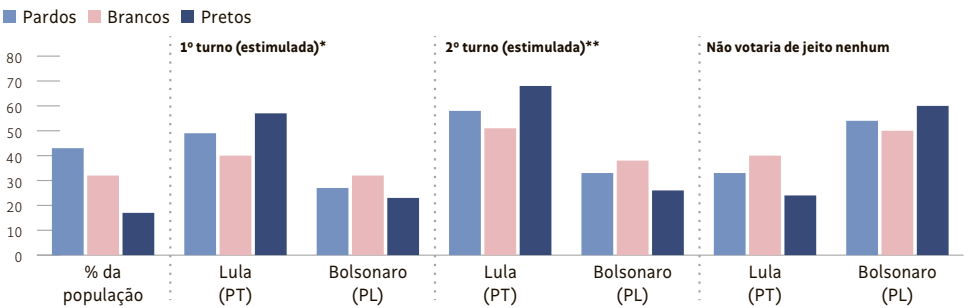
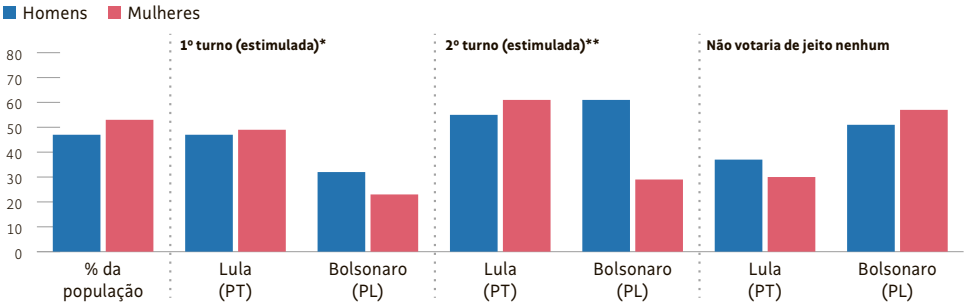
Antes mais nítida no segundo turno, a segmentação se antecipou com o afunilamento to precoce entre o petista, que no Datafolha tem 48%, e o atual mandatário, com 27%. O terceiro colocado, Ciro Gomes (PDT), possui 7%.

"É uma oposição entre dois Brasis", diz o cientista político Felipe Nunes, também diretor da Quaest, que faz pesquisas eleitorais. Ele vê um cenário em que a polarização se torna não só política ou partidária, mas também social e afetiva. "Isso põe em jogo direitos, privilégios e recursos."

Continua na pág. A5

53%
É o percentual de mulheres na população, que aderem mais a Lula, assim como os mais pobres (52%)

Lula lidera preferências entre mulheres, pretos, pobres e moradores do Nordeste; Bolsonaro é predileto de homens, brancos, ricos e habitantes do Centro-Oeste

Respostas em %

*Exclui outros candidatos/nulos/brancos/não sabe | **Exclui nulos/brancos/não sabe
Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.556 pessoas com 16 anos ou mais nos dias 25 e 26 de maio. A margem de erro máxima geral é de 2 pontos percentuais para mais ou para menos, podendo variar de 3 a 8 pontos nos estratos; no grupo acima de dez salários e entre empresários, margem de 11 pontos

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
353.872 exemplares (abril de 2022)

Continuação da pág. A4

O fato de Lula estar hoje 21 pontos percentuais à frente de Bolsonaro, com favoritismo superior entre classes menos favorecidas, evidencia o peso desses grupos nos rumos do pleito. Não se trata de um deslocamento do eixo definidor do resultado, mas de uma questão mais ampla.

Parcelas que aderem ao petista são numericamente robustas no total da população —mulheres, por exemplo, correspondem a 53%, e pessoas com renda familiar mensal de até dois salários mínimos são 52%, conforme o Datafolha—, mas avançaram em uma espécie de escala de poder simbólico.

Campanhas pelo empoderamento feminino e contra o racismo estão na raiz de alterações estruturais recentes, por exemplo. Há ainda a organização da visão de mundo por "bolhas", maximizada pelas redes sociais, que contribui para o que Nunes classifica como esgarçamento social.

"As distâncias estão cada vez mais cristalinas, pautadas por pertencimento de grupo e identificação no espaço social. Grupos que sempre levaram desvantagem começaram a desenvolver um sentimento diferente. Não é mais olhar o patrão como amigo, a elite como algo que está ao lado", diz ele.

Embora o ramo dos empresários represente 3% da população e a categoria dos que têm renda familiar superior a dez salários seja de 2%, historicamente o establishment assume papel importante em eleições por concentrar financiadores, agentes públicos e formadores de opinião.

"Grupos que antes talvez não eram foco de atenção da classe política estão se tornando cada vez mais cruciais e se mobilizando por seus interesses, como é o caso de mulheres, negros e jovens", diz Natália de Paula Moreira, doutora em ciência política pela USP que estuda a participação feminina.

Teorias acadêmicas sustentam que eleições são mais do que votar em A ou B: elas promovem amadurecimento democrático a longo prazo. Ainda que inconscientemente, o cidadão tende a se politizar e a desenvolver senso mais aguçado de consciência e decisão.

No último dia 29, quando a **Folha** publicou reportagem sobre características dos eleitorados de Lula e Bolsonaro reveladas pela sondagem do Datafolha, um leitor usou a caixa de comentários para exprimir sua opinião —que originou a ideia de debater o assunto nesta reportagem.

"A influência das elites econômicas e dos homens brancos está diminuindo", escreveu Thomas Bustamante. "O Brasil será salvo pelos pretos, pobres, mulheres e nordestinos. Estes parecem entender muito mais de civilidade e respeito do que aqueles que tradicionalmente mandaram."

A eleição de 2006, em que Lula derrotou aquele que hoje é seu vice, Geraldo Alckmin (à época no PSDB, agora no PSB), é considerada icônica para o movimento de fragmentação.

No Datafolha da véspera do segundo turno naquele ano, o candidato do PT abria larga vantagem, por exemplo, entre os mais pobres (69% a 31%), ao passo que o então tucano crescia na ponta mais endinheirada (56% a 44%).

Até então, a tendência era a de votações mais homogêneas, segundo o sociólogo e cientista político Antonio Lavareda. Dados compilados por ele no livro "Emoções Ocultas e Estratégias Eleitorais" (ed. Objetiva) mostram distribuição mais equilibrada do vencedor dentro de cada estrato.

Por exemplo: na faixa de dois a cinco salários mínimos, Fernando Collor (PRN) teve 56% das intenções de voto em 1989; Fernando Henrique Cardoso (PSDB) pontuou 55% em 1994 e 59% em 1998; e Lula a obteve 66% em 2002 e 57% em 2006. As proporções também se aproximavam quanto ao grau de escolaridade.

Ex-presidente Lula durante evento em Juiz de Fora (MG) Eduardo Anizelli - 11.mai.22/Folhapress

Lavareda, que é ligado ao instituto de pesquisas Ipespe, afirma que o quadro atual dá indícios de "maior autonomização das camadas de menor renda", com convergência em Lula sobretudo pelo viés econômico. O bolsonarismo, afirma o especialista, envolve mais traços ideológicos.

Em 2018, a vitória de Bolsonaro resultou da adesão de parte da camada social mais elevada —porta-vozes do PIB, personalidades, líderes políticos— e do apoio popular movido por forte antipetismo.

Lavareda entende que, desta vez, "a economia 'deselege' Bolsonaro" e é ilusão pensar que "as elites, após a democratização da comunicação, ainda possam conduzir a formação de opinião dos segmentos inferiores". De acordo com ele, a realidade demonstra que o eleitor é pragmático.

Outros pesquisadores concordam que é preciso considerar a crise econômica como pano de fundo da enxurrada de votos dos mais pobres em Lula. O petista evoca a memória de seus dois mandatos (2003-2010) para se colocar como alternativa ao atual estado de coisas.

Segundo o Datafolha, 53% das pessoas dizem que a economia influencia muito na decisão de voto, e 75% apontam que o governo Bolsonaro tem responsabilidade pela inflação.

"Se fosse verdade que os grupos da elite ainda dão as cartas, a terceira via estaria competitiva, e não é o que estamos vendo", observa o cientista político Carlos Melo, que também é professor do Insper.

Para ele, a proibição de doações de empresas para campanhas e a criação do fundo eleitoral público, da ordem de R$ 5 bilhões neste ano, propiciaram menor dependência dos partidos em relação à iniciativa privada —o que não exclui aproximações.

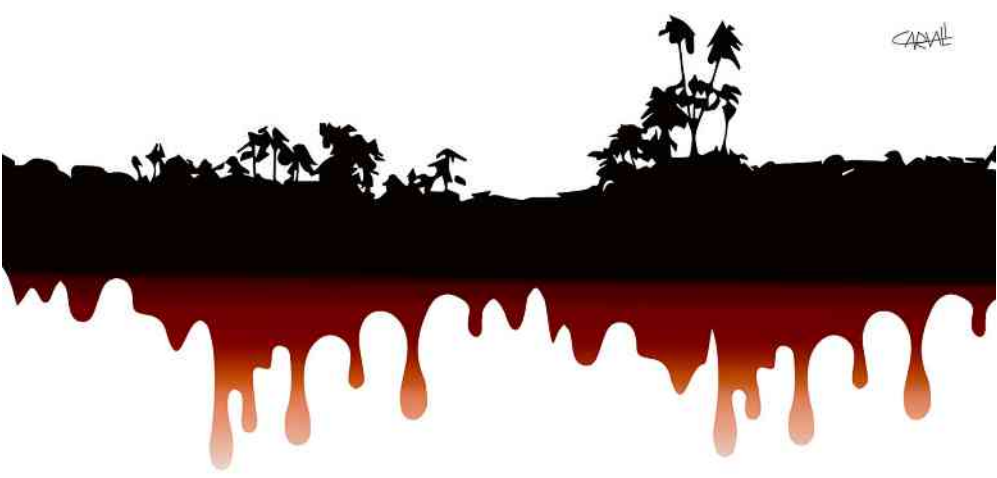
Melo lembra que em 2002 Lula venceu mesmo sem ter o apoio inicial do topo da pirâmide. "Ele nunca foi exatamente adorado por esses setores, mas compôs muito bem com eles quando chegou ao poder. Sem isso, talvez não tivesse governado."

Neste ano, o discurso eleitoral do petista apostou até aqui nas camadas populares, com a promessa de volta a um tempo de picanha e cerveja, mas começa a intensificar acenos ao setor produtivo. Dias atrás, Lula disse que só conversaria com o mercado quando ele tivesse interesse.

Pessoas do entorno reconhecem que o ex-presidente não conta hoje com o apoio das esferas mais altas, mas rejeitam a ideia de buscar aval do mercado, argumentando que soaria como submissão. Por outro lado, o diagnóstico do PT é o de que a base menos abastada seguirá com ele.

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

Onde estão Dom e Bruno?

Jornalismo não é aventura, mas profissão de alto risco no país de Bolsonaro

José Henrique Mariante

Ir para a Amazônia é fazer jornalismo, dos mais difíceis atualmente, onde o exercício da profissão está sob ameaça constante. Não é aventura, como diz o presidente Jair Bolsonaro, que patrocina com bravatas uma visão retrógrada e oportunista do bioma mais importante do planeta.

Traficantes, garimpeiros, grileiros, caçadores e, sabemos agora, até pescadores tornam a vida por lá uma espécie de faroeste na selva. A gestão Bolsonaro agrava um estado de coisas que já era ruim.

Em 2005, uma americana naturalizada brasileira, Dorothy Stang, levou sete tiros por defender os sem-terra no Pará. O assassinato da missionária católica escancarou para o mundo a zona de conflito em que havia se transformado a Amazônia. A exposição será muito pior agora. Crise climática e economia ESG, entre outros, alçaram a região ao patamar de preocupação mundial, daquelas que se aprende na escola e entram em qualquer equação de negócios. O país de Bolsonaro ainda não entendeu esses novos tempos e será assombrado pelo resto dos dias se o destino do jornalista britânico Dom Phillips ou do indigenista Bruno Pereira for trágico como se avizinha.

No mesmo momento em que denunciava a leniência das autoridades, acusadas de inércia inclusive pela Justiça, a **Folha** *colaborava com o esforço de propaganda do governo. Fotos de divulgação do Exército, com soldados fazendo pose, ocuparam até a Primeira Página. É o custo da cobertura à distância. O jornal só chegou à região onde a dupla desapareceu neste fim de semana. Concorrentes e The Guardian, para quem Phillips escrevia com frequência, desembarcaram antes, assim como vários jornalistas estrangeiros.*

A cobertura é muito complexa, pela dimensão do cenário e por todos os perigos já listados. Ter perdido recentemente um correspondente na região para agência de notícias também não ajuda. Que o episódio sirva para fixar não apenas a **Folha** *nesse canto vital e inóspito do país. A Amazônia é um grande desafio jornalístico, com ou sem Bolsonaro. A mídia nacional não pode se limitar aos cadernos especiais e debates patrocinados.*

Essa é a parte fácil.

Sem clima

A **Folha** *atualizou o seu repositório de convicções na última semana. O texto "O que a* **Folha** *pensa", cuja versão original é de 2019, foi alterado no verbete "Aborto". Como explica o editorial "Aborto com clareza", publicado na noite de segunda-feira (6) e no impresso do dia seguinte, o jornal defendia uma consulta pública antes de qualquer mudança, mas agora prega que "cabe a líderes políticos, autoridades e estudiosos o esforço corajoso de esclarecer a sociedade para ampliar os casos em que interrupção da gravidez não é considerada crime". Aborto, para a* **Folha**, *era e continua sendo um debate de saúde pública.*

Outro verbete que merece uma espanada na lista de assuntos delicados é "Ambiente". A complexa questão merece citação quase lacônica: "O jornal acompanhou o aumento da preocupação com o tema nas décadas, embora tomando o cuidado de resistir aos exageros dos modismos e do fundamentalismo. Critica a dicotomia reducionista que opõe desenvolvimento econômico e preservação ambiental, pois esta em muitos aspectos representa também abertura de oportunidades e novos empregos". Sim, parece discussão da década passada. Onde está a crise climática, a que "antecede e se sobrepõe às outras crises, pelo impacto em todos, pessoas e setores", como afirmou o jornal na apresentação do projeto Planeta em Transe, no fim de maio?

Onde estão também a questão indígena, os direitos humanos, a exploração predatória de biomas e oceanos, a calamidade permanente das encostas nas cidades, a desigualdade, os riscos cada vez maiores de boicote e sanções internacionais ao país da Amazônia, para ficar apenas em aspectos recentes do problema.

X da questão

Agentes financeiros não fazem jornalismo, comprovou a XP Investimentos na última semana, quando suspendeu a pesquisa Ipespe, que patrocina desde janeiro de 2020, após pressão de falanges bolsonaristas. A gritaria começou na semana anterior, quando números do levantamento mostraram Lula à frente de Bolsonaro no quesito honestidade. Nada diferente do que Datafolha e **Folha** *suportam sempre que saem pesquisas no jornal.*

É um escândalo, no entanto, a interrupção da coleta de dados, e a imprensa, não apenas os institutos de pesquisa, deveria demonstrar maior preocupação com as reiteradas tentativas de desmoralizar a tomada de pulso dos eleitores, parte do processo democrático. Setembro promete ser pesado, com reações ainda mais agressivas diante dos levantamentos, quando estarão em estágio crucial. A turma terá que ser mais Arturito do que XP.

Indigenista tentava legalizar pescador assediado pelo tráfico

Visita de Bruno Pereira à comunidade no Amazonas onde foi visto pela última vez era para sensibilizar ribeirinhos

Rosiene Carvalho

MANAUS O indigenista licenciado da Funai (Fundação Nacional do Índio) Bruno Pereira, 41, atuava na região onde desapareceu no último dia 5 para que comunidades ribeirinhas explorassem de forma legal a pesca, atividade financiada e usada na região para lavar dinheiro do narcotráfico.

Ele e o jornalista britânico Dom Phillips, 57, foram vistos pela última vez na manhã de domingo nos arredores da Terra Indígena Vale do Javari, no extremo oeste do Amazonas, a segunda maior do país, num desaparecimento que ganhou repercussão internacional.

Após visitarem uma base da Funai no Lago do Jaburu, pararam na comunidade São Rafael para uma reunião e seguiram viagem pelo rio Itaquaí em direção a Atalaia do Norte, mas desapareceram no trecho.

Há anos, o impasse na tentativa de sensibilizar as comunidades, os entraves na legalização da pesca e até conflitos violentos no município de Atalaia do Norte têm como pano de fundo o agenciamento de moradores pelo narcotráfico, que usa a região como rota de escoamento de cocaína do Peru para Europa, África e Sul do Brasil.

Na última vez em que foi visto na companhia de Phillips, Pereira tentava sensibilizar a comunidade de São Rafael a esse respeito.

Indigenista Bruno Pereira, que incentivava pesca legalizada Daniel Marenco - 9.out.19/Agência O Globo

A informação foi confirmada pela Univaja (União das Organizações Indígenas do Vale do Javari), para quem ele prestava consultoria. A Terra Indígena Vale do Javari tem uma população de cerca de 6.300 indígenas, além da maior população de indígenas não contatados do mundo, que não estão no cálculo populacional. A área é equivalente a 56 vezes o tamanho do município de São Paulo.

As ameaças contra quem tentava atrair ribeirinhos para a legalização não se restringiam só ao indigenista desaparecido. O professor Pedro Rapozo, da UEA (Universidade do Estado do Amazonas), e uma funcionária estadual — que falou com a **Folha** na condição de anonimato — relataram que foram ameaçados devido a esse trabalho na comunidade de São Rafael.

Ambos optaram por não voltar ao local. Rapozo, que também é coordenador do Nesam (Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia), disse que a expectativa de Pereira e de outras pessoas que atuam em defesa da terra indígena era de que a pesca legal e o manejo nos lagos fora do Vale do Javari servissem de alternativa de renda para os ribeirinhos, diminuindo as invasões.

O grupo tinha como objetivo transformar as comunidades em ponto de monitoramento do território demarcado. "E era justamente esse trabalho que o Bruno queria fazer com o Churrasco [líder comunitário com quem Bruno tinha conversa marcada antes de desaparecer]. Porque ele [Bruno] compreende que fazendo isso tinha uma capacidade de monitoramento destes lagos e, consequentemente, da terra indígena", diz o professor.

Segundo ele, as comunidades estão na borda do Vale do Javari e vulneráveis à presença de redes e agentes externos, que têm interesse na comercialização ilegal de recursos naturais. Rapozo disse que a influência do narcotráfico na região, financiando atividades de exploração ilegal da floresta, é de conhecimento das autoridades.

Conforme o pesquisador, a rede de crimes financia inclusive os chamados "serviços de assassinato", que é a suspeita para o homicídio do colaborador da Frente de Proteção Etnoambiental Vale do Javari da Funai Maxciel dos Santos.

Ele, que foi morto a tiros em Tabatinga (AM), na fronteira com Peru e Colômbia, em 2019, era comprometido com o trabalho no vale e atuava contra caçadores e outros invasores.

A tentativa de apoiar os ribeirinhos para a pesca de manejo legalizada começou em 2015 e, dois anos depois, com o apoio da universidade e da Prefeitura de Atalaia do Norte, as três comunidades do Lago do Jaburu (São Rafael, São Gabriel e Ladário) já haviam conquistado certificações e acordos de pesca legal com o Ibama, segundo Rapozo.

O caminho parecia promissor porque os lagos têm capacidade expressiva de recursos pesqueiros, sobretudo pirarucu. Mas, apesar dos avanços, o manejo do peixe empacou.

Rapozo disse que, nesse período, decidiu se afastar. A funcionária teve o mesmo problema em outubro de 2021 na comunidade São Rafael. Rapozo disse que a pesca ilegal virou uma forma de lavagem de dinheiro naquela região como meio de diversificar e maximizar o lucro do tráfico de cocaína.

Suspeito preso afirma que foi torturado por policiais do Amazonas

MANAUS O pescador Amarildo da Costa de Oliveira, 41, conhecido como "Pelado", afirmou em audiência de custódia em Atalaia do Norte que foi torturado e agredido por policiais quando foi preso na última terça-feira (7).

Ele foi detido temporariamente a pedido da Polícia Civil do Amazonas, que apura o desaparecimento do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips.

Ambos estão sumidos desde domingo (5), quando foram vistos pela última vez retornando da comunidade de São Rafael, no rio Itaquaí.

As suspeitas de tortura foram reveladas pela Agência Pública e confirmadas à **Folha** pela Defensoria Pública do Amazonas, responsável pela defesa do pescador.

O relato consta da ata de audiência na qual a juíza titular da cidade, Jacinta Silva dos Santos, decretou a prisão temporária de Amarildo.

Na ocasião, ele relatou que policiais o agrediram, usaram uma sacola em sua cabeça para sufocá-lo e que chegou a desmaiar na lancha que o transportou à cidade.

A Secretaria de Segurança Pública do Amazonas disse que "os relatos de suposta agressão serão devidamente apurados" e destacou que "todas as ações do sistema de segurança do Amazonas são pautadas pela legalidade" e que não compactua com desvios de conduta.

A Defensoria Pública do Estado requereu a apuração da conduta policial ao governo e ao Ministério Público.

A Secretaria de Segurança Pública do Amazonas informou na terça que Amarildo foi preso em flagrante por suposto porte de munição de uso restrito das Forças Armadas, chumbinhos de espingarda de caça e uma quantidade de drogas.

A Polícia Militar disse que, no dia em que Bruno Pereira e Dom Phillips desceram o rio rumo a Atalaia do Norte, testemunhas "avistaram também uma outra lancha de cor verde, com o slogan da 'Nike' bem visível, que trafegava no rio, logo após passar a lancha dos desaparecidos".

Ainda segundo as investigações, a embarcação foi rastreada até ser identificada com Amarildo na comunidade de São Gabriel.

A Polícia Federal disse ter encontrado vestígio de sangue na embarcação. O material será periciado e comparado com o sangue coletado de familiares de Dom Phillips e Bruno.

Segundo a Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari) e o Opi (Observatório dos Direitos Humanos dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato), o indigenista vinha sofrendo ameaças.

A Defensoria atuou após o advogado Ronaldo Caldas da Silva Maricaua renunciar à defesa do pescador, que deixou o caso depois de reportagens mostrarem que ele também atua como procurador de Atalaia do Norte.

A prefeitura disse que as atividades particulares do procurador não têm relação com a gestão municipal. A OAB-AM (Ordem dos Advogados do Brasil) disse que a lei não proíbe o procurador de advogar neste caso.

O governo do Amazonas tem precedentes de violência policial na gestão Wilson Lima (União Brasil) em ao menos três operações policiais. Em nenhuma houve conclusão das investigações.

Expedição no rio Itaquaí para busca do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips, desaparecidos desde domingo (5) Fotos Pedro Ladeira/Folhapress

Busca por desaparecidos tem medo e clima de desesperança

Quem está na linha de frente se ressente da ausência do Exército no AM

Vinicius Sassine e Pedro Ladeira

ATALAIA DO NORTE (AM) Na imensidão da região do Vale do Javari, no oeste do Amazonas, 12 indígenas tentam todos os dias o que parece impossível: encontrar algum vestígio que remeta ao indigenista Bruno Pereira e ao jornalista Dom Phillips.

Os dois estão desaparecidos desde a manhã de domingo (5), quando tentavam alcançar a cidade de Atalaia do Norte (AM), na região da tríplice fronteira do Brasil com Peru e Colômbia.

Os indígenas, que vivem na Terra Indígena do Vale do Javari, passam os dias em duas embarcações no rio Itaquaí, nos mesmos trechos percorridos por Pereira e Phillips antes de desaparecerem.

A região de buscas margeia a terra indígena, considerada a segunda maior do Brasil. Se vistas de cima, as embarcações são dois pontos minúsculos numa enorme região preservada da Amazônia.

Neste sábado (11), depois da sinalização de um indígena mayoruna, a Polícia Federal isolou uma área na margem do rio pela qual a embarcação onde estavam o indigenista e o jornalista pode ter passado.

A reportagem da **Folha** estava percorrendo o rio quando flagrou o momento em que policiais federais avançaram por um igapó —área de mata inundada por água, à margem do rio— para uma perícia inicial do local. Os agentes isolaram o trecho onde existe a suspeita de passagem da lancha dos desaparecidos com uma fita amarela.

A ação de isolamento e a perícia inicial durou cerca de uma hora.

A suspeita de indígenas, relatada à **Folha** com o auxílio de tradutores, é que a embarcação usada por Pereira e Phillips pode ter perdido a direção, após um possível ataque, e ter avançado pelo igapó de forma descontrolada.

Segundo indígenas e integrantes de associações, a falta de coordenação das buscas por parte dos órgãos oficiais é o principal problema a ser enfrentado. Eles também se queixam da ausência do Exército na rotina para tentar alcançar algum vestígio, alguma prova do que ocorreu no domingo.

Na sexta-feira (10), a **Folha** também percorreu o Itaquaí até os postos flutuantes de vigilância indígena mantidos pela Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari), a principal organização de representação dos indígenas da região. A associação representa sete etnias e defende os índios isolados que estão no Vale do Javari.

Pereira é servidor licenciado da Funai (Fundação Nacional do Índio) e colaborador da Univaja.

Nas embarcações que fazem as buscas por Pereira e Phillips, havia indígenas de quatro etnias (marubo, mayoruna, kanamary e matis), além de dois funcionários da Univaja coordenando os trabalhos. Os barcos estavam ancorados a uma hora do porto de Atalaia do Norte.

Ao chegar ao local, a **Folha** encontrou um clima de desesperança diante da quase absoluta ausência de vestígios da dupla desaparecida.

A estratégia de atuação agora envolve dois caminhos: exploração mata adentro em duplas e em grupos de três, por uma ou duas horas a cada trecho percorrido; e buscas nos igapós.

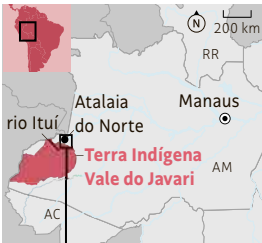
Pessoas que conhecem Pereira se mantêm apreensivas nos trajetos percorridos pelas embarcações envolvidas nas buscas. Há pouca esperança de que o indigenista e o jornalista sejam encontrados com vida.

Os caminhos são percorridos sem muita conversa, e há um temor constante do que pode ser encontrado a cada nova incursão.

O medo da violência na região, principalmente da empreendida por pescadores ilegais que andam armados e que abastecem um mercado ilegal de pesca, é uma constante. Tanto que os indígenas temem serem identificados. Eles vivem em comunidades na terra indígena próxima das comunidades de ribeirinhos que estão nas bordas do território demarcado.

Atalaia do Norte é uma cidade de pouco mais de 20 mil habitantes. O isolamento da localidade dos centros populacionais do país ajuda a explicar a dificuldade de tudo.

De Brasília, por exemplo, é preciso primeiro chegar a Manaus, num voo de três horas. De Manaus a Tabatinga, cidade mais próxima a Atalaia, são mais duas horas de voo. Por água, são dias num barco.

Tabatinga está colada à cidade colombiana de Leticia. Benjamin Constant, a 50 minutos de barco de Tabatinga, está no caminho rumo a Atalaia do Norte, mais próxima do lado peruano. Uma estrada esburacada, percorrida em 40 minutos, separa Benjamin Constant de Atalaia, onde a Univaja está sediada.

1 Partida: Comunidade São Rafael, último local onde estiveram no domingo (5)

2 Destino: Atalaia do Norte (AM)

Distância: cerca de 70 km

Tempo estimado de chegada: 2h a 3h de barco

Integrantes do MPF (Ministério Público Federal) relatam que segue prevalecendo uma falta de coordenação nas buscas, após o atraso no emprego de recursos nos dois primeiros dias. É o mesmo relato feito por integrantes da Univaja, que ainda acrescentam: o Exército, apesar da propaganda, está ausente das buscas reais.

Na sexta-feira, nenhum barco do Exército estava atuando para localizar vestígios no período em que a reportagem percorreu o rio.

O trabalho de vigilância indígena tem a escolta da PM do Amazonas. São cerca de dez policiais fortemente armados.

Ao acompanhar as buscas, a reportagem cruzou com embarcações da Marinha e da Defesa Civil do Amazonas. Também havia bombeiros militares que começaram a fazer mergulhos atrás de elementos de prova.

Uma região de mata mais pisoteada motivou um mergulho, a uma distância curta das embarcações de vigilância indígena. Nada foi encontrado.

Duas embarcações do Exército foram vistas somente no porto de Atalaia do Norte, de onde saem os barcos.

Um dos envolvidos no trabalho desenvolvido pelos indígenas do Vale do Javari, que prefere não ser identificado por motivos de segurança, diz que não há articulação do Exército com os indígenas, que conhecem a região.

O Exército afirma atuar na região, inclusive com sobrevoos programados que incluem jornalistas que fazem a cobertura do desaparecimento de Pereira e Phillips.

A **Folha** também acompanhou a entrega de mantimentos às bases fluviais da vigilância indígena que estão fazendo as buscas. No barco estava Luiz Fernandes, 39, técnico da gerência de povos isolados da Coiab (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira). Ele já foi coordenador na Funai e contemporâneo de Pereira.

"Existe um atropelo nas buscas [por parte de órgãos oficiais]. A coordenação meio que foi feita pelos indígenas", diz Fernandes.

Orlando Possuelo, 37, atua com os indígenas nas buscas. Ele é consultor da Univaja e segue nas embarcações. Orlando é filho do indigenista Sydney Possuelo, e também conviveu com Pereira em trabalhos de campo por quatro anos.

"O que estamos procurando são principalmente coisas robustas, provas do que ocorreu", diz Orlando, que diz acreditar no envolvimento do pescador Amarildo Oliveira, conhecido como o Pelado, no desaparecimento.

Equipes envolvidas nas buscas relatam que Pelado, que está preso, já trocou tiros com a PM por duas vezes, em razão de flagrantes de pesca ilegal na terra indígena.

Ao lado da vigilância indígena, os policiais militares que fazem a escolta do grupo guardavam nesta sexta a embarcação apreendida com 500 quilos de peixe, entre pirarucu, aruanã e traíra. A embarcação estava escondida num igapó, intocada.

Policial federal que integra equipe de buscas isola área de rio para investigação neste sábado (11)

+ Comissão da OEA cobra esforços de governo Bolsonaro

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA (Organização dos Estados Americanos) solicitou ao Brasil neste sábado (11) que redobre seus esforços na busca pelo indigenista Bruno Araújo Pereira e pelo jornalista Dom Phillips. Cobrou ainda que o país informe sobre as ações que estão sendo adotadas para investigação do caso. O prazo para resposta é de sete dias. A solicitação aumenta a pressão internacional sobre o caso. Na sexta-feira (10), o Alto Comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos cobrou esforços redobrados. Em nota neste sábado (11), a Polícia Federal informou que as buscas fluviais e aéreas prosseguiram nas últimas 24 horas e negou boatos de que havia encontrado os corpos dos desaparecidos.

Juliana Freire

A criminalização da Amazônia

O atraso arma uma visão da mata como hospedeira do crime

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

O desaparecimento do indigenista Bruno Araújo Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips tornou-se um capítulo no debate internacional em torno da Amazônia. O governo brasileiro, que já estava mal na foto, ficou pior. Uma coisa é discutir o desmatamento ou a falta de atenção para os indígenas. Bem outra é olhar para a região como hospedeira do crime organizado, com seu braço do narcotráfico.

Os estrategistas de Brasília, que gostam de brincar com tabelas, arriscam transformar a Amazônia numa ameaça à segurança de outros países. A debilidade do Estado brasileiro na região estimulará discursos intervencionistas, bem ou mal intencionados.

Para um europeu ou norte-americano, o aquecimento global pode ser um assunto secundário, já a cocaína exportada para suas cidades é um risco próximo. Basta lembrar que o latino-americano mais famoso mundo afora é o falecido narcotraficante colombiano Pablo Escobar. Ele foi tema de algo como 30 filmes e séries de TV, mais dezenas de livros publicados no mercado de língua inglesa.

As facções criminosas competem com os órgãos federais de segurança e meio ambiente. Lá, estão o Comando Vermelho carioca, o paulista Primeiro Comando da Capital, mais a Família do Norte, o Comando Classe A e Os Crias. Elas são um dado da equação. A conexão dos garimpos ilegais com essas facções criminosas é outra. Junta-se a essas duas anomalias a rede de interesses de grileiros, desmatadores e garimpeiros ilegais confortados pela retórica de Jair Bolsonaro.

Há mais: o governo do presidente do Peru, Pedro Castillo, anunciou uma vontade de legalizar o plantio das folhas de coca na sua parte da floresta. Nas palavras de Ruben Vargas, ex-ministro do Interior daquele país, "estamos entrando na linha perigosa de nos convertermos num narcoestado". Isso porque os plantadores de coca teriam dois mercados, o estatal e o dos traficantes.

Numa trapaça da história, Bruno Araújo e Dom Phillips estavam no Vale do Javari, região onde fazem fronteira o norte do Brasil, Peru e Colômbia. Por lá, passou o explorador Pedro Teixeira, a quem se deve a fundação, em 1639, do povoado de Franciscana. Foi graças a ele que, no século seguinte, o diplomata Alexandre de Gusmão expandiu as terras brasileiras a oeste da linha do Tratado de Tordesilhas.

Franciscana sumiu e sua localização é controversa. Sabe-se apenas que ficava nos "ejavaris, nas bocainas do rio do Ouro". No século 18, entendeu-se que esse lugar ficava em terras que hoje são do Equador. Mais tarde, acreditou-se que ficasse mais a leste, na foz do rio Juruá.

A pesquisadora Maria do Carmo Strozzi Coutinho levantou uma terceira hipótese: Franciscana ficava na foz do rio Javari. A chave estaria na expressão "ejavaris". Era comum que os rios fossem identificados pelo nome dos habitantes do seu entorno. Havia os rios dos "tapajoses" e dos "tocantines". Eram o Tapajós e o Tocantins. Assim, a terra dos "ejavaris" estaria no vale do rio Javari. Faz sentido.

Contrabandistas naquele vale são coisa antiga. Em 1752, o governador do Grão Pará, irmão do Marquês de Pombal, pediu a Lisboa a fundação de uma vila no vale do Javari porque ali estava "a porta por onde se faz comércio clandestino". Naquele tempo contrabandeava-se a prata dos Andes. Hoje, circulam cocaína e algum ouro.

Foi graças a homens como Pedro Teixeira, Pombal e seu irmão que Alexandre de Gusmão empurrou as fronteiras do Brasil para oeste da linha de Tordesilhas, que ia da ilha de Marajó a Santa Catarina. Naquele tempo, uma viagem de São Luís do Maranhão a Lisboa levava cinco semanas.

Hoje, mesmo com os jatos e a internet, o Vale do Javari continua longe da atenção do governo brasileiro.

Quintella viu a beleza da vida

Morreu na semana passada, aos 95 anos, Wilson Quintella. Ele presidiu a empreiteira Camargo Corrêa. Seus 40 anos de serviço na empresa confundiram-se com as grandes obras da engenharia nacional, de Brasília a Itaipu.

Aqui vai uma história desse empresário. Ela mostra como a vida pode ser bela.

No início dos anos 60, Quintella ia em seu automóvel, retornando de uma obra ferroviária em Bauru (SP). Na estrada de terra, passou por uma senhora que caminhava com duas crianças. Ofereceu-lhes carona. Na conversa, a menina contou-lhe que o pai, carpinteiro, estava desempregado e tentava um lugar na obra da Camargo Corrêa. O empresário disse-lhe que fosse ao canteiro e se apresentasse, em nome de Wilson Quintella.

A senhora com as crianças desembarcaram e o empresário nunca mais soube do carpinteiro japonês que precisava de trabalho.

Passaram-se uns 20 anos. Wilson Quintella havia sido chamado pelo ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, para acompanhá-lo num voo de Nova York e Tóquio, durante o qual conversariam. Tudo bem, mas Quintella estava na Venezuela. Tomou um avião para Nova York e foi para o balcão da Japan Airlines, no aeroporto Kennedy, buscando um lugar no voo de Galvêas.

O avião estava lotado e havia lista de espera. Na fila, Quintella deu um cartão de visitas à atendente da Japan Airlines, para que ela copiasse o nome. Até então, falavam em inglês, mas a atendente passou a falar em português e disse-lhe:

— O senhor vai embarcar, nem que eu tenha que tirar o piloto.

Era a menina da carona na estrada de Bauru.

Bolsonaro, Guedes e Noel

Bolsonaro e Paulo Guedes anunciaram um pacote de medidas destinadas a baixar o preço dos combustíveis. A conta é simples: A União zera seus impostos e ressarce os estados que reduzirem seus tributos.

O plano poderá custar algo entre R$ 25 bilhões e R$ 50 bilhões. Parte desse dinheiro virá da venda da Eletrobras.

Antes de conceber o pacote que vende uma estatal para baixar o preço do combustível, Bolsonaro e Guedes ouviam Noel Rosa cantando "Palpite": "Ser palpiteiro neste mundo é uma sina / Vendeste o carro pra comprar a gasolina".

De Simonsen@edu para Guedes

Caro Paulo,

Você quer que os supermercados segurem preços até 2023. Tente outra. Em abril de 1979 eu quis segurar os preços por 60 dias. Perdi meu tempo e em agosto deixei o ministério.

Quando me despedi do presidente João Figueiredo, ele me perguntou:

— Mário, você acha que o meu governo está uma merda, não?

Respondi:

— Presidente, eu estou indo embora...

A inflação fechou o ano em 77%. Eu estava no Leblon.

Um abraço,

Mário Henrique

Saúde na Justiça

As guildas dos planos de saúde reclamam do que chamam de judicialização de suas atividades. Em 2021, só no Tribunal de Justiça de São Paulo foram julgadas 16.286 ações da freguesia contra as operadoras. A Justiça deu razão aos fregueses em 81% dos casos.

Quem tem advogado se protege. Quem não tem (o andar de baixo) rala.

Desse jeito, falta pouco para que as famílias precisem comprar planos casados. Num, compram serviços médicos, no outro, se garantem com um advogado.

Documentário mostra junho de 2013 como mosaico de opostos

Imagens da época e depoimentos de líderes apontam como eram diversas as pautas dos protestos daquele ano

Uirá Machado

SÃO PAULO Na abertura do primeiro episódio, Nina Cappello, uma das líderes do MPL (Movimento Passe Livre) em 2013, relembra a primeira manifestação de junho contra o aumento das tarifas de transporte público em São Paulo. No final, o pastor Silas Malafaia puxa uma oração contra satanás.

Não é fácil explicar como se passou de uma coisa à outra nos protestos de junho de 2013, assim como não é fácil definir o seu sentido histórico.

Para alguns, as manifestações representaram o despertar de uma nova geração de movimentos sociais no Brasil. Para outros, indicaram o início da onda conservadora que avançou sobre o país. Entre os dois polos, diversas nuances e muitas incertezas.

Já lá se vão quase dez anos sem que uma interpretação se mostre dominante, e a série documental "Junho 2013 – O Começo do Avesso" ajuda a entender o motivo.

Dirigido pelo jornalista Paulo Markun e pela socióloga Angela Alonso, o documentário apresenta os protestos como um mosaico formado por movimentos tão distintos que chegam a ser opostos, com diferenças evidentes de origem, pauta, símbolos e táticas.

De acordo com Alonso, que é professora da USP e pesquisadora do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), é possível agrupar os diversos grupos em três campos.

"Um, para o qual se chamou mais a atenção na época, dos movimentos autonomistas, emergentes com os protestos antiglobalização, com suas táticas horizontalistas, do qual o MPL é um exemplo brasileiro", afirma a socióloga, que também é colunista da **Folha**.

"Outro, era a esquerda tradicional, socialista, que esteve muito forte na rua, embora menos notada pela mídia. O terceiro campo é aquele para o qual todo mundo atentou muito mais tarde, mas que já estava em junho: os movimentos liberais, conservadores e autoritários que a imprensa só identificava pelo uso de símbolos patriotas."

Tudo isso aparece com clareza na série, feita em 2017 e 2018, mas que só agora estará à disposição do público no Canal Brasil, em seis episódios de 25 minutos cada um.

Na produção, imagens da época se intercalam com entrevistas editadas não de forma cronológica, mas temática.

Assim, as inspirações, os atores, as mídias e as táticas, as violências, as pautas e os desdobramentos surgem pela voz e pela perspectiva de líderes dos movimentos em SP, no Rio, em Belo Horizonte, em Salvador e em Brasília, além dos respectivos prefeitos e alguns responsáveis pelo policiamento.

Manifestantes e 'black blocs' em ato após revogação do aumento da tarifa em SP Fabio Braga - 20.jun.13/Folhapress

São notáveis as contradições, mas o espectador desfruta de uma vantagem valiosa em relação aos entrevistados: os depoimentos terminaram de ser gravados durante a campanha de 2018, de modo que ninguém ali sabia que Jair Bolsonaro viria a ser o presidente do Brasil.

O privilégio do distanciamento talvez seja decisivo quando se trata de analisar as principais consequências daquele momento —e, nesse aspecto, ganham destaque os comentários de Fernando Haddad (PT) e Eduardo Paes (PSD), então à frente de São Paulo e Rio, que já enfatizavam o refluxo conservador.

O distanciamento não ajuda a dirimir outros impasses. Os "black blocs" estavam lá para defender os manifestantes ou para prejudicar os protestos? A polícia começava a violência ou apenas reagia sem o devido preparo? O movimento era de esquerda ou de direita?

Como um caleidoscópio, a resposta para cada uma dessas perguntas dependerá do ponto de vista do espectador.

Talvez mais respostas apareçam no longa que Angela Alonso e Paulo Markun estão terminando, agora sobre as consequências daquelas jornadas.

Junho 2013 - O Começo do Avesso

Canal Brasil - Segunda, dias 13, 20 e 27, às 22h (dois episódios em sequência)

Duração: 25 minutos por episódio

Reexibição: quintas e sextas, às 14h, e sextas e sábados, às 6h

Direção: Paulo Markun e Ângela Alonso

Para Tebet, Bolsonaro não tem força para golpe

Senadora rebate críticas de que fica no muro em temas polêmicos e diz que não concorreria se houvesse unidade no MDB

Danielle Brant e Renato Machado

BRASÍLIA Pré-candidata do MDB e da terceira via à Presidência da República, a senadora Simone Tebet (MS) afirma que o presidente Jair Bolsonaro (PL) não tem a força necessária para dar um golpe caso perca as eleições e diz que as divergências dentro do próprio partido em torno de seu nome são normais.

Em entrevista à **Folha** neste sábado (11), dois dias após ter obtido aval da cúpula do PSDB para a aliança, ela reconheceu ainda que não seria o nome do MDB para a disputa presidencial se os principais líderes do partido estivessem unidos para fazer a escolha.

“Estamos vivendo um momento em que a democracia está sob ataque, diante de uma análise muito clara, mas o Brasil soube se armar contra esses ataques nos últimos três anos”, declara Tebet.

“O presidente não tem mais a força... Porque você não tem golpe, não tem ataque à democracia sem povo na rua. Você não vai ter povo na rua brigando por outro resultado que não o resultado do dia das eleições. Não há ataque à democracia sem povo, quando as instituições estão fortes. Então, eu não me preocupo.”

Bolsonaro promove diversos ataques ao sistema eleitoral brasileiro e insinuações golpistas sobre o pleito deste ano. O mandatário diz que aceitará o resultado se as eleições forem limpas, ao mesmo tempo em que semeia dúvidas sobre a segurança das urnas.

Tebet foi escolhida a candidata da terceira via numa aliança que também envolve o PSDB e o Cidadania. Embora tenha sido indicada candidata pela cúpula do MDB, ela ainda enfrenta resistências em diferentes estados, onde os dirigentes se dividem entre Bolsonaro e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

“É uma construção [a minha candidatura]. Se fosse uma candidatura uníssona [no MDB], unânime, absoluta, não seria eu a candidata. Eu não tenho dúvida disso”, diz.

Pelos termos da aliança em construção, o vice na chapa deve ser indicado pelo PSDB.

A senadora evita entrar no mérito de suas preferências para o posto. Apenas adianta que seria uma “honra” ter como companheiro de chapa o senador Tasso Jereissati (PSDB-CE), que vem sendo apontado como favorito pela cúpula dos dois partidos.

Afirma ainda que tem poder de veto ao nome do seu vice, mas que se sente “muito confortável” em deixar a escolha para os presidentes dos partidos.

A senadora por Mato Grosso do Sul também rebate as críticas de que evita tomar posição em relação a temas polêmicos. Adversários de sua candidatura apontam que ela fica em cima do muro e procura não se comprometer em temas espinhosos.

A parlamentar responde que essa visão vem sendo divulgada justamente como uma forma de desacreditá-la, em um momento de confirmação de seu nome.

A pré-candidata à Presidência, Simone Tebet, que disse ser contra a privatização da Petrobras Adriano Machado - 25.mai.22/Reuters

“O Brasil é muito mais complexo do que um sim ou não. Se alguém espera um sim ou não da minha parte, vai cair do cavalo”, diz.

“Eu sou a favor de privatização, mas sou contra a privatização da Petrobras. Por isso sou em cima do muro?”, afirmou a senadora. “Então não tem sentido. Eu não tenho respostas prontas para um Brasil tão complexo. Ninguém tem. E quem acha que é 8 ou 80 está levando o Brasil para a mesma radicalização que condena.”

A senadora afirma que não vai ser atraída para “um lado ou outro radical” e que sempre buscou “alternativas equilibradas de centro”.

Simone Tebet patina nas intenções de voto, somando apenas 2% na última pesquisa Datafolha.

Sua pré-candidatura havia sido lançada pelo MDB no dia 8 de dezembro, embora ela só tenha sido confirmada o nome da terceira via recentemente. A pré-candidata afirma que parte da dificuldade em subir nas sondagens ocorreu porque “ninguém acreditava” em sua candidatura.

“Hoje não, hoje eu sou a pré-candidata. Começamos nesta semana ou na semana passada. E a partir de agora é só crescer [...] Temos pelo menos 40% de pessoas que dizem que não votam nem em um nem em outro, que estão prontos a mudar o voto”, completa.

Sobre a Petrobras, a senadora disse que nada impede que a empresa tenha lucros, mas que não pode haver “só um lado da moeda”.

“Ela não deu certo no passado e não dá certo no presente porque sempre foi usada como instrumento ideológico ou de políticas erráticas para comprar o Congresso Nacional ou para ganhar eleição.”

A pré-candidata busca sempre ressaltar a importância de ser mulher na corrida presidencial, mas pesquisas ainda mostram que suas intenções de voto são predominantemente de homens.

“As pesquisas têm mostrado que a mulher também é a mais indecisa e a que mais rejeita Lula e Bolsonaro. Ela ainda não se decidiu. E isso para mim é muito importante, é um grande ativo. Como ela é a que mais rejeita Lula e Bolsonaro e como ela ainda não se decidiu, vai ser decisiva para essa eleição”, afirma.

Ao mesmo tempo em que se mostra como uma candidata para as mulheres, Tebet virou motivo de memes na internet por conta de fotos que a mostram rodeada dos dirigentes políticos que articularam a sua candidatura, sendo que todos são homens.

“Sim, é óbvio que me incomoda até porque eu luto contra isso a vida inteira”, afirma.

“E não foi nessa reunião. Não é culpa do MDB ou do PSDB, isso é a formação partidária no Brasil”, conclui.

Nos EUA, presidente faz motociata e volta a atacar Supremo

Rafael Balago

ORLANDO O presidente Jair Bolsonaro (PL) juntou cerca de 350 motocicletas e seus donos em frente a uma igreja evangélica em Orlando, nos Estados Unidos, na manhã deste sábado (11). Em seguida, eles saíram em grupo pelas ruas dos arredores. O presidente usou capacete, ao contrário do que faz em alguns eventos similares no Brasil.

O blogueiro bolsonarista Allan dos Santos —investigado no inquérito das fake news e de atos antidemocráticos e considerado foragido após ter sua prisão decretada pelo ministro do STF Alexandre de Moraes— estava na plateia do discurso presidencial após o passeio de moto.

Em seu discurso, Bolsonaro disse que ainda mantém contato com o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e que pretende encontrar-se pessoalmente com o republicano antes das eleições brasileiras deste ano, que acontecerão em outubro.

Também fez novos ataques a ministros do Supremo e criticou o sistema eleitoral brasileiro. Chamou o ministro Luís Roberto Barroso de “mau-caráter” e “mentiroso”.

Sobre Moraes, o presidente disse: “Ele está ligado a quem? Ou é um psicopata?”

O jornalista Janio de Freitas na antiga sucursal da Folha no Rio

‘Suspiro de democracia vem do jornalismo’, diz Janio, 90

Jornalista deu furos como repórter e colunista da Folha, onde escreve há 42 anos

Naief Haddad

SÃO PAULO Eram os anos 1990. Janio de Freitas tinha acabado de fazer uma radiografia em uma clínica no Rio de Janeiro, cidade onde sempre viveu. Ao lado de outros pacientes, ele aguardava uma checagem realizada por técnicos para saber se precisaria repetir o procedimento.

De repente, um médico entrou na sala: "Quem é Janio?". Todos se assustaram com o tom incisivo. "Sou eu", respondeu, envergonhado. "Você sabe que está fazendo um enfisema pulmonar?", questionou o homem de jaleco branco, unindo bronca e preocupação. "Sou seu leitor, porra!"

Àquela altura, ele tinha parado de fumar, mas acumulava décadas de consumo de pelo menos um maço e meio de cigarros todo dia. Desde então, a doença respiratória evolui lentamente —"vai me criar problema se eu resolver pegar onda", brinca. No mais, é boa a saúde de Janio, que completou 90 anos no último dia 9 de junho. Para a satisfação dos leitores, como o médico, o jornalista não pensa em parar de escrever.

"Janio foi um mestre para mim. Sempre que eu estava apurando uma matéria muito complexa, recorria aos conselhos dele", conta Elvira Lobato, repórter que trabalhou mais de 20 anos ao lado do jornalista na sucursal da **Folha** no Rio.

Considerado uma referência pela geração de Elvira e pelos jornalistas que ocuparam as Redações nas décadas seguintes, Janio foi empurrado para a imprensa num lance do acaso. Tinha feito um curso de aviação civil e pretendia se profissionalizar como piloto quando machucou o joelho em uma partida de basquete —nos anos seguintes, preferiu jogar vôlei e futebol, além de praticar jiu-jitsu.

Como a lesão tornaria difícil a retomada da aviação, resolveu mudar de rota. Virou uma espécie de auxiliar de edição no Diário Carioca, pelo qual passaram nomes como Luiz Paulistano, jornalista sempre exaltado por Janio.

"Como eu tinha trabalhado como desenhista, me ofereceram oportunidades na diagramação. Depois, passei à seção de polícia como repórter", lembra Janio, que se tornou jornalista profissional em 1954.

A experiência em diversas áreas do jornal se repetiu na revista Manchete, para onde foi em 1955. Quatro anos depois, estava pronto para liderar uma revolução na imprensa do país, a reforma do Jornal do Brasil. Como escreveu Ruy Castro, "sua primeira página era de inédita clareza e modernidade. Os textos, alinhados por tamanho, altura e largura, aproximavam-se por assunto. Os títulos tinham objetividade de jornal e charme de revista".

Em 2 de junho de 1959, Janio —antes de completar 27 anos— e colegas como Amílcar de Castro, Reinaldo Jardim, Ferreira Gullar e José Ramos Tinhorão apresentavam o novíssimo Jornal do Brasil, obrigando a concorrência a repensar suas diretrizes editoriais e gráficas.

A sua versatilidade contribuiu para que o projeto do JB fosse tão bem-sucedido. "Estudei o quanto pude as peculiaridades administrativas do jornal, a oficina, a área industrial. Eu sabia, por exemplo, operar uma linotipo [equipamento antigo de produção de textos que usava chumbo derretido]."

Nos anos seguintes, assumiu cargos de direção no Correio da Manhã e no Última Hora. Mário Magalhães, jornalista que conviveu com Janio durante 16 anos na sucursal do Rio, lembra uma frase do arquiteto Sérgio Bernardes, publicada na revista O Cruzeiro: "Janio de Freitas nasceu para fazer jornal como Mozart para fazer música".

Na década de 1970, a ditadura militar fez chegar aos donos de jornais o recado de que não gostaria de ver Janio à frente de algum dos veículos. Restou a ele ser sócio de uma gráfica, dedicada sobretudo à impressão de livros.

A **Folha** o chamou de volta à imprensa, em 1980. Mais conhecido até então como um notável editor, Janio mostrou que era também um repórter de excelência, como ficou evidente no furo publicado durante o governo José Sarney.

Em maio de 1987, revelou que o processo para a construção da ferrovia Norte-Sul havia sido fraudulento. Cinco dias antes do anúncio oficial, a **Folha** tinha publicado, de maneira cifrada e em meio aos anúncios classificados, os 18 vencedores. Ou seja, já se conheciam de antemão os resultados da licitação.

Janio, porém, não considera essa a sua reportagem mais relevante entre as publicadas pelo jornal. Cita uma informação de junho de 1983 em sua coluna: os médicos do presidente João Batista Figueiredo cogitavam a hipótese de uma cirurgia cardíaca.

A saúde do presidente está "muito boa", reagiram o líder do governo na Câmara dos Deputados e o porta-voz do Planalto. "Levei pau de todos os lados", diz. Uma semana depois, no entanto, o segredo em torno da cardiopatia implodiu. "Coração faz Figueiredo pedir licença" foi a manchete da **Folha**.

Em 16 de julho, um dia após a cirurgia nos EUA, Janio escreveu uma coluna em tom de desforra. Listava as contestações à informação publicada por ele e concluía: "Ao general Figueiredo, pronta recuperação. Aos outros citados, também".

"Mais do que o domínio técnico, oscilando entre o brilhantismo e a genialidade, a maior influência de Janio de Freitas para o jornalismo brasileiro são o destemor e a dignidade", afirma Mário Magalhães.

De modo geral, as colunas na **Folha** se dividem em dois grupos, as informativas, como Painel e Mônica Bergamo, e as opinativas, caso de Ana Cristina Rosa, Cristina Serra, Hélio Schwartsman e tantas outras. Desde o início da sua coluna, em 1983, Janio embaralhou essas classificações. Buscava informações exclusivas —e trazia muitas— em meio a análises sobre as movimentações do poder em um sentido mais amplo, que ia além das questões partidárias.

Nem todos gostavam do modelo, segundo Janio. "Otavio [Frias Filho] me deixou muito a impressão de que não apreciava a coluna. Queria algo mais ao estilo circunspecto, clássico, do comentarismo político que é editorializado."

A relação entre o diretor de Redação e o colunista foi, muitas vezes, difícil. De acordo com Janio, ao fim da eleição de 1989, em que Fernando Collor saiu vencedor, Otavio (1957-2018) disse por telefone que havia ressalvas do comando do jornal em relação aos textos dele sobre a disputa presidencial. Sempre segundo Janio, Otavio apontava que o colunista tinha sido bastante crítico em relação a Collor e havia poupado os demais candidatos.

"Eu não poderia ter dado aos demais o tratamento que dei ao Collor, um candidato cercado de gente perigosa, um destrambelhado."

Em janeiro de 2000, o extinto caderno Mais! publicou um texto de Janio sobre Cuba. O jornalista retornava à ilha caribenha mais de quatro décadas depois de ter acompanhado a ocupação de Havana pelos guerrilheiros vindos da Sierra Maestra. A cidade era outra, escreveu, alternando descrição, análise e contexto histórico. "Nenhuma memória de que foi o cenário encantador da mais apoteótica festa cívica e política jamais havida nestas Américas."

Otavio ligou para lhe dar os parabéns, repetindo o que havia feito quatro anos antes, a respeito de um texto sobre a Grécia, publicado na editoria de Turismo. Na coluna sobre os 100 anos da **Folha**, em fevereiro de 2021, Janio lembrou esses episódios, revestindo-os, mais uma vez, de ironia: "Um elogio para cada 20 anos é ao menos uma média original".

O fato de uma relação atribulada entre a cúpula de um grande jornal e um dos seus principais colunistas durar tanto tempo, 42 anos, talvez diga algo sobre a **Folha** e sobre Janio.

"Janio de Freitas exerce a sua independência radical inclusive em relação à própria **Folha**, onde escreve há quatro décadas, da qual é um dos melhores críticos. Essa independência, muitas vezes, resultou em uma relação bastante tensa com o diretor de Redação Otavio Frias Filho, mas um sabia da importância do outro e de quanto essa tensão ampliava os horizontes da própria **Folha**", diz o jornalista Matinas Suzuki Jr., que exerceu diversos cargos de comando na Redação e conviveu longamente com ambos.

Janio cogitou deixar o jornal algumas vezes, mas o publisher Octavio Frias de Oliveira (1912-2007) o convenceu a ficar. "Frias sempre foi capaz de mudar a minha decisão", lembra. "Tenho enorme admiração por ele. É uma pena que não haja um trabalho mais aprofundado sobre a contribuição do Frias para o jornalismo."

O jornalismo, aliás, tal qual praticado hoje no Brasil, é alvo de comentários cortantes e recorrentes nos textos de Janio. O que mais o incomoda, inclusive na **Folha**, é a perda das técnicas jornalísticas.

"Veja a F-1. Há um Lewis Hamilton que cria um desenho ao fazer a curva. Abre um pouco mais na entrada, fecha no meio e passa a um dedo da mureta. O outro vem e faz a curva aos trancos", compara. "Um dispõe de técnicas, o outro não. Talento não é suficiente. O que é a técnica nesse caso? É uma apuração dos meios de realizar o talento."

Avaliação mais dura ele faz em relação à realidade política do país. "O governo Bolsonaro, assim como foi o de Temer, é uma fábrica de retrocessos e de burrice."

Seus 90 anos chegam com uma bagagem pesada de desilusão, como devem notar os leitores da sua coluna, publicada aos domingos. Surgem, porém, aqui e ali, sinais de confiança, até mesmo na imprensa, tão criticada por Janio. "É do jornalismo que ainda vem esse suspiro de democracia e de contenção das maldades, da corrupção."

> É do jornalismo que ainda vem esse suspiro de democracia e de contenção das maldades, da corrupção
>
> O governo Bolsonaro, assim como foi o de Temer, é uma fábrica de retrocessos e de burrice
>
> **Janio de Freitas**

> Mais do que o domínio técnico, oscilando entre o brilhantismo e a genialidade, a maior influência de Janio de Freitas para o jornalismo brasileiro são o destemor e a dignidade
>
> **Mário Magalhães**
> jornalista que conviveu com Janio de Freitas durante 16 anos na sucursal do Rio

Fotos: Acervo Pessoal

Janio Sérgio de Freitas Cunha, 90
Nasceu em Niterói (RJ) em 9 de junho de 1932. Tornou-se jornalista profissional em 1954 e passou por veículos como Diário Carioca, Jornal do Brasil, Correio da Manhã e Última Hora. Começou em 1980 na **Folha**, jornal do qual se tornou colunista em 1983. Recebeu prêmios como Rei da Espanha e Esso.

Jornalistas fizeram mais de 60 h de gravação

De março a novembro de 2018, os jornalistas Fernanda da Escóssia, editora na revista piauí e professora de jornalismo na UFRJ, e Mário Magalhães, autor de livros como "Marighella - O Guerrilheiro que Incendiou o Mundo" e ex-repórter da **Folha**, fizeram 20 sessões de entrevista com Janio de Freitas, totalizando mais de 60 horas gravadas. Além de falar sobre sua trajetória, ele comentou as transformações vividas pela imprensa brasileira ao longo dos séculos 20 e 21. Ainda não há definição sobre como e quando o depoimento será publicado.

Dois mentirosos e alguns mais

Bolsonaro e Biden dão declarações que insultam quem se arrisca na Amazônia

Janio de Freitas
Jornalista

A indignada expectativa do mundo com o desaparecimento do indigenista Bruno Araújo Pereira e do jornalista Dom Phillips ficou à margem do breve encontro de Joe Biden e Bolsonaro, mas, ainda assim, teve a presença mais forte no falso diálogo dos dois mentirosos. Isso se deu sob a forma de um insulto dúplice de Biden e Bolsonaro, cada qual à sua maneira, e do cinismo como sua linguagem presidencial. Se os viu por TV, por certo Putin sentiu-se abonado.

Bolsonaro, sempre o mesmo dizendo ou desdizendo-se, foi o que é: "O Brasil preserva muito bem o seu território. Nossa legislação ambiental é bem rígida, fazemos o possível para cumpri-la, pelo bem de nosso país".

Biden, o rosto sempre contido em indefinição putiniana, conseguiu encaixar na brevidade de toda a impostura: "O Brasil é um país maravilhoso, com instituições fortes. Vocês procuram proteger a Amazônia".

Essas frases insultam, debocham dos que denunciam, perdem empregos, se arriscam em luta na defesa da Amazônia. Dessa obra-prima da natureza, entregue por Bolsonaro e pelos militares bolsonaristas à sanha das milícias de garimpeiros e madeireiros ilegais, saqueando e contrabandeando riquezas em reservas indígenas e em terras da União. Livres e impuníveis para matar, para estuprar e escravizar mulheres indígenas, para sequestrar e eliminar curumins.

Biden sabe disso mais do que a maioria dos informados: o Sivam-Sistema de Vigilância da Amazônia está entregue à Raytheon, empresa estratégica com fortes ligações ao Pentágono. Jornais e TV americanos, universidades, ONGs e variados movimentos americanos fazem mais denúncias e defesa da Amazônia do que os brasileiros.

De olho em interesses dos Estados Unidos, Biden se pôs no lado de Bolsonaro. Demonstrou-se capaz até de absorver a desaforada acusação de Bolsonaro, repetida a 24 horas do encontro, de fraudulências eleitorais na derrota de Trump. Diferenciou-se de Bolsonaro por um pormenor: pôde olhá-lo quando falava e quando o ouvia, ao passo que Bolsonaro não pôde olhá-lo quando falava nem quando ouvia — tinha que ler, na sua leitura sofrida, o papel mal escondido entre as pernas, sobre o assento, com o que devia dizer. Seria mais um ridículo risível, não houvesse tanto a deplorar desse encontro de mentiras, cinismo e rebaixamento moral e político do Brasil por Bolsonaro. Só Biden pôde ter um ar de riso interior.

Aqui também os seguidores de Bolsonaro cercaram de mentiras o desaparecimento de Dom e Bruno. Daí a importância da exigência, feita no Supremo pelo ministro Luís Roberto Barroso, de informações das "forças de segurança" sobre sua "ação" no caso. Isso, depois da exigência, 24 horas antes da primeira notícia do desaparecimento, de que Polícia Federal cumpra em dez dias as medidas contra os denunciados estupros e assassinatos de yanomamis.

Natuza Nery, revelação do jornalismo político em TV, e os excelentes André Trigueiro e Marcelo Lins, desmontaram várias mentiras de militares e policiais. Como a ilegalidade dos desaparecidos ao estar sem autorização em reserva indígena. O presidente da Funai, Marcelo Xavier, mentiu: navegavam e sumiram fora de reserva. A "ação imediata", assegurada por generais, não foi imediata e é duvidoso que se chame de ação. Nem os desaparecidos faziam "uma aventura", como dizem Bolsonaro e seguidores seus, mas trabalho de jornalista e indigenista, ambos com alta qualificação. O polêmico jornalismo brasileiro de TV fez um avanço importante com a ênfase lúcida que os três repórteres/comentaristas ousaram. E também a GloboNews, claro.

Bruno Araújo Pereira fez entrega à Polícia Federal e ao Ministério Público de informações sobre comprometidos com assassinatos e explorações ilegais, entre eles Amarildo Oliveira e um tio seu. Tudo sugere que a denúncia e seu autor foram informados aos denunciados. Daí surgiria um encontro deles com Dom e Phillips, ao qual o tio faltou. Uma cilada, então. Da qual Amarildo saiu em perseguição de lancha ao indigenista e ao jornalista, logo depois desaparecidos.

Vazamentos desse tipo não ocorrem sem motivação interessada. Como se pas sou a informação deveria ser investigado. É sugestivo que não o seja.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas| **SEG. Celso Rocha de Barros**| TER. Joel P. da Fonseca| QUA. Elio Gaspari| QUI. Conrado H. Mendes| SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida| SÁB. Demétrio Magnoli

Freixo negocia com políticos que culpou por milícias no RJ

Deputado busca composição com César Maia (PSDB) e Eduardo Paes (PSD)

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO O deputado federal Marcelo Freixo (PSB) tenta atrair para a aliança de sua pré-candidatura ao Governo do Rio políticos que responsabilizou, no passado, pelo crescimento das milícias.

Foram apontados desta forma pelo deputado o prefeito da capital fluminense, Eduardo Paes (PSD), e o ex-prefeito César Maia (PSDB). O segundo é cotado para a vice na chapa de Freixo.

O convite a Maia é visto na campanha de Freixo como um movimento comparável à aliança entre o ex-presidente Lula (PT) e o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB). O objetivo é reforçar a guinada ao centro do deputado, que tenta se descolar da imagem de radical de esquerda, construída em razão da filiação por 16 anos ao PSOL.

A menção à aliança no plano nacional foi feita pelo próprio Freixo, na sabatina **Folha**/UOL deste ano, ao explicar a tentativa de atrair Paes, apesar das críticas do passado.

"Se pegar dez anos atrás, jamais você imaginaria o Alckmin sendo vice do Lula. A conjuntura era completamente diferente. Hoje é uma necessidade e vai fazer muito bem ao Brasil", disse o deputado.

O deputado Marcelo Freixo (PSB) na Uerj Mauro Pimentel - 30 mar.22 /AFP

Presidente da CPI das Milícias da Assembleia Legislativa, em 2008, Freixo apontou Paes e Maia como políticos que lucraram eleitoralmente com o domínio de territórios por esses grupos criminosos.

As críticas mais duras foram dirigidas a Paes na eleição de 2012, quando os dois disputaram a prefeitura.

Na sabatina **Folha**/UOL daquele ano, Freixo disse que o prefeito, à época candidato à reeleição, financiava com verbas públicas centros sociais ligados a milicianos.

"Da CPI para cá foram 720 prisões, e o número de milícias aumentou. Por quê? Porque os centros sociais continuam funcionando e muitos deles alimentados pela prefeitura que tem na milícia sua base legislativa e sua base de poder local. Ele [Paes] não é dono de milícia. Mas ele tem responsabilidade no crescimento das milícias", afirmou ele.

Uma das principais críticas de Freixo na ocasião era o fato de Paes ter feito, em seu primeiro mandato, a licitação para o serviço de vans através de cooperativas. Relatório da CPI das Milícias presidida pelo deputado orientava que as permissões fossem dadas diretamente aos motoristas, a fim de fugir da influência dos grupos criminosos nas entidades.

"Tem foto de uma reunião na prefeitura em 2009 do atual prefeito com vários donos de cooperativas. Entre eles, inúmeros indiciados por nós em 2008. Reunidos para discutir e ganhar a licitação das vans", afirmou ele em 2012.

"Isso significa que se possa prender o prefeito? Não. Significa que você pode, e deve, fazer um debate de responsabilidade política de quanto esses grupos, que são criminosos e violentos, tem na sua base territorial uma base eleitoral que interessa não só à milícia, mas a muita gente que lucra com esse domínio eleitoral."

Em debate posterior, promovido pela **Folha** e a Rede TV! naquele ano, Paes ironizou as acusações de Freixo.

"Recebo muita gente no meu gabinete e não peço certidão de antecedentes criminais. Sou obrigado a saber todo mundo que está citado no relatório do CPI das Milícias? Aquilo não é a Bíblia."

Maia também foi alvo das críticas de Freixo na ocasião. Para ele, a responsabilidade política não era apenas da gestão Paes, mas também das anteriores. O antecessor de Paes era César Maia, que esteve à frente da prefeitura por três mandatos.

Freixo criticou o fato de o ex-prefeito ter chamado as milícias de "autodefesas comunitárias" e de "mal menor" em comparação ao tráfico de drogas para a realização dos Jogos Pan Americanos, em 2007.

"O prefeito do Rio de Janeiro chamou por muito tempo as milícias de autodefesa comunitária. Isso não é fechar os olhos. Isso é abrir os olhos e buscar um conceito para milícia que seja positivo", disse Freixo, em 2008, último ano da gestão Maia.

"Se o poder público tivesse fechado os olhos, as milícias não teriam crescido tanto. Ele abriu os olhos, se interessou pelas milícias, ajudou a eleger pessoas que ocupavam cargos na segurança pública, incentivou. Estou falando de ações concretas como ajuda orçamentária a centros sociais controlados por milícias, permissão para que os chefes de milícias se candidatassem utilizando suas legendas."

Questionado sobre as críticas do passado a Paes e sua tentativa de atraí-lo para a aliança, Freixo afirmou na sabatina **Folha**/UOL deste ano que "a responsabilidade pelo crescimento das milícias é de todo mundo que estava no poder público".

"Muita gente não imaginou que a milícia ia chegar onde chegou. Muita gente no início falava em mal menor, porque imaginava que o poder do tráfico, por ser muito danoso, era pior. Não enxergava o tamanho do que viria a ser a milícia. A gente precisa juntar todo mundo, independente de quem acertou mais ou errou mais em relação às milícias."

Freixo afirma que Maia declarou voto nele no segundo turno de 2016, quando tentou a prefeitura, e vai contribuir com sua campanha.

"Tenho uma grande admiração por ele. Foi um administrador muito importante", disse o deputado.

"Eduardo Paes é muito importante para a reestruturação do Rio de Janeiro. Temos diferenças, mas elas são muito menores do que temos em comum para resgatar o estado", disse o deputado.

Maia e Freixo estão mais próximos, a partir da articulação de Rodrigo Maia (PSDB), filho do ex-prefeito. O objetivo do deputado do PSB, porém, é atrair também Eduardo Paes. Uma das possibilidades é tornar o ex-presidente da OAB, Felipe Santa Cruz (PSD), atual pré-candidato ao governador, candidato ao Senado pela chapa. Ele atualmente é o pré-candidato de Paes ao governo.

Paes tem resistido à aliança e tenta desidratar a candidatura de Freixo. Ele chegou a articular uma aliança com o PDT, mas a indefinição sobre o cabeça de chapa desfez o acordo. Os pedetistas defendem a candidatura do ex-prefeito de Niterói Rodrigo Neves (PDT).

Zema e Kalil disputam em Minas à moda 'socos e pontapés'

Leonardo Augusto

BELO HORIZONTE Uma nova rodada com dois dias consecutivos de ataques entre os pré-candidatos ao Governo de Minas Gerais Romeu Zema (Novo), que tentará a reeleição, e Alexandre Kalil (PSD), ex-prefeito de Belo Horizonte, reforça a projeção de uma campanha à moda de "socos e pontapés".

Aliados de ambos os lados não acreditam em mudança no cenário, mesmo com a campanha começando oficialmente apenas em 16 de agosto e a eleição marcada para 2 de outubro, ou seja, daqui a quatro meses.

Há pouco mais de um mês os dois já haviam se estranhado por causa da instalação da fábrica de cervejas Heineken no estado e estradas esburacadas. Os embates ocorrem via pronunciamentos, alfinetadas em redes sociais e entrevistas.

O confronto mais recente durou dois dias. Kalil, em entrevista ao canal FlowPodcast no dia 1º de junho, chamou Zema de "débil mental" ao falar sobre políticas sociais para a população de baixa renda.

Zema rebateu no dia seguinte, ao participar de conversa com jornalistas em congresso de prefeitos organizado pela Associação Mineira de Municípios, em Belo Horizonte. O governador, ao ser questionado sobre a declaração do rival, disse que os dois poderiam fazer um teste de QI.

O governador de Minas Gerais, Romeu Zema Alexandre Rezende - 9.abr.21/Folhapress

O ex-prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil, do PSD Divulgação

O chefe do Executivo estadual afirmou ainda que o ex-prefeito de Belo Horizonte viveu à sombra do pai, o empresário e também ex-presidente do Atlético-MG, como o filho, Elias Kalil, que morreu em 1992.

Kalil participou do congresso, no mesmo dia que Zema, mas em outro momento do encontro. E fez a tréplica. "Lava a boca para falar do meu pai."

O ex-secretário-geral do governo e coordenador da campanha de Zema pela reeleição, Mateus Simões, avalia que as trombadas de frente entre os dois pré-candidatos seguirão até o pleito.

Segundo Simões, o temperamento de Kalil, que se orgulha de seu estilo "sincerão", pode ajudar Zema na campanha. "O mineiro se identifica mais com qual deles?", pergunta, se remetendo à fama de tranquilo da população do estado.

No partido de Kalil, a avaliação é que o estilo do ex-prefeito permeou sua trajetória política até aqui e, por isso, a tendência é que os embates com o rival permaneçam. Um observador que atua próximo ao partido do ex-prefeito diz que é o "jeitão sem papas na língua" que todos acham que vai dar certo.

O papa Francisco, de cadeira de rodas, durante missa de Pentecostes, no Vaticano Remo Casilli - 5.jun.22/Reuters

Papa conclui reforma no Vaticano em meio a especulações sobre renúncia

Escolha de cardeais e mudança na Cúria Romana alimentam rumores em torno de Francisco, 85

Edison Veiga

BLED (ESLOVÊNIA) Na esteira do anúncio de 21 novos cardeais e da entrada em vigor da reforma realizada na Cúria Romana, o papa Francisco ganhou os holofotes por um rumor que o persegue de tempos em tempos: o de que estaria preparando a renúncia, seguindo os passos do antecessor, o hoje papa emérito Bento 16.

Em mais de uma vez, o próprio pontífice admitiu a possibilidade. Ao que parece, o gesto de Bento, primeiro papa a renunciar desde Gregório 12 (1406-1414), reabriu o precedente para que líderes da igreja não encarem a missão necessariamente como vitalícia. E, ao contrário de João Paulo 2º (1920-2005), não se vejam obrigados a definhar em público, tendo a velhice e eventuais doenças expostas globalmente.

Mas o que alimenta a especulação de que a aposentadoria de Francisco pode estar próxima são alguns gestos. Em uma instituição na qual símbolos são muito importantes, qualquer movimento tende a ser interpretado em camadas. E, ao fato de o religioso argentino, aos 85 anos, apresentar dificuldades de locomoção em aparições públicas, inclusive recorrendo à cadeira de rodas, somam-se pontos curiosos.

Junto ao consistório de agosto, quando serão empossados os novos cardeais, Francisco já agendou uma visita à cidade italiana de L'Aquila, para visitar o túmulo de um ilustre antecessor: Celestino 5º (1215-1296), primeiro papa a renunciar livremente ao papado, em 1294. "Para impulsionar ainda mais as especulações, a cidade também foi visitada por Bento 16 pouco antes de ele renunciar", lembra Mirticeli Medeiros, pesquisadora da história do catolicismo na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

Há, ainda, a estranheza com um consistório marcado para agosto, mês de férias na Itália —nos últimos anos, os cardeais assumiram os postos em novembro. Para alguns observadores, a decisão indicaria certa pressa. E mais: Francisco convocou um outro consistório, extraordinário, dois dias depois do ordinário.

"Será uma superreunião, que desde 2015 não era feita nessa modalidade [consistório extraordinário], para tratar da reforma da Cúria Romana, que entrou em vigor no último dia 5", explica Medeiros.

Em texto recente, o vaticanista italiano Andrea Gagliarducci afirma que a ideia do evento extraordinário pode ter sido uma cartada política do papa para "discutir as decisões somente depois que elas já foram tomadas" —no caso, levando à mesa os pontos da reforma da Cúria, que simplificou processos e dissolveu hierarquias, algo pouco consensual entre os cardeais, após "congelar o debate" até o fim de agosto.

"Observadores até especulam que Francisco poderia encerrar a reunião anunciando a saída, o que seria um gesto marcante, por enviar a mensagem de que, uma vez concluído o mandato, e o mandato do papa Francisco é, acima de tudo, a reforma da Cúria, pode-se deixar o cargo", afirmou Gagliarducci.

Medeiros discorda. "Após tê-lo acompanhado por todos esses anos, é difícil imaginar que daria esse gosto aos opositores. Prefiro pensar que faz isso para criar um clima de pré-conclave e avaliar se realmente fez boas escolhas. E se for uma sacada para averiguar como a igreja se articularia na sua ausência?"

Vice-diretor do Lay Centre em Roma, o vaticanista Filipe Domingues lembra que "rumores sobre uma possível renúncia de Francisco surgem a cada dois anos". "Mas ele segue marcando viagens, cumprindo agendas, mesmo em cadeira de rodas. Se ele realmente estivesse mal, poderia cancelar mais coisas", afirma ele. "Não acho que ele esteja com pressa [para dar esse passo]. Para encerrar seu pontificado ele precisa de um fator novo que não existe hoje, e isso pode ser uma piora em seu estado de saúde."

Outra ponderação feita pelo especialista é que seria um tanto incômodo, para o Vaticano, a existência de dois papas eméritos gravitando em torno de um novo ocupante do trono de Pedro. Nesse sentido, Francisco não renunciaria antes da morte do antecessor. "Haver três papas vivos seria algo inédito", diz o teólogo Gerson Leite de Moraes, professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Se cabem aos cardeais a eleição de um novo papa, em caso de renúncia ou morte do atual, o gancho desses acontecimentos de agosto é justamente a posse dos novos purpurados nomeados por Francisco.

A partir de 27 de agosto, a igreja terá 132 cardeais eleitores, ou seja, com menos de 80 anos, de 69 países. De acordo com levantamento realizado pelo filósofo e teólogo Fernando Altemeyer Junior, do total dos eleitores a imensa maioria, 83, foi nomeada por Francisco —38 por Bento 16, e 11 por João Paulo 2º.

Dentre os novos rostos, Francisco aprofundou ainda mais o modelo que se tornou característico de seu pontificado: nomes desconhecidos, vindos de regiões antes relegadas. Em um futuro conclave, a Europa continua sendo o continente com maior peso eleitoral —mas, ao contrário de outros tempos, está longe de ter a maioria absoluta. Quarenta por cento do colégio cardinalício é formado por prelados do Velho Mundo, 29% são das Américas, 16%, asiáticos, e 13%, africanos. A Oceania representa os 2% restantes.

Seja pelos postos que ocupam, seja por suas trajetórias, alguns dos novos cardeais vêm chamando a atenção. É o caso de Basílio Nascimento, o primeiro cardeal do Timor Leste. "Já estava passando da hora, porque o país é, em termos de proporção, o mais católico da Ásia", diz Medeiros. "A nação dá à Igreja Católica status de garantia da liberdade, já que a instituição atuou no processo de independência do país e é reconhecida como uma das quatro frentes que contribuíram para que ela se efetivasse."

Também se destaca Giorgio Marengo, prefeito apostólico da Mongólia, de apenas 48 anos. "Ele está à frente de uma comunidade de apenas 1.500 pessoas", diz a vaticanista, ressaltando que o gesto está em linha com a "geopolítica dos esquecidos", marca do pontificado de Francisco. "Fazer esse tipo de nomeação, em locais 'pouco expressivos', era algo impensável até um tempo atrás."

Francisco fará dois novos cardeais brasileiros, deixando os representantes nacionais com seis eleitores em um eventual conclave. Arcebispo de Brasília, Paulo Cezar Costa já circulava com desenvoltura pelos corredores do Vaticano, integrando comissões e articulando pautas. "O papa se identifica com Paulo Cezar e já vinha dando funções de confiança a ele. Francisco busca perfis que apresentam a mesma visão que ele tem da igreja, ou seja, pastoral, aberta aos pobres e às minorias", afirma o vaticanista Domingues.

Já o arcebispo de Manaus, Leonardo Steiner será, nas palavras de Altemeyer Junior, o "cardeal atuante no coração da Amazônia". É o primeiro purpurado brasileiro a comandar uma diocese na região amazônica e denota a preocupação ecológica e política de Francisco com a área. "Francisco criou uma conferência eclesial só para a Amazônia, por considerá-la uma região que merece atenção especial", afirma Medeiros.

"E não faz isso focando só a evangelização, mas também devido aos ataques ao ambiente e em razão da violação dos direitos dos povos indígenas, temas que ganharam muito espaço no atual pontificado."

Para Medeiros, pela trajetória de Steiner, sua nomeação é significativa. "Ninguém melhor para representar Francisco que alguém capaz de garantir a mediação entre a Amazônia e o Vaticano."

> Observadores até especulam que Francisco poderia encerrar ao consistório extraordinário anunciando a saída, o que seria um gesto marcante, por enviar a mensagem de que, uma vez concluído o mandato, e o mandato do papa Francisco é, acima de tudo, a reforma da Cúria, pode-se deixar o cargo

Andrea Gagliarducci
vaticanista italiano

> Rumores sobre uma possível renúncia de Francisco surgem a cada dois anos. Mas ele segue marcando viagens, cumprindo agendas, mesmo em cadeira de rodas. Não acho que ele esteja com pressa [para dar esse passo]. Para encerrar seu pontificado, ele precisa de um fator novo que não existe hoje, e isso pode ser uma piora em seu estado de saúde

Filipe Domingues
vice-diretor do Lay Centre

Quem são alguns dos outros pontífices que renunciaram

CLEMENTE 1º
(92-101)
Um dos primeiros papas, teria sido o primeiro a renunciar, por razões que não são claras

PONCIANO
(230-235)
Renunciou durante a perseguição aos cristãos pelo imperador Maximino

MARCELINO
(296-304)
Não está certo se abdicou ou se foi deposto após cumprir ordem do imperador Diocleciano de oferecer sacrifícios a deuses pagãos

BENTO 5º
(964)
Aceitou ser deposto por Otto 1º, imperador do Sacro Império Romano, depois de apenas um mês no posto

BENTO 9º
(1032-1045)
Deixou o posto após vender o papado a Gregório 6º

CELESTINO 5º
(1294)
Ficou apenas cinco meses no papado e emitiu decreto que permitia a renúncia; foi preso e morreu na prisão

GREGÓRIO 12
(1406-1415)
Renunciou para encerrar o Grande Cisma

BENTO 16
(2005-2013)
Alegando falta de 'vigor tanto do corpo como do espírito' aos 85 anos, surpreendeu ao ser o primeiro papa a abdicar em quase 600 anos; com 95 anos hoje, ainda vive no Vaticano

França renova Legislativo com maioria de Macron ameaçada

Presidente reeleito vê diferença para coligação de Mélenchon cair nas pesquisas

Michele Oliveira

MILÃO Menos de dois meses após ser reeleito com uma vitória sobre a ultradireita, Emmanuel Macron disputa a continuidade de seu projeto de governo com o outro extremo do semicírculo político, a ultraesquerda.

Dessa vez, a aliança arquitetada por Jean-Luc Mélenchon ameaça atrapalhar os planos do presidente francês de conquistar a maioria absoluta na Assembleia Nacional, passo crucial para implementar seus planos de reformas. A eleição legislativa acontece em dois turnos, neste domingo (12) e no próximo (19).

A Assembleia é formada por 577 deputados. Para uma coligação conseguir a maioria absoluta, é preciso vencer 289 cadeiras. É em torno desse número que o resultado da votação se tornou incerto. Se há cinco anos a aliança liderada pelo partido de Macron abocanhou 350 assentos, agora a ampla margem pode ser perdida para a união das siglas de esquerda, um novo elemento no cenário partidário francês.

O obstáculo que vem sendo imposto ao presidente foi anunciado pelo próprio Mélenchon poucos minutos após confirmada a reeleição, em 24 de abril. Em seu discurso, vislumbrou uma frente unida que fosse capaz de criar um "terceiro turno" e de transformá-lo em primeiro-ministro. Nos dias seguintes, liderou conversas com outros partidos e, no começo de maio, avisou que a aliança estava formada.

Batizada de Nupes (Nova União Popular Ecológica e Social), a chapa une, além da França Insubmissa, socialistas, comunistas e verdes, que, somados, receberam 30% dos votos no primeiro turno presidencial —em terceiro lugar, Mélenchon obteve 21,95%. De improvável, devido às divergências entre as siglas sobre pontos do programa comum e reprovações de alguns de seus políticos ilustres, a aliança passou a ser a segunda maior força desta campanha e tem chance de virar o maior bloco de oposição na Assembleia.

Segundo o instituto Ipsos, a Nupes e a coligação de Macron, chamada de Juntos, estão empatadas, com 27,5% e 28% das intenções de voto, respectivamente. Em terceiro, com 20%, aparece o partido de Marine Le Pen, derrotada por Macron. No entanto, devido às regras do pleito legislativo, que não é proporcional, esses percentuais não refletem o número de deputados que podem vencer por cada bloco político.

No levantamento divulgado na quarta (8), a projeção de cadeiras que a chapa em torno do presidente poderá obter é entre 275 e 315, enquanto a aliança de esquerda ficaria com uma cifra entre 160 e 200. A sigla de Le Pen, Reunião Nacional, que não fez alianças, aparece com algo entre 20 e 55 cadeiras.

A diferença entre as duas forças que lideram diminuiu. Há cerca de 15 dias, o grupo pró-Macron tinha entre 290 e 330, ante 165 e 195 da Nupes. De acordo com o instituto, apesar da vantagem, a maioria presidencial não está garantida. Pelas regras, para vencer no primeiro turno, um candidato precisa ter mais da metade dos votos válidos e ao menos 25% do total do eleitorado, algo difícil de acontecer —em 2017, somente quatro deputados ganharam na primeira rodada. Quando não há vencedor, o segundo turno é realizado entre aqueles que tenham recebido ao menos 12,5% dos votos do total do eleitorado.

Segundo analistas, ao disputar cada distrito sob uma mesma chapa, as siglas de esquerda aumentam suas chances de chegar ao segundo turno, já que, em um cenário fragmentado, um único partido tem dificuldades de atingir os 12,5%. "Foi um golpe de mestre de Mélenchon. Trata-se de um dado inédito e importante, que terá consequências partidárias para além desta eleição", avaliou o cientista político Jérôme Jaffré, pesquisador da universidade Sciences Po, ao jornal Le Figaro.

Além disso, Macron teria subestimado o fato de não ser mais novidade, como há cinco anos, e a rejeição de parte dos eleitores, muitos dos quais só votaram nele para evitar que a vencedora fosse Le Pen. A pesquisa mostra que, para 62%, a ação do governo após a eleição tem sido "muito lenta". O poder de compra, um dos principais temas do pleito presidencial, segue como a maior preocupação dos franceses.

Além de ter hesitado em relação à definição do gabinete ministerial, anunciado quase duas semanas após a sua posse, Macron também evitou fazer grandes anúncios sobre os rumos do seu segundo mandato durante a campanha legislativa, o que, segundo a oposição, acabou por esvaziar o debate das propostas.

Mélenchon, por sua vez, continua a prometer, como na campanha presidencial, o aumento do salário mínimo, o congelamento de preços e o controle de aluguéis, além de se contrapor a um dos principais projetos de Macron, o aumento da idade da aposentadoria, de 62 para 65 anos, o que, segundo o presidente, poderia acontecer daqui a um ano. O ultraesquerdista defende que o limite caia para 60 anos.

Desde a semana passada, diante da dinâmica captada pelas pesquisas, ministros próximos a Macron subiram o tom contra os adversários de esquerda, classificados como um "casamento forçado" com fins meramente eleitorais, não para "levar o país adiante". Nos últimos dias, o debate se concentrou na atuação das forças policiais, criticadas pela truculência contra torcedores antes da final da Champions League e pela morte de uma mulher durante uma blitz de estrada no fim de semana. "A polícia mata", publicou Mélenchon no Twitter, levantando nova onda de críticas, inclusive do próprio Macron.

O presidente aproveitou o episódio para apostar em uma campanha do medo, assim como fez na reta final contra Le Pen. "Nada seria mais perigoso do que acrescentar à desordem global a desordem na França que os extremos propõem", disse ele nesta quinta.

Além da conquista da maioria absoluta, outra incerteza ronda o Palácio do Eliseu: a permanência ou não de 15 ministros que também são candidatos a uma vaga na Assembleia. Segundo diretriz do presidente, os derrotados terão que deixar o gabinete. Uma coisa, porém, parece certa e pode interferir nos resultados.

A abstenção pode se aproximar de 54%, o que seria um recorde histórico e tende a beneficiar a coligação de Macron. "A despolitização desta eleição pode favorecer uma maioria presidencial, mas é uma lembrança brutal do fraco apoio que tem na opinião pública", escreveu Brice Teinturier, vice-diretor da Ipsos.

> A despolitização desta eleição pode favorecer uma maioria presidencial na Assembleia, mas é de uma lembrança brutal do fraco apoio que Macron tem na opinião pública
>
> **Brice Teinturier**
> vice-diretor da Ipsos

Portugal retoma festa dos Santos Populares após 2 anos

Giuliana Miranda

LISBOA Depois de dois anos de restrições devido à pandemia de coronavírus, Portugal retoma agora uma de suas principais tradições: as festas dos Santos Populares, celebrações que homenageiam Santo Antônio, São João e São Pedro e que estão na origem das festas juninas brasileiras.

No território onde hoje fica o país europeu, muito antes da tradição cristã, os celtas já comemoravam a colheita no solstício de verão, o dia mais longo do ano. As festas católicas passaram então a incorporar e a dar novas interpretações às farras. Em Portugal, as celebrações nas ruas —com arraiás e bandeirinhas, como no Brasil— acontecem durante todo o mês, mas cada região do país tem um santo mais celebrado.

Em Lisboa, por exemplo, a principal festa é a de Santo Antônio, cujo dia, 13 de junho, é feriado municipal. Embora tenha ficado conhecido como Santo Antônio de Pádua, cidade italiana na qual morreu, o religioso com fama de casamenteiro nasceu na capital portuguesa. Não por acaso, uma das tradições lisboetas para homenageá-lo são justamente os casamentos. Todos os anos, a Câmara Municipal —equivalente à prefeitura— patrocina um grande enlace coletivo, os chamados Casamentos de Santo Antônio.

A cerimônia, realizada no dia 12 de junho na Sé de Lisboa, é transmitida ao vivo na TV, e a festa nupcial —chamada de copo d'água em Portugal— também fica na conta do município e de patrocinadores.

No Porto, em Braga e em boa parte do Norte do país, quem domina os festejos é São João. Como o 24 de junho é feriado em várias cidades portuguesas, a animação começa na véspera e invade a madrugada.

Uma das principais tradições das celebrações era o hábito de usar uma espécie de alho poró para acertar, geralmente com delicadeza, a cabeça de amigos e familiares em meio ao agito. Hoje, o gesto vem sendo cumprido com os martelinhos de São João, brinquedos de plástico que fazem barulho ao serem usados.

Tradicionalíssimas no Brasil, as fogueiras também fazem parte dos ritos juninos lusos. O uso ritualístico do fogo vem, de novo, de cerimônias pagãs, nas quais a queima de ervas era uma maneira de homenagear as divindades. Em Portugal, as chamas também estão presentes nas festas de São Pedro, que têm na prática de pular fogueira uma de suas principais atrações. Ainda que seja mais celebrado no Sul do país, o dia de São Pedro, em 29 de junho, também é feriado em Évora, Sintra, Seixal e diversos outros municípios.

Se Portugal se inspirou nos celtas para dar origem às festas dos Santos Populares, ao chegarem ao Brasil os portugueses se depararam com uma tradição indígena de festejar a colheita, que acontece em junho. "Então, o que eles fizeram foi dar, digamos assim, uma característica mais cristã às celebrações que já existiam", afirma a historiadora Eliane Morelli, pesquisadora da Unicamp.

Lá como cá, a comida é um dos pontos altos dos festejos, "porque simboliza fartura, é um componente muito forte da sociabilidade entre os povos". "No Brasil, o cardápio da festa junina vem em grande parte das tradições indígenas. Temos milho, mandioca, amendoim, que são muito presentes", diz Morelli. "Mas incorporamos o açúcar e a canela, trazidos pelos portugueses. É o caso da canjica e do arroz doce."

Em Portugal, o maior símbolo dos Santos Populares é a sardinha assada. A razão é simples: trata-se do período em que a pesca é mais abundante. Assim, é possível saboreá-las em todo o país. Outra estrela das festas é a chamada bifana, um sanduíche com bifes finos de carne de porco grelhada.

A tradição portuguesa inclui ainda o hábito de presentear, sobretudo os alvos amorosos, com um vasinho de manjerico contendo um cravo de papel e uma bandeirinha com uma quadra poética. A planta é parente do conhecido manjericão e, da mesma forma, é muito aromática, mas possui folhas um pouco menores.

Já a trilha sonora das celebrações tem mudado. Embora ainda seja dominante, o pimba —repleto de trocadilhos e piadas sexualizadas— passou a disputar espaço com outros gêneros, inclusive o funk e o sertanejo brasileiros.

Mesmo que a maior parte das restrições relacionadas à Covid-19 já tenham acabado no país, especialistas em saúde pública estão apreensivos com o impacto das festas em um momento de aumento de novas infecções.

Decoração para as festas dos santos populares de Lisboa Ana Luísa Alvim/Câmara Municipal de Lisboa

Festas dos Santos Populares

O que é

- Festejos homenageiam três figuras religiosas: Santo Antônio (13/6), São João (24/6) e São Pedro (29/6)
- Popularidade de cada santo varia conforme a região. Lisboa celebra principalmente Santo Antônio, enquanto as cidades do Porto e de Braga preferem São João
- Celebrações foram levadas ao Brasil pelos colonizadores e inspiraram as festas juninas

Comidas

- Sardinhas na brasa
- Bifana, sanduíche feito com bifes finos de carne de porco grelhada

Tradições

- Saltar fogueira, sobretudo nos festejos de São João e de São Pedro
- No Porto e na região Norte, participantes das festas usam os Martelinhos de São João, brinquedos feitos de plástico, para bater na cabeça de amigos e familiares
- Casamentos em homenagem a Santo Antônio, em Lisboa, cidade em que nasceu o religioso com fama de casamenteiro
- Presentear um alvo amoroso com um vaso de manjerico, uma planta aromática que é parente do manjericão

Manifestantes ligados a grupos indígenas em ato em frente a tribunal onde a ex-presidente Jeanine Áñez foi condenada, nesta sexta Aizar Raldes - 10.jun.22/AFP

Bolívia condena Jeanine a 10 anos de prisão

Ex-presidente era acusada de tramar golpe de Estado contra Evo Morales, que renunciou em 2019 após protestos

LA PAZ | REUTERS A Justiça da Bolívia considerou a ex-presidente interina Jeanine Áñez, 54, culpada por ter organizado um golpe de Estado em 2019 contra o então líder Evo Morales. Ela foi condenada a 10 anos de prisão, segundo anunciado na noite desta sexta-feira (10).

Áñez está presa em La Paz há 15 meses e era julgada ao lado de ex-chefes militares desde fevereiro por violar a Constituição. A Justiça acusava a ex-senadora de ter assumido a Presidência de forma inconstitucional após a renúncia de Evo, que se deu em meio a protestos contra manobras feitas pelo esquerdista para tentar o quarto mandato.

Ela ainda responde a outros dois processos, um por genocídio e outro por sedição e terrorismo. No caso decidido agora, os promotores haviam solicitado que fosse condenada a 15 anos de detenção—pena máxima para a somatória dos crimes pelos quais ela foi acusada. Áñez voltou a se declarar inocente, alegando ser uma presa política.

A defesa diz que é ilegal que suas ações sejam julgadas de forma separada e anunciou que vai apelar a órgãos internacionais. Setores da oposição ao atual governo de Luis Arce, do MAS (Movimento ao Socialismo), mesma sigla de Evo, planejaram marchas para protestar contra a decisão.

Ela foi impedida de comparecer ao tribunal presencialmente, tendo de participar do julgamento de forma virtual. Em uma rede social, criticou a medida. "Eles me negaram tudo e me trataram pior do que todos; mas eu fui, sou e serei a presidente constitucional que assumiu seu dever após a fuga do covarde", escreveu Áñez, referindo-se a Evo.

A forma como o julgamento da ex-presidente interina foi conduzido despertou críticas de organizações internacionais, entre elas a Human Rights Watch. A ONG argumenta que o caso exemplificou como a interferência política está entranhada no sistema de Justiça boliviano.

"Tanto Evo Morales quanto Jeanine Áñez apresentaram acusações infundadas contra oponentes políticos", escreveu o pesquisador-sênior da organização para a América Latina César Muñoz.

A HRW pede que tribunais superiores examinem o caso de forma independente e, caso concluam que houve violações dos direitos da política, garantam recursos adequados. Diz, ainda, que estudou as acusações de terrorismo e conspiração, mas afirma não ter encontrado evidências que as embasassem à época.

Evo presidia a Bolívia desde 2006 e disputou um quarto mandato em 2019, beneficiado por uma série de manobras. Acusações de fraude e a pressão das Forças Armadas e de movimentos populares, cujos protestos deixaram mortos e feridos, forçaram sua renúncia em novembro daquele ano. Com a tensão crescente, ele deixou o país com destino ao México, que lhe concedeu asilo, e só voltou em 2020, com a eleição de Arce.

> Não mexi um dedo para assumir, fiz o que tinha que fazer, por obrigação de acordo com o que dizia a Constituição. E faria novamente, se tivesse a oportunidade
>
> **Jeanine Áñez**
> ex-presidente da Bolívia, em seu julgamento

Dois dias depois de ele renunciar, Áñez chegou ao poder em uma controversa manobra legislativa, aproveitando-se de uma brecha na legislação, uma vez que todos os que estavam na linha de sucessão direta renunciaram após a saída do ex-presidente.

Sem quórum no Legislativo, ela justificou que assumiria a Presidência de acordo com o que estabelecia o regimento do Senado: ante a renúncia do presidente e do primeiro vice-presidente do Senado, ela, então a segunda vice-presidente, deveria ser empossada.

"Não mexi um dedo para assumir, fiz o que tinha que fazer, por obrigação de acordo com o que dizia a Constituição", disse ela em sua defesa nesta sexta. "E faria novamente, se tivesse a oportunidade."

Cristã e conservadora, Áñez introduziu símbolos religiosos no Estado laico do país e iniciou uma campanha contra os correligionários esquerdistas de Evo, que quando no cargo enfatizou a importância da cultura indígena. Ela participaria do pleito que alçou Arce à Presidência, em 2020, mas desistiu da candidatura.

Em agosto, a Procuradoria-Geral do país apresentou também uma acusação contra ela por genocídio e outros crimes, devido à morte de manifestantes contrários a seu governo. Na ocasião, ela chegou a ferir a si mesma na cadeia. Segundo familiares, ela tentou se suicidar e passava por um quadro de forte depressão.

De acordo com o procurador, a acusação tem origem na denúncia de familiares das vítimas da repressão de dois atos em novembro de 2019, nas cidades de Sacaba e El Alto, quando morreram 22 pessoas, do total de 37 mortes registradas após a renúncia de Evo.

MILHARES SE REÚNEM EM PROTESTOS CONTRA VIOLÊNCIA POR ARMA DE FOGO EM CIDADES DOS EUA
Multidão participa de ato em Washington, neste sábado (11); manifestações ocorrem em reação a massacre em escola no Texas, em maio Ken Cedeno/Reuters

UE diz que vai se posicionar sobre adesão da Ucrânia

A Comissão Europeia deve ter um parecer sobre a adesão da Ucrânia à União Europeia na próxima semana, disse a presidente do órgão, Ursula von der Leyen, neste sábado (11), em Kiev, onde se encontrou com o presidente Volodimir Zelenski.

O parecer é uma das etapas para a adesão do país ao bloco, que precisa ter ainda da aprovação dos outros 27 membros do grupo.

A Ucrânia pediu para aderir à União Europeia em resposta à invasão da Rússia, que se opunha à aproximação do país com o bloco. Neste sábado, Zelenski afirmou, em entrevista ao lado de Von der Leyen, que "toda a Europa é um alvo para a Rússia, a Ucrânia é apenas o primeiro estágio dessa agressão."

Von der Leyen, em sua segunda viagem a Kiev desde o início da guerra, em fevereiro, disse a Zelenski que faltam alguns passos. "Ainda há necessidade de implementar reformas, para combater a corrupção, por exemplo", disse. (Reuters)

Canteiro de obra na praia de Itúna, em Saquarema (RJ); royalties obtidos com pré-sal permitiram que cidade entrasse na lista de novos-ricos, atrás de Maricá e Niterói Tércio Teixeira/Folhapress

Pré-sal fracassa em reduzir dependência do Brasil de importação de combustíveis

Produção de petróleo e arrecadação disparam desde o 1º poço, sem alta equivalente no refino

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO E SAQUAREMA O crescimento da produção do pré-sal colocou o Brasil entre os grandes exportadores de petróleo do mundo, encheu cofres de estados e municípios, mas não garantiu a redução da dependência de combustíveis importados, que poderia segurar os preços num cenário de crise como o atual.

Entre 2010, quando o primeiro poço entrou em operação, no Espírito Santo, e 2021, a produção nacional de petróleo e gás saltou 53% e a arrecadação com royalties e participações especiais quase dobrou até bater o recorde de R$ 78,4 bilhões, em 2021.

Com grandes reservas ainda a entrar em operação, a tendência deve se manter pelos próximos anos, segundo especialistas no setor. Até 2026, destaca a consultoria Bip, projetos do pré-sal operados pela Petrobras devem receber mais oito plataformas de produção.

O grande desafio do país é como refletir essa bonança no setor de refino, hoje deficitário na produção de gasolina e diesel, o que leva a Petrobras a defender uma política de preços baseada no conceito da paridade de importação, que simula quanto custaria para trazer os combustíveis do exterior.

Sem ela, argumentam a estatal e o setor de combustíveis, empresas privadas não têm disposição para importar, colocando em risco o abastecimento do mercado. Em alertas recentes ao governo, a Petrobras chegou a dizer que o país já pode sentir problemas no abastecimento de diesel no início do segundo semestre.

Enquanto a produção de petróleo disparou após o início das operações no pré-sal, a produção nacional de combustíveis teve alta de apenas 5,4%. Nesse período, o Brasil colocou apenas uma nova refinaria em operação, ainda assim incompleta: a primeira fase da Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco.

Sem novo refino, o país precisa comprar no exterior cerca de 25% do diesel e 7% da gasolina que consome. Para especialistas, um mercado com esse potencial não atraiu investimentos de refino por fatores que vão de excesso de capacidade global nas últimas décadas a riscos de intervenção no preço dos combustíveis.

Ex-diretor-geral da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis) e com carreira na Petrobras, Décio Oddone lembra que a Petrobras teve que priorizar investimentos diante do elevado endividamento na primeira metade dos anos 2010.

"Entre colocar dinheiro em produção de petróleo e refinaria, melhor ter produção de petróleo", afirma. No governo Lula, a estatal planejou quatro novas refinarias, com grande foco na produção de diesel, mas apenas parte de uma saiu do papel.

A Refinaria Abreu e Lima foi a última a entrar em operação no país, com uma capacidade de 115 mil barris por dia. Uma segunda fase, com capacidade de 145 mil barris por dia, foi suspensa após desistência da Venezuela, que era sócia no empreendimento. Em 2021, a estatal anunciou que retomará as obras.

Outros três projetos de refinarias, no Rio de Janeiro, no Ceará e no Maranhão, foram totalmente abandonados após o início da Operação Lava Jato, que investigou esquema de corrupção nas encomendas da Petrobras.

Apesar da crise global de suprimento de combustíveis, que elevou as margens de refino a patamares recordes, o mercado não espera grandes investimentos em ampliação da produção de derivados de petróleo no país para os próximos anos.

A expectativa é de aumentos marginais, tanto em ampliação de unidades que já foram ou ainda podem ser vendidas pela Petrobras quanto em pequenas refinarias para atender mercados localizados. Isto é, o Brasil continuará dependendo de importação de combustíveis.

Na avaliação de Oddone, mesmo que passasse a exportar, o impacto nos preços seria pequeno. Em um cenário de preços livres, explica, as refinarias passariam a adotar a paridade de exportação, que difere da paridade de importação apenas nos custos logísticos para trazer os produtos.

Mesmo com a elevada dependência no suprimento de combustíveis, o acelerado crescimento da produção do pré-sal trouxe benefícios à balança comercial brasileira. Em 2021, a conta de petróleo e combustíveis teve um superávit recorde de US$ 19 bilhões, quase quatro vezes o verificado cinco anos antes.

O presidente da AEB (Associação de Comércio Exterior do Brasil), José Augusto de Castro, destaca que o setor foi responsável por quase um terço do superávit comercial brasileiro em 2021. Diante da alta volatilidade das cotações internacionais, a entidade não faz projeções para o saldo do setor em 2022.

Receita com petróleo dispara, mas fica concentrada no RJ

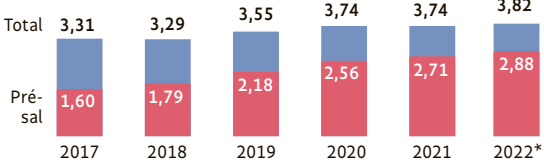
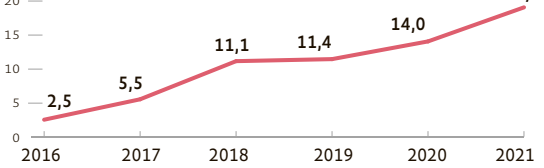
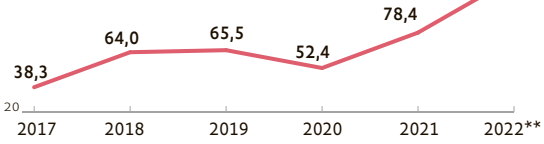
Em julho de 2021, a Prefeitura de Saquarema, a 115 quilômetros do Rio de Janeiro, anunciou "o maior pacote de obras da história" do município, com investimentos em drenagem, pavimentação, urbanização e modernização de pontos turísticos da cidade.

O pacote, batizado de "Saquarema não para", transformou a cidade em um grande canteiro de obras e é o efeito mais visível da entrada do município na lista dos novos-ricos do petróleo do país, hoje liderada pela vizinha Maricá e por Niterói.

Juntas, as três cidades concentraram em 2021 cerca de um terço dos recursos do petróleo destinados a municípios brasileiros. Só Maricá recebeu R$ 2,4 bilhões em royalties e participações especiais, segundo dados do Inforoyalties. Niterói ficou com R$ 1,9 bilhão, e a emergente Saquarema, com R$ 600 milhões.

As duas primeiras estão em frente ao campo de Lula, maior produtor de petróleo do país. Saquarema subiu na lista após o início, em 2018, da produção em Búzios, o maior campo de petróleo em águas profundas do mundo e hoje o principal polo de investimentos em produção da Petrobras.

O valor recebido pela cidade em 2021 é quase dez vezes superior ao verificado cinco anos antes, e a perspectiva é que o crescimento se acentue: levantamento feito pelo consultor Jean Penatti, da Bip, indica que Búzios receberá quatro novas plataformas até 2026.

A prioridade em infraestrutura segue exemplo dos municípios líderes em arrecadação. Com os cofres começando a encher, Maricá anunciou o asfaltamento de mais de 400 quilômetros de vias públicas. Niterói, por sua vez, concluiu grandes obras viárias prometidas há anos.

As cidades mais ricas listam outros destinos para o dinheiro, como a criação de fundos soberanos para investir parte dos recursos, de programas de renda básica e até de moedas sociais, como a Mumbuca e a Arariboia, de Maricá e Niterói, respectivamente.

Durante o período mais crítico da pandemia, os cofres cheios permitiram a criação de programas de apoio a população e empresários locais, com a distribuição de cestas básicas e auxílios financeiros.

Estudo feito pela consultoria Macroplan a pedido da **Folha** mostra, porém, que municípios beneficiados por dinheiro do petróleo não apresentam necessariamente indicadores sociais melhores do que as outras cidades brasileiras.

"De maneira geral, eles evoluem ante seu próprio desempenho no passado, mas evoluem menos quando comparados a referenciais externos", diz o diretor da consultoria Gláucio Neves.

O desempenho costuma ser pior na área de segurança pública: seis dos maiores beneficiados pelo dinheiro do petróleo no país —Campos dos Goytacazes, Maricá, Macaé, Rio das Ostras e Niterói— têm taxas de mortalidade superiores à média nacional.

Os indicadores variam bastante entre os municípios, mas os dados da consultoria mostram também dificuldades nas taxas de matrículas em creches e no cumprimento de metas educacionais do ensino fundamental.

"Estamos empenhados nos exercícios de planejar e construir o futuro", disse, em nota, o prefeito do município, Fabiano Horta (PT), que comemorou recentemente a marca de R$ 1 bilhão no fundo soberano da cidade. "Mas o petróleo um dia vai acabar, além de não pertencer à matriz energética limpa."

A receita de royalties e participações especiais do petróleo é dividida entre municípios próximos a campos produtores ou com instalações ligadas à indústria, estados produtores e União. Em 2021, o governo federal ficou com 41,6% do total distribuído, enquanto estados ficaram com 35,5%, e prefeituras, com 22,9%.

Sozinha, a União levou R$ 29,6 bilhões, segundo dados da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis). Levantamento do IFI (Instituição Fiscal Independente) mostra, porém, que a execução dessa receita tem ficado abaixo do esperado.

Em 2021, por exemplo, o governo repassou menos do que o valor orçado para áreas como ciência e tecnologia, meio ambiente, defesa e saúde, por exemplo.

Evolução do pré-sal

Média de produção em 2022

Em mil barris de óleo equivalente por dia

Histórico da produção de petróleo e gás

Em milhões de barris de óleo equivalente por dia

Saldo da balança comercial de petróleo e derivados

Em US$ bilhões

Arrecadação com royalties e participações especiais

Em R$ bilhões***

Histórico da produção de combustíveis nas refinarias nacionais

Em milhões de barris por dia

*Até março. **Projeção. ***Corrigido pelo IPCA .****Até maio. Fontes: ANP e IBP

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Dario Rais Lopes

Bloco do aeroporto de Congonhas para concessão ficou muito grande

SÃO PAULO Com leilão agendado pela Anac, a 7ª rodada das concessões, que inclui Congonhas, deixou o bloco de aeroportos grande demais, na opinião de Dario Rais Lopes, que foi secretário de Aviação Civil no governo Michel Temer.

Ele avalia que as distâncias podem desfavorecer sinergias. O maior bloco da nova rodada, liderado por Congonhas, tem outros dez terminais em Minas, Pará e Mato Grosso do Sul.

Hoje presidente da ASP Aeroportos Paulistas, que neste ano assumiu a operação de 11 aeroportos em São Paulo, Lopes também tem acompanhado a evolução do mercado de veículos voadores, que, segundo ele, tem prazo curto para solucionar os gargalos. "Vai ter equipamento no mercado a partir de 2025. Então, tem dois anos para resolver", diz.

*

Como o sr. avalia o andamento da 7ª rodada? Acho que, no afã de querer resolver, acabou-se perdendo um pouco a mão na montagem do bloco. Ficou um bloco muito grande.

Já ficou fora o Santos Dumont, o Galeão e mais os que vão ser devolvidos, Natal e Campinas. Então, por que não deixar fora mais alguns? Se vai ter mais rodadas à frente, então, que tirasse os outros aeroportos de Minas e voltasse o bloco como tinha sido concebido originalmente. O bloco original do Santos Dumont era com os três de Minas.

É complicado. Operar em rede depende de distância. Com essas distâncias, por exemplo, de Marabá para São Paulo, não tem chance de criar sinergia.

Como acontece a sinergia no setor? Tem algumas funções administrativas que têm ganhos de escala. Faz uma compra de material de consumo para todos os aeroportos e distribui de um ponto só, porque estão todos perto.

O outro ponto é mais específico. Quando se opera em rede, a empresa que administra os aeroportos pode sentar com a companhia aérea e fazer um acordo comercial de cobrar menos, ou não cobrar, do aeroporto pequeno, para criar movimento entre ele e o aeroporto maior. Esse tipo de arranjo é possível se eles são próximos.

Outro problema que chama a atenção em Congonhas é o trânsito das ruas do entorno. Como lidar com isso? Foram colocados muitos aeroportos no bloco de Congonhas e, para ficar mais atrativo, jogou-se a demanda lá em cima. Isso pode ser bom dentro do aeroporto, mas não no acesso a ele.

A redução do bloco traria de volta os ganhos de escala e de escopo e minimizaria essa questão do impacto viário, porque não precisa sair correndo atrás de mercado, já que o passivo a ser compensado é menor.

Como fica a aviação geral? Os jatinhos privados vão ter que abandonar Congonhas? Isso é bom? Não é bom. Na versão inicial, eles estavam saindo, mas na versão final devem ficar. Não deve ter essa orientação de tirar a aviação geral.

Para se ter um ideia, se pegarmos os voos da aviação geral que saíam de Congonhas e Campo de Marte antes da pandemia, dá mais de 3.000 destinos. É complicado estimular uma concessão na qual esse tipo de mercado fica em segundo plano.

Como o sr. tem avaliado o processo dos aeroportos de concessões devolvidas? No caso dos aeroportos, o processo de devolução só fortaleceu o atual modelo de concessão, porque o governo sinaliza que não vai quebrar regra do contrato. Ele mexe no modelo. Mas uma vez decidido o modelo, vai para a frente. Como estão fazendo, decidiram fazer em bloco, continua. Por isso eu digo que é muito difícil mexer no programa agora.

Por mais longe do ideal que tenha ficado, o mercado gosta de previsibilidade. E essa proposta, embora não seja a ideal, é muito próxima, está alinhada com o modelo que foi feito lá no governo Temer.

E esse assunto novo da taxa de poluição a ser cobrada dos aviões, que foi criada em Guarulhos? Outras prefeituras estão estudando replicar. Essa tendência vai pegar? Até o final da década, existe um programa da ICAO [organização internacional de aviação civil] que prevê compensação por parte das empresas aéreas. Não taxas dessa natureza. Eu penso que as pessoas estão lendo errado o que está previsto e tentando fazer uma antecipação de receita.

Em algum instante, a aviação vai ter de compensar os efeitos que causa. Mas não é esse o momento de concretizar nenhuma medida dessas. O conceito existe e uma hora deve ser implementado, mas não agora em tempo de crise.

O sr. tem estudado os veículos voadores. É um futuro distante? A questão dos eVTOL tem problemas complicados do ponto de vista operacional. Já do ponto de vista do mercado, há uma grande expectativa. Existem segmentos interessantes, algumas ligações na cidade de São Paulo e para o aeroporto de Guarulhos. São bastante promissoras.

No ensaio feito no Rio de Janeiro teve muitos problemas, como microclima, com chuva em algum ponto da viagem, sombreamento de vento entre prédios. Como se trata de um equipamento muito leve, tem de resolver esses problemas. Há uma expectativa bastante positiva pelo veículo tripulado, mas vai ter sérias dificuldades para fazer uma operação não tripulada.

Eu vejo essa possibilidade, com algumas ligações específicas em São Paulo, mas tem de resolver os problemas locais de operação associados ao microclima da cidade.

Vai ter equipamentos disponíveis no mercado a partir de 2025. Então, tem uns dois anos para resolver.

Raio-X
Engenheiro e professor da Universidade Mackenzie, é CEO da ASP (Aeroportos Paulistas), empresa que neste ano assumiu a operação de 11 aeroportos em São Paulo. Foi secretário nacional de Aviação Civil no governo Temer. Antes passou pelo cargo de secretário nacional de transporte e mobilidade urbana

Plataforma usada no pré-sal ancorada na baía de Guanabara, no Rio Janeiro Ricardo Borges/Folhapress

Venda de parte da União em contratos de partilha de petróleo é criticada

Governo estima poder arrecadar R$ 394 bilhões, mas valor é questionado por especialistas devido a variáveis envolvidas

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA Aposta liberal do novo ministro de Minas e Energia, Adolfo Sachsida, a venda da parcela da União nos atuais contratos de partilha de petróleo geridos pela estatal PPSA (Pré-Sal Petróleo S.A.) é considerada por especialistas uma operação complexa, arriscada e de difícil execução.

Um projeto de lei para autorizar a venda dos contratos da empresa, que comercializa a parcela de petróleo a que a União tem direito no pré-sal, foi apresentado pelo governo federal na quinta (9). Ministérios de Minas e Energia e da Economia estimaram um potencial de arrecadação de R$ 398,4 bilhões.

Especialistas, porém, questionam o cálculo por causa dos riscos envolvidos, duvidando da disposição de investidores em desembolsar agora bilhões que só serão recuperados no médio e longo prazo —os contratos podem durar 35 anos.

Além disso, há complicadores jurídicos, como a necessidade de repactuar todos os 19 contratos firmados com 15 empresas petrolíferas, nacionais e estrangeiras, vencedoras dos leilões do pré-sal. Técnicos da área de controle veem com ceticismo a chance de avanço nessa negociação.

A **Folha** questionou os ministérios de Minas e Energia e da Economia sobre as críticas, mas não obteve resposta até a publicação deste texto.

A PPSA negocia a parcela de petróleo da União nos chamados contratos de partilha. No regime, criado em 2010 e aplicado no pré-sal, a empresa vencedora do leilão é aquela que oferece à União a maior fatia de excedente de petróleo obtido ao longo do contrato.

Os recursos obtidos com a comercialização do chamado óleo lucro são direcionados ao Fundo Social, criado para financiar ações em educação, cultura e saúde, entre outros.

A estatal também é a representante legal da União nesses contratos e atua como fiscalizadora dos custos e da curva de produção de cada campo.

Membros do governo Jair Bolsonaro (PL) criticam o regime de partilha e preferem o modelo de de concessão, em que as empresas interessadas pagam uma outorga em troca do direito de exploração.

Em meio à defesa do governo por mudanças, Sachsida anunciou a inclusão da PPSA no Programa Nacional de Desestatização como seu primeiro ato à frente do MME. A medida indica, na prática, a intenção da União de se desfazer desses contratos —já que a empresa em si não tem grande valor monetário.

Integrantes do governo ouvidos reservadamente reconhecem que a necessidade de repactuar os contratos é um obstáculo. Além disso, avaliam que será preciso criar mecanismos de incentivo para que os parceiros da União aceitem a mudança.

A principal sócia da União nos contratos de partilha é a Petrobras, com participação em 13 dos 19 ativos. Mas há parcerias também com multinacionais como Shell, Exxon-Mobil, Total e BP, entre outras.

Fora do governo, especialistas criticam o envio do projeto em um período tão próximo ao calendário eleitoral e apontam uma série de riscos.

Diferentemente de uma dívida, que tem valor definido e pode ter os direitos de cobrança vendidos ao mercado, o valor dos contratos de partilha depende de fatores como quantidade de petróleo extraído, preço do barril e cotação do dólar.

Na avaliação de técnicos ouvidos pela **Folha**, a tendência é que eventuais investidores coloquem na conta todos esses riscos, diminuindo consideravelmente o valor arrecadado pelo governo.

O ex-secretário de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis do MME Marcio Felix, hoje presidente da EnP Energy, afirma que a venda da parcela da União é uma fonte tentadora de recursos, mas há dificuldade de estipular um preço mínimo. Além do risco de oscilação dos preços, ele diz que outros acontecimentos a longo prazo podem mudar a atratividade desses contratos, como a descoberta de novos reservatórios e a transição energética.

"Qual é o preço que os órgãos de controle vão aceitar?", questiona, destacando que a operação envolveria valores bastante superiores à capitalização da Eletrobras, cuja precificação de ativos gerou polêmica no TCU (Tribunal de Contas da União).

Na avaliação do professor Edmar Almeida, do Instituto de Energia da PUC-Rio, a simples venda dos direitos sobre as receitas futuras —operação conhecida como securitização— não seria tão complexa quanto mexer nos contratos, como propõe o governo.

Crítico do regime de partilha, ele diz que a União pode retomar o modelo de concessão no futuro, mas "não seria recomendável nem aceitável" mexer nos contratos atuais.

"Vai ter um enorme desconto no valor por causa da insegurança jurídica, regulatória e política. É um governo desmontando toda uma política e um arcabouço regulatório de um governo anterior, e nós temos aí uma polarização no país. Um outro governo, que criou todo esse arcabouço da partilha, pode ganhar as eleições. Pode não ser nessa, pode ser na próxima. Quem vai comprar tem que saber que isso pode ser questionado", afirma.

O regime de partilha foi criado no governo do ex-presidente Lula (PT), hoje primeiro colocado nas pesquisas de intenção de voto.

Almeida critica ainda o fato de o projeto de lei permitir o uso livre das receitas obtidas com a operação —rompendo a lógica da lei de 2010, que buscava maximizar o retorno da renda do petróleo ao direcionar a verba para o Fundo Social.

"O dinheiro vai ser usado para redução de dívida ou pagar despesa corrente. Isso acaba cancelando todo o esforço que foi feito para usar os recursos em prol do desenvolvimento econômico. É lamentável essa bipolaridade que estamos vivendo", afirma o professor.

> **"O dinheiro vai ser usado para redução de dívida ou pagar despesa corrente. Isso acaba cancelando todo o esforço que foi feito para usar os recursos em prol do desenvolvimento econômico**
>
> **Edmar Almeida**
> professor do Instituto de Energia da PUC-Rio

LEILÃO JUDICIAL ELETRÔNICO

IMÓVEIS COM DESÁGIOS DE ATÉ 50% SOBRE O VALOR DE AVALIAÇÃO. APROVEITE!

Prédio Comercial — ID 5826

Santo Amaro/SP

Imóvel com 46.845 m² de construção e terreno com área de 27.979 m². Composto por prédio administrativo com 5 pavimentos, galpão templo e estacionamento subsolo. Localizado a 1 min. da Estação Metrô Socorro, a 3 min. da Av. Washington Luís e a 20 min. do Aeroporto de São Paulo/Congonhas.

Avaliação **R$ 267.196.236,30** | Lances a partir de **R$ 133.598.118,15**

1° Leilão **25/07 - 14:00hs** | 2° Leilão **25/07 - 15:00hs**

Juíza: Exma. Dra. Daiane Valiati Ballottin Ronsani - 2ª Vara Cível de São Roque/SP

ID 5724

Apartamento com 117 m²
Santo André/SP
Imóvel no Cond. Parque Residencial dos Manacás, composto por sala 2 ambientes, escritório, 2 banheiros, 3 dorms, sendo 1 com suíte e closet, cozinha, área de serviço e vaga de garagem.
Avaliação **R$ 537.304,06** | Lances a partir de **R$ 483.573,65**
Leilão **14/06 - 09:00hs**
Juíza: Exma. Dra. Patrícia Svartman Poyares Ribeiro
6ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

ID 5374

Terreno Urbano com 130 m²
São José dos Campos/SP
Terreno correspondente ao lote 13 no loteamento denominado Vila Unidos. Localizado a 20 min. do centro da cidade.
Avaliação **R$ 120.469,90** | Lances a partir de **R$ 72.281,94**
Leilão **14/06 - 09:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Luís Maurício Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5735

Terreno com 350 m²
Potirendaba/SP
Terreno urbano no loteamento denominado Mini Distrito Savério Daniel, constituído pelo lote 14 da quadra A. Localizado a 4 min. do centro da cidade.
Avaliação **R$ 150.000,00** | Lances a partir de **R$ 75.000,00**
Leilão **14/06 - 16:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Marco Antônio Costa Neves Buchala
Vara Única de Potirendaba/SP

ID 5746

Imóvel Urbano
Piracicaba/SP
Imóvel com 225 m² de construção e terreno com área de 1.989 m². Localizado a 4 min. da Rodovia Geraldo de Barros e a 23 min. do centro da cidade.
Avaliação **R$ 581.677,76** | Lances a partir de **R$ 349.006,65**
1° Leilão **14/06 - 14:40hs** | 2° Leilão **05/07 - 14:40hs**
Juíza: Exma. Dra. Daniela Mie Murata
4ª Vara Cível de Piracicaba/SP

ID 5736

Imóvel Residencial
Itupeva/SP
Imóvel no Residencial Village Águas de Santa Eliza com 280 m² de construção e terreno com área de 1.000 m². Localizado a 27 min. da Rod. Marechal Rondon.
Avaliação **R$ 965.000,00** | Lances a partir de **R$ 887.800,00**
Leilão **14/06 - 15:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Fabio Fresca
4ª Vara Cível do Foro Regional III de Jabaquara/SP

ID 5737

Imóvel Residencial
Rio Claro/SP
Imóvel no loteamento denominado Jardim Novo II, com 135 m² de construção e área de terreno de 250 m². Localizado a 2 min. da Rod. Fausto Santo Mauro e a 9 min. do Shopping Rio Claro.
Avaliação **R$ 351.381,62** | Lances a partir de **R$ 175.690,81**
Leilão **14/06 - 11:00hs**
Juiz: Exmo. Dr. Alexandre Dalberto Barbosa
1ª Vara Cível de Rio Claro/SP

ID 5254

Imóvel Residencial com 310 m²
Bairro do Butantã/SP
Imóvel em localização privilegiada, situado próximo a ponte Eusébio Matoso, a 5 min. da Marginal Pinheiros e a 6 min. do Metrô Butantã.
Avaliação **R$ 2.823.916,56** | Lances a partir de **R$ 1.411.958,28**
Leilão **14/06 - 18:00hs**
Juíza: Exma. Dra. Daniela Nudeliman Guiguet Leal
2ª Vara Cível de Barueri/SP

ID 5738

Imóvel Residencial com 230 m²
Ferraz de Vasconcelos/SP
Imóvel com 230 m² de construção e terreno com área de 140 m². Localizado a 6 min. da estação CPTM Ferraz de Vasconcelos e a 7 min. do Hospital Central Leste.
Avaliação **R$ 444.028,52** | Lances a partir de **R$ 266.417,11**
Leilão **15/06 - 09:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Fabio Coimbra Junqueira
6ª Vara Cível do Foro Central de São Paulo/SP

ID 5563 - Lote 2

Apartamento com 122 m²
Santo André/SP
Imóvel no Edifício Ilhas Palaus, composto por 3 dorms, sendo 1 suíte, sala de estar e jantar, terraço, cozinha, 2 banheiros, dormitório e banheiro de empregada, área de serviço e vaga de garagem.
Avaliação **R$ 628.074,14** | Lances a partir de **R$ 471.055,60**
Leilão **15/06 - 14:00hs**
Juiz: Exmo. Dr. Gustavo Dall'Olio
8ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

ID 5272

Imóvel Residencial
São José dos Campos/SP
Imóvel com 262 m² de construção e terreno com área de 2.525 m². Composto por sala ampla, 3 dormitórios, 3 banheiros, copa, cozinha, área de serviço e garagem coberta.
Avaliação **R$ 1.211.526,96** | Lances a partir de **R$ 969.221,56**
Leilão **15/06 - 15:00hs**
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5179 - Lote 2

10 Glebas de Terras
Campinas/SP
Área rural, composta por 10 Glebas de terras com área total de 21 hectares. Localizadas na região do Distrito de Joaquim Egídio, a 6 min. da Rod. José Bonifácio Coutinho Nogueira e a 19 min. do Parque Pico das Cabras em Campinas/SP.
Avaliação **R$ 4.355.718,65** | Lances a partir de **R$ 2.177.859,32**
Leilão **15/06 - 15:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Celso Alves de Rezende
7ª Vara Cível de Campinas/SP

ID 5742

Imóvel Residencial
Barueri/SP
Imóvel no Cond. Residencial Parque Esmeralda com 251 m² de construção e terreno com 191 m². Composto por cozinha, lavanderia, 2 salas, lavabo, banheiros, 3 dorms, sendo 1 suíte, varandas, quiosque com churrasqueira, garagem, porão e 2 acessos de entrada.
Avaliação **R$ 1.595.002,55** | Lances a partir de **R$ 1.196.251,90**
Leilão **15/06 - 16:00hs**
Juíza: Exma. Dra. Maria Elizabeth de Oliveira Bortoloto
6ª Vara Cível de Barueri/SP

ID 4705

Cobertura Duplex com 666 m²
Ribeirão Preto/SP
Imóvel de alto padrão, composto por 4 suítes, sala estar, sala de TV, lavabo, copa, cozinha, lavanderia, despensa e dependências de empregada, varandas, salão, sauna, vestiários, lavanderia, piscina e 4 vagas de garagem.
Avaliação **R$ 1.195.660,55** | Lances a partir de **R$ 597.830,27**
Leilão **15/06 - 17:00hs**
Juiz: Exmo. Dr. Alex Ricardo dos Santos Tavares
9ª Vara Cível de Ribeirão Preto/SP

ID 5764

Sala Comercial com 44 m²
Campinas/SP
Imóvel no Condomínio Comercial Swiss Park com vaga de garagem. Localizado às margens da Rodovia Anhanguera, a 9 min. do Campinas Shopping e a 19 min. do Aeroporto Internacional de Viracopos.
Avaliação **R$ 246.000,00** | Lances a partir de **R$ 196.800,00**
1° Leilão **21/06 - 09:00hs** | 2° Leilão **12/07 - 09:00hs**
Juiz: Exmo. Dr. Fabio Fresca
4ª Vara Cível do Foro Regional III de Jabaquara/SP

ID 5768

Apartamento com 126 m²
Guarujá/SP
Imóvel no Condomínio Golden Beach, composto por 3 dorms, 2 banheiros, sala de estar/jantar, 2 varandas, cozinha, área de serviço, sala íntima, hall e 4 vagas de garagem.
Avaliação **R$ 997.369,39** | Lances a partir de **R$ 498.684,69**
1° Leilão **21/06 - 09:40hs** | 2° Leilão **12/07 - 09:40hs**
Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Machado da Silva
4ª Vara Cível de Guarujá/SP

ID 5765

Apartamento
Bairro Santana/SP
Imóvel de 297 m² no Edifício Hélio Franco Chaves, composto por 4 dorms, 4 suítes e 5 vagas de garagem. Localizado a 3 min. da Av. Engenheiro Caetano Álvares e a 4 min. do Hospital São Camilo.
Avaliação **R$ 2.072.690,08** | Lances a partir de **R$ 1.658.152,06**
1° Leilão **21/06 - 10:00hs** | 2° Leilão **12/07 - 10:00hs**
Juiz: Exmo. Dr. Roge Naim Tenn
1ª Vara Cível de São Roque/SP

ID 5769

Imóvel Residencial
Praia Grande/SP
Imóvel no Cond. Residencial Terraza Di Napoli com 37 m² de construção e terreno com 66 m². Composto por 2 dorms, sendo 1 suíte, sala de estar e jantar, cozinha, área de serviço e vaga de garagem.
Avaliação **R$ 104.305,09** | Lances a partir de **R$ 62.583,05**
1° Leilão **21/06 - 10:20hs** | 2° Leilão **12/07 - 10:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Raul de Aguiar Ribeiro Filho
3ª Vara Cível de Barueri/SP

ID 5770

Apartamento com 61 m²
Bairro Saúde/SP
Imóvel no Cond. Residencial Marquês de Lages, composto por 3 dorms, sala, cozinha, banheiro, área de serviço e vaga de garagem. Localizado a 6 min. da Rodovia Anchieta.
Avaliação **R$ 299.527,01** | Lances a partir de **R$ 179.716,20**
1° Leilão **21/06 - 10:40hs** | 2° Leilão **12/07 - 10:40hs**
Juíza: Exma. Dra. Lídia Regina Rodrigues Monteiro Cabrini
3ª Vara Cível do Foro Regional III de Jabaquara/SP

ID 5767

Apartamento Cobertura
São Bernardo do Campo/SP
Imóvel com 166 m² no Cond. Alta Vista Club & Home. Composto por 3 dorms, sendo 1 suíte, 2 banheiros, 2 salas, cozinha, área de serviço com wc, 2 terraços, área descoberta, deck, piscina e 3 vagas de garagem.
Avaliação **R$ 1.091.535,53** | Lances a partir de **R$ 654.921,31**
1° Leilão **21/06 - 15:00hs** | 2° Leilão **12/07 - 15:00hs**
Juíza: Exma. Dra. Patrícia Svartman Poyares Ribeiro
6ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

ID 5773

Imóvel Residencial
Mogi Mirim/SP
Imóvel com 199 m² de construção e terreno com área de 305 m². Localizado a 7 min. do centro da cidade e a 9 min. da Rodovia Gov. Dr. Adhemar Pereira de Barros.
Avaliação **R$ 188.788,04** | Lances a partir de **R$ 113.272,82**
1° Leilão **23/06 - 09:20hs** | 2° Leilão **14/07 - 09:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Marcos Douglas Veloso Balbino da Silva
2ª Vara Cível de Piracicaba/SP

ID 5605

DESOCUPADO

Apartamento Duplex
Bairro Vila Mariana/SP
Imóvel no Edifício Porto Belo com 196 m² e 3 vagas de garagem. Localizado a 3 min. da Avenida Dr. Ricardo Jafet e a 5 min. do Metrô Chácara Klabin.
Avaliação **R$ 1.561.333,88** | Lances a partir de **R$ 936.800,32**
1° Leilão **23/06 - 15:00hs** | 2° Leilão **15/07 - 15:00hs**
Juíza: Exma. Dra. Cinara Palhares
15ª Vara Cível do Foro Central de São Paulo/SP

ID 5799

Apartamento com 116 m²
Guarujá/SP
Imóvel no Edifício Guarararu, composto por 2 dorms, banheiro, sala com varanda vista para o mar, dormitório e wc de empregada, cozinha, área de serviço e vaga de garagem.
Avaliação **R$ 639.493,39** | Lances a partir de **R$ 383.696,03**
1° Leilão **23/06 - 15:20hs** | 2° Leilão **13/07 - 15:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Rodrigo Galvão Medina
9ª Vara Cível do Foro Central de São Paulo/SP

ID 5744

Apartamento Duplex
Bairro Saúde/SP
Imóvel com 142 m² no Cond. Residencial Santi Albani, composto por 3 salas, 2 dorms, sendo 1 suíte, cozinha, 2 banheiros, sacada, terraço e 2 vagas de garagem. Localizado a 2 min. da Rod. Anchieta e a 7 min. do Shopping Heliópolis.
Avaliação **R$ 846.685,41** | Lances a partir de **R$ 508.011,24**
1° Leilão **01/06 - 10:20hs** | 2° Leilão **28/06 - 10:20hs**
Juíza: Exma. Dra. Claudia Felix de Lima
5ª Vara Cível do Foro Regional III de Jabaquara/SP

ID 5777

Apartamento com 55 m²
Barueri/SP
Imóvel no Condomínio Residencial Premiere, composto por 2 dorms, banheiro, sala 2 ambientes, cozinha, área de serviço e 2 vagas de garagem. Localizado a 7 min. do Parque Municipal Dom José - Barueri.
Avaliação **R$ 372.389,74** | Lances a partir de **R$ 223.433,84**
1° Leilão **30/06 - 10:40hs** | 2° Leilão **26/07 - 10:40hs**
Juiz: Exmo. Dr. Lucas Borges Dias
5ª Vara Cível de Barueri/SP

ID 5759

Imóvel Residencial
São Paulo/SP
Imóvel com 228 m² de construção e terreno com área de 313 m². Localizado a 3 min. da Av. Professor Luiz Ignácio Anhaia Mello e a 9 min. do Central Plaza Shopping.
Avaliação **R$ 1.157.270,29** | Lances a partir de **R$ 694.362,17**
1° Leilão **09/06 - 15:00hs** | 2° Leilão **29/06 - 15:00hs**
Juíza: Exma. Dra. Claudia Ribeiro
4ª Vara Cível do Foro Regional IX de Vila Prudente/SP

Imóveis Residenciais — ID 5739

Embu das Artes/SP

6 imóveis residenciais e demais benfeitorias com 1.083 m² de construção e terreno com área de 67.000 m². Composto por piscina, campo de futebol, capela, quadra poliesportiva, playground, diversos quiosques com churrasqueira e lago.

Avaliação **R$ 7.200.000,00**
Lances a partir de **R$ 6.120.576,00**

Leilão **15/06 - 10:00hs**

Juíza: Exma. Dra. Clarissa Somesom Tauk
3ª Vara de Falências e Rec. Judiciais de São Paulo/SP

Prédio Comercial — ID 5563 - Lote 1

Santo André/SP

Imóvel comercial de 3 pavimentos com área de 216 m². Composto por divisões internas, cozinha, salas e banheiros. Localizado em área industrial, a 6 min. do Atrium Shopping e a 7 min. da Avenida dos Estados.

Avaliação **R$ 2.380.866,23**
Lances a partir de **R$ 1.732.382,70**

Leilão **15/06 - 14:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Gustavo Dall'Olio
8ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200 | 11 95577 1200 | **www.leje.com.br**

@lejeoficial

Leilão Judicial Eletrônico

Covid e popularidade de Bolsonaro

Renda dos mais pobres cresceu em 2020, mas levou o tombo mais dramático em 2021

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

A gente especulava que o fim do auxílio emergencial de R$ 600 ajudou a derrubar a popularidade de Jair Bolsonaro. Os números impressionantes da pesquisa de rendimentos do IBGE, a Pnad Anual, divulgada na sexta-feira (10), reforçam a hipótese.

O rendimento dos brasileiros que estão entre os 40% mais pobres teve um ganho relevante em 2020, primeiro ano da pandemia. Entre os 10% mais pobres, o aumento médio foi de 15% acima da inflação, por exemplo, chegando ao maior nível desde 2016. Para o restante do grupo dos 40% mais pobres, o avanço foi menor, mas o rendimento real em 2020 chegou a ser maior do que em 2015.

Para os 60% "mais ricos", o rendimento médio caiu em 2020, embora pesquisas como a Pnad não captem bem certos ganhos das pessoas no topo da pirâmide.

Renda aqui quer dizer "rendimento domiciliar per capita" (rendimento somado de todas as pessoas que moram juntas dividido pelo número de moradores da casa). Inclui rendimentos de trabalho, Previdência, assistência social ou outros quaisquer.

Em 2021, toda as classes de renda perderam —quanto mais pobre, maior o tombo. Perdeu-se não apenas o avanço de 2020 mas a renda baixou ao pior nível da década, o menor desde 2012, pelo menos (é o último ano para o qual há dados comparáveis).

A assistência diminuiu, assim como seu efeito sobre pequenos circuitos econômicos locais, talvez no emprego/bico em periferias e cidades menores. A inflação fez o resto do estrago. No ano passado, o rendimento dos 5% mais pobres do Brasil era 48% menor do que em 2012.

Entre agosto e dezembro de 2020, a nota de Bolsonaro chegaria ao melhor nível, com exceção do primeiro trimestre de 2019, início do mandato. No segundo semestre de 2020, a avaliação da situação econômica também melhorava, embora ainda negativa.

Depois do final de 2020, a avaliação de Bolsonaro jamais sairia do vermelho: o número de pessoas que lhe davam a nota "ruim/péssimo" sempre foi maior do que o de "ótimo/bom".

Em 2021, a atividade econômica, o PIB, cresceu, compensando as perdas de 2020, uma recuperação em "V", como gosta de dizer Paulo Guedes. Mas o avanço da renda, oh, ficou muito abaixo de "O", zero.

Pelos dados ora disponíveis no IBGE, não dá para cravar que o aumento de rendimento dos mais pobres tenha se devido exatamente ao auxílio emergencial. Mas a variação do rendimento domiciliar per capita entre 2019 e 2021, da alta à baixa, foi mais expressiva nas casas em que se recebia assistência.

Não convém dar crédito excessivo a explicações econômicas —lembre-se de Junho de 2013. E por que as mulheres votam menos em Bolsonaro? Elas penam mais com a pobreza, mas seria só isso? Além do mais, o final de 2020 foi de arrefecimento da pandemia; a primeira metade de 2021 foi de recrudescimento brutal, os meses de maior morticínio.

As atrocidades de Bolsonaro devem ter insultado os já feridos: debochava de doentes em asfixia, mandava as pessoas à morte (que deixassem de ser "maricas") e passeava de jet-ski enquanto dezenas de milhares agonizavam ou enterravam seus mortos sem dizer adeus. Não tinha palavra sobre a fome crescente.

A impopularidade de Bolsonaro cresceria até setembro de 2021, ficando mais ou menos nesse patamar recorde até fevereiro deste 2022. Então o número de pessoas com algum trabalho começaria a crescer de modo expressivo, embora o valor do salário médio também ainda seja o pior da década.

Por último, mas não menos importante: a distância entre os salários médios de brancos e pretos aumentou na recessão de 2016. Em 2021, pessoas brancas ganhavam em média 77,6% mais do que as pretas.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Eduardo Barbosa, com foto de Amanda Marfree, morta em 2020, e Marcella Montteiro, com bandeira trans Fotos Eduardo Knapp/Folhapress

Mortes por Covid deixam vazio que também abate economia

Brasil já perdeu R$ 16,5 bilhões em capital humano, segundo FGV Ibre

Douglas Gavras

SÃO PAULO Ao falar dos amigos mortos por consequência da Covid-19, é como se Sérgio Rosa, há 41 anos nos Demônios da Garoa, pedisse licença à tristeza —ao dizer uma frase mais dolorosa, ele logo parece compensar com uma outra de esperança.

A pandemia foi cruel com o grupo: nos últimos dois anos, eles perderam o companheiro Izael Caldeira, que tocava timba (instrumento de percussão), e o empresário, Odilon Cardoso.

"Izael morreu em consequência da Covid-19 em 2021, era nosso companheiro desde 1999 e foi uma grande presença na trajetória do grupo. A trajetória do artista é sempre cheia de altos e baixos, mas a gente prefere guardar os momentos bons", diz.

Odilon, morto em 2020, foi empresário do conjunto por quase 30 anos e é definido por Rosa como "a grande engrenagem do grupo". "A gente sabe que é difícil, ele também faz muita falta. Com a sua morte, a filha dele, Thaís, assumiu o posto."

Ele diz que, após os percalços, o grupo espera continuar retomando as atividades. "Infelizmente, não dá para voltar no tempo, mas somos todos operários da música, e eles também se sentiam assim."

Na sexta-feira (10), o país atingiu a marca de 668.007 vidas perdidas e 31.416.072 pessoas infectadas, de acordo com levantamento do consórcio dos veículos de imprensa. Os números melhoraram a partir da vacinação, mas as últimas semanas registraram um aumento de novos casos.

A perda substancial de vidas, além de enlutar famílias, se traduz em menos rendimentos. De março de 2020 até março de 2022, a perda para o país em capital humano é de R$ 16,5 bilhões por ano, ao considerar o rendimento mensal vindo do trabalho das vítimas que tinham até 69 anos e a renda dos idosos a partir dos 70 anos.

A conta foi feita pelos pesquisadores Claudio Considera e Juliana Trece, do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas), e estima quanto essas pessoas ganhariam em vida.

Para esses cálculos, foram usados dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) e outras fontes, como a Síntese de Indicadores Sociais, também do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Não fosse a pandemia, esses trabalhadores que tiveram suas vidas abreviadas conseguiriam um rendimento total de R$ 285,9 bilhões ao longo de suas carreiras, considerando as projeções do IBGE para a expectativa de vida, ainda segundo os pesquisadores.

"Ele era o meu melhor amigo", diz o professor da Faculdade de Arquitetura da USP Fábio Mariz Gonçalves, ao se lembrar do colega Silvio Macedo, morto em 2021. "Ele era um professor muito apaixonado pelo magistério, poderia ter se aposentado há 15 anos."

Referência no ensino do paisagismo no país, Macedo começou a dar aulas em 1967, formou professores de outras universidades e ajudou a constituir uma rede de pesquisadores em sua área.

Vivia o cotidiano acadêmico com tanto fervor que cuidou do projeto paisagístico da praça do Relógio, no campus, nadava todos os dias na USP e conheceu sua mulher no coral da universidade.

"Em 2017, ele sofreu um AVC, que prejudicou sua mobilidade. Acabei assumindo a orientação de parte dos seus alunos. Mas ele seguiu dando aulas assim mesmo. Morreu cerca de um mês antes de poder receber a primeira dose da vacina e deixou um vazio que nunca vamos conseguir preencher."

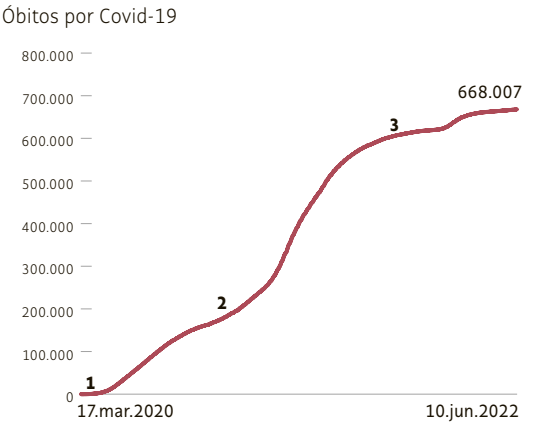
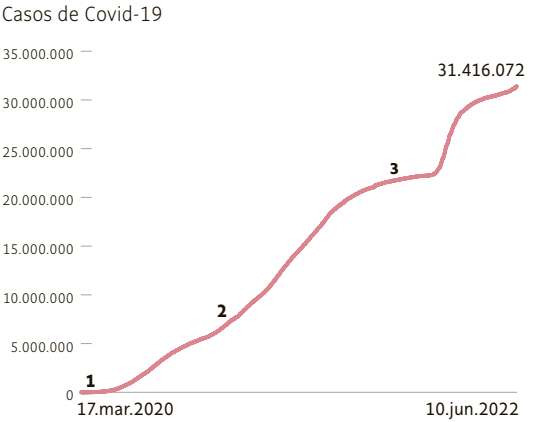
"A forma como o Brasil lidou com a pandemia foi uma desgraça, quando se pensa que essa é uma doença que nos alcança facilmente e ainda não se sabe quais são todos os efeitos colaterais e de longo prazo", diz Considera, do Ibre.

Ele complementa que os cálculos levam em conta o rendimento que se perdeu com essas mortes, mas há outros aspectos importantes, como o conhecimento que cada pessoa deixará de passar, uma bagagem formada durante toda a vida.

"Uma amiga de 40 anos, especialista em estatísticas, morreu no início da pandemia, tinha boa saúde. Perdeu-se a renda de uma família e os ensinamentos que ela deixa de passar. Nós, que ficamos, não podemos mais contar com o conhecimento dela, que era tão importante para o nosso trabalho."

Continua na pág. 19

Marcas da pandemia

Impactos dos mais de dois anos do início da crise sanitária

1 - Abr.20: Início do pagamento do Auxílio Emergencial
2 - Abr.21: Desemprego bate recorde no período
3 - Nov.21: Bolsa Família vira Auxílio Brasil

R$ 16,5 bilhões
é a perda de renda anual estimada das pessoas que morreram em dois anos de pandemia

Fontes: Consórcio dos veículos de imprensa, IBGE e pesquisadores do Ibre/FGV

Continuação da pág. 18

As marcas deixadas pela crise sanitária na economia são visíveis. Na semana passada, um relatório da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional apontou que 33 milhões de pessoas passam fome no Brasil, um patamar maior do que há três décadas.

O Ballet Manguinhos, criado há dez anos em uma comunidade do Rio de Janeiro, perdeu sua fundadora no ano passado, a educadora física Daiana Ferreira. Neste ano, termina o contrato com uma associação dos EUA firmado por ela, e o projeto busca um novo patrocinador para não fechar.

O vírus matou mais de 90 defensores de direitos humanos apenas no primeiro ano da pandemia, segundo a organização Justiça Global. Entre eles, estavam pessoas que participavam na luta pela terra e por territórios, como o cacique Aritana Yawalapiti, e a ativista pelos direitos LGBTQIA+ Amanda Marfree.

“Sabe aquelas perdas difíceis de entender? Perdemos uma profissional exemplar e uma pessoa fora do comum, que usava sua experiência de vida para mostrar a outras mulheres trans a possibilidade de vencer na vida”, diz Marcella Montteiro, amiga de Amanda e que trabalhou com ela no CRD (Centro de Referência e Defesa da Diversidade).

Amanda e ela participaram da primeira turma do programa Transcidadania, de reintegração social e resgate da cidadania para travestis, mulheres e homens trans em situação de vulnerabilidade.

Com ela, o centro perdeu uma das pontes para se aproximar da comunidade, lembra Eduardo Barbosa, diretor do CRD. “Ela se tornou uma orientadora socioeducativa conhecida e ajudou várias pessoas durante a pandemia, mas acabou não sobrevivendo a esse momento terrível.”

As mortes também foram sentidas por empresas —sobretudo as de menor porte. A crise provocada pela Covid chegou a afetar o faturamento de 89% dos pequenos negócios em 2021, segundo pesquisa FGV/Sebrae.

Para a cearense C.S., 34, que pediu para não ser identificada, a morte do noivo, Caio, se materializou quando a empresa de instalação de telas de segurança que ele criou fechou as portas. “Era o grande sonho dele, era dali que tirávamos os recursos para pagar a prestação da nossa festa de casamento, mas não deu tempo de nos casarmos.”

Com a morte de Caio, no fim de 2020, o pai e o irmão dele chegaram a assumir o negócio, mas a falta de experiência dos dois pesou, e a empresa fechou em alguns meses.

A marca Estilo Black e a Estilo Toalhas, criada por André Luis, ativista da periferia da Grande São Paulo, foi assumida pela mãe e irmã após sua morte, em janeiro deste ano.

André também era cofundador da ONG Taboafro. Ele trabalhava no fortalecimento da população negra e das religiões de matrizes africanas em Taboão da Serra, na Grande São Paulo. Ficaram dele a intensidade e a dedicação, conta outro cofundador da organização, Clayton Luiz.

“Antes, a militância preta era sazonal, conseguimos instituir na cidade um calendário regular. O sonho dele, de montar uma casa de acolhimento para pessoas vulneráveis, sobretudo ligadas às causas que nós defendemos, virou nossa meta. E, quando ela ficar pronta, vai levar o nome dele.”

Fabio Mariz, professor da FAU-USP, segura livros do seu colega Silvio Macedo, vítima da Covid em 2021

Sérgio Rosa, do Demônios da Garoa, que perdeu músico Izael Caldeira e empresário Odilon Cardoso

O nome de Ana Marangoni, entre os geógrafos da USP, costuma ser associado a termos como “erudita” e “amável”. Talvez suas origens, no interior paulista, expliquem o jeito carinhoso e humilde, arrisca o colega Yuri Tavares Rocha.

“Além de ter sido professora da universidade, ela tinha uma atuação grande no planejamento governamental, assessorou diversos municípios em seus planos diretores, atuou em prefeituras e órgãos. Era uma referência para todos nós”, conta.

A imagem que ele faz ao tentar calcular a perda da amiga, que morreu em 2021, é a de uma biblioteca que, de forma repentina, foi trancada e é como se ninguém soubesse como destrancá-la. “Ela tinha a preocupação de fazer com que os alunos pudessem aplicar o conhecimento na vida profissional. Essa lacuna não se preenche, mas ao menos ela pôde orientar muitas pessoas.”

Pessoas são insubstituíveis e quando são indivíduos que tiveram formações peculiares, isso se torna ainda mais visível, diz Helena Nader, presidente da ABC (Academia Brasileira de Ciências).

Ela complementa que as equipes de pesquisadores, acadêmicos e cientistas do Brasil já são reduzidas e devem levar tempo para se recuperar desse baque. “Vamos ter de formar novos capitais humanos para manter a ciência viva, apesar de todos os esforços recentes em contrário do governo brasileiro.”

Na quinta-feira (9), durante a Cúpulas das Américas, Bolsonaro voltou a culpar as medidas de distanciamento pelos problemas econômicos.

Especialistas, no entanto, reforçam que o governo investiu em um falso dilema entre salvar a economia e preservar vidas. Em março de 2021, mais de 1.500 economistas assinaram uma carta pedindo medidas de distanciamento e uma ação nacional coordenada. “A experiência mostrou que mesmo países que optaram inicialmente por evitar o lockdown terminaram por adotá-lo”, dizia o texto.

Guilherme Mello

Se alguém pode falar em responsabilidade fiscal, esse alguém é o Lula

Um dos coordenadores de programa do PT, economista afirma que prioridade é aquecer economia e reduzir dívida pública

Jardiel Carvalho/Folhapress

Guilherme Mello, 39
Graduado em ciências econômicas pela PUC-SP, com mestrado em economia política e doutorado em ciência econômica pela Unicamp. É professor do Instituto de Economia da Unicamp e coordenador do Núcleo de Acompanhamento de Políticas Públicas - Economia do PT

ENTREVISTA

Fernando Canzian

SÃO PAULO As primeiras diretrizes do plano de governo da chapa Lula-Alckmin preveem o fim do teto de gastos e a revogação da reforma trabalhista, mudanças que foram aprovadas durante o governo Temer (2016-1018).

Segundo o professor da Unicamp Guilherme Mello, 39, coordenador do Núcleo de Acompanhamento de Políticas Públicas - Economia do PT (que compartilha a função com Aloizio Mercadante), um eventual governo Lula buscará um novo regime fiscal, baseado em experiências internacionais, que priorize o gasto social, dinamize a economia e reduza a relação dívida/PIB —principal indicador de solvência do país.

"Temos 33 milhões de pessoas passando fome. A prioridade é atender essas pessoas com políticas públicas", diz.

Mello defende que o PT foi e voltará a ser responsável fiscalmente. "Se tem alguém que pode falar em responsabilidade fiscal, esse alguém é o Lula."

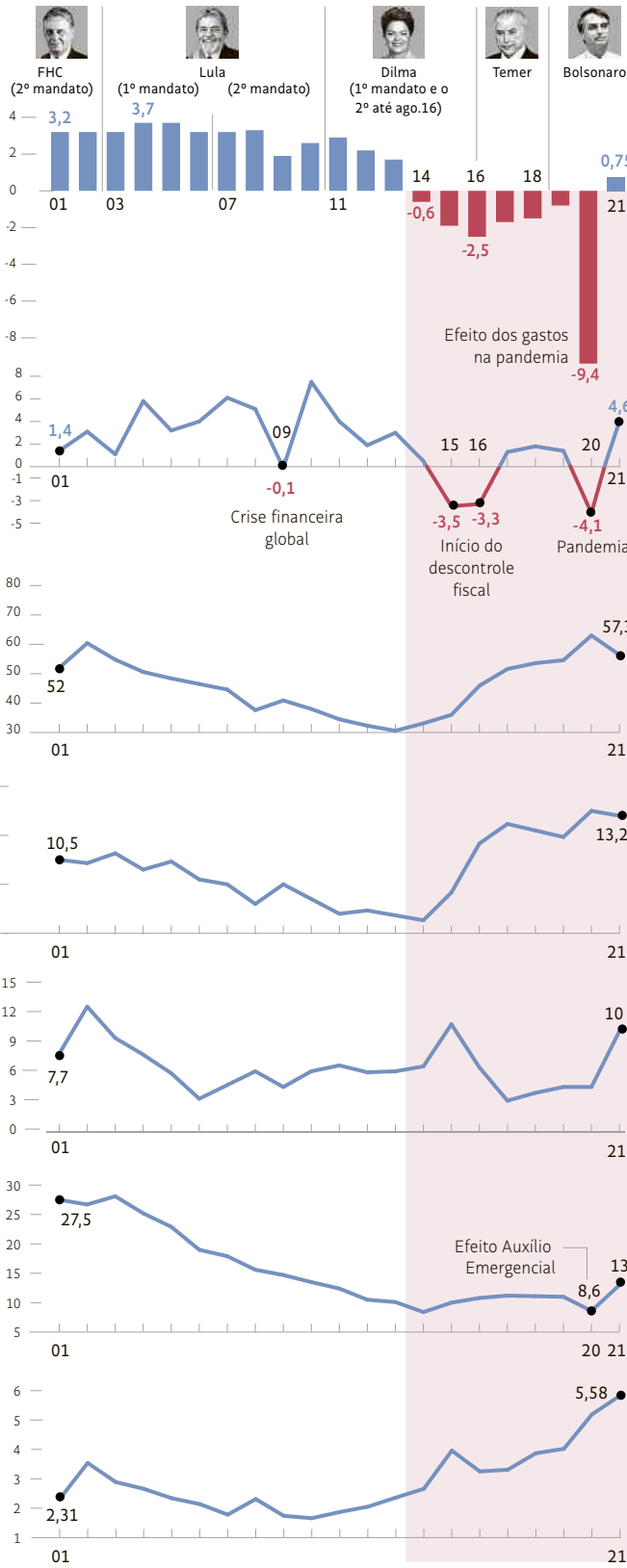
*

O PT diz querer "recolocar os pobres e os trabalhadores no Orçamento", mas afirma que "é preciso revogar o teto de gastos e rever o atual regime fiscal brasileiro". Como fazê-lo mantendo as contas em ordem? Temos que ter claro que, sem crescimento, é muito difícil conseguir algum tipo de trajetória fiscal positiva. O crescimento dinamiza o mercado, gera receita, formaliza uma parte dos trabalhadores. Tudo isso tem impacto fiscal relevante. Além de aumentar o PIB, que é o denominador. E o principal [no controle fiscal] é a relação entre dívida [pública] e o PIB.

As políticas distributivas têm um papel na retomada do crescimento. Uma coisa alimenta a outra. Politicas bem desenhadas que aumentem a renda e o emprego terão impacto no crescimento, que vai ajudar, a médio e longo prazo, a conquistar a sustentabilidade.

Nos governos Lula tivemos aumento do investimento público, tanto no social quanto na infraestrutura, e queda na relação dívida/PIB. O crescimento é um tema, mas não o único.

O atual arcabouço perdeu a credibilidade. O Bolsonaro já furou o teto em seu governo e tem mais essa tentativa absurda de modificar o ICMS [para baratear combustíveis], que vai ser caríssimo e terá pouco efeito sobre os preços. Além de tirar financiamento da saúde e da educação. Um terror.

A regra [do teto] tinha problemas de desenho e vem sendo desrespeitada sistematicamente. O teto não cumpriu o que prometia, não só no sentido de crescimento e aumento do investimento. Ele piorou a qualidade e a transparência do gasto público, com emendas do relator e orçamento secreto, colocando os investimentos numa mínima histórica.

*Renda domiciliar per capita até R$ 290 (a preços de 2022) a partir dos microdados harmonizados da PnadC e da Pnad Covid do IBGE. Para 2020, estimativa preliminar pela Pnad Covid | Fonte: FGV Social, Ministério da Economia, IBGE, Banco Central, FMI e MB Associados

O que colocar no lugar do teto? Estamos olhando os princípios de arcabouços fiscais consagrados na literatura e na experiência internacionais. Se é flexível, anticíclico, se prioriza gastos distributivos de alto multiplicador, com dimensões de acompanhamento dos gastos.

Há vários formatos possíveis. Tem países com regras de gasto. Outros, de resultado primário ou nominal. Ou com regra para o resultado ajustado pelo ciclo [econômico], ou ao longo do ciclo. Há países com regras de dívida [relação dívida/PIB] definida.

O melhor será aquele que construa um consenso acerca da regra. O que importa é que, independente do formato, ela respeite os princípios.

Hoje temos três regras: a de ouro [que proíbe o governo de fazer dívidas para pagar despesas correntes, como salários], o teto [que limita o aumento da despesa à inflação do ano anterior] e a Lei de Responsabilidade Fiscal.

As três não conversam entre si, são de gerações diferentes e não respeitam o que se estabelece como boa regra fiscal na literatura internacional.

Quem vai definir a nova regra será o novo governo e o novo Congresso. Eles não estão eleitos ainda. Tudo pode ser negociado. O que não é recomendável é tentar fazer uma regra que fuja aos princípios estabelecidos na literatura e experiência internacionais como adequada.

Faz parte da orientação a geração de superávits primários para controlar a dívida? Obviamente que o objetivo principal será estabilizar ou reduzir a relação dívida/PIB. Quando se fala em sustentabilidade, o principal indicador é a relação dívida líquida/PIB. O superávit primário é um componente dessa equação. Existem outros, como reduzir a inflação e os juros. Temos que construir uma trajetória nessa direção.

O desenho vai depender. Quando falamos em regra de gasto, o controle é pelo gasto, que é o teto. Nesse caso, o resultado primário pode variar. Pois, em alguns anos, a arrecadação pode vir melhor do que em outros. Posso ter também uma regra de resultado, que pode ser ajustado tanto do lado do gasto quanto da receita. Outros países têm regra para limite da dívida, o que acho um pouco mais complicado.

Independente de qual será o desenho do novo arcabouço, o que importa é que ele tenha um objetivo: compatibilizar a possibilidade de reativação dos investimentos e do crescimento projetando uma trajetória fiscal de estabilização e redução da dívida a médio e longo prazo.

A maior justificativa para a adoção do teto foi que o gasto público cresceu acima da inflação entre 1997 e 2016. Isso foi pago com aumento da carga tributária e do endividamento público. Uma regra de gasto não é mais segura? Podemos criar uma regra de gastos mais alinhada às experiências internacionais. A nossa é muito ruim e promoveu a piora na qualidade do gasto, a deterioração dos serviços públicos e não é mais sustentável ou crível. Tanto é ruim que quem a defende fura.

Uma das coisas muito claras na literatura internacional é priorizar investimentos sociais e em infraestrutura, com maior efeito multiplicador para distribuir renda e aumentar a produtividade.

Quando Lula assumiu o Brasil, fazia superávits para controlar a dívida desde 1999. No biênio 2004/2005, eles chegaram a 3,7% do PIB; e a economia deslanchou. Parece haver compreensão de que isso foi importante. Mas só em 2021 voltamos a ter superávit, após sete anos de déficit no governo Dilma. O que seria mais prudente: perseverar um pouco no atual caminho ou gastar mais de saída? Há um desafio à frente. Temos 33 milhões de pessoas passando fome, com a miséria tomando conta do país. Isso é inaceitável e, antes de qualquer coisa, a prioridade é atender essas pessoas com políticas públicas. Do ponto de vista do economista, isso é gasto. Mas há o impacto multiplicador desse gasto, que é claramente dinamizador, como foi nos governos Lula.

Sim, tem uma discussão sobre o arcabouço fiscal e como ele será reformado. O que o Lula representou em seus governos é que haverá investimento pesado no social. E precisamos pensar também o lado da receita, com uma estrutura tributária mais eficiente.

Uma vez vencida a eleição, Lula estará legitimado pelas urnas, com uma base parlamentar reforçada, espero. Ele poderá abrir o diálogo para encontrar a solução para esses investimentos.

Existe muita gente que mantém a narrativa de que os governos do PT gastaram demais e quebraram o Brasil. Isso não é verdade.

A dívida líquida era de 60% em relação ao PIB em 2002, antes de o Lula assumir. Ela caiu pela metade no governo Dilma [para 30,6% do PIB em 2013].

Mas isso virou no governo Dilma. É verdade que o fluxo das receitas diminuiu logo depois e que o das despesas cresceu, embora menos do que antes, e que isso foi retirando espaço fiscal do governo. Mas falar que houve gastança e que o PT quebrou o país não tem respaldo nos dados.

Nos governos do PT, o Brasil não só reduziu pela metade a dívida líquida como o fez pagando toda a dívida externa e acumulando U$ 370 bilhões em reservas internacionais.

É verdade que tivemos um déficit em 2014, e não estou negando que tenha havido uma deterioração. Mas não é verdadeira a narrativa de que a crise ocorre por gastança e irresponsabilidade.

Se tem alguém que pode falar em responsabilidade fiscal, esse alguém é o Lula. Agora, precisamos de um arcabouço fiscal novo, mas ele precisa dialogar com a realidade nacional e internacional. O nosso atual não dialoga com nada.

O esboço de programa defende "a revogação da reforma trabalhista feita no governo Temer e a construção de uma nova legislação trabalhista". O que se pretende colocar no lugar? O desafio é como regular as relações de trabalho em um mundo que está em constante mudança, com novas categorias. Há cinco anos eu não me lembro de pedir comida por aplicativo.

Mas a flexibilidade não foi no sentido de um mundo que mudou? Não estou dizendo que nada do que está lá presta. Mas ela foi uma reforma inspirada na que a Espanha fez em 2012, e que agora foi revista, pois os problemas que surgiram lá também estão surgindo aqui.

No fundo, ela enfraqueceu muito a negociação coletiva, os sindicatos e a Justiça do Trabalho. E dá muita força para a negociação individual. Em um cenário de recessão e alto desemprego, tem como consequência, como estamos vendo agora, a queda do rendimento do trabalhador.

O que precisamos é de um arcabouço negociado, numa mesa de negociação com empresários, trabalhadores e setor público. Não estou falando do que vai voltar para a antiga CLT. Ninguém está dizendo isso. Mas de um novo arcabouço que dê conta desse mundo do trabalho que está mudando, com pessoas que ficaram de fora dessa legislação e absolutamente desprovidas de direitos.

E, ao mesmo tempo, que fortaleça a negociação coletiva e a organização dos trabalhadores.

O que ocorreu?

Intervencionismo e erros de política econômica explicam parte da perda do PIB

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

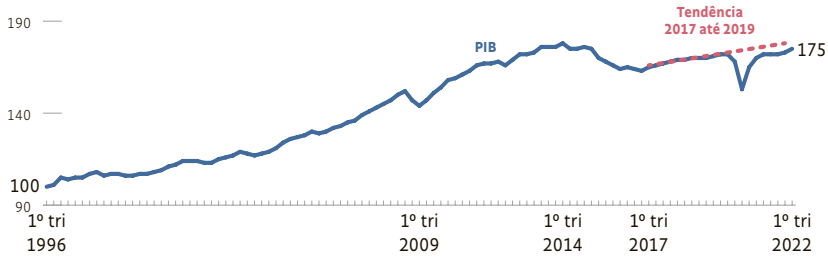
O gráfico ao lado apresenta a trajetória da economia brasileira desde o 1º trimestre de 1996, cujo valor foi padronizado em 100. Os dados são do IBGE e vão até o primeiro trimestre de 2022.

A linha vermelha é uma curva que cresce à taxa de 1,4% ao ano, representando a tendência de crescimento para o triênio de 2017 até 2019.

Segundo o quadro, a economia operou, no primeiro trimestre de 2022, 1% abaixo da tendência prévia. A forte queda de 11% na pandemia foi rapidamente revertida.

No gráfico está representada também a crise de 2008 e 2009. Há uma perda grande entre o 3º trimestre de 2008 e o 1º de 2009, de 5%, totalmente revertida em alguns trimestres.

Trajetória da economia brasileira

PIB base 100 1º tri de 1996

Fonte: IBGE

Tanto a grande crise financeira global quanto a pandemia, que causaram, respectivamente, as crises brasileiras de 2008 e 2020, são exógenas à dinâmica da economia brasileira. Por esse motivo, apesar de todo o custo social, muito maior na crise atual do que na de 2008, essas crises não deixaram marcas profundas na trajetória da economia como um todo. A economia cai e volta.

Ocorre diferente com a grande crise que vai do 2º trimestre de 2014 até o quarto trimestre de 2016. Esta deixou uma marca na atividade econômica na forma de uma perda permanente de 10% no produto.

Segue a indagação: o que ocorreu? Não parece fazer sentido atribuir a perda permanente ao movimento dos preços das matérias-primas. Estes sobem e descem. Nós caímos e não nos levantamos mais. Há duas leituras.

Na primeira, dos colegas economistas heterodoxos, atribui-se a queda permanente a erros de política econômica cometidos no segundo mandato de Dilma e nos governos Temer e Bolsonaro. Esses analistas enfatizam muito a política fiscal e monetária, que, segundo eles, teria sido muito apertada no período. O aperto da política econômica atrasou a recuperação e transformou uma queda que seria cíclica em perda permanente.

Já na segunda leitura, os economistas neoclássicos ou ortodoxos enfatizam erros de política econômica cometidos no segundo mandato do presidente Lula e no primeiro mandato de Dilma.

Como mostrei na coluna de 29 de maio, o superávit primário estrutural do governo central, calculado pela IFI (Instituição Fiscal Independente), caiu de 1,8% do PIB em 2005 para -2,4% do PIB em 2014.

Além da piora fiscal permanente, uma série de políticas intervencionistas prejudiciais à qualidade da regulação e do marco legal e institucional em geral produziu perda permanente de produtividade. As políticas intervencionistas ruins, muitas vezes, vêm e permanecem.

Como exemplo do intervencionismo malsucedido do período, vale lembrar a política de conteúdo nacional, as desastradas alterações do marco regulatório do petróleo e da eletricidade, a hipertrofia dos bancos públicos e as desonerações, entre tantas outras políticas que não sobrevivem a uma análise simples de custo e benefício.

Adicionalmente, a política macroeconômica muito expansionista praticada entre 2012 e 2014, que manteve a economia operando além da plena capacidade, com inflação reprimida e déficits externos imensos, explica parte da perda permanente de produto.

Entre as duas leituras, o leitor seleciona a sua.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Telegram vai lançar plano de assinatura neste mês, diz fundador

Chavi Mehta

BENGALURU | REUTERS O aplicativo de mensagens Telegram lançará um plano de assinatura para seus usuários neste mês, disse Pavel Durov, fundador da empresa, na sexta-feira (10).

Os usuários que optarem pelo Telegram Premium terão um limite maior para bate-papos, mídia e uploads de arquivos, disse Durov em uma publicação em blog.

"A única maneira de permitir que nossos fãs mais exigentes obtenham mais, mantendo nossos recursos existentes gratuitos, é tornar esses limites maiores uma opção paga", disse ele.

O aplicativo, juntamente com a ferramenta de mensagens Signal, viu um aumento no número de usuários após preocupações com a privacidade relacionadas ao seu maior rival, o WhatsApp, de propriedade da Meta, dona também do Facebook.

Atualmente, o Telegram tem 500 milhões de usuários ativos mensais e é um dos dez aplicativos mais baixados do mundo, segundo seu site.

Durov disse que o movimento para oferta de uma assinatura paga foi para garantir que o Telegram continue sendo financiado principalmente por seus usuários, não por anunciantes.

Com grande alcance no Brasil, o aplicativo entrou na mira do Judiciário do país e passou a ser uma das maiores preocupações para as eleições deste ano por conta da falta de controle da disseminação de fake news em sua plataforma.

O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), chegou a determinar o bloqueio do Telegram no território nacional após o aplicativo ter descumprido ordens do magistrado no âmbito do inquérito das fake news, incluindo a retirada do ar de publicação do presidente Jair Bolsonaro (PL) com informações falsas sobre as urnas eletrônicas.

A decisão foi revogada após a plataforma ter "atendido integralmente" às demandas de Moraes.

Edson Ikê

Legado solapado

Avanços institucionais têm sido corroídos há mais de uma década

Marcos Lisboa

Presidente do Insper, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda (2003-2005) e doutor em economia.

O governo Fernando Henrique Cardoso teve a sua cota de equívocos, mas deixou um legado de fortalecimento institucional, de inovação na política social e de organização da política econômica. O Brasil passou a ter instituições de Estado com governança organizada e contrapesos mais assemelhados aos das democracias consolidadas.

Esse legado, contudo, tem sido solapado há mais de uma década. Para tentar evitar o flá-flu usual, melhor começar sistematizando seus equívocos antes de comentar alguns dos avanços.

Talvez o maior erro tenha sido o processo de emenda à Constituição que permitiu a reeleição. Houve outros, como a demora na migração para o sistema de câmbio flutuante. Essa crítica, contudo, deve ser relativizada em face da incerteza, à época, sobre o impacto que a mudança provocaria na inflação, domada poucos anos antes.

O desenho das agências reguladoras foi realizado apenas parcialmente e deu pouca atenção aos detalhes das experiências dos países desenvolvidos, sendo o caso da energia o mais grave.

Os avanços institucionais superaram em muito os equívocos. Ministro da Fazenda, FHC escolheu uma equipe notável, delegando com responsabilidade a implementação do Plano Real, enquanto cuidava do diálogo com o restante da sociedade, já escaldada por muitas propostas heterodoxas que haviam fracassado. Eleito presidente, promoveu o contraditório ao aceitar as críticas de modo exemplar, sem se valer da cadeira da Presidência para constranger ou retaliar.

Até os anos 1990, eram frouxas as regras de atuação do Banco Central. O CMN (Conselho Monetário Nacional) chegou a ter mais de uma dezena de membros, muitos do setor privado, diretamente afetados pelas decisões da equipe econômica. Houve casos, como no Plano Bresser, de o CMN tomar decisões na contramão de medidas que, poucos dias depois, seriam anunciadas pelo Ministério da Fazenda. A desordem institucional não permitia que a mão direita do governo soubesse o que a mão esquerda estava prestes a fazer.

Com FHC, o Banco Central passou, paulatinamente, a organizar as suas ações e a comunicação com a sociedade. Foi criado o Copom. Apenas técnicos com reputação reconhecida passaram a ser nomeados. Mecanismos de intervenção transparentes e concorrenciais foram consolidados, passando-se a seguir os procedimentos das autoridades monetárias dos países desenvolvidos. Esse processo, liderado por Gustavo Franco, foi consolidado durante a gestão Arminio Fraga, que arrumou a casa da política monetária.

Na área social, FHC garantiu que a sua equipe podia inovar no desenho de políticas públicas para beneficiar os mais vulneráveis e ampliar a eficácia da política social. No ensino superior, por exemplo, foi criada uma remuneração variável para professores por desempenho, além de avaliação individualizada do aprendizado dos alunos no fim da graduação.

Ruth Cardoso e Vilmar Faria, com o apoio de muitos técnicos, transformaram ações clientelistas de governos anteriores em políticas sociais com avaliações de impacto, cadastro dos vulneráveis e programas de Estado. Assim nasceram o Bolsa Escola e outros programas de transferência de renda, que depois foram consolidados no Bolsa Família.

O Palácio do Planalto podia muito, mas exercia seu poder com cuidado. Várias instâncias tinham de ser ouvidas, com abertura à divergência. O governo interveio em bancos públicos e privados falidos ou cercados de malfeitos, mesmo com a forte oposição de grupos de interesse, como nos casos do Banco Econômico, do Banerj e do Banespa.

Parte relevante do governo revelava preferência pela guinada para um modelo de Estado centrado em política social, saúde e educação, deixando para o setor privado, sob regulação, grande parte das atividades empresariais, mas sem os vícios do patrimonialismo.

Na crise de 2002, em grande medida decorrente da incerteza sobre o rumo da política econômica que seria adotada na gestão Lula, o governo FHC cuidou com esmero da transição, facilitando o trabalho de quem chegava, como no meu caso, que assumi a Secretaria de Política Econômica. Arminio Fraga, em artigo para O Estado de S. Paulo de 31 de maio, foi modesto ao tratar do legado da equipe econômica da qual fez parte.

Tivemos apoio integral de quem deixava o poder. Os dados públicos estavam organizados com transparência e competência técnica. Sabíamos onde estavam os problemas e recebemos calhamaços de propostas. Com o tempo, descobríamos os responsáveis pelo legado, como Amaury Bier e Pedro Parente, que, liderados por Pedro Malan, cuidavam da coisa pública.

Os avanços institucionais da gestão FHC foram na contramão daqueles que acreditam que governar é possuir a discricionariedade dos velhos coronéis. Esse legado, contudo, tem sido corroído na última década, com a exceção da equipe econômica de Temer, que conseguiu botar um pouco de ordem na casa, reduzindo subsídios e fortalecendo a governança das estatais, por exemplo.

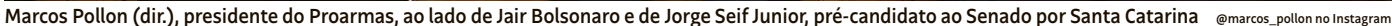
Desde o fim da década de 2000, os governos ampliaram a distribuição de subsídios e proteções para empresas ou setores arbitrariamente selecionados. Houve aumento expressivo das distorções tributárias, beneficiando alguns em detrimento dos demais, regimes especiais para certos setores, como a indústria química, e proteções contra a concorrência externa, como se deu no Inovar-Auto. O Executivo ficou mais permeável a grupos de interesse.

As agências reguladoras foram enfraquecidas, e o governo passou a intervir atabalhoadamente em empresas estatais, como a Petrobras, e em certos setores, como o de energia, sem atentar para seus efeitos colaterais danosos. Recentemente, a emenda dos precatórios significou um alongamento compulsório de dívida, medida de força típica do período de alta inflação.

O retrocesso não se restringiu ao Executivo. O Congresso se apropriou de parte relevante dos recursos discricionários do Orçamento, e cada parlamentar passou a decidir, autocraticamente, quem deveria ser beneficiado pela sua cota do butim.

Já escrevi em outras colunas sobre esses retrocessos e seus impactos negativos na economia. Estava na hora de resgatar um tempo em que havia esperança. Anda a fazer falta uma nova geração como a de FHC e de Ruth Cardoso.

Marcos Pollon (dir.), presidente do Proarmas, ao lado de Jair Bolsonaro e de Jorge Seif Junior, pré-candidato ao Senado por Santa Catarina @marcos_pollon no Instagram

Grupo armamentista oferece apoio a candidatos em troca de cargos

Movimento Proarmas apoia 50 nomes nas eleições para o Congresso e pede vagas em gabinetes

Raquel Lopes

BRASÍLIA O maior grupo armamentista do Brasil tem oferecido apoio a candidatos que querem disputar uma vaga no Congresso em troca de cargos dentro dos gabinetes. A afirmação é do próprio presidente do Proarmas, Marcos Pollon, em vídeo publicado nas redes sociais.

A entidade se autointitula um movimento pela busca do "direito fundamental" da legítima defesa e apoia mais de 50 pré-candidatos a diferentes cargos na eleição de outubro, incluindo senador, governador e deputado estadual e federal. Em comum, todos são favoráveis à reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL) —entusiasta do armamento da população.

Pollon disse, em um vídeo publicado no Youtube em abril, querer "conduzir a pauta de armas" de dentro dos gabinetes.

"O que que eu pedi? O que eu pedi não, qual é a exigência do Proarmas para todos os candidatos que nós apoiamos? Uma vaga no gabinete. Para quê? Para ter o monitoramento para que esse tipo de coisa não aconteça. Vai ter um cara nosso lá monitorando e fazendo o briefing de como é que é a ideologia e o que o Proarmas pensa dessa pauta", diz ele no vídeo.

"Segundo ponto: nós pedimos para todos os candidatos a assessoria jurídica do gabinete porque nós queremos conduzir a pauta de armas do gabinete. Então projetos de lei, manifestações, nós queremos fazer", acrescentou.

Procurado pela **Folha**, ele não respondeu. Filiado ao PL, o presidente do Proarmas deve disputar uma vaga na Câmara dos Deputados pelo Mato Grosso do Sul nas eleições de outubro.

No site do grupo, Pollon se apresenta como advogado, professor de direito e especialista em legislação de controle de armas. Também se diz "pró-Deus", "pró-vida" e "pró-armas", além de fundador de uma academia de direito processual no Mato Grosso do Sul e de um instituto conservador no mesmo estado.

> Qual é a exigência do Proarmas para todos os candidatos que nós apoiamos? Uma vaga no gabinete. Vai ter um cara nosso lá monitorando e fazendo o briefing de como é a ideologia, o que o Proarmas pensa dessa pauta
>
> **Marcos Pollon**
> Presidente do Proarmas

O Proarmas tem representantes em todos os estados e atua, principalmente, em benefício dos CACs (caçadores, colecionadores e atiradores). O movimento possui 1.500 voluntários. No total, há mais 50 mil associados, entre membros gratuitos e contribuintes. No vídeo no Youtube, Pollon diz que a intenção é chegar a 1 milhão de associados e formar um partido político.

Entre os pré-candidatos endossados pelo Proarmas estão nomes conhecidos no bolsonarismo, como o senador Jorginho Mello (PL-SC), a deputada Bia Kicis (PL-DF) e o ex-senador Magno Malta (PL-ES). Também figuram na lista quadros que integraram o governo Bolsonaro, como Mario Frias (PL, ex-secretário de Cultura) e Rogério Marinho (PL, ex-ministro do Desenvolvimento Regional). Questionados, os pré-candidatos apoiados pelo grupo armamentista negaram existir a negociação citada por Pollon.

"Eu jamais aceitaria e não acredito que ele tenha dito isso", afirmou Mario Frias, que se prepara para disputar uma vaga de deputado federal por São Paulo.

O senador Jorginho Mello (PL), pré-candidato ao governo de Santa Catarina, e o ex-deputado Carlos Manato (PL), pré-candidato ao governado do Espírito Santo, também disseram não ter participado desse tipo de negociação.

"Eu nunca estive com Pollon, tenho contato com o coordenador estadual do Proarmas e nunca negociei cargo com nenhum deles. Temos a mesma filosofia do Proarmas e frequentamos clubes de tiros. A promessa do meu governo é que os policiais possam treinar de graça nesses clubes", afirmou Manato.

"Nunca houve negociação. Sou CAC, natural eu apoiar o Proarmas e eles me apoiarem", argumentou, por sua vez, a deputada Bia Kicis.

Rogério Marinho e Magno Malta foram procurados, mas não responderam.

A maioria dos candidatos apoiados pelo grupo é do PL, partido de Bolsonaro. Há também nomes do Republicanos, PMN, PTB e PP.

A distribuição dos pré-candidatos pelos partidos está sendo conduzida por Daniel Lemos, assessor parlamentar do PSC na Câmara dos Deputados. Lemos também atua como consultor político do Proarmas. Ele protagoniza ao lado de Pollon vídeos sobre a estratégia política do grupo. Procurado, o assessor parlamentar disse que presta serviços para a entidade em seus horários de folga do trabalho e nos finais de semana.

"É uma consultoria voluntária, não recebo nada do Proarmas e de ninguém", afirmou.

O Proarmas cresceu no governo Bolsonaro. O mandatário e seus filhos são ferrenhos defensores da liberação de armamento para a população. O número de armas pessoais registradas no Exército e na Polícia Federal cresceu 77,5% em 2021, comparado a 2018. Atualmente, há 2,3 milhões de armas nas mãos de CACs, servidores civis e pessoas comuns e no acervo particular de militares.

Na sua gestão, Bolsonaro estimulou o cidadão comum a se armar e aumentou a possibilidade de acesso a armamentos com calibres maiores. O governo publicou até o momento 15 decretos presidenciais, 19 portarias, dois projetos de lei e duas resoluções que flexibilizam regras sobre armas.

O líder do Proarmas tem bom trânsito com a família Bolsonaro, principalmente com o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP). O parlamentar gravou um vídeo em apoio à pré-candidatura de Pollon. "É meu camarada, é meu amigo. Não estava nos planos dele, mas eu confesso que eu adorei que ele é pré-candidato a deputado federal pelo Mato Grosso do Sul. O líder do Proarmas é um advogado atuante, é uma pessoa que trabalha pela causa porque ele gosta —tudo que a gente faz gostando, a gente faz bem feito", disse Eduardo.

Pollon tem acesso a Bolsonaro para falar de pautas armamentistas. A visita mais recente ocorreu em maio para abordar meios de agilizar os processos do Sigma (Sistema de Gerenciamento Militar de Armas), do Exército, e do Sinarm (Sistema Nacional de Armas), da Polícia Federal.

Como a **Folha** mostrou, Pollon transita ainda com facilidade pelo Senado.

Governo flexibiliza acesso a armas sob Bolsonaro

- Publicação de 15 decretos, 19 portarias e 2 resoluções
- Revogação, pelo Exército, de três portarias que impediam o Brasil de aprimorar regras de rastreamento e identificação de armas e munições
- Liberação para a população de calibres antes restritos, como 9 milímetros, 45 e ponto 40
- Entre 2018 e 2021, crescimento de 77,5% do número de armas nas mãos de cidadãos e servidores civis e no acervo particular de militares

A professora de matemática e educação financeira Marília Pereira Machado, 44, em sala de aula em Curitiba Lucas Fermin/Seed-PR

Estudantes vão aprender a fiscalizar políticos e acompanhar ações públicas

Educação financeira é disciplina curricular no Paraná; conteúdo será criado pelo Tribunal de Contas

VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO Seiscentos mil estudantes da rede estadual de ensino do Paraná vão começar a aprender qual é o destino do dinheiro arrecadado com impostos, o que fazem os parlamentares e como cobrá-los para avanços sociais. Eles também irão aprender sobre fiscalização dos recursos públicos e, ainda, formas de acompanhar a elaboração de políticas públicas.

Promover a educação financeira e fiscal para desenvolver um comportamento vigilante e consistente nos cidadãos é o objetivo do programa Jovem no Controle, lançado no início deste mês por uma parceria entre o TCE-PR (Tribunal de Contas do Estado do Paraná) e a Seed (Secretaria de Estado da Educação e do Esporte).

Todo esse conhecimento será aprimorado em aulas virtuais e replicado por cerca de 8.000 professores da rede estadual para turmas que vão do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, em aulas de matemática e educação financeira.

A disciplina é obrigatória na grade curricular do ensino médio paranaense desde 2021. A partir de 2022, os alunos do 6º e 7º anos do ensino fundamental na modalidade integral passaram a ter uma aula de educação financeira por semana, enquanto os alunos do 8º e 9º anos têm duas aulas semanais.

Professora dessas duas disciplinas no ensino médio, Marília Pereira Machado, 44, afirma que está animada em ampliar seus conhecimentos em temas como fiscalização do poder público.

"Tenho noção do assunto, mas a verdade é que ficamos acomodados e, sinceramente, não sei como aplicar esses conceitos na prática. Essas aulas dão uma nova perspectiva, vão instigar a mim e aos alunos. Para fiscalizar, precisamos saber como funciona o sistema", diz a docente.

As aulas virtuais, bem como os vídeos e o material de estudo, estão sendo desenvolvidos por cerca de 15 servidores públicos do quadro da Corte de contas. A ideia é que o conteúdo tenha linguagem informal, ao estilo dos youtubers.

"Pensamos em desenvolver um material atrativo para despertar a curiosidade dos jovens e trazê-los para perto com essa comunicação mais coloquial. Desejamos prepará-los para fiscalizar a aplicação dos recursos públicos para tornar efetivo o controle social", afirma Edilson Gonçales Liberal, diretor da Escola de Gestão Pública do TCE-PR.

Controle social, afirma o diretor, é a participação da sociedade na fiscalização das contas públicas e na formulação de políticas coletivas, em uma espécie de parceria com os órgãos de controle e com a educação.

Por essa razão, o intuito do programa, segundo ele, não é apenas transformar os alunos em fiscais do futuro. "Queremos despertar neles uma consciência de cidadania para que saibam o que acontece com os impostos, como são revertidos em serviços e como isso os afeta em seu dia a dia", diz Liberal.

O conteúdo criado pelos funcionários públicos do TCE-PR inclui aulas sobre orçamento, gastos com saúde e educação, restrições para as despesas públicas, o que é necessário para a transparência e onde encontrar dados de interesse.

"Cada pessoa poderá fiscalizar o seu município. Isso é maturidade democrática. Apostamos nos jovens para serem multiplicadores de conhecimento", acrescenta.

Os vídeos das aulas serão curtos e vão abordar temas como tributos, leis, Constituição, controle, corrupção e ética. Também serão disponibilizadas sugestões didáticas para trabalhar noções de orçamento nas áreas de educação e saúde e temas como controle social e transparência, entre outros.

O material também será replicado pelos professores em aulas de cidadania e civismo para os cerca de 100 mil alunos dos 200 colégios cívico-militares existentes no Paraná, de acordo com Renato Feder, secretário de estado da Seed. Eles fazem parte dos 600 mil estudantes contemplados pelo programa.

> Pensamos em desenvolver um material atrativo para despertar a curiosidade dos jovens. Desejamos prepará-los para fiscalizar a aplicação dos recursos públicos e tornar efetivo o controle social
>
> **Edilson Gonçales Liberal**
> Diretor da Escola de Gestão Pública do TCE-PR

"Nossa intenção é que esse curso em parceria com o TCE chegue a todos os alunos da nossa rede, ou seja, 1 milhão de jovens", diz o secretário sobre os próximos planos.

Feder afirma que muitos cidadãos não sabem como cobrar os políticos e que isso pode gerar um conformismo na sociedade, algo que ele classifica como perigoso.

"O papel do jovem é se empoderar. Quando ele entende como o Estado funciona, vira um agente social ativo. Aprende que nada é de graça. Quando ele compra feijão, tem imposto embutido ali e que esse dinheiro pode ter um mau uso se não for fiscalizado", diz.

A professora Marília Pereira Machado, que ministra aulas para o ensino médio, afirma que apesar de seus alunos não terem vivido uma situação de inflação crescente, como anos 1980, eles estão ligados em temas como o aumento dos preços da gasolina e dos alimentos.

"Eles se interessaram, mas sem profundidade. Muitos não sabem que é como o dinheiro dos impostos da comida, por exemplo, que são pagos os salários dos médicos ou enfermeiras do posto de saúde que eles e seus parentes usam. Com o curso, poderemos falar dessas questões cotidianas. As discussões vão ficar mais enriquecidas", diz a professora.

Justiça de SP barra escola cívico-militar de Bolsonaro na rede estadual

Isabela Palhares

SÃO PAULO Um juiz do TJ-SP (Tribunal de Justiça de São Paulo) determinou a suspensão da implantação do programa do governo Jair Bolsonaro (PL) de escolas cívico-militares na rede de ensino paulista.

Em sua decisão, o magistrado José Eduardo Cordeiro Rocha disse que o Pecim (Programa Escola Cívico-Militar) tem "caráter nitidamente ideológico" e "conflita com os princípios constitucionais que regem o ensino, lastreado na liberdade de aprender e ensinar".

A decisão, em caráter liminar, atendeu a um pedido da Apeoesp (sindicato dos professores da rede estadual de ensino de São Paulo) e suspende "quaisquer atos administrativos que possam ser praticados visando a adesão ao Pecim na Escola Estadual Professora Noêmia Bueno do Valle".

A instituição, de São José do Rio Preto (a 415 km da capital), foi inscrita no programa em setembro de 2019.

O programa de escolas cívico-militares foi uma das principais bandeiras do governo Bolsonaro na educação.

Diferentemente das escolas puramente militares, totalmente geridas pelo Exército, nesse desenho as secretarias de Educação continuam com a responsabilidade do currículo, mas estudantes precisam usar fardas e seguir as regras definidas por militares.

A adesão ao programa em São Paulo foi feita quando João Doria (PSDB) era governador. A decisão liminar se refere apenas à escola de São José do Rio Preto, mas abre precedente para barrar a adesão de outras unidades estaduais ao modelo.

O juiz justificou a decisão afirmando que a adesão ao programa, por intermédio de "lei meramente autorizativa, que possui vício de iniciativa, não tem respaldo do constitucional".

O magistrado também destacou na decisão que a consulta feita ao conselho da escola para adesão ao Pecim foi irregular por ter a participação de alunos menores de idade, além de ter sido ilegal por não haver nenhum parecer ou resolução do CNE (Conselho Nacional de Educação) ou CEE (conselho estadual) que dê respaldo ao modelo.

Procurado, o Ministério da Educação não se manifestou até a conclusão desta edição. Já a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo disse que recebeu e está analisando tecnicamente a decisão do tribunal.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Jornalista e cronista, sabia contar boas histórias

DAVID COIMBRA (1962-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Por onde passou, David Coimbra sempre deixou como lembrança as boas histórias e a capacidade para agregar pessoas.

Ele viveu a vida de forma intensa e alegre. Gostava de comer e beber — chope não podia faltar— e da companhia dos amigos.

Conhecido pelo humor inteligente, David não se levava muito a sério e não perdia tempo com coisas sem importância, segundo a arquiteta Márcia Camara, 53, sua mulher.

Gaúcho de Porto Alegre, ele cresceu no bairro Iapi, cenário de parte de suas crônicas —ao longo da carreira, foi jornalista, radialista e escritor.

Formado pela PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio Grande do Sul, David foi assessor de imprensa da livraria e editora Sulina, e depois migrou para as Redações. Como repórter ou editor passou por Correio do Povo, Diário Catarinense, Jornal da Manhã, Jornal NH e Jornal de Santa Catarina, além das rádios Eldorado e Guaíba e pela RCE TV.

Na década de 1990, assumiu a editoria de esportes do jornal Zero Hora, no qual manteve uma coluna diária até morrer.

David deixou 22 livros publicados, incluindo romances e coletâneas de crônicas. No último, "Hoje eu Venci o Câncer" (2018), contou seu tratamento contra um câncer no rim que descobriu em 2013.

Um ano após ter descoberto a doença, ele seu mudou com a família para Boston (EUA) para participar de um tratamento experimental.

David morreu dia 27 de maio, aos 60 anos, em decorrência das complicações do câncer renal. Ele estava internado no Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre, desde o último dia 22 .

Dias antes, escreveu uma crônica para falar sobre seu tratamento. O texto "Quando quis Morrer" foi publicado pelo Zero Hora no dia 16.

David deixa a mulher, Márcia, e o filho, Bernardo.

Aumento de casos de Covid afasta casais no Dia dos Namorados

Infectados e em quarentena, pombinhos refazem planos e se adaptam para comemorar a data a distância

Isabella Menon

SÃO PAULO Antirromântica. É assim que a Covid-19 é definida por casais que viram naufragar seus planos para o Dia dos Namorados, comemorado neste domingo (12).

Após dois anos de pandemia e com restaurantes, shows e eventos liberados, a data seria uma forma de marcar o retorno da celebração a dois. Porém, em meio a alta de casos nas últimas semanas no Brasil, muitos pombinhos terão de passar os próximos dias isolados.

Um desses casos é do estudante de informática da saúde Matheus Rodrigues Luiz, 21, do estudante de medicina Matheus Citibaldi, 23. Eles namoram há quatro meses e tinham combinado de iniciar as comemorações na sexta (10), para celebrar o aniversário de Citibaldi e no domingo tomar um café.

Porém, os planos foram cancelados quando Rodrigues descobriu que está com Covid-19. Isolado e em casa, ele disse que chegou a pedir desculpas para o namorado. "Essa alta [de casos] precisa cair bem agora? Não podia ser um pouquinho depois?", lamenta ele, que conta que ele e o namorado costumam brincar que são "os últimos românticos". Agora, para a data não passar batida, eles devem passar o domingo juntos por meio de uma videochamada para ouvir música.

Para o estudante de psicologia Luca Moraes Gentil, 21, a Covid-19 é "definitivamente antirromântica". Com alguns sintomas leves de resfriado, ele decidiu fazer o teste por precaução e, por surpresa, o resultado veio positivo.

Agora, ele e a namorada vão trocar o jantar e o filme que iam assistir juntos por uma sala virtual. "Temos que fazer o melhor da pior situação", diz.

Pelo Twitter, a estudante de enfermagem Ana Paula Assenato, 22, reclamou da situação. "Eu tive dois anos para pegar Covid e quando eu pego? Sim, na mesma semana em que completo um ano de namoro e Dia dos Namorados."

À *Folha* Assenato afirma que a sensação é de impotência. "Tínhamos passado por uma fase um pouco conturbada há pouco tempo e agora seria a volta definitiva. Nós dois estamos tristes", diz ela.

Há um mês namorando, a estudante de publicidade Maria Almeida, 20, se preparava para comemorar pela primeira vez a data —um resultado positivo em um teste, porém, acabou com o plano. "Falei para os meus amigos que era meu primeiro Dia dos Namorados namorando e aí fiquei sentida, até mandei entregar um chocolate na casa dela porque ela ficou chateada também".

A atriz Vitória Eliza, 26, passa por algo parecido. "Meu plano de fazer algo bonito e memorável no Dia dos Namorados não deu muito certo por causa da Covid", conta ela que, apesar dos cuidados, também acabou se infectando.

Apesar de lamentar passar a data longe do companheiro, ela afirma que a infecção, de certa forma, oficializou seu namoro. Quando fez o teste e deu positivo, ela contou que estava frustrada por perder trabalhos nos próximos dias, um aniversário e o primeiro Dia dos Namorados juntos.

"Ele disse para eu ficar tranquila e que depois disso poderíamos fazer algo outro dia, mas desde então estamos nos chamando de namorado e namorada o tempo todo", diz.

Antonio Prata
Excepcionalmente, a coluna não é publicada neste domingo (12)

MARCHA DA MACONHA VOLTA À AV. PAULISTA APÓS DOIS ANOS
Sob o mote 'Guerra é genocida, legalização é vida' , ao menos seis quarteirões da avenida na região central de São Paulo foram tomados neste sábado (11) pela manifestação em defesa da legalização das drogas, após dois anos de eventos virtuais Bruno Santos/Folhapress

Drauzio Varella sugere criação de fundo para combater a fome no Brasil em evento em SP

ILUSTRADA

Leopoldo Cavalcante

SÃO PAULO Um dos principais nomes do debate público sobre saúde no Brasil, o médico oncologista e colunista da **Folha** Drauzio Varella sugeriu uma parceria público-privada para acabar com a insegurança alimentar no país ao participar de uma mesa na Feira do Livro, no Pacaembu. O evento teve mediação de Cláudia Collucci, repórter deste jornal.

Ao citar os números da fome no país —que segundo levantamento mais recente, atinge mais de 33 milhões de pessoas—, Drauzio lembrou o fundo Todos pela Saúde, criado pelo banco Itaú a partir de um aporte de R$ 1 bilhão para o combate da Covid.

"Por que não construir algo semelhante para a fome?", indagou. "Com a solidariedade da iniciativa privada e do governo... Mas dá para esperar solidariedade de um governo desses?", prosseguiu, levantando aplausos do público.

Esta, aliás, não foi a única crítica do médico à gestão Bolsonaro. No início do debate, ele afirmou que o presidente e seu ministério da Saúde agravaram a situação da pandemia no país ao realizarem um "ativismo em favor da disseminação" da Covid.

"Quase 700 mil mortes, das quais grande número foi desnecessário. Pagaram com a vida a irresponsabilidade dos nossos dirigentes", disse ele.

A mesa ocorreu neste sábado (11), a partir das 13h45, com os visitantes da feira se aglomerando tanto nas cadeiras quanto ao redor do palco instalado no centro da Praça Charles Miller —a organização do evento calcula que cerca de 300 pessoas acompanharam a mesa.

Drauzio subiu ao placo acompanhado pelo vereador Eduardo Suplicy (PT), que carregava um exemplar de "O Exercício da Incerteza", livro do oncologista recém-lançado pela Companhia das Letras.

Drauzio Varella participa de mesa no quarto dia da Feira do Livro, no Pacaembu, em São Paulo Gabriel Cabral/Folhapress

Sobre a pandemia, Drauzio teceu várias considerações. Primeiro, comparou-a com a epidemia da Aids nos anos 1980. Depois, apontou a relevância do SUS, o Sistema Único de Saúde, descrevendo-o como "uma revolução" cuja magnitude não se repetirá nos próximos cem anos.

Ele afirmou que o coronavírus criou um entendimento novo na medicina ao gerar variantes mais transmissíveis, e com muita velocidade. "Entrou em lugar fechado, põe máscara", alertou ele, suscitando mais palmas da plateia.

Drauzio ainda abordou diversos outros temas. Perguntado sobre a situação da cracolândia, crítica há um mês, ele expandiu a questão para refletir sobre soluções políticas para a dependência química e a criminalidade.

"Depois que a situação está estabelecida, não tem solução rápida", disse o médico, citando exemplos de políticas municipais prévias em sua opinião "simplistas e ineficazes".

Segundo Drauzio, o problema da cracolândia é um reflexo da desigualdade de renda no país. "Não dá para viver aqui e querer que não tenha usuário de crack, que não tenha furto de celular."

Ao falar sobre a criminalidade, o médico defendeu que o encarceramento em massa não é uma solução. Segundo ele, conhecido por sua atuação junto à população carcerária, os jovens viram "presa fácil" do crime organizado ao ficarem presos nos meses em que aguardam julgamento. "Criamos o crime organizado com o massacre do Carandiru, e o mantemos com o exército de moleques que colocamos dentro das cadeias."

A programação da Feira do Livro se estende até este domingo (12), com mesas literárias dispostas entre dois espaços: o Palco da Praça e o Auditório Armando Nogueira.

A Feira do Livro
Praça Charles Miller, s/ nº, Pacaembu, região oeste, São Paulo. Dom. (12), das 10h às 21h. Grátis

Catarina Pignato

Infectados pela 1ª vez com Covid relatam frustração

Aumento de casos atinge quem esperava conseguir se esquivar do vírus

Isabella Menon

SÃO PAULO A recente alta de casos da Covid-19 no Brasil atingiu mesmo aqueles que tinham certeza de que passariam ilesos pela pandemia, sem contrair o coronavírus.

Enquanto alguns relatam um sentimento de frustração por ter recebido o diagnóstico positivo para a doença, outros parecem mais conformados e dizem que é quase inevitável que alguém consiga se manter invicto.

A estudante Jessica Wu, 20, afirma que manteve o uso de álcool gel e máscara, mesmo quando o item se tornou opcional. Mas nada adiantou e ela foi diagnosticada com Covid na última semana.

No período mais rigoroso da pandemia, ela não costumava sair de casa. As exceções eram os momentos em que precisava ir a supermercado, farmácia, faculdade e trabalho.

"Quando as coisas começaram a voltar, eu estava muito preocupada", afirma ela. "Só voltei a sair neste ano. Mas, daí, voltei a me acostumar [com a vida presencial]."

A estudante geralmente perguntava a amigos, antes de encontrá-los, se tinham algum sintoma de gripe. Mas esqueceu esse ritual antes de visitar uma amiga na semana passada. Quando chegou, ela estava com sintomas gripais e, depois disso, Wu também começou a apresentá-los. Teve dor de cabeça, enjoo, coriza, tosse, fraqueza e falta de apetite.

Mesmo triste com o resultado positivo, ela tenta olhar pelo lado positivo: "São dez dias descansando, eu estava muito estressada com a rotina e veio na hora certa".

Estudante de ciência biológica, Alice Vieira, 22, compartilha da decepção. "Fiquei revoltada. Pensei: 'não é possível'. Desde o início da pandemia, fiquei muito tempo em casa. Agora, quando tudo tá voltando, eu vou lá e pego."

Moradora de Belo Horizonte, Vieira diz estar com um certo trauma da doença. "É muito ruim. É uma dor totalmente diferente, parece uma gripe, mas é muito forte. Estou um pouco receosa para sair de novo, dá um pouco de medo."

Ela, que tem asma, relata que sentiu sintomas muito fortes. "Mesmo vacinada com as três doses, eu passei muito mal. Tive febre, falta de ar, tontura e dores no corpo. Fiquei assustada." Para ela, o quadro poderia ter sido pior caso não estivesse imunizada.

> "Fiquei revoltada. Pensei: 'não é possível'. Desde o início da pandemia, fiquei muito tempo em casa. Agora, quando tudo tá voltando, eu vou lá e pego [Covid]
>
> **Alice Vieira**
> estudante de ciência biológica

Psicóloga, Anna Karolyne Vilar, 24, afirma que ninguém acredita quando ela conta que está com Covid-19 pela primeira vez. "Dizem que eu devo ter tido, mas fui assintomática."

"Achei que passaria ilesa", diz ela, que vive na cidade rondoniense de Ouro Preto do Oeste. Assim que a quarentena passar, deve retomar ao uso de máscara.

Vilar trabalha em uma escola com cerca de 600 alunos, dos quais apenas 20% estariam com o esquema vacinal completo, estima ela. "Acho que uma hora todo mundo vai pegar. É inevitável."

A frustração da estudante de engenharia civil Milena Moura, 24, tem nome: jogos universitários. "Imaginei que os casos iam estourar depois do feriado, mas começou antes", diz a moradora de Goiânia.

Depois de dois anos sem o evento, ela estava ansiosa pelo retorno. Agora, a expectativa é se curar a tempo do feriado de Corpus Christi, para quando está marcado o último fim de semana dos jogos

Apesar dos jovens ouvidos pela reportagem afirmarem que estão com as três doses completas, eles compõe a faixa etária que apresenta um gargalo no reforço da vacina.

Levantamento recente realizado pela **Folha** apontou que apenas um terço dos jovens de 18 a 29 anos tomou a terceira dose (33%). Especialistas analisam que pode ter havido um julgamento errado de que a variante ômicron, por provocar casos mais leves em pessoas já vacinadas, era como uma gripezinha.

Porém, a imunidade conferida por infecção natural não é a mesma conferida por vacinas, que protegem contra casos graves. Especialistas alertam ainda que, mesmo depois de dois anos e com boa parte da população imunizada, é preciso manter a quarentena quando infectado pela Covid.

A recomendação do Ministério da Saúde é de isolamento de 7 a 10 dias para quem apresenta sintomas e de 5 a 7 dias para quem não apresenta.

Para a pessoa que estiver sintomática, são pelo menos sete dias de isolamento. Passado esse período, ela precisa ser submetida ao teste de Covid. Caso o resultado seja negativo, poderá sair do isolamento. Mas, se for positivo, deverá manter o isolamento até o décimo dia.

A pessoa que estiver assintomática deve ficar em casa no mínimo cinco dias em isolamento. Após esse tempo, ela deve ser testada. Se o resultado do teste for positivo, deve continuar em isolamento até o décimo dia.

André Ricardo Ribas Freitas, professor de epidemiologia da Faculdade de Medicina São Leopoldo Mandic, afirma que é preciso que o médico seja procurado caso a pessoa tenha algum sintoma respiratório, como falta de ar. "É preciso o diagnóstico e que o isolamento seja feito de forma adequada."

Para o professor, o Brasil deveria seguir os passos de países asiáticos que adotam o uso de máscara nos sistemas de transporte público em períodos de gripe e de temperaturas baixas. "Mesmo que não seja obrigatório, as pessoas deveriam manter o uso de máscara em lugares fechados."

O lado ruim do isolamento, segundo o criador de conteúdo Ricardo Barros, 40, é perder oportunidades de trabalho. Ele diz que não pôde comparecer a ao menos dois eventos profissionais nesta semana.

"Sete dias de molho é prejuízo. Eu me cuidei bastante para não pegar, mas a gente sabe que está sujeito e sabia que em algum momento isso poderia acontecer", lamenta ele.

Quando a quarentena acabar, ele deve continuar evitando lugares lotados. "Quando eu sair, vou reforçar o uso da máscara e álcool gel."

Orientações do Ministério da Saúde

ISOLAMENTO DE 5 DIAS

Casos sem sintomas ao 5º dia, se estiver sem sintomas respiratórios, sem febre e sem usar medicamentos antitérmicos por ao menos 24 horas, precisa ser testado para deixar o isolamento

Testagem deve ser feita no 5º dia com RT-PCR ou teste de antígeno

Se o resultado for negativo pode sair do isolamento, mas deve evitar aglomerações, viagens, contato com pessoas com comorbidades e manter higienização das mãos e uso de máscaras

Se for positivo manter o isolamento até 10 dias completos

ISOLAMENTO DE 7 DIAS

Casos sem sintomas ao 7º dia, se estiver sem sintomas respiratórios, sem febre e sem usar antitérmicos por ao menos 24 horas, o isolamento pode ser encerrado

Testagem não é necessária nesse caso

Como funciona o fim do isolamento quem sai da quarentena após 7 dias completos ainda precisa, porém, manter alguns cuidados até o 10º dia

ISOLAMENTO DE 7 DIAS

Casos com sintomas quem teve a forma sintomática, mas não apresenta no 7º dia sintomas respiratórios, febre e não fez o uso de antitérmicos por ao menos 24 horas, pode fazer teste para tentar deixar o isolamento

Testagem os testes devem ser do tipo RT-PCR ou de antígeno

Se o resultado for negativo pode sair do isolamento

Se for positivo manter o isolamento até 10 dias completos

ISOLAMENTO DE 10 DIAS

Casos com e sem sintomas ao 10º dia, se estiver sem sintomas respiratórios, sem febre e sem uso de medicamentos antitérmicos, por ao menos 24 horas, está encerrado o isolamento

Testagem não é necessária nesse caso

Máscara para coronavírus criada na USP inativa também o vírus da gripe

SÃO PAULO | AGÊNCIA FAPESP Diante do aumento significativo do número de casos de Covid-19 no país, vários governos municipais voltaram a recomendar o uso de máscara em ambientes fechados. Uma orientação que também pode ajudar a conter o avanço do vírus influenza, causador de infecção do sistema respiratório com alta mortalidade entre grupos vulneráveis.

A boa notícia é que existe uma máscara capaz de inativar ambos os vírus. Já comercializado com o nome de Phitta Mask, ela foi desenvolvida no Instituto de Química da Universidade de São Paulo (IQ-USP) em parceria com a empresa Golden Technology.

O tecido é impregnado por um composto químico, o Phtalox, capaz de eliminar as partículas virais no momento em que entram em contato com a máscara. Em questão de segundos, a camada mais externa do vírus é destruída, impedindo sua replicação.

Em 2020 e 2021, o Instituto de Ciências Biomédicas (ICB-USP) realizou os testes que comprovaram sua eficácia (99%) contra o Sars-CoV-2 e suas variantes ômicron, delta, gama (P1) e zeta (P2). Não foi diferente com o influenza.

"Os resultados dos testes em laboratório nos deixam muito confortáveis. A máscara eliminou 100% dos vírus, tanto de influenza A como de influenza B. Isso é muito importante porque trata-se de uma doença com alta mortalidade", afirma o virologista Edison Luiz Durigon, pesquisador do ICB-USP apoiado pela Fapesp e coordenador das análises.

Os testes foram feitos em microplacas contendo as culturas de células, onde foram cultivados os vírus. Pedaços do tecido da máscara foram então colocados em contato com os vírus, quando se constatou a inativação completa deles por meio de microscópio, ao contrário dos testes de controle (placas só com os vírus). "Assim como no caso do coronavírus, o Phtalox também se mantém ativo por até 12 horas, conferindo proteção contra o influenza durante todo esse período", explica o virologista.

Durigon acredita que, no futuro, haverá surtos sazonais e intercalados de Covid-19 e de influenza. "Por isso, é importante que a sociedade continue usando máscara, principalmente em ambientes de maior risco, como hospitais, transporte público, aeroportos e viagens aéreas."

Para o CEO da Golden Technology, Sérgio Bertucci, a máscara também tem um papel importante para o meio ambiente. "Enquanto uma máscara cirúrgica convencional precisa ser trocada a cada três horas, a nossa garante proteção por até 12 horas", comenta.

São Paulo confirma 2º caso de varíola dos macacos

SÃO PAULO E BRASÍLIA São Paulo confirmou neste sábado (11) o segundo caso de varíola dos macacos no estado. O paciente é um homem de 29 anos, que está isolado em sua residência em Vinhedo (a 85 km de SP).

O caso é considerado importado, já que o paciente tem histórico de viagem para Portugal e Espanha e teve os sintomas ainda na Europa.

O primeiro caso da doença foi confirmado na quarta (8) em um homem de 41 anos que tinha viajado para os mesmos países. Ele continua internado em isolamento no Instituto Emílio Ribas, com boa evolução do quadro clínico, segundo o governo do estado.

ambiente

Lobos-guarás resgatados ajudam a preservar a espécie

Projeto na Bahia tenta 1ª reintrodução bem-sucedida de filhotes na natureza

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO Baru e Caliandra são parte da natureza novamente e já fazem história no universo dos lobos-guarás. Graças à aventura de reintrodução pela qual passaram, forneceram informações importantes para que novos filhotes da ameaçada espécie também consigam voltar à natureza.

A história de Baru começa no município de Cocos, na Bahia. Ele e mais quatro filhotes foram resgatados com cerca de 20 dias de vida e levados para o Zoológico de Brasília, que, naquele momento, era o local mais próximo com estrutura o suficiente para acolher os bichinhos. E começou-se a pensar em pôr em prática algo que só tinha sido tentado de modo estruturado, até então, uma única vez: o protocolo de reintrodução à vida selvagem do maior canídeo da América do Sul, atualmente estampado em nossa nota de R$ 200.

Já deve ter ficado clara a dificuldade do processo, do contrário já teria sido colocada em ação outras vezes, ainda mais considerando que estamos falando de uma espécie icônica do país e ameaçada de extinção —tida como vulnerável, segundo o ICMBio.

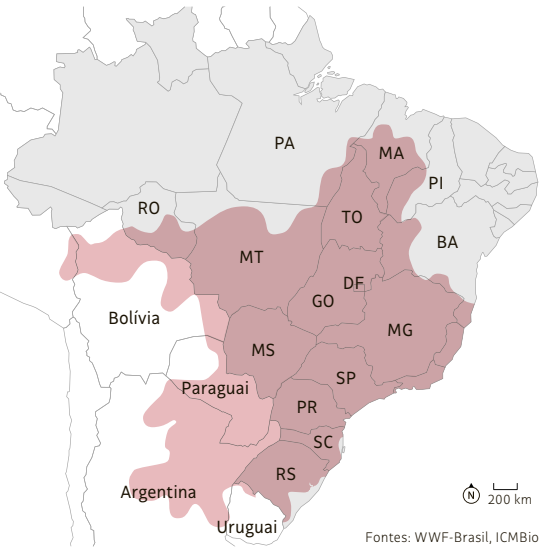
No caso desses filhotes, o problema já começava com a idade. Nos primeiros três meses de vida, os lobos-guarás têm cuidados parentais muito intensos. Nesse período, os pequenos dependem, observam e aprendem com os pais, segundo Rogério Cunha de Paula, biólogo e coordenador substituto do Cenap (Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros), do ICMBio. Isso significa que, se nesse espaço de tempo esses canídeos se habituam com humanos, eles acabam com um comportável "domesticado", o que prejudica as chances de uma reintrodução e sobrevivência na natureza. Baru ficou muito habituado aos seres humanos, ao ponto de lamber a mão das pessoas e chorar por carinho.

Baru (fruto de uma árvore nativa do cerrado) tinha um grande obstáculo para voltar à natureza. E é aí que Caliandra entra na história. Ela também era órfã e foi achada quase morta na beira de uma estrada —atropelamentos são umas das principais ameaças à espécie. Mas, quando foi resgatada, já era um filhote mais velho, que havia conseguido passar os seus primeiros meses com os pais.

"O comportamento dela é totalmente diferente. É uma loba arisca, que não confia no ser humano, que tem medo da gente", afirma Cunha de Paula.

Caliandra poderia, então, ser uma espécie de tutora. E assim foi. "Depois que o Baru ficou só com ela, isolado do ser humano, esse bicho mudou o comportamentalmente da água para o vinho", diz o especialista do ICMBio.

O isolamento total dos animais foi possível graças à construção, no cerrado do oeste da Bahia, de um grande recinto de 2.500 m² dentro de um contínuo de áreas preservadas nas propriedades privadas das Sementes Oilema, Irmãos Gatto Agro e Condomínio Santa Carmem (todos de uma mesma família), além do trabalho feito pelo Parque Vida Cerrado, que é patrocinado pela Galvani Fertilizantes.

Nesse recinto, os animais foram cercados somente por uma tela, para que, assim, pudessem ser reconhecidos por outros lobos da região e pudessem aprender a viver naquele local, conhecer cheiros e frutas dos arredores (a espécie é onívora). "O lobo-guará é uma espécie territorialista. O primeiro desafio foi encontrar uma área apta a receber dois indivíduos", afirma Gabrielle Rosa, coordenadora do Parque Vida Cerrado.

O territorialismo dos bichos foi filmado durante o período de adaptação, com lobos-guarás de fora e os dois animais travando disputas através da rede de separação. Mas não basta conhecer as frutas da região. Para um bicho onívoro, também é importante aprender a pegar os animais dos arredores e que, para uma reintrodução bem-sucedida, necessariamente farão parte da dieta futura.

Para desenvolvimento da caça, aos poucos os jovens lobos-guarás perderam o acesso à ração e passaram a ter maior oferta de presas vivas. Outro ponto que pode parecer um detalhe, mas que é muito importante, é o dos horários de alimentação desses canídeos. Em instituições, diz Rosa, é comum que as refeições acabem seguindo o horário de funcionamento do local. Mas, na natureza, os lobos-guarás são crepusculares-noturnos.

Mais especificamente, a coordenadora do Parque Vida Cerrado diz que era importante habituar os lobinhos-guarás recém-chegados aos horários daquela região. "As presas das quais eles vão se alimentar têm um horário mais no finalzinho da madrugada. Então eles têm que se habituar a esse horário", diz Rosa.

A ideia era, basicamente, reproduzir no recinto as disponibilidades diversas de alimentos que eles teriam na natureza e acompanhar e documentar tudo, para conferir que as etapas estavam correndo bem. No fim, há poucas semanas e com quase dois anos de idade, Baru e Caliandra foram devolvidos à natureza com as habilidades necessárias para sobreviverem sem auxílio de humanos.

Mas eles ainda terão alguma pequena ajuda. Trata-se de um projeto de soltura branda, então o recinto em que passaram os últimos tempos permanecerá oferecendo água e comida —algo importante, considerando que já há registros deles (e até de outros lobos-guarás) voltando ao local para se alimentar e se hidratar.

Além disso, os dois serão acompanhados por meio de colares com GPS. Graças a esse acompanhamento, inclusive, dias após a soltura, perceberam que Baru estava muito parado —antes, os bichos já tinham percorrido mais de uma centena de quilômetros na região. Ao verificarem o animal, o encontraram ferido e tiveram que recolhê-lo. Quando estiver melhor, Baru será novamente solto.

O trabalho com esses lobos-guará deve servir de base metodológica para futuras reintroduções de filhotes. Por exemplo, diz Cunha de Paula, o ideal é que o treinamento para ser um lobo-guará selvagem comece até 1 ano de idade e que a soltura ocorra até os 2 anos, quando chegam à idade reprodutiva.

Apesar de tudo ter dado aparentemente certo, o pesquisador do ICMBio lista outros desafios para esses animais recém-libertos. Um deles é a questão de conflitos territoriais com outros lobos —as feridas de Baru podem ter sido causadas pela própria Caliandra, segundo hipótese dos envolvidos no projeto. O outro receio diz respeito ao ser humano. "Há o medo de ele ir para a estrada. É uma coisa que a gente tem trauma", diz Cunha de Paula.

Há um esforço para a conscientização de proprietários rurais da região, uma grande área produtora de soja, com avisos de que os animais foram soltos. Segundo Rosa, mesmo antes disso, já havia um processo de maior sensibilização ambiental entre as pessoas da região.

Ela exemplifica essa sensibilização com um incêndio que atingiu o cerrado da região —o bioma é um dos que mais sofre com queimadas no Brasil. Um dono de fazenda viu um filhote de lobo-guará no meio de uma área em chamas e se arriscou para salvar o bicho, conta Rosa.

Para a coordenadora do Parque Vida Cerrado, esses sinais indicam uma coisa. "Tem futuro. A gente lutar por isso e buscar esses bons exemplos [no agronegócio] para que eles possam contagiar e sensibilizar os outros", afirma Rosa.

Lobo-guará

Chrysocyon brachyurus

Eduardo Knapp/Folhapress

Maior canídeo sul-americano

Tamanho: entre 95 e 115 cm de comprimento (mais 38 a 50 cm de cauda)

Peso: entre 20 e 30 kg

Altura: pode chegar a 1 m

Distribuição na América do Sul

Fontes: WWF-Brasil, ICMBio

Amazônia registra 2º pior maio de desmatamento desde 2016

AFP A Amazônia teve o segundo maior desmate registrado em um mês de maio, segundo dados do Deter, programa do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). Foram derrubados 899,64 km² de floresta. Maio de 2021 —sempre em comparação com o mesmo mês de outros anos— é o recordista de destruição, com 1.390 km² derrubados.

Apesar da queda, o número ainda é significativo para um mês, principalmente ao se considerar que os piores meses de destruição ainda estão pela frente. O estado do Amazonas foi o que sofreu maior desmatamento em maio, com derrubada de 298 km².

O Deter é o programa do Inpe que registra desmates praticamente em tempo real, com o intuito de auxiliar equipes de fiscalização no combate aos crimes ambientais. Apesar disso, os dados provenientes do Deter podem ser usados para verificar tendências de destruição —que, neste momento, apontam para mais um ano de índices elevados.

A série histórica recente do Deter aqui apresentada tem início no período 2015/2016.

Maio de 2022 também teve um elevado número de queimadas na Amazônia. Foi o pior maio desde 2004, com registro de 2.287 focos de incêndio, alta de 96% em relação ao mesmo mês de 2021. É o segundo maior número para um mês de maio —a primeira colocação é de 2004, quando o número de focos foi de 3.131.

Mariana Napolitano, gerente de ciências da WWF-Brasil, diz que "mesmo com todos os alertas da ciência, o Brasil continua na contramão do desenvolvimento sustentável".

O presidente Jair Bolsonaro, aliado do agronegócio, tem enfrentado críticas internacionais pelo aumento do desmatamento na Amazônia, frequentemente relacionado ao avanço da exploração agrícola e de recursos naturais. Desde que ele assumiu o cargo, em 2019, o desmatamento anual médio da Amazônia brasileira aumentou 75% em relação à década anterior, segundo números oficiais. "Os recordes de desmatamento deixam claro que um futuro ambientalmente equilibrado está cada dia mais distante", diz Napolitano.

Superpredador em miniatura

Análise de osso revela pequeno predador do Brasil na Era dos Dinossauros

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Vivemos num planeta absolutamente assombroso, no melhor sentido da palavra. Ainda estamos longe de mapear todos os milhões de espécies que compartilham a Terra conosco neste momento, mas duas coisas a esse respeito já estão bastante claras.

A primeira é que a trama de interrelações entre essa multidão de criaturas vivas é muito mais complexa do que qualquer coisa que possamos conceber. A segunda é que esse tecido infinitamente intrincado existe em quatro dimensões: não apenas nas três do espaço, mas também na do tempo.

Com efeito, cada vez que recuamos algumas dezenas de milhares de anos, uma proporção substancial dos atores entra ou sai do palco, mas a cena continua igualmente variegada. E isso se repete há pelo menos várias centenas de milhões de anos: um planeta vivo, sempre diferente, mas, talvez por isso, atapetado com uma teia de interrelações que podemos detectar e entender.

Pode parecer doideira, mas o fato é que as reflexões acima – não muito originais, concordo, mas sinceras– vieram-me à cabeça por causa de um único osso fossilizado. Trata-se de uma vértebra do meio da cauda de um dinossauro. Por enquanto é o único resquício do bicho a ser encontrado, ainda insuficiente para que se atribua a ele um daqueles bonitos nomes científicos que misturam latim e grego. Mesmo assim, a vértebra solitária ajuda a pintar um quadro mais claro e complexo da trama de relações entre os animais que eram os senhores da Terra há cerca de 70 milhões de anos.

Detalhes sobre a descoberta estão saindo na revista especializada Journal of South American Earth Sciences. Rafael Delcourt e Max Cardoso Langer, paleontólogos da USP de Ribeirão Preto e autores do estudo sobre o fóssil, relatam que ele foi encontrado, junto com resquícios similares de tartarugas e parentes extintos dos crocodilos, no município paulista de Osvaldo Cruz (noroeste do estado).

As características da vértebra deixam claro que se trata de um animal já adulto e que ele pertencia ao grupo dos abelissaurídeos, os quais estavam entre os principais dinos predadores da América do Sul no fim do período Cretáceo (o último da Era dos Dinossauros). Se você é daquelas pessoas que sempre sentiu certa pena dos bracinhos curtos do Tyrannosaurus rex, por favor guarde a maior parte da sua piedade para os abelissaurídeos: uma das características mais marcantes do grupo são as patas da frente minúsculas –"quase vestigiais", escreve a dupla de paleontólogos.

Os microbracinhos não impediram que os abelissaurídeos se tornassem predadores formidáveis, é claro. "A gente tinha uma fauna extremamente diversa desse grupo aqui no Brasil", diz Delcourt. "O maior dos abelissauros, chamado Pycnonemosaurus, que tinha 9 metros de comprimento, viveu aqui."

Outras espécies mais modestas, mas ainda assim formidáveis, também têm sido descritas em território brasileiro.

Mas a vértebra do interior paulista mostra que também havia abelissauros relativamente nanicos no fim do Cretáceo brasileiro: cálculos que usam a dimensão desses ossos para estimar o tamanho corporal total indicam que o bicho atingia uns 3,5 metros de comprimento, não muito diferente de um jacaré de bom tamanho de hoje.

É fascinante pensar no que isso significa. Os ecossistemas do Cretáceo não eram simplificações de desenho animado, com um único carnívoro gigante aterrorizando presas indefesas, mas um mundo tridimensional, com espécies de diferentes tamanhos ocupando espaços distintos. Se os Pycnonemosaurus eram as onças, o misterioso abelissauro da vértebra e seus parentes talvez fossem as jaguatiricas. Mais mistérios como esses estão à nossa espera.

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | QUA. Atila Iamarino, **Esper Kallás**

ESPORTE AO VIVO | **8h** GP do Azerbaijão F1, BAND | **16h** São Paulo x América-MG Brasileiro, GLOBO (SP)/PREMIERE | **18h** Coritiba x Palmeiras Brasileiro, PREMIERE

Empresa e Ypiranga almejam ser 1º clube híbrido do mundo

Cia Ipiranga se une à agremiação centenária e prioriza tecnologia, não futebol

Alex Sabino

SÃO PAULO Quando o futebol engatinhava no Brasil, o Clube Atlético Ypiranga foi pioneiro. Criado em 1906, é um dos fundadores da Federação Paulista de Futebol (1941) e vice estadual em 1913, 1935 e 1936. O rebaixamento para a segunda divisão em 1958 encerrou a modalidade profissional na agremiação, que se mantém apenas como clube social.

Sessenta e quatro anos depois, uma empresa com parceria com o Ypiranga e um nome quase igual pretende ressuscitar o futebol da agremiação. A Cia Ipiranga, uma sociedade anônima, fez parceria com o Ypiranga para o futsal e as categorias de base. Estas vão usar os uniformes e escudo da tradicional equipe. No profissional, não. Será Ipiranga com "I", não com "Y".

"O Ypiranga colocou no estatuto que não pode ter mais equipes profissionais. Eu joguei lá, meu irmão também, a gente é do bairro e tem ótima relação com a diretoria", afirma o ex-atacante Paulo Jamelli, que passou por Santos e São Paulo, um dos executivos da empresa.

Com a ideia de estrear em 2023 (embora o time de futsal já estampe a marca da empresa no uniforme), o novo Ipiranga se parece com outros projetos de futebol. Vai buscar jogadores, trabalhar no mercado, ir atrás de dinheiro e escolheu a cidade de São Paulo por acreditar haver espaço para mais uma equipe.

Os irmãos Calucho e Paulo Jamelli (à dir.) com a camisa do Ipiranga Fernando Roberto/Cia Ipiranga de Futebol

Mas há outras ideias que não necessariamente passam por vencer partidas de futebol. É um empreendimento em que o placar das partidas pode ficar em segundo plano.

"Eu não entraria em um projeto de futebol tradicional. Nosso negócio é outro. O resultado dentro de campo não pode estar acima do resultado operacional", afirma José Rozinei da Silva, encarregado da parte tecnológica da SAF (Sociedade Anônima do Futebol).

Resultado operacional é o lucro.

O Ipiranga tem tantas ambições que o esporte em si, como o público está habituado a ver, pode ficar fora da lista de prioridades dos seus criadores. As palavras inovação e eSports podem vir à frente do futebol.

Para os executivos, a Cia Ipiranga, com a parceria nas categorias de base com o velho Ypiranga, é o primeiro clube híbrido do mundo.

"São três vertentes. O objetivo é não ficar dependente do futebol tradicional, de patrocínio e venda de jogador. A gente quer pegar o futebol do século 20 e colocar no século 21", diz Calucho Jamelli, irmão de Paulo.

Associado à empresa Total Player, dos mesmos donos, o Ipiranga desenvolve tecnologias, aplicativos e programas para avaliação de jogadores de futebol. São projetos que já existem no mercado, para avaliar em qual time um atleta de determinadas características vai se encaixar. Há a ideia de ter uma espécie de passaporte para determinar quanto cada atleta vale. Descobrir por que um jogador tende a se valorizar mais do que outro e como maximizar isso.

O clube poderia desenvolver a tecnologia para si próprio e usá-la para descobrir talentos. Mas a ideia é vendê-la para outros clubes.

O Ipiranga quer criar NFTs, representações digitais de ativos únicos para serem vendidos. A Total Player fez o "token" do Atlético Mineiro.

"Os clubes tradicionais são muito limitados. O que a gente percebeu é que as ferramentas de empresas de tecnologia usadas em qualquer negócio, no mercado financeiro, podem ser aplicadas no mundo do esporte, e ninguém usa isso", explica Rozinei.

A questão é se o futebol está pronto para tanta tecnologia ou para inovações que mudam a maneira como a indústria funciona há décadas.

"O mundo do futebol está hoje como estavam os bancos há dez anos. As fintechs de bancos eram inovadoras há cinco anos. Hoje são corriqueiras. Só que a cabeça dos empresários de futebol não está pronta para isso", diz.

Desde o nascimento do projeto, a missão tem sido ir atrás de investidores.

"Em vez de o cara investir no agronegócio, em dólar, em ouro, vai investir no futebol com a mesma segurança", jura Paulo Jamelli.

E outra das apostas são os eSports. A crença do Ipiranga é no crescimento dos jogos virtuais no país. De uma maneira parecida com o que ocorre nos Estados Unidos.

"É o futuro. A garotada prefere assistir a um jogo de videogame a ver um jogo real", finaliza Rozinei.

CORINTHIANS VENCE E VOLTA A SER LÍDER
O time alvinegro venceu o Juventude por 2 a 0, gols de Adson e Mantuan, e dorme na ponta do Brasileiro à espera do jogo do vice, Palmeiras, neste domingo; fora de casa, o Santos empatou com o Atlético-MG Carla Carniel/Reuters

Cada um tem seu lugar

Em todas as atividades profissionais e na vida, é preciso se encontrar

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Uma das evoluções do futebol foi um time ter vários jogadores que ocupam mais de uma posição e executam mais de uma função. Porém é preciso separar atletas que atuam em posições diferentes desde o início das partidas dos que, momentaneamente, durante o jogo, fazem outras funções. Existem ainda os que, sem mudar de posição, executam vários fundamentos técnicos com eficiência, como um volante que marca e avança com qualidade, como um meia ofensivo.

De Bruyne, além da velocidade e da transição rápida de uma intermediária à outra, é excepcional na construção de jogadas, nos passes decisivos para gols, na finalização com os dois pés, nos cruzamentos fortes e de curva e na inteligência coletiva. Se não é o melhor jogador do mundo, é o mais completo.

Cada jogador tem de achar seu lugar ideal. Cristiano Ronaldo, que era um excepcional atacante pelo lado, de onde partia para o meio para fazer gols, tornou-se um dos maiores da história depois que passou a atuar mais centralizado e mais perto da área. Messi, que era um ponta direita que driblava para o centro, para finalizar ou para dar um passe com a canhota, como existem dezenas espalhados pelo mundo, tornou-se um supercraque, um fenômeno, quando passou a jogar em todo o ataque.

Com frequência, os técnicos necessitam colocar um ótimo jogador fora de posição, pois já há outro melhor ainda no lugar. No Palmeiras, Scarpa, que joga na mesma posição de Raphael Veiga, foi deslocado para o lado esquerdo. Os dois, além de várias qualidades, destacam-se pelos cruzamentos fortes e de curva, em bolas paradas e em movimento. Assim, saem muitos gols. Toda equipe deveria ter um jogador com essa virtude. O Palmeiras tem dois.

Os treinadores, além de ter muito conhecimento técnico, tático e estatístico e de saber comandar um grupo, necessitam ser bons observadores dos detalhes e, principalmente, escalar os melhores nas posições corretas. O treinador Vítor Pereira, do Corinthians, é extremamente científico, mas tem feito escolhas erradas, ao colocar, em alguns momentos, o meio-campista Renato Augusto de centroavante e de armador pelo lado, Róger Guedes de centroavante e o veloz Mosquito pela esquerda. Mosquito se destaca somente pela velocidade pela ponta direita, para cruzar de pé direito. Na esquerda, ele não tem habilidade para driblar para o centro nem para cruzar com a perna esquerda.

No Brasil, os treinadores brasileiros e estrangeiros continuam sendo excessivamente demitidos. Entre vários motivos, um frequente é a supervalorização dos técnicos, como se fossem os grandes responsáveis por tudo o que acontece no jogo. É preciso separar a indiscutível importância de um técnico na formação e no comando de um time da ilusória análise de que a história de um jogo é sempre determinada por um treinador.

Espero que o novo técnico do Flamengo, Dorival Júnior, não seja engolido pelo delírio faraônico de que o time teria de jogar como um dos melhores do mundo. Falta ao Flamengo a seriedade profissional do Palmeiras, no campo e na gestão. Abel Ferreira se parece com Bernardinho, do vôlei. A vitória é muito mais que um prazer. É um compromisso com ele mesmo.

Em todas as atividades profissionais e na vida, cada um precisa encontrar o lugar e o jeito de ser e de fazer. Muitos não conseguem. No meio do caminho, há muitos tombos. Outros não querem melhorar, aprender. Preferem repetir e só enxergar o que querem ver.

A caminho da 4ª Academia

Três vezes no século passado o Palmeiras fez por merecer a honraria. Repetirá?

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

A primeira Academia remonta aos anos 1960, seguida por outra nos anos 1970 e por mais uma, nos anos 1990, embora haja quem discuta e diga que Academias de verdade foram só as dos anos 60 e 70.

Por mais breve, porém, que tenha sido o time campeão paulista de 1996, recusar o carimbo nele é injusto.

Saibam a rara leitora e o raro leitor que o apelido nunca esteve necessariamente ligado ao número de títulos conquistados pelos times assim chamados, embora eles tivessem ganhado uma porção deles.

A referência sempre foi à qualidade desempenhada por tantos craques que, se aqui enumerados, seria necessária, no mínimo, a página inteira.

A questão posta hoje em dia se estamos diante de uma nova Academia, a quarta da história alviverde, a primeira neste século, ainda se dá mais pelas taças levantadas, principalmente o bicampeonato seguido da Libertadores, do que pela qualidade.

Inevitável que depois da goleada por 4 a 0 sobre o Botafogo, com uma exibição no primeiro tempo que beirou a perfeição e o fecho de ouro no segundo com o golaço de Wesley, a pergunta voltasse a martelar: estamos diante da quarta Academia?

Difícil responder, mesmo que não caiba dúvida de que o Palmeiras é o único time que está jogando futebol gostoso de se ver hoje em dia no país. Se ganhar mais uma Libertadores, ou o Campeonato Brasileiro, a chancela virá inevitavelmente.

Porque em tempos frios de avaliação de resultados ninguém perguntará cadê um Djalma Santos, Valdemar Carabina, Djalma Dias, Julinho Botelho, Ademir da Guia, Luís Pereira, Cafu, Rivaldo, Djalminha, Luizão, Muller, cadê?

Talvez só Weverton possa ser comparado a Emerson Leão, e assim mesmo quem o fizer será acusado de forçar a barra.

Não importa. Importa que está dando gosto ver o Palmeiras e ouvir as entrevistas pós-jogo de Abel Ferreira.

Ironia no Qatar

A qualidade dos jogos da Liga das Nações da Uefa está longe de ser a que se espera das principais seleções europeias.

É o que dá disputá-la no fim da temporada, o que, não é de hoje, tem prejudicado o nível das Copas do Mundo.

Como a Copa ficou para novembro diante do calor insuportável do Qatar, está na cara que o torneio está sendo disputado com freio de mão puxado e com jogadores poupados, diferentemente do que aconteceria numa Copa do Mundo.

A trágica ironia está em que deveremos ter o campeonato da Fifa jogado em patamar bem mais alto, com os jogadores em plena forma, mas em estádios ou cidades erguidos à custa de mais de 6.500 mortes de trabalhadores submetidos a maus-tratos, em situação semelhante à escravidão como revelou a excelente reportagem de Alex Sabino na terça-feira (7), nesta **Folha**.

O governo qatari e a Fifa negam. Surpreendente seria se confirmassem.

Janio de Freitas, 90

O mestre dos mestres do jornalismo brasileiro completou suas primeiras nove décadas de vida no último dia 9.

Um privilégio merecido para quem as atinge com tamanha lucidez e em plena atividade a ponto de, a cada domingo, nesta **Folha**, iluminar os fatos nacionais com sua sabedoria.

Em 1995, ao vir trabalhar no jornal, ouvi de seu Frias que seria o Janio de Freitas do esporte da **Folha**.

Pensei em desistir, por ser missão inatingível.

Continua sendo, embora seja objetivo permanente como são as utopias que nos fazem caminhar.

Viva Janio de Freitas!

NOSSO ESTRANHO AMOR

Anna Virginia Balloussier
folha.com/nossoestranhoamor

Paulo foi o primeiro amor de Sisa, e ela o reencontrou décadas depois

Encontraram-se no primeiro ano do fundamental, numa escola estadual de Marília (SP). Paulo vinha do Paraná. Darcy, que todo mundo chamava de Sisa, da capital paulista. Tinham seis anos e eram, junto com os amigos Thelma e Guilherme, inseparáveis.

"Sabe aquele primeiro amor da vida?" Pois é. Sisa conheceu o seu no distante 1967. Os dois eram levados demais. "Montava em bezerra, roubava fruta e levava tiro de sal. Paulo era como eu."

Os amigos moravam em casas vizinhas, todas sempre com porta destrancada e bolo quentinho em cima da mesa, para a molecada se fartar. Tinha uma piscina no quintal da Sisa, raridade na época. A turma toda ia para lá depois que o clube fechava.

Sisa e Paulo tinham uma conexão especial. Eram crianças e não precisavam rotular nada. "A gente sabia que gostava muito um do outro, mas não dava a conotação que se dá hoje. Era só uma companhia muito gostosa."

Aí, ela foi embora. Beirava os 12 anos quando os pais decidiram voltar para São Paulo, e isso nos anos 1970. A comunicação era basicamente por telefone (caro) ou cartas (melhor assim).

Antes de partir, Sisa levou um álbum para que os colegas de Marília registrassem bilhetes de despedida. "Ele foi o único menino que escreveu pra mim."

Foram estas as palavras de Paulo, numa bonita caligrafia sobre a folha de caderno com o desenho da Mônica e do Bidu, as já hiperpopulares criações de Mauricio de Sousa: "Darcy, que estas palavras traduzam um pouco da amizade que sinto por você. Um amigo é um tesouro. Quanto mais... um Amigo! Onde está teu tesouro, está teu coração".

Esse... Amigo! Sisa sentia falta dele, mas a vida tratou de se encaminhar. "A gente se comunicou por cartas depois. Mas o tempo passou, passou, passou." Tinham 15 anos quando ele ressurgiu. Paulo era nadador e foi a São Paulo competir. "Me procurou lá em casa, com intuito de me namorar. Eu estava linda namorando outro. Ele foi embora bem sentido. Nunca mais falou comigo."

Quem puxou papo de novo foi ela, em 2010. Mais de três décadas depois. Sisa mantinha contato com Guilherme e Thelma, os outros dois amigos de infância, e a antiga gangue pensou em se reunir.

Paulo, agora engenheiro agrônomo, trabalhava na Unicamp. Sisa descolou o e-mail dele. A resposta foi bem seca, conta a dentista. Ele respondeu algo na linha "não quero nada, não", como se para frear investidas da ex-crush. Estava casado.

Ela tinha ficado viúva sete anos antes. O marido só tinha 48 anos quando morreu de câncer. Foram anos difíceis. Sisa até fez planos de largar tudo e entrar no Médico Sem Fronteiras. Ao contrário de Paulo, não tinha filhos. Queria cuidar de crianças em algum outro canto do mundo.

Ela pegou birra. Viu o convite de amizade no Facebook que Paulo enviou tempos depois e fez pouco caso. "Ah, esse cara chato, grosso, não quero nem saber", bufou no dia. Mas quem ela queria enganar? "Sabe quando você olha a foto de alguém e dá um frio na barriga? Saquei de cara: 'Meu Deus, isso não vai prestar'."

Prestou. Um dia, com o divórcio já resolvido e depois de meses de papo virtual, Paulo pintou de surpresa no consultório de Sisa, na avenida Brigadeiro Faria Lima. "Na hora em que abri a porta, quase caí para trás. Ele é clarinho, de olho azul, e ficou vermelho."

Ficaram umas cinco horas conversando. "Quando a gente se reencontrou, parecia que eu nunca tinha ficado longe dele."

O primeiro beijo só aconteceu no segundo encontro. Foram dar uma volta no shopping Eldorado, perto de onde a dentista trabalhava. "A gente só andava. Não quis tomar café nem nada. Sabe quando seu braço encontra no braço do outro e dá arrepio? E a gente já tinha mais de 50 anos!" Saíram dali para um hotel.

Paulo colocava "Friday I'm Love", a música dos ingleses do The Cure que falava sobre estar apaixonado às sextas, quando pegava a estrada na véspera do fim de semana para encontrar a namorada em São Paulo.

Formalizaram a união após dois anos, no cartório. "Foi muito legal. Eu sou uma pisciana bem esotérica. Ele falou: 'Vai lá nas suas astrólogas e macumbeiras ver uma data boa pra casar." Escolheu um 19 de abril.

Sabe aquele primeiro amor da vida? Sisa todo dia acorda com o seu. "Ele é mil vezes mais romântico que eu."

Certa vez, Paulo comprou vários anéis de bijuteria chinesa durante uma viagem pela costa oeste dos EUA. "O último ele me deu quando a gente estava num bangalô com lareira, vinho. O céu estava uma coisa de tantas estrelas. Ele pegou um anel de coração bem grande, cheio de brilhantes e strass: 'Toma, agora te dou o céu'. Foi a primeira vez que pediu pra casar."

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Tornado estabilizado **2.** Harmonia resultante de duas partes de sons ou fonemas diferentes **3.** Grade de churrasqueira / Indígena de grande tribo sul-americana **4.** Uma substância vegetal nutritiva / Utensílio composto de duas peças iguais **5.** Ato sagrado próprio de determinado culto / Cantora extraordinária **6.** Período entre 1º de Jan e 31 de Dez / Trazer má sorte **7.** Um tecido transparente e leve / Que leva à infelicidade, à ruína **8.** Elemento químico de símbolo Rb **9.** Refugiado político **10.** Grande fatia / Banco do Brasil **11.** O instrumento tocado por Ray Charles / Genitor **12.** Medida de peso inglesa, igual a 28,349 g / Uma unidade de medida da energia elétrica **13.** Um sufixo químico / Pessoa muito parecida a outra.

VERTICAIS

1. Escritor norte-americano (1809-1849), conhecido por seus contos de mistério e terror **2.** O atacante Roberto, do futebol / (-Tropez) Cidade da Riviera Francesa, destino turístico **3.** (Sem) Nulo, cancelado / Que possui muito dinheiro **4.** Teto de pano ou de lona / Sujeita **5.** Um sufixo diminutivo / Precede o domingo **6.** A pública é qualquer rua, avenida etc. franqueado a uso público / Mulher que ou quem está provisoriamente preso por autoridade policial / Forma carinhosa do neto chamar a mãe do pai **7.** Um tamanho de pilha / Cortado em pedacinhos / (Red.) Uma formação acadêmica **8.** Animal semelhante ao porco doméstico / Um destino turístico da Indonésia **9.** Fazer cálculo matemático / Trajetória de um corpo celeste ao girar em volta de um astro.

HORIZONTAIS: 1. Efetivado, **2.** Difonia, **3.** Grelha, Jê, **4.** Amido, Par, **5.** Rito, Diva, **6.** Ano, Secar, **7.** Lô, Fatal, **8.** Rubídio, **9.** Asilado, **10.** Nacada, BB, **11.** Piano, Pai, **12.** Onça, Volt, **13.** Eto, Sósia. **VERTICAIS: 1.** Edgar Allan Poe, **2.** Firmino, Saint, **3.** Efeito, Ricaço, **4.** Toldo, Fulana, **5.** Inho, Sábado, **6.** Via, Detida, Vó, **7.** AA, Picado, Pós, **8.** Javali, Bali, **9.** Operar, Órbita.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

5							6	9
7				6	4			
			8			3		
		6	7			5	1	
	4						9	
	3	5			6	2		
		2			7			
			2	1				8
8	7							5

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

5	2	8	3	7	1	4	6	9
7	1	3	9	6	4	8	5	2
4	6	9	8	2	5	3	7	1
9	8	6	7	3	2	5	1	4
2	4	7	1	5	8	6	9	3
1	3	5	4	9	6	2	8	7
3	9	2	5	8	7	1	4	6
6	5	4	2	1	9	7	3	8
8	7	1	6	4	3	9	2	5

FRASES DA SEMANA

CHÁ DE SUMIÇO?
Jair Bolsonaro
Dos EUA, onde esteve para a Cúpula das Américas, o presidente culpabilizou o jornalista britânico Dom Philips e o indigenista Bruno Pereira pelo desaparecimento na Terra Indígena Vale Javari, no Amazonas, região visada pelo garimpo ilegal. Para ativistas, a demora nas buscas e a falta de apoio de órgãos públicos, ativistas sinalizaram descaso

"Naquela região, geralmente você anda escoltado, foram para uma aventura, a gente lamenta pelo pior"

PRIORIDADES
Presidente vociferou contra Mark Ruffalo, ator que interpreta o super-herói Hulk, crítico de suas investidas antidemocráticas, no Twitter

"Querido Mark Ruffles, se acalme! Tenho certeza que você nunca leu a Constituição brasileira, mas posso te assegurar que não é nada parecida com os roteiros complicados de 'Hulk' que você precisa decorar: AHGFRR"

FÉ CEGA, FACA AMOLADA
Kristina Rosales
Porta-voz do governo Biden afirmou que o presidente confia no sistema eleitoral brasileiro, constantemente posto em xeque por Bolsonaro

"O próprio presidente Bolsonaro falou que respeita a democracia, que vai respeitar o resultado. Nós, obviamente, levamos a sério as palavras que saem da boca do presidente, que é a autoridade máxima do país"

$AÚDE $UPLEMENTAR
Marcos Mion
O apresentador de TV pai de um adolescente autista criticou a aprovação do rol taxativo da ANS (Agência Nacional de Saúde) que desobriga planos de saúde a cobrir procedimentos fora da lista de aprovação do órgão.

"O dinheiro venceu mais uma vez e foi colocado acima das nossas necessidades, das nossas vidas"

SILÊNCIO NO TRIBUNAL
Alexandre Padilha
Responsável pela ação no TRE-SP que impediu o ex-juiz Sergio Moro (União Brasil) de concorrer às eleições de 2022 pelo estado de São Paulo, o deputado petista disse que ficou sem resposta ao cumprimentar o ex-ministro em um voo

"E aí, Moro?"

Gabriela Biló/Folhapress

IMAGENS DA SEMANA

O presidente Jair Bolsonaro (PL) se uniu aos presidentes do Senado e da Câmara, Rodrigo Pacheco e Arthur Lira, no Palácio do Planalto para anúncio de uma PEC para baixar o preço dos combustíveis via redução de ICMS dos estados. A união planeja compensar os governos até o fim do ano eleitoral, custo estimado em R$ 40 bilhões. No alto, o advogado da família Bolsonaro, Frederick Wassef, que acompanhou o anúncio

ACERVO FOLHA

Há 100 anos **12.jun.1922**

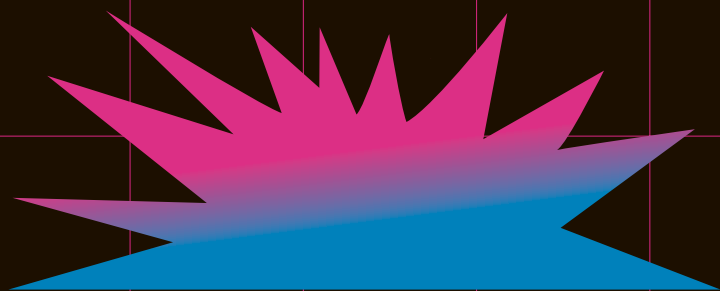
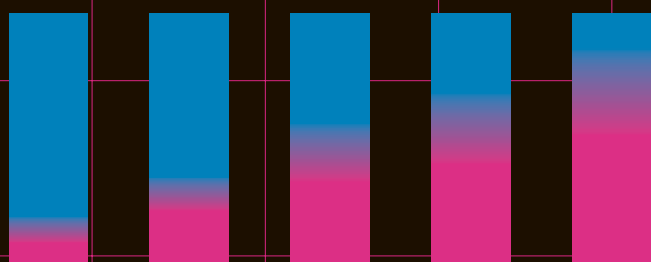
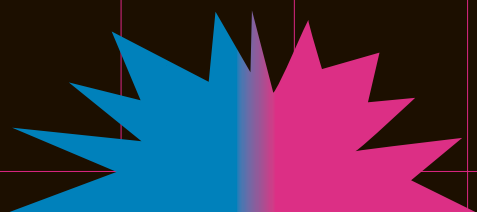
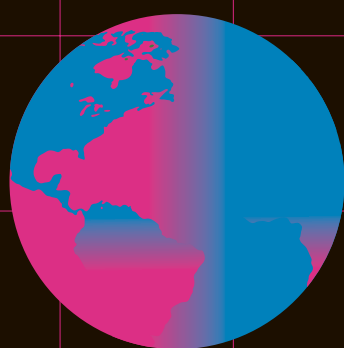
Embaixador belga se encontra com Washington Luís em SP

O embaixador da Bélgica, o barão Albéric Fallon, que estava em Guatapará (que hoje é uma cidade na região de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo), regressou na manhã desta segunda-feira (12) para a capital e foi recebido por um representante do governador Washington Luís na estação da Luz.

À tarde o diplomata foi ao Palácio do Governo e, como partirá para o Rio de Janeiro, apresentou as suas despedidas a Washington Luís.

Antes de realizar essa viagem, o embaixador ainda irá a Santos na manhã desta terça-feira e voltará à tarde a São Paulo. Ele seguirá às 21h30 em trem de luxo para o Rio de Janeiro.

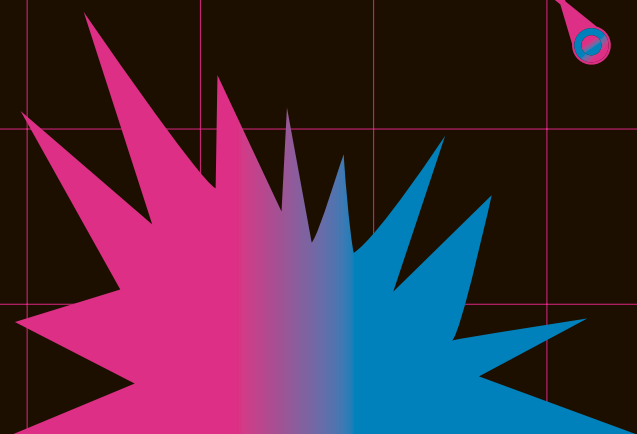
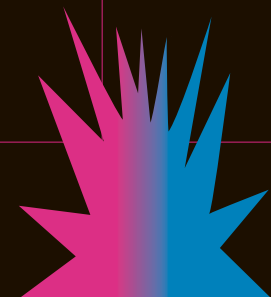
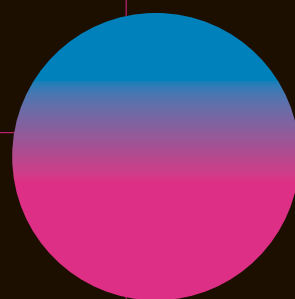
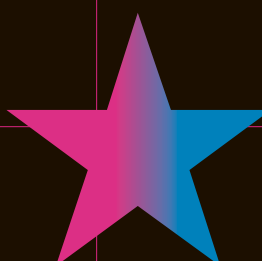
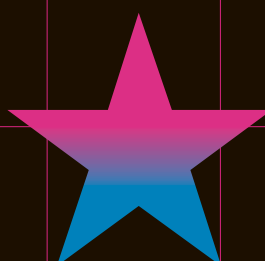
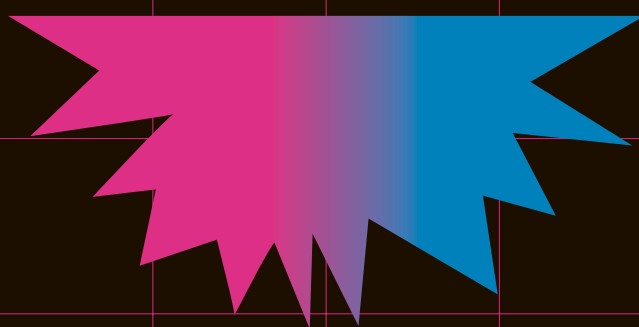
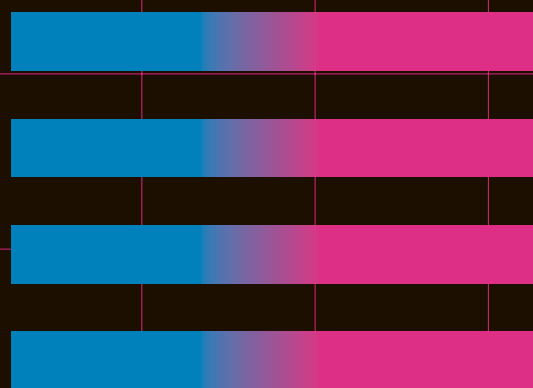
Folha da Noite
PELA SOCIEDADE

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Cultura em tempo de guerra

Marcelo Ridenti comenta embates culturais em curso e sua pesquisa sobre atuação dos EUA na Guerra Fria *C4*

Em texto inédito, Teixeira Coelho analisa papel da cultura no contexto dos conflitos atuais *C6*

➔ Datafolha usa métodos equivocados ao apontar predomínio da esquerda *C9*
➔ Quem foi Bárbara Pereira de Alencar, a matriarca revolucionária *C10*

Ilustração *André Stefanini*

MÔNICA BERGAMO monica.bergamo@grupofolha.com.br

Julia Dalavia
De repente, senti uma mordida de filhote de jacaré

[RESUMO] Guta no remake de "Pantanal" no ar na Globo, a atriz de 24 anos conta curiosidades sobre as gravações na região pantaneira, como ter de aprender a conviver com os muitos bichos que habitam o local. A artista também afirma ficar impressionada com o sucesso do folhetim entre os jovens e diz se divertir com os muitos memes que circulam na internet

Por ***Karina Matias***

Três anos depois de interpretar a mocinha Laila de "Órfãos da Terra" (Globo), a atriz Julia Dalavia, 24, enfrenta um desafio bem diferente: dar vida à moderna e ousada Guta, de "Pantanal".

*

Logo no início da novela, a personagem, que até então morava em São Paulo, decide voltar a viver com a família, na região pantaneira. A mudança provoca grandes estranhamentos para Guta, que bate de frente com o retrógrado pai, Tenório, vivido por Murilo Benício. Já para a atriz Julia, gravar no Pantanal tem sido uma forma de colecionar histórias curiosas.

*

Uma delas aconteceu quando ela filmava uma cena sensual no rio, ao lado de Jesuíta Barbosa, intérprete de Jove. "Os lambaris começaram a morder a gente. Morder, morder, morder. Eles vêm nas pintas porque acham que é comida", relata ela, aos risos.

*

E teve situação ainda mais inusitada, quando ela foi mordida na bunda pelo que acredita ter sido um filhote de jacaré. "Era uma mordida de uma boca que não era de um peixinho nem de um peixe grande. Era uma boca enorme, tipo uma boca de um jacaré. Na hora eu entendi: foi um jacaré", diz.

*

Do Pantanal, onde voltou a gravar as cenas da novela, Julia conversou com a coluna e falou sobre o sucesso do remake, a repercussão de sua personagem e outras histórias divertidas dos bastidores da produção. Leia, a seguir, trechos editados da conversa:

*

Como está sendo acompanhar a repercussão da Guta? Está sendo muito bom ver memes e a galera interagindo. Eu ouço coisas diferentes sobre a Guta. Há algumas pessoas que acham o tom dela um pouco complexo para se comunicar com os pais. Mas eu recebo também várias coisas de gente que gosta muito de ouvir o que ela tem para dizer. Está sendo muito bom ver as pessoas acreditando nessa história, comprando a novela.

*

E é muito impressionante. Amigos meus que não viam mais novela estão vindo me falar que estão assistindo e adorando. É muito inesperado e, ao mesmo tempo, não é, porque é uma história muito boa, um clássico da dramaturgia.

*

O que você acha que tem de parecido com a personagem? Eu sou feminista, eu acredito nisso, faz parte dos meus ideais. Assim como ela, eu procuro sempre me posicionar mas, ao mesmo tempo, acho que eu sou mais observadora. Me identifico com ela nesse sentido de me posicionar quando é preciso.

*

A gente vive isso todos os dias, independentemente da gente falar ou não, militar ou não, acho que cada dia a gente tem impulsos diferentes. Um dia é falar e sentar com alguém e conversar, debater. No outro é uma ação, uma atitude. No outro é o silêncio, que cabe e diz muito também.

*

E eu me identifico com a Guta nesse lugar de empatia que eu acho que ela tem. Eu acho que isso aflora ao longo da novela, de se colocar no lugar do outro, de compreender a realidade do outro.

*

E o que você acha mais desafiador de interpretar a Guta? Eu acho que é trazer isso também, essas discussões, porque pega num ponto íntimo. Essas cenas de discussões familiares, essas coisas que normalmente quando a gente está vivendo não pensamos muito sobre, mas quando a gente pega um texto e está em cena vivendo isso, às vezes bate em lugares pessoais. Mas é bom também ir lá, buscar isso e poder colocar a serviço do nosso trabalho, da dramaturgia.

*

Agora a Guta na história vai começar a lidar com gado, ela vai virar uma peoa. Ela passa por essa transformação quando o meio-irmão dela chega [Marcelo, interpretado por Lucas Leto]. E ela começa a se empoderar desse lugar também, da fazenda do pai, a cuidar disso, a implantar novas ideias neste lugar. É bonita essa trajetória de como ela chega e como ela se transforma. Laçar boi...[risos].

*

Você vai laçar boi? Ainda não, mas sei que vou ter que... Não sei como vai ser...[risos].

*

Você já tinha essa vivência rural? Desta forma não. Eu sempre gostei de fugir para o mato, sempre foi um refúgio nas minhas viagens, de ficar quietinha, descansando, fazendo trilha. Sempre gostei muito de estar em contato com a natureza.

*

Mas esse tipo de vivência, de mexer com bicho, aprender sobre animais...isso não. Cavalo era uma coisa que eu já andava, mas aqui a gente super fica andando de cavalo para que isso seja mais orgânico na hora.

*

Alguma história curiosa de bastidores nas gravações da novela na região pantaneira? A gente convive muito com bichos. Estava na varanda, lendo um livro e vem um sapo enorme e pula no meu braço. Fiquei com muito nojo, mas é normal aqui.

*

Tem uma outra história boa. No primeiro final de semana aqui, a gente estava no rio conversando, era um dia de folga, estava todo o mundo curtindo esses primeiros dias de Pantanal. De repente, eu sinto uma mordida na minha bunda. Mas uma boca que não era uma boca de um peixinho nem de um peixe grande. Era uma boca enorme, uma boca de um jacaré. Na hora eu entendi: foi um jacaré. E ele mordeu e soltou. E eu não acreditei. Não doeu. Eu dei um grito, quando eu fui olhar tinham dois furos: dois em cima e dois embaixo, enormes. Era a prova.

*

Porque quando eu falei 'gente, o jacaré, o jacaré', ninguém acreditou. Disseram 'não, se tivesse sido um jacaré, ia arrancar a sua bunda' [risos]. Eu falei: 'Está aqui, gente. Que peixe tem esse tamanho de boca, esse tamanho de mandíbula? Não existe'.

*

Eu acho que foi um filhote, um jacarezinho bebê que se perdeu por ali e abocanhou o negócio errado, na hora errada e saiu rápido [risos]. Porque eles não chegam perto, eles são pequenos os jacarés aqui, eles não atacam. Às vezes, a gente está gravando e tem um por perto, mas eles não vêm. Mas aconteceu isso comigo.

*

Não ficou com medo de entrar no rio? Eu sou meio corajosa para essas coisas. Teve outra história também. Eu e o Jesuíta [Barbosa] estávamos gravando no rio, e aí os lambaris começaram a morder a gente. Morder, morder, morder. Eles vêm nas pintas porque acham que é comida.

*

Até que um mordeu uma pintinha minha que é maior, e ela ficou pendurada. Ele quase arrancou a minha pinta. Tivemos que parar, colar esparadrapo nas pintinhas para eles pararem de morder a gente. Achei que ia perder a pinta [risos].

*

Por que você acha que a novela "Pantanal" é um sucesso? O que eu acho que mais me pega nessa história, e acho que pega o público também, é que todos os personagens são muito dicotômicos. Todos têm dois lados: a sua falha trágica e os seus pontos fortes. Como o Zé Leôncio [Marcos Palmeira], que tem várias questões problemáticas ali de machismo. Mas, ao mesmo tempo, é um cara honesto, gentil, de caráter. E isso é humano.

*

A novela mostra personagens muito humanos. Ninguém é perfeito, ninguém tem um tom só, todos têm várias nuances. E isso é muito fascinante.

*

Você assistiu a versão de 1990? Assisti o início, a primeira fase, e um pouco da segunda quando Jove, Juma e Guta mais velhos aparecem. Eu nunca tinha vindo ao Pantanal, eu não sabia muito sobre o lugar, era algo distante. Comecei a ver para entender essa essência do lugar, sobre que história falava, qual era esse universo. E me apaixonei.

*

Mas eu rapidamente desapeguei de ver a primeira versão. Eu já estava com o texto na mão e pensei: 'Bom, agora é um outro momento'. Eu fiquei com medo de me apegar, entrar no meu inconsciente e tentar fazer igual [a Guta de 1990, interpretada pela atriz Luciene Adami] ou tentar não fazer igual intencionalmente. Eu não queria que essa ansiedade me contaminasse. Entendi a essência do que foi e fiquei mais no texto.

Julia Dalavia caracterizada como Guta em 'Pantanal' João Miguel Júnior/Globo

Como identificar um fascista ou um marginal

Quem acha que pobre é bandido também é responsável pela morte de Genivaldos

Wilson Gomes
Professor titular da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e autor de 'Crônica de uma Tragédia Anunciada'

Bolsonaristas estão convencidos de que um dos grandes problemas nacionais, o crime, se resolve prendendo ou matando "os vagabundos". Matar é melhor, pois evita que a Justiça mande soltar os criminosos ou que os homens de bem tenham que sustentar bandido na prisão —dizem-no com todas as letras.

A tese, sedutora para muitos, enfrenta além de tudo um problema prático: como identificar por sinais seguros que o sujeito que está diante de mim é um delinquente?

Do outro lado, alguns repetem, orgulhosos de frase tão lacradora, que, "se há dez pessoas em uma mesa, um nazista chega e se senta, e nenhuma se levanta, há onze nazistas na mesa". Não estão falando dos anos 1940 na Alemanha, mas do Brasil, hoje.

Na verdade, chegamos ao ponto de alguns verem nazistas e fascistas por todos os lados, como os olavistas e outras subespécies de bolsonaristas se veem cercados de comunistas. Mas como conseguem ter certeza de que o último a se sentar à mesa é de fato nazista, comunista ou fascista?

O problema dessas perspectivas fica mais sério pois pretendem transformar em obrigação moral a punição do Mal (assim, maiúsculo). Impõe-se uma atitude contra "a bandidagem", os fascistas, os nazistas, os comunistas.

Entretanto, para que as pessoas decentes adotem o comportamento requerido —ficar longe deles, denunciá-los, enfrentá-los ou simplesmente eliminá-los da face da Terra— seria necessário poder reconhecê-los. Como? O bandido dos bolsonaristas e o fascista da esquerda não são na prática entidades naturais e distintas, caminhando na rua com crachá, farda ou qualquer outro signo indiscutível. Ninguém tem "fascista" ou "bandido" escrito na testa, para pesar de muitos.

Isso, contudo, não desencoraja os projetos de "fogo nos fascistas" ou "pau na bandidagem".

Há uma função psicológica envolvida, claro, posto que a certeza da identificação do Mal apazigua a consciência, apaga os escrúpulos, torna firme a mão que executa a sentença.

Fracos e de caráter duvidoso seriam, ao contrário, os que consideram ser impossível um trajeto seguro entre concordar que criminosos devem ser punidos ou que fascistas não devem ser tolerados e a certeza de que a pessoa que está diante de nós é um delinquente ou um nazista. No mundo seguro da crença, não há espaço para céticos e agnósticos, muito menos para apóstatas da fé verdadeira.

Por outro lado, quando se pede para ver os critérios usados para a identificação concreta não entregam mais que clichês, preconceitos, sentimentos e uma vontade imensa de calar vozes divergentes.

No caso da identificação dos "vagabundos", resolveu-se a dificuldade por meio de um duplo procedimento.

Primeiro, dá-se ao agente armado a prerrogativa de uma semiose definitiva: observando os sinais emitidos pelo suspeito, o policial deduz, infere, conclui quem é a pessoa que lhe está diante, se cidadão ou marginal. O código por atrás da operação semiótica, que correlaciona signo e significados, no entanto, foi formando com base no preconceito social segundo o qual "se parece pobre, provavelmente é bandido".

> [...]
> O pessoal que considera 'matar bandido' uma missão moral elevada encontrou um método infalível para não errar na identificação de marginais: se a polícia mata, por tiro ou asfixia, é certamente um malfeitor

Segundo, o pessoal que considera "matar bandido" uma missão moral elevada encontrou um método infalível para não errar na identificação de marginais: se a polícia mata, por tiro ou asfixia, é certamente um malfeitor. Não é que a polícia mate por ser delinquente, é delinquente porque a polícia matou. Fim da discussão.

Identificar fascistas, nazistas e comunistas deveria ser ainda mais complexo considerando tratar-se de uma sociedade pluralista e com uma margem consideravelmente alta de liberdade de opinião. Mas não. Os videntes nos confessam com naturalidade que distinguem claramente os comunistas, fascistas e nazistas que os céticos nem sequer conseguem ver.

Claro que há realmente criminosos, fascistas e nazistas entre nós, em um número crescente e ameaçador. Entendo o medo, a pressa, a angústia. Há poucas coisas, porém, menos perniciosas que uma sociedade inteira em que o pânico leva à paranoia, aos julgamentos automáticos, às autorizações ao ódio contra grupos específicos.

Os que veem bandidos em cada pobre são também responsáveis pelos Genivaldos da vida, torturado e morto pelo crime de se comportar no trânsito como o presidente da República, só que com cara e jeito de miserável.

Os que se consideram sitiados por comunistas, nazistas e fascistas são responsáveis pela formação de uma geração inteira de fanáticos e autoritários, a própria materialização dos fantasmas que pretendem condenar. Analisar as consequências dessas premissas, contudo, tomaria um tempo que esse pessoal não tem, ocupado como está em denunciar e combater o Mal.

DOM. Bernardo Carvalho, Itamar Vieira Junior, Marilene Felinto, Wilson Gomes

Cultura sob Guerra Fria

[RESUMO] Em entrevista, sociólogo discute as pressões que artistas e intelectuais enfrentaram durante a Guerra Fria, tema de seu novo livro. Ele conclama a união das forças democráticas para resistir ao autoritarismo e afirma que a contestação do capitalismo se enfraqueceu na esquerda, que hoje se concentra na inclusão de grupos subalternizados nos marcos da ordem estabelecida

Por ***Laura Mattos***
Jornalista e mestre pela USP. Autora de 'Herói Mutilado: Roque Santeiro e os Bastidores da Censura à TV na Ditadura'

Ilustração ***André Stefanini***
Artista gráfico e ilustrador

ENTREVISTA MARCELO RIDENTI

As senhoras norte-americanas tinham um segredo. Mulheres de empresários que moravam no Brasil nos anos 1960 organizavam intercâmbios para levar líderes estudantis, de preferência de esquerda, para conhecer o "american way of life" e guardavam a sete chaves o apoio do governo dos Estados Unidos a esse programa.

A cada ano, entre 1962 e 1971, 80 jovens passavam, gratuitamente, um mês em cidades norte-americanas, e faziam um curso de verão na Universidade Harvard. Alguns foram até recebidos pelo presidente John Kennedy.

Antes da viagem, tinham aulas preparatórias com intelectuais no Brasil, que desconheciam o suporte financeiro do governo. Figuras consagradas da esquerda e da luta contra a ditadura militar, Dalmo Dallari e Paul Singer atuaram no projeto que, em última instância, buscava conquistar corações e mentes para o lado dos Estados Unidos e do capitalismo na disputa ideológica contra a União Soviética e o comunismo.

O resgate dessa e de outras experiências envolvendo intelectuais e artistas brasileiros no conflito político-ideológico internacional faz parte de "O Segredo das Senhoras Americanas: Intelectuais, Internacionalização e Financiamento na Guerra Fria Cultural", novo livro de Marcelo Ridenti, 63, professor titular de sociologia da Unicamp, resultado de mais de dez anos de pesquisa.

A partir de documentos oficiais, trocas de correspondências e processos judiciais garimpados em arquivos do Brasil, da França e dos Estados Unidos, além de entrevistas inéditas feitas com personagens da época, Ridenti recupera iniciativas que envolveram brasileiros na guerra fria cultural.

Além do programa estudantil, o pesquisador estuda a revista Cadernos Brasileiros, que circulou de 1959 a 1970 e teve entre os editores a escritora Nélida Piñon. A publicação era ligada ao Congresso pela Liberdade da Cultura, secretamente apoiado pela CIA.

A organização havia sido fundada em resposta ao Conselho Mundial da Paz, patrocinado pela URSS, que reuniu nomes como Pablo Picasso, Pablo Neruda e Jorge Amado —este era figura central na articulação entre o Brasil e a rede internacional de artistas e intelectuais pró-soviéticos, também objeto de estudo de Ridenti no novo livro.

"O Segredo das Senhoras Americanas" joga luz sobre a complexidade da ação de pessoas ligadas à intelectualidade e às artes em meio à Guerra Fria. Não eram inocentes úteis ou marionetes, mas nem sempre sabiam todas as regras do jogo, tinham conhecimento do patrocínio das potências políticas ou noção exata de como as iniciativas das quais participavam se colocavam no conflito ideológico.

Visões reducionistas não dão conta dessas tramas, aponta Ridenti, e julgamentos morais são descabidos. O livro tem, portanto, muito a dizer sobre os tempos atuais, de cancelamentos e disputas por narrativas.

Nesta entrevista à **Folha**, o sociólogo trata desses temas e da guerra ideológica em meio ao grave momento político do Brasil.

*

O seu livro critica a maneira como estudos sobre a guerra fria cultural costumam ser reduzidos a tentativas de se descobrir quem financiava isto ou aquilo. Atualmente, com as inúmeras possibilidades de se injetar dinheiro de maneira obscura no universo digital, inclusive com objetivos políticos, e diante da falta de transparência sobre algoritmos e financiamentos das empresas de tecnologia, vivemos, de certa forma, uma nova glamorização desse "follow the money" (siga o dinheiro)? Sim e isso, em parte, é um equívoco. Apenas descobrir quem paga não resolve a questão por completo.

Nos anos 1950, por exemplo, formou-se o Congresso pela Liberdade da Cultura, que, se descobriu depois, era financiado pela CIA. Congregava uma enorme gama de forças que envolviam a social-democracia, setores de direita, conservadores e até alguns anarquistas e ex-trotskistas.

Pois bem, esse congresso apoiou a Revolução Cubana. Depois que o Fidel resolveu ficar do lado soviético, eles se tornaram inimigos. Então você vai dizer: "Como a CIA financiou o Congresso, e como o Congresso apoiou a Revolução Cubana, logo, a Revolução Cubana foi financiada pela CIA?". Isso seria um absurdo. Existem espaços de autonomia relativa, de lutas, que não permitem esses raciocínios simplificados.

Isso não quer dizer que não é importante descobrir quem financia, mas não é porque a CIA patrocinava o Congresso pela Liberdade da Cultura que tudo o que seus participantes fizeram era inútil e vendido para o imperialismo ianque. Nem tudo do Conselho Mundial da Paz, que tinha atuação do Pablo Picasso, da Frida Kahlo, do Pablo Neruda, do Jorge Amado, era submissão ao ouro de Moscou, ainda que houvesse patrocínio soviético.

Isso vale para pensarmos hoje. Evidentemente, há financiamentos internacionais que não conhecemos bem e é importante descobrir quais são, mas é preciso analisar, desvendar cada processo político e cada tipo de atuação ligado aos financiamentos.

Nas minhas pesquisas, tento questionar uma certa simplificação na análise da ação intelectual, política e social. Dentro das pressões e dos limites que cada contexto impõe, cada um atua como pode. Um artista ou um intelectual não tem o domínio de todas as regras do jogo, muitas vezes não sabe quem financia esta ou aquela iniciativa, mas pode saber qual é o próprio projeto, como vai jogar, que livro vai escrever, em que jornal vai publicar o que pensa. Você está dentro de um sistema do qual dificilmente escapa; se não jogar, estará à margem do jogo, o que dificulta até a possibilidade de contestá-lo.

Continua na pág. C5

Continuação da pág. C4

Sua pesquisa aponta para o erro de simplificar biografias, taxando artistas e intelectuais com selos. O sr. aborda o caso de Nélida Piñon, que fez parte da revista Cadernos Brasileiros, patrocinada secretamente pelos EUA, mas teve interlocução com instituições cubanas. Fala da presença dos professores Dalmo Dallari e Paul Singer no programa norte-americano para estudantes brasileiros, ressaltando as diferentes visões que eles tinham dos propósitos da iniciativa. Julgamentos morais, portanto, seriam inadequados. Hoje, tempos de cancelamento, o que mais se faz é colocar selos nas pessoas. Quão nocivo é isso? Isso é profundamente lamentável. Você só avança no conhecimento e no debate democrático se reconhecer o outro e não simplesmente o cancelando e fazendo de conta que o mundo é só sua bolha de perfeição.

Temos que ouvir o outro, compreender o outro e até lutar contra o outro. Isso é diferente de cancelar, de fazer de conta que não existe, estigmatizar e tratar as pessoas por rótulos. É fundamental pensarmos em como avançar como uma sociedade democrática, que tenha diferenças, lutas, mas com respeito ao outro.

Tem uma metáfora que o [sociólogo] Chico de Oliveira usava, a de que a sociedade brasileira às vezes é um jogo de damas, em que você simplesmente come as outras peças e liquida o adversário. Talvez devêssemos jogar xadrez, em que cada peça tem a sua característica e temos que ver o outro para pensar como nos posicionar.

É preciso, no caso das forças democráticas, pensar mais no que nos une que no que nos separa. O que nos une é a preservação do livre debate de ideias e da democracia. É o que se coloca hoje no Brasil, e nós não vamos conseguir isso com o cancelamento.

O sr. cita no livro a ótica do sociólogo inglês Raymond Williams de compreender a cultura não como fenômeno secundário, mas constituinte da estruturação da sociedade. A partir dessa ideia e de sua pesquisa, que reflexões podem ser feitas sobre artistas e intelectuais na atualidade? Raymond Williams tentava ver os aspectos econômicos, culturais, políticos e sociais de uma maneira muito imbricada. Ao mesmo tempo, apontava que as determinações sociais impõem limites e exercem pressões sobre nossas ações. No entanto, não impossibilitam algum modo de expressão crítica de indivíduos ou grupos.

No meu livro, tratei de ver como, diante das constrições sociais, dos limites e das pressões exercidos durante a Guerra Fria, vimos surgir movimentos e ideias com relativa autonomia. Por exemplo, pensando no Jorge Amado e no Pablo Neruda, que estavam do lado soviético, ou naqueles que organizaram a revista Cadernos Brasileiros, que, em teoria, estariam do lado ocidental, contra os comunistas, ficou claro que intelectuais e artistas não foram simplesmente peças manipuladas nesses embates, mas, de alguma maneira, também ajudaram a construir o cenário, negociando, às vezes, até com os dois lados.

Essa ideia vale para aquele tempo e para hoje. Vivemos em um mundo cada vez mais mercantilizado e submetido a uma lógica capitalista internacional. Assistimos à volta de autoritarismos pululando, inclusive na Europa e com forte apelo eleitoral, o que é mais dramático.

Devemos refletir sobre como, diante dessas constrições, nós —artistas, intelectuais, as pessoas que atuam no âmbito da cultura— podemos nos colocar para criar alternativas que nos façam escapar da barbárie que se anuncia.

Que aspectos culturais no Brasil poderiam ser destacados para pensar a gravidade do momento político atual? No Brasil, existe uma tradição de cultura política que muitos chamariam de conciliadora ou de uma espécie de acomodação das forças sociais e, particularmente, das elites e daqueles que pensam a sociedade.

Essa tradição de dificuldade de ruptura vem de longe. Você passa do Brasil Colônia para independente com dom Pedro. Depois, a passagem do Império para a República também é uma transição negociada. Até a própria redemocratização, no fim da ditadura militar, foi transada pelo Tancredo Neves, que simbolizou, naquele momento, uma espécie de pacto de não ruptura e, ao mesmo tempo, de alguma mudança.

Quem está tentando encarnar isso hoje é o Lula, que, por exemplo, abriu a vice-presidência para o Alckmin. É uma tradição de conciliação da sociedade brasileira, normalmente feita a partir de cima, das elites. De alguma maneira, o Lula tenta fazer isso incorporando também os trabalhadores.

Essa tradição é confrontada por um risco grande colocado por outra tradição da sociedade brasileira, extremamente autoritária, que vem desde o escravismo e que tenta resolver as questões por intermédio da violência, não do debate, do convencimento ou dos acertos. Essa tradição é representada com força pelo bolsonarismo.

O sr. tem uma ampla pesquisa sobre a hegemonia da esquerda na cultura brasileira dos anos 1960 e 1970. Nesse novo livro, mostra de que maneira a teia de apoios que existia no Brasil entre os comunistas estava ligada a uma rede internacional financiada pelos soviéticos. Após o fim da ditadura militar, o que aconteceu com essa hegemonia de esquerda? Hoje, diante das ameaças de Bolsonaro contra a democracia, essa força da esquerda na cultura foi resgatada? Roberto Schwarz tem um estudo conhecido do final dos anos 1960, em que fala dessa relativa hegemonia de esquerda. Ele aponta que era relativa porque só vigorava nos circuitos mais fechados, dos próprios grupos de intelectuais, e que, para a população, o que existia era uma cultura de massa, da indústria cultural que começava a se estabelecer.

Naquele tempo, havia uma tentativa de articular uma maneira diferente de organizar a vida social e cultural, um projeto que se chamou de revolução brasileira, fosse ela nacional-democrática ou socialista. Esse imaginário praticamente desapareceu: se diluiu e se mantém apenas residualmente, em alguns grupos.

Isso não quer dizer que, dentro dos setores predominantes à esquerda, não haja desenvolvimento de ideias críticas, mas elas vão em outro sentido. Os movimentos mais fortes hoje são os de mulheres e os de negros, que reivindicam seu lugar mais proeminente na sociedade brasileira, que os colocou em posições subalternas.

No entanto, não há nesses movimentos, a não ser residualmente, uma crítica ao próprio sistema, à organização da sociedade do ponto de vista econômico. Não há uma contestação clara do capitalismo. É um equívoco imaginar que a esquerda contra o sistema domina o debate cultural e político no Brasil, mas se colocam questões que incomodam muito os setores conservadores: questões de comportamento, de raça, de gênero, de sexualidade.

Essas questões estão inseridas mesmo na indústria cultural. As novelas, por exemplo, se abrem mais a atores não brancos, e mulheres estão conseguindo mais espaços em diferentes áreas. Isso é ótimo. Ainda assim, não é algo contra o sistema. Ao contrário, é uma busca por incorporar, dentro da ordem capitalista, contestações a ela.

Apesar disso, há setores das classes dominantes extremamente conservadores que têm uma dificuldade enorme de aceitar esse projeto de inclusão, mesmo que dentro da ordem, de setores não brancos, não masculinos, não heterossexuais ou mesmo das classes trabalhadoras. É aquela mentalidade escravocrata, tradicional no Brasil.

Há um embate hoje, mas, diferentemente dos anos 1960, o que está em jogo não é o sistema, mas o caminho a ser tomado dentro dele, e isso é muito evidente nas próximas eleições: o caminho de alguma mudança dentro da ordem, no sentido de ser mais inclusiva, ou o caminho do outro projeto, de avanço do que há de mais autoritário na sociedade brasileira.

Por mais que seja um cenário diferente, ainda se fala de ameaça do comunismo e da infiltração comunista nas artes e na educação, como se estivéssemos nos anos 1960. Por que qualquer discussão hoje, como sobre cotas ou feminismo, é pretexto para resgatar o fantasma comunista? Não gosto desse termo da infiltração comunista nem para pensarmos os anos 1960, porque remete a algo que seria exterior, que você enfia como uma injeção.

Vamos pensar em Dias Gomes, por exemplo. Ele era inteiramente enfronhado na cultura brasileira, atuante no rádio e na TV. Não foi alguém que o Partido Comunista implantou ali para colocar ideias que vieram de Moscou. Era um homem que nasceu das lutas e contradições da sociedade brasileira.

O que havia na época era um setor que se expressou e foi ligado ao Partido Comunista ou a outros grupos de esquerda, mas a tradição anticomunista é muito forte no Brasil. Na época da eleição do Collor contra o Lula, em 1989, aparecia a bandeira do Brasil ficando vermelha.

Esse discurso de salvar o Brasil do perigo comunista reaparece em vários momentos da história, sempre que os setores conservadores se sentem ameaçados. É um fantasma construído. Tem gente agora que acusa o Alckmin de estar se vendendo para o comunismo porque vai ser vice do Lula, como se o Lula fosse comunista.

"Tudo o que é diferente de nós", pensam os conservadores, do imaginário da família brasileira, da tradição, da grande propriedade de terra, levanta o fantasma do comunismo. É algo primário, mas que tem força na sociedade, porque recupera o medo que as pessoas têm de mudanças.

Na disputa por ideias e narrativas hoje, temos os influenciadores digitais, sejam eles militantes voluntários ou patrocinados por interesses políticos. De que forma esses novos protagonistas modificam a lógica da guerra ideológica dos anos 1960 e 1970? Há um problema que está na própria questão das narrativas. Parece que, hoje, especialmente nesse circuito dos influenciadores digitais, dos debates na internet, só se fala em narrativas.

Desse ponto de vista, só existem versões, não existe mais a efetiva busca por uma verdade objetiva, ainda que ela seja difícil de ser alcançada. É como se não importassem mais a verdade, a busca da verdade, a ciência. O que importam são apenas as narrativas, importa armar o debate para justificar certas ações ou maneiras de ver o mundo.

Nosso trabalho na universidade é mais que nunca essencial, porque vamos na contramão disso: buscamos a objetividade científica e a compreensão e a explicação dos fenômenos.

Justamente por isso, a universidade está sendo detonada por setores da sociedade para os quais interessa manter a ideia de que a própria análise científica é simplesmente uma narrativa, que você substitui por outra como troca de roupa, de acordo com os interesses. Isso é extremamente nocivo. É essencial que se busque o esclarecimento, que as pessoas consigam ver as coisas não pelo viés tendencioso das narrativas.

Na nova polêmica do showbiz, temos, de um lado, artistas pró-Lula, como Anitta e Daniela Mercury, defendendo a Lei Rouanet, e, de outro, cantores sertanejos, como Gusttavo Lima, alinhados a Bolsonaro, que a condenam —falam em "uso do dinheiro do povo" enquanto cobram cachês milionários de prefeituras. Como vê esse novo embate? A Lei Rouanet envolve incentivos fiscais a empresas e cidadãos que passam a ter direito de abater parte de seu imposto de renda se investem em ações culturais que eles mesmos escolhem entre os projetos selecionados pelo Ministério da Cultura.

Esse sistema favorece iniciativas com maior apelo comercial, mas bem ou mal há regras públicas de seleção para liberar os projetos considerados aptos para captar no mercado os recursos da lei. Nos meios culturais, muitos reconhecem que a situação é problemática com a lei, mas ficaria pior sem ela, caso não se elabore uma alternativa mais adequada de financiamento público para atividades culturais.

Agora, é muito cinismo criticar a lei e usufruir de financiamentos milionários diretos de prefeituras, que escolhem a seu bel-prazer, por critérios políticos e ideológicos, quem será financiado. Esse é mais um exemplo da regressão civilizacional que vivemos hoje no Brasil, em que o império do favor se impõe sobre o primado das regras socialmente pactuadas.

O combate a essa regressão leva muitos que sempre criticaram essa lei, devido a seu caráter privatizante, a defendê-la. Afinal de contas, é melhor ter uma regra válida para todos que garanta alguma autonomia aos artistas que o domínio da arbitrariedade, que os coloca totalmente à mercê dos donos do poder. ←

Marcelo Ridenti, 63

Professor titular do Departamento de Sociologia da Unicamp. Foi professor visitante das universidades Columbia e Sorbonne Nouvelle. Autor, entre outros livros, de 'Em Busca do Povo Brasileiro: Artistas da Revolução, do CPC à Era da TV', 'O Fantasma da Revolução Brasileira' e 'Brasilidade Revolucionária: um Século de Cultura e Política'

O Segredo das Senhoras Americanas: Intelectuais, Internacionalização e Financiamento na Guerra Fria Cultural

Autor: Marcelo Ridenti. Editora: Unesp. R$ 89 (421 págs.)

Cultura sob guerra quente

[RESUMO] José Teixeira Coelho Netto, curador e crítico de arte que morreu no último sábado (4), concluiu em março este breve manifesto em que repensa a ideia de cultura no século 21, motivado por dois acontecimentos traumáticos, Covid-19 e Guerra da Ucrânia, que escancararam o papel subalterno que governos e mercado reservam às artes e humanidades em geral

Por ***Teixeira Coelho***
Professor titular aposentado da USP, foi curador-chefe do Masp de 2006 a 2014 e diretor do MAC de 1998 a 2002. Autor, entre outros livros, de 'A Construção do Sentido na Arquitetura', 'Dicionário Crítico de Política Cultural' e 'Moderno pós Moderno'

Ilustração ***André Stefanini***
Artista gráfico e ilustrador

Tudo que é imenso carrega em si uma maldição, advertiu Sófocles. E como agora enfrentamos dois acontecimentos imensos e seus desdobramentos, a maldição é exponencial. E todos revelaram o real lugar social da cultura, das artes e das humanidades.

Primeiro acontecimento imenso e primeira revelação

A cultura não é essencial.

Claro que a cultura é essencial. Sem ela simplesmente não há vida humana como a conhecemos, não há civilização. Não poderíamos nem mesmo conversar para nos colocarmos de acordo sobre o que fazer. A primeira essencialidade da cultura é a linguagem. Mas apenas da boca para fora tem sido dito por governantes e ministros, com escassa ideia do que falam, que a cultura é essencial.

Primeiro acontecimento imenso e primeira prova da inessencialidade da cultura: a pandemia da Covid-19 de 2020. Tomemos para análise um país que não mexe com nenhum "parti pris" por aqui —a França, terra da cultura, inventora do Ministério da Cultura contemporâneo, hoje presidida por um homem, Emmanuel Macron, que estudou filosofia na prestigiosa Paris Nanterre e foi assistente de um destacado filósofo do século 20, Paul Ricoeur, antes de ir trabalhar para um banco e tornar-se ministro da Economia de François Hollande, quando de propósito deve ter esquecido tudo o que aprendeu de filosofia, se é que aprendeu algo.

Quando se percebeu que era preciso fechar tudo como modo de interromper o ciclo dos contágios da pandemia, tudo foi fechado na França, menos a prestação da saúde, os supermercados, os postos de combustível, transporte e o mais que se sabe.

Fechado foi todo o resto: lojas de roupa, escolas, bares, restaurantes, teatros, cinemas e... livrarias. Em uma pequena livraria de bairro de Paris —cidade onde há ou havia até 2020 muitas e ótimas delas, não os fast food do livro que existem hoje—, em geral operada por uma só pessoa (não raro seu proprietário), não entram por hora mais de duas ou três pessoas, se tanto.

Não é suposição, vivi em Paris um par de anos. Essas livrarias, contudo, foram fechadas. No entanto, partidas de futebol continuaram a ser disputadas a portões fechados: bilhões de dólares estavam e estão sempre em jogo nas transmissões para a TV, exibindo os nomes e slogans de patrocinadores a ocultar o nome original do clube.

E não importa se os jogadores precisam atuar sem máscara e trocar saliva e suor: alguém tem de pagar o pato para que outros se divirtam e não pensem em coisas ruins, não é mesmo? Assim tem sido desde a Antiguidade.

As livrarias, porém, continuaram fechadas: cultura não é essencial, livraria é até lugar perigoso, com todas essas ideias estranhas que oferece... E essa história de que livro e cultura são vitais para o espírito é conversa pra boi dormir em pé em época de eleição ou de inauguração de institutos e exposições mantidos pelas pessoas de bem.

Depois, aos poucos mais público foi admitido em estádios, cinemas, teatros, restaurantes, segundo certas cotas: tantos % da capacidade do local. E as livrarias? E os cinemas, que apenas sobrevivem com um número mínimo (alto) de assentos vendidos, mais o produto do bar? E o teatro?

Enquanto isso, os estádios de futebol iam se enchendo mais e mais: 10% de uma lotação de 30 mil, de 50 mil, de 60 mil e, depois, 30%, depois 50%, depois, como agora, lotação total. E quase ninguém com máscara nas arquibancadas.

Artistas, escritores, produtores denunciaram o descaso e a discriminação contra a cultura, mas o governo continuou no seu ritmo e indiretamente deixou claro que cultura não é essencial; esse negócio de cultivar o espírito, a mente, é tudo bobagem.

É para que entendamos bem: cultura não é essencial, cultura continua a ser, de fato, a cereja do bolo. Havendo bolo, coloca-se a cereja —geralmente, de gelatina tingida.

Segundo acontecimento imenso e segunda revelação

Os de sempre, mas agora em cores mais fortes: o dinheiro, dinheiro para rodar a economia, dinheiro para as pessoas pagarem aluguel, alimentação, prestação do carro (escola, nem pensar: que vá todo mundo para casa contentar-se com o engodo da educação pela internet, o grande faz de conta do século 21).

Como a França ainda é um dos poucos países do bem-estar social, o Estado sabe que deve assegurar saúde, educação e proteção a preço zero ou quase. O governo francês definiu ajudas extraordinárias que Macron daria "custasse o que custasse" (em $). E deu: recursos em dinheiro, desburocratizados, para pagar salários de trabalhadores temporariamente desocupados, cobrir perdas em vendas comerciais, ticket-combustível, ticket eletricidade, recursos para pagar aluguéis comerciais (até de livrarias!) e um leque de outras medidas que evitaram que a água entrasse pela boca abaixo do cidadão-contribuinte e o afogasse para sempre.

Isso foi feito, necessário reconhecer. E até a cultura ganhou sua parte —não por ser cultura, nem por essencial, mas como fato econômico. Como qualquer outro fato econômico.

Uma guerra contra a Ucrânia pode, neste instante, acabar com o mundo antes que o aquecimento global reduza a Terra a um novo Marte seco. A ação cultural básica hoje é garantir a informação correta. Coisa difícil, mas não impossível

Terceiro acontecimento imenso e terceira revelação

Entra em cena, pisando forte, um ator que nela já estava há algum tempo, ator farsesco e que encarna um dos piores papéis que a economia impõe à sociedade: a "economia criativa", expressão aberrante a pôr em evidência a ignorância dos que a empregam e propagam ao deixar claro que ou não sabem (ou fingem não saber) que toda ação que modifica a natureza de uma coisa ou matéria em outra é um ato criativo —um filme (bom) tanto quanto um avião (que não caia nos primeiros voos), um bom sapateiro artesão que produz um "belo" sapato tanto quanto a indústria automobilística.

Um avião de hoje é uma obra de criação máxima, com seus milhares de quilômetros de fiação embutida, sensores por todo lado e tudo que se possa imaginar e que nem se imagina —tanto quanto algum encantador espetáculo teatral de primeira linha. Não há espaço aqui para retornar a Platão e Aristóteles e recordar que tudo, escrever um poema ou construir um avião, são casos de poièsis (construção), a diferença sendo que um poema (bom, uma obra de arte) vai além do que está escrito no papel e leva o leitor para destinos que não podia imaginar, ao passo que um belo avião a jato contemporâneo leva o viajante de São Paulo a Paris, e só: tira-o de onde ele sabe que está e leva-o aonde ele diz querer ir.

Quando abro um livro de poesia (boa, de arte), não sei nem onde estou, nem para onde vou. Aquele mesmo avião que foi de São Paulo a Paris pode seguir para Pequim com outra tripulação e talvez outros viajantes (se forem tolos o suficiente para fazê-lo hoje), mas se trata apenas de mais do mesmo.

Tudo que a ação do homem (de propósito não uso o termo "trabalho") transforma é obra de economia e criação —salvo o trabalho alienado, mas desse ninguém se ocupa. Se o resultado é bom, médio ou desprezível, é outro problema.

No entanto, um avião a jato de hoje não tem o mesmo valor existencial de uma peça de Sófocles encenada hoje —e sabemos, desde a primeira aula de aritmética, que não podemos somar coisas de natureza diferente (maçãs e peras) e pô-las numa mesma sacola sem antes transformá-las em algo que as una por meio de um conceito. Em cesto onde estão 3 maçãs e 2 peras, existem apenas 3 maçãs e 2 peras, ou 5 frutas (o conceito). Conceito é tudo. Sem ele, não há conhecimento, nada.

A "economia criativa", expressão mais infame das últimas décadas, é até esperta e serve-se de um conceito para unificar coisas diferentes; esse conceito é o dinheiro. Um livro custa, na França, digamos que 20 euros, e um Airbus médio, algo ao redor de 90 milhões de euros. Ambos, porém, se igualam em uma coisa, seu máximo divisor comum: o dinheiro.

Mas um divisor comum só é comum quando opera com coisas iguais, e avião e livro não são iguais. O que ocorre nesse caso é a redução de um (o livro) ao outro (o avião), já que o avião nunca se reduzirá ao livro. O avião não pode entrar na conta da indústria cultural do livro (denominação ainda apropriada que algum esperto achou melhor "atualizar" para "economia criativa"), nem o livro influir na balança comercial dos aviões.

Continua na pág. C7

Continuação da pág. C6

E se a coisa for pensada em termos de política cultural, fica ainda mais complicado. A criação de uma bela joia pode ser obra de arte e criativa, além de custar caro e movimentar riqueza; mas nenhuma política cultural decente irá apoiar a produção de joias raras e caras, mesmo se "de arte" —embora para desenvolver um avião novo as grandes construtoras aéreas peçam e ganhem bilhões de euros do dinheiro público, cujos resultados econômicos (na forma de bônus e prêmios) vão para os bolsos de alguns dirigentes e acionistas, mesmo se um ou dois aviões novos caírem e matarem 400 pessoas no curto intervalo de dois meses. Nenhum livro novo com defeito mata sequer uma pessoa.

E um grande problema entre os grandes problemas e blefes da "economia criativa": a expressão mesma é um atentado à ética da terminologia científica —e se um gestor da cultura não seguir a ética científica, especialmente em países onde se fala em ética o tempo todo, como este e outros (mas não todos), comete um grave erro de pensamento, conceituação e, portanto, de resultados.

O que diz a ética da terminologia científica: cada coisa (objeto, referente) deve ter uma só denominação (signo, termo, palavra), de tal modo que, alterando-se esse objeto, o termo correspondente será outro, e vice-versa. Quando tudo é designado pelo mesmo termo, tudo é "economia criativa", nada fica fora —não há conhecimento, apenas fake news.

E a "economia criativa" reforça a mesma revelação já apontada: cultura não é essencial, a economia sim; cultura não conta em si, conta como peça da máquina de gerar dinheiro e manter a economia viva. Só que, como conta muito pouco, o resultado é o que se viu na França, esse distante país do norte. E com isso nega-se o valor intrínseco e específico da cultura, trocado pelo valor econômico.

A justificativa é velha e falida: convencer governos e iniciativa privada de que "cultura dá trabalho", gera recursos, alimenta o turismo, move a economia. Esse argumento vem desde a metade dos anos 1980 e nunca deixou marca positiva. Turismo cultural é turismo puro e duro com um cartaz colorido onde está escrito cultura, pendurado no pescoço de um guia que diz coisas para pessoas que querem cair no mar.

Cultura não é fato físico, como um avião ou um monitor de TV; cultura é, não há outro termo, algo metafísico. E, como tal, tem de ser reconhecida. Ou desaparecerá. Como já está.

Quarto acontecimento imenso e quarta revelação

A invasão assassina e não provocada da Ucrânia pela Rússia mostra a derrocada da cultura e das humanidades e aponta para outro conceito prioritário de cultura hoje. Não entrarei em questões políticas e ideológicas. Reparem apenas que Putin não usa mais, há tempos, a expressão capitalismo para designar seu inimigo (mesmo porque ele próprio é um capitalista, e a Rússia pratica o capitalismo de estado, com os prejuízos indo para o estado e os lucros para os amigos do czar). Ele fala em Ocidente: é o que está em jogo, um modo de vida, uma ideia de política. Ponto.

A Guerra da Ucrânia está sendo alimentada por bombas, balas e fake news. Releiam "1984", de George Orwell, com sua novilíngua: "Fazemos a guerra porque queremos a paz"; "eu, que estou invadindo, é que estou sendo invadido". E aqui surge um conceito fundamental de "cultura" para o século 21, que já o era antes, mas agora com evidência total: cultura é informação (correta).

Em certos momentos da vida e do mundo, prioridades devem ser definidas. Não é o momento para a cultura alimentar jogos identitários adversativos que cobram seus tributos em sangue, como mostra esta guerra da Rússia contra a Ucrânia e como o escritor italiano Claudio Magris escreveu no livro "Danúbio"; o mundo é um só e é pequeno, e a humanidade, uma só, feita de seres humanos com destinos unidos e indeslindáveis.

Uma guerra contra a Ucrânia pode, neste instante, acabar com o mundo antes que o aquecimento global reduza a Terra a um novo Marte seco. A ação cultural básica hoje é garantir a informação correta. Coisa difícil, mas não impossível.

Grupos de trackers sabem hoje onde estão os grandes iates dos oligarcas russos que escondem suas fortunas em paraísos fiscais —e esses iates podem ser confiscados e usados como forma de pressão e redução do sofrimento de milhões de ucranianos feridos ou expulsos de seu país. É a guerra por outros meios, mais justos.

E outros trackers conhecem o paradeiro dos jatos executivos. O difícil é deixar a política e a ideologia de lado e buscar apenas isso que ainda existe: a informação correta, a verdade. A verdade existe. A ação cultural prioritária de hoje é a ação informativa organizada, correta, tão objetiva quanto possível: ali está tal objeto assim e assim e mais além, aquele outro; e o que este governante está dizendo é falso, a verdade é X.

Não é tão difícil assim. Informação é cultura, cultura é informação. Hoje, prioritária. Sem informação, não há cultura. E sem cultura não há informação, há apenas mensagem, palavras de ordem. Se for preciso escolher entre uma "produção" cultural ou artística mais ou menos, que satisfaça o ego de um artista ou grupo, e a geração e veiculação de informação (correta), não há escolha: a segunda se impõe.

Se o mundo parar de produzir arte e cultura novas ou "novas" por um ano ou dois ou dez, há um enorme estoque de arte e cultura não aproveitado e não conhecido a explorar como se fosse novidade. E é.

A guerra contra a Ucrânia mostrou, mais uma vez, que as humanidades são uma ideia fantasma que não se materializa mais em quase lugar algum. Esperar que um governante dê mostras de humanismo e humanidade é dar sinais de demência política. Mas ver a quantidade de pessoas comuns que não demonstram qualquer sinal de terem um dia se exposto às ideias das humanidades, e hoje buscam defender o indefensável, como maestros e artistas de reputação, é um desencanto total com o fracasso (planejado) de um sistema básico que ainda se denomina com o termo equivocado "educação" e que deveria ser, de fato, um processo de aculturação do ser humano.

Mas como a cultura não é essencial, e como muita gente que olha para a música, ou para as artes visuais, ou para o cinema não enxerga o fundo do olho do fenômeno, o que resta mesmo são esses montes de imagens sem conteúdo aplaudidas por cegos codificados.

Quinto acontecimento imenso e quinta revelação

Fenômeno também não de agora, mas que agora, com ameaças de uso de armas atômicas conectadas ao efeito estufa, torna-se ainda mais dramático e, mesmo, trágico: o fim da Terra e, com ela, do ser humano e tudo que tem e fez de maravilhoso.

De novo, não é este o lugar para voltar a Platão e Aristóteles e recordar como aquilo que constituiu uma unidade, ser humano-natureza, foi quebrado como se quebra uma molécula em química, colocando-se cada termo em um lado da inequação, até que o ser humano prevaleceu sobre a natureza e a destruiu, a pretexto de dominá-la para sobreviver.

Prioridade número um da cultura: o planeta. Ação cultural prioritária: usar a informação (correta) para alertar as pessoas, já que os governantes só conseguem pensar em termos de "economia criativa" e manter a roda girando tal como está, à custa de fake news e distorções promovidas pelas mídias antissociais —que precisam voltar a ser o que nunca foram: sociais.

Isso todos podemos fazer, se de fato quisermos um futuro para nós e nossos filhos. E não precisamos de política econômica, nem de política cultural, nem de Ministério da Cultura, nem de subsídios, nem de incentivos fiscais, nem de editais: temos celulares, tablets, internet, podemos agir.

*

Este é um brevíssimo manifesto cultural, com algumas reflexões aparentemente heréticas, para a ideia da cultura no século 21 à beira de um duplo cataclismo. Enfrentar prioritariamente esse desastre em movimento é a prioridade cultural número 1 e está ao alcance de todos, organizados. Por nossa conta. Sem convocações e palavras de ordem.

Quando mais de 1 milhão de berlinenses se reúnem espontaneamente ao redor do portão de Brandemburgo, em Berlim, para protestar contra a invasão da Ucrânia, é sinal de que ainda há vida e alma em algum lugar. Não se pode desperdiçar essa oportunidade. Uma das últimas —se ainda. ←

Fenomenologia do desejo

Desejar e querer são sinônimos, mas ambos têm várias acepções

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Se eu tiver de indicar o ponto em que as coisas começaram a correr mal, diria que foi quando o caixa do supermercado me perguntou:

"Deseja um saco?"

Como vim a verificar mais tarde, é uma questão que a maior parte das pessoas não considera problemática, mas tenho uma opinião diferente.

"Não desejo. Mas quero."

"Como assim?"

"Perguntou se eu desejava um saco. Não creio que possa dizer que eu desejo um saco. Eu quero um saco. Mas desejar parece-me um verbo demasiado forte."

"Ora essa. Por quê?"

"Julgo que não é possível desejar um saco. A menos que se sofra de uma patologia invulgar. A ideia de desejar um saco tem uma óbvia sugestão libidinosa que é francamente perturbadora. Eu limito-me a querer um saco."

"Disparate. Desejar e querer são em larga medida sinônimos. Claro que ambos têm várias acepções. Mas mesmo a que assinalou, a da atração física, é comum aos dois. Talvez o verbo querer até seja mais vezes usado nesse contexto específico. Repare que o conhecido soneto de Camões, que começa com o verso 'Amor é fogo que arde sem se ver', diz, a certa altura: 'É um não querer mais que bem querer'. Viu? O poeta opta pelo verbo querer. E não há ocorrências do verbo desejar no poema."

Atrás de mim formou-se uma fila que começava a impacientar-se. Um senhor que tinha o carrinho de compras cheio resolveu intervir:

"Escutem, não há problema. Eu não sei se este senhor deseja um saco ou se quer um saco. Em qualquer dos casos, o melhor é dar-lhe, que eu tenho congelados no carrinho."

E chegou o gerente.

"O que se passa?"

Respondi eu:

"Este funcionário perguntou-me se eu desejava um saco. À frente de toda a gente. Estão ali crianças e tudo."

"E o senhor não deseja um saco?"

"Não. Talvez tenha acontecido uma vez ou duas, durante a adolescência, mas na adolescência tudo é motivo de desejo, como sabe. Até um saco. Eram outros tempos. Agora eu quero um saco."

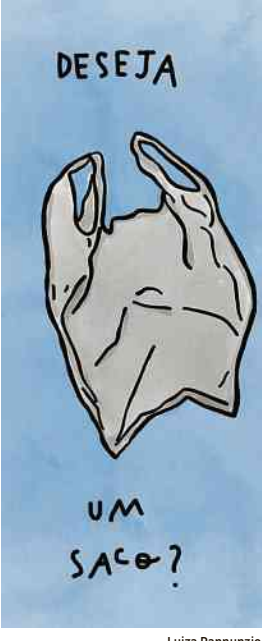
"Mas desejar e querer é igual", disse o caixa.

"Creio que compreendo o problema", disse o gerente. "Será justo dizer que o senhor precisa de um saco?"

"Julgo que sim."

O funcionário do caixa interveio de novo:

"Não faz sentido. Sobretudo à luz do tema 'Como a abelha/ Necessita de uma flor/ Eu preciso de você', de Roberto Carlos."

Era bem observado. Por isso vim embora com as compras na mão.

Luiza Pannunzio

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Série do sob demanda conta juventude de Elizabeth 1ª

Becoming Elizabeth
Starzplay, 16 anos
Elizabeth Tudor era filha de Ana Bolena, condenada por adultério e decapitada, e não estava na linha de sucessão de seu pai, o rei inglês Henrique 8º. Mas uma série de reviravoltas políticas fez com que a jovem ascendesse ao trono aos 25 anos de idade. Esta minissérie foca a adolescência da futura rainha, a mais icônica da história da Inglaterra. Um novo episódio todo domingo; serão oito ao todo.

Frangoelho e o Hamster das Trevas
Netflix, livre
Neste longa em animação, um coelhinho explorador se une a dois amigos para recuperar um artefato mágico, antes que seu tio ganancioso coloque as mãos nele.

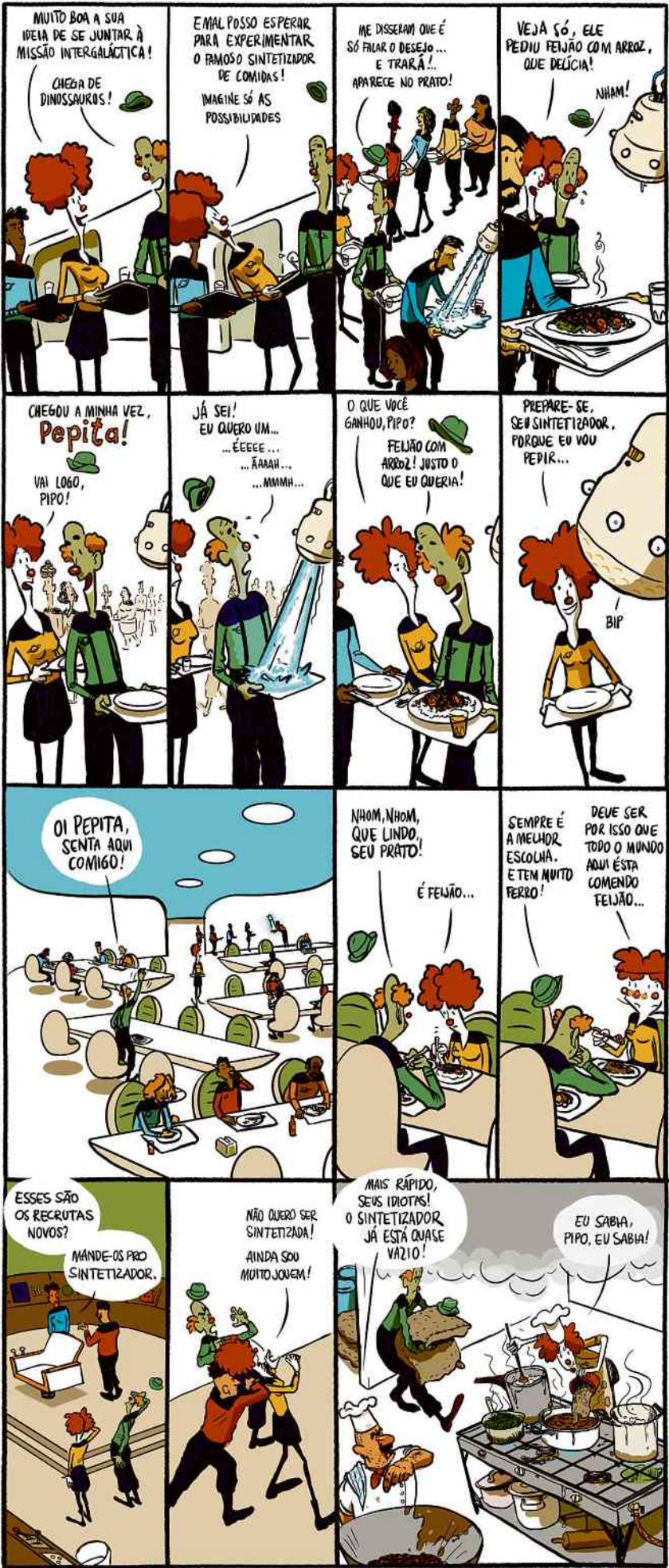
Maratona Dia dos Namorados
Telecine Touch, a partir das 11h
O canal celebra a data exibindo sete filmes românticos em sequência —"Amor no Dia dos Namorados" (11h, livre), "No Topo do Mundo" (12h40, 14 anos), "Crepúsculo" (14h20, 12 anos), "Ela É Demais" (16h35, livre), "Acelerando para o Amor" (18h25, 14 anos), "Todo Dia" (20h10, 12 anos) e "Sexo sem Compromisso" (22h, 14 anos).

75º Tony Awards
Film & Arts, 21h, livre
A cerimônia de premiação dos melhores espetáculos da Broadway na temporada 2021-2022 é transmitida ao vivo, diretamente de Nova York. A apresentação fica ao cargo de Ariana DeBose, vencedora do Oscar de atriz coadjuvante por "Amor, Sublime Amor".

Pelas Estradas do Brasil – Amazônia
GloboNews, 21h30, livre
O canal abre uma série de reportagens especiais sobre a preservação ambiental no Brasil com Fernando Gabeira, que passou 21 dias na região amazônica entrevistando autoridades, pesquisadores, ribeirinhos e lideranças indígenas. A segunda parte do programa vai ao ar no próximo domingo.

Canal Livre
Band, 0h, livre
O ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues conversa sobre o agronegócio brasileiro com Rodolfo Schneider, Fernando Mitre e Márcio Campos.

QUADRÃO

Jan Limpens

MP do Ceará investiga shows de Gusttavo Lima

SÃO PAULO O Ministério Público do Ceará investiga shows dos artistas Xand Avião, Ávine Vinny e Nattanzinho, Gusttavo Lima e Wesley Safadão em três cidades do estado.

Em Iguatu, o Ministério Público investiga irregularidades na contratação de Gusttavo Lima por R$ 640 mil para evento no próximo dia 15, no Arraiá do Povo.

Em Acopiara, investiga a contratação de Wesley Safadão por R$ 600 mil para as festividades juninas desse município.

Já os artistas Xand Avião, Ávine Vinny e Nattanzinho foram contratados para o Festival de Quadrilhas da cidade de Forquilha.

No caso de Iguatu, o Ministério Público investiga irregularidades como a realização de festas que descumprem a lei orçamentária e as regras financeiras e também o superfaturamento de shows.

Espetáculos musicais são investigados em mais de 30 municípios do Brasil, após o sertanejo Zé Neto criticar a cantora Anitta e fazer um discurso anti-Rouanet, o que motivou uma série de denúncias de cachês pagos com verbas das prefeituras.

'CPI do sertanejo' no país é tema da revista Billboard

SÃO PAULO Uma dais mais importantes publicações voltadas ao mercado fonográfico do mundo, a revista americana Billboard repercutiu a "CPI do sertanejo", iniciada com a polêmica sobre a tatuagem no ânus de Anitta.

Ainda que não tenha usado a expressão que celebrizou o caso nas redes sociais, a reportagem publicada nesta quinta-feira resgatou a origem das revelações sobre o recebimento de dinheiro público de prefeituras por parte de artistas sertanejos como Gusttavo Lima e Zé Neto.

"Será que a tatuagem na bunda de Anitta está sofrendo uma acusação injusta no debate sobre shows bancados pelo contribuinte no Brasil?", afirma o título da reportagem na revista.

A publicação explica ainda o que é a Lei Rouanet e quem é são os sertanejos no centro dessa polêmica

Um dos primeiros a serem investigados foi o município mineiro de Conceição do Mato Dentro, que contrataria Gusttavo Lima por R$ 1,2 milhão com dinheiro tirado de áreas como saúde e educação.

Fatos e interpretações

[RESUMO] Cientistas políticos argumentam que pesquisa Datafolha parte de critérios e interpretações questionáveis para afirmar que a sociedade brasileira se identifica mais com a esquerda. A ausência de autodeclaração ideológica e a classificação dos entrevistados a partir de conceitos rígidos construídos artificialmente, desconsiderando temas que podem se associar ou não à esquerda e à direita, comprometeriam a segmentação mais precisa dos eleitores e turvariam o entendimento da eleição que se aproxima

Por *Vinícius Silva Alves e Pedro Paulo de Assis*
Cientistas políticos. Alves é diretor de dados e métodos, e Assis é coordenador de pesquisa do OddsPointer, iniciativa que reúne dados das principais pesquisas e elabora prognósticos eleitorais

No último sábado (4), a **Folha** divulgou pesquisa do instituto Datafolha que aponta um crescimento da esquerda no eleitorado brasileiro, de 2013 até hoje. Segundo o levantamento, 41% dos brasileiros se identificavam com o espectro ideológico da esquerda em 2017 (contra 40% da direita), número que teria se ampliado agora para 49%, maior número já registrado na série histórica da pesquisa.

A divulgação dos dados gerou grande expectativa sobre o potencial eleitoral da esquerda nas próximas eleições. À luz dos recentes eventos da política brasileira, esse resultado parece contraintuitivo. De fato, é.

Como entender que não temos uma sociedade conservadora quando a mesma pesquisa identifica que 65% dos brasileiros defendem que "adolescentes que cometem crimes devem ser punidos como adultos", 79% entendem que "acreditar em Deus torna as pessoas melhores" e 83% afirmam que "o uso de drogas deve ser proibido porque toda a sociedade sofre com as consequências"?

Como essa sociedade seria marcadamente favorável à esquerda se metade dos entrevistados acredita que "os sindicatos servem mais para fazer política do que defender os trabalhadores"? Poderíamos interpretar esses dados como indícios de uma classificação equivocada?

Considerando esse suposto avanço da esquerda, seria difícil compreender, por exemplo, o impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT), o avanço de pautas conservadoras no Congresso, a eleição de Jair Bolsonaro (PL) e mesmo o expressivo crescimento no desempenho eleitoral de partidos de direita em 2020, responsáveis por aproximadamente 54% dos votos para prefeito e 59% para vereador.

Indícios dessa relativa desconexão podem ser vistos na mesma pesquisa. Muito embora seja tratada como a eleição mais polarizadas da história recente do país, que colocaria em polos rígidos e opostos dois segmentos da sociedade, 29% dos eleitores de Bolsonaro dizem se identificar com pautas econômicas e comportamentais que a pesquisa caracteriza como associadas à esquerda.

Afinal, o Brasil experimentou um crescimento de seu eleitorado em direção à esquerda ou viu avançar a direita nos últimos anos? Onde estariam as razões para a divergência no quadro interpretativo sobre a política nacional? Aqui há duas questões a pontuar. Primeiramente, conforme já demonstrado por estudos da área de comportamento político e eleições, a ideologia não necessariamente se converte em voto. Ademais, escolhas metodológicas na condução do estudo, como a atribuição de pesos homogêneos a questões com diferentes níveis de saliência para delimitação de espectros distintos, entre outras discutidas a seguir, comprometeram a interpretação dos resultados e o grau de precisão para dimensionar a distribuição ideológica do eleitorado.

Sobre a conversão de ideologia em votos, não é novidade que o resultado de uma eleição não é unicamente fruto da identificação programática. Os arranjos no nível dos partidos condicionam a competição a partir da oferta de candidatos e distribuição de recursos. Isso explica, em parte, o avanço da direita no Brasil.

Em recente pesquisa publicada em coautoria com o professor Antonio Lavareda, examinamos a votação dos partidos agregados em campos ideológicos de 1982 a 2020 e identificamos o aumento crescente do desempenho eleitoral das legendas de direita. Em especial, argumentamos que desde 2012 é possível identificar um aumento eleitoral dos partidos desse campo ideológico, o que se edifica a partir das eleições subnacionais.

Em relação aos aspectos metodológicos, o Datafolha é irretocável do ponto de vista da coleta de dados sobre questões relevantes que permeiam a opinião pública brasileira, como tem feito historicamente, por exemplo, nos levantamentos eleitorais.

No entanto, é preciso destacar que as conclusões de uma pesquisa são intimamente condicionadas às decisões metodológicas que os pesquisadores rotineiramente tomam para viabilizá-la e, neste caso, entendemos ter ocorrido um equívoco sobre a interpretação dos resultados. A seguir destacamos aspectos analíticos sensíveis e passíveis de crítica, que recomendam bastante cautela sobre as conclusões apresentadas.

Em primeiro lugar, em vez de abordar diretamente a questão, indagando aos entrevistados como se posicionariam no espectro ideológico, o estudo classifica os eleitores a partir de uma escala aditiva, segmentando grupos por meio de pontuação alcançada por cada entrevistado, que manifesta sua concordância sobre frases que a pesquisa associa apenas à esquerda ou à direita.

Muito embora sejam utilizadas com frequência em pesquisas, as escalas aditivas têm sido muito questionadas por estudiosos em comportamento político. Nesse sentido, todas as questões foram tratadas igualmente, ainda que algumas possam ser mais importantes para a classificação proposta, algo que alimenta a controvérsia em torno da interpretação dos resultados.

Adiante, as pontuações para pertencimento a cada um dos grupos (esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita e direita) variam substancialmente (de 0 a 6, de 0 a 10 e de 0 a 12). O centro ocupa apenas um ponto em todas essas escalas, fazendo com que as escalas com maior amplitude induzam a um esvaziamento do ponto médio, em detrimento das demais.

Vale destacar, ainda, que as conclusões da pesquisa agregam esquerda e centro-esquerda de um lado, direita e centro-direita de outro, tornando ainda menos clara a delimitação dos pontos do espectro.

Sinais de direcionamento de trânsito em inglês Alan Schein/Image Source

Não devemos interpretar a pesquisa Datafolha como uma prova da autossuficiência da esquerda nas eleições de outubro. A esquerda não deve prescindir de alianças que ampliem seu potencial nas urnas

Se a crítica acerca das escalas pode parecer mero preciosismo, a dicotomização das frases que associam algumas das pautas selecionadas à esquerda ou à direita soa bastante problemática. Ao ligar diretamente alguns temas que podem atravessar simultaneamente ambos os campos ou mesmo não se associarem de maneira incontroversa a um ou outro, o estudo compromete uma segmentação mais precisa dos eleitores em relação ao espectro ideológico em que poderiam se situar.

É razoável questionar, por exemplo, se alguns setores da direita que se distanciam de seu ponto extremo de fato aderem à pena de morte como "a melhor punição para indivíduos que cometem crimes graves".

Além disso, o viés de desejabilidade social presente em algumas vinhetas também pode ter contribuído para inflar a expressividade da esquerda no eleitorado brasileiro. Isso porque, diante de temas sensíveis, os entrevistados tendem a mascarar opiniões que possam expor preconceitos ou crimes, adequando suas respostas a comportamentos não reprováveis.

Frases como "pessoas pobres de outros países e estados que vêm trabalhar na sua cidade contribuem com o desenvolvimento e a cultura" e "a homossexualidade deve ser aceita por toda a sociedade", ligadas exclusivamente à esquerda pela pesquisa de maneira no mínimo questionável, corroboram a crítica. Se, por exemplo, a homofobia não encontrasse guarida em setores distintos da sociedade brasileira, o país não seria um dos mais violentos nesse quesito no mundo.

Além disso, a ausência de uma avaliação por meio da qual pudéssemos examinar como o autoposicionamento dos entrevistados se conectaria aos temas e valores selecionados pela pesquisa compromete conclusões mais seguras sobre o estudo divulgado.

Embora também seja passível de crítica, a classificação por meio do autoposicionamento seria de grande relevância para aferirmos o nível de congruência entre as vinhetas avaliadas pelos entrevistados e os espectros ideológicos em destaque. Seria também bastante útil para examinar a evolução dos temas mais fortemente associados a cada campo ideológico.

Um contraponto empírico e metodológico interessante, que utiliza uma escala de autoposicionamento ideológico dos entrevistados em série histórica, são os dados disponibilizados pelo World Values Survey (WVS), uma iniciativa da comunidade científica internacional focada em relacionar o comportamento político em dezenas de países de diferentes continentes.

Especificamente sobre o caso brasileiro, os entrevistados foram diretamente convidados a se posicionar na escala entre esquerda e direita (podendo optar pela indecisão), e os resultados contradizem os apontamentos da reportagem da **Folha**.

Segundo o levantamento do WVS, entre 2006 e 2018, a esquerda e direita permaneceram estáveis, em patamar correspondente a 11% cada uma, e o grupo que obteve o maior crescimento foi o de indecisos, variando de 8,3% para 35,9%.

Definir o espectro ideológico do eleitor a posteriori, como feito pelo Datafolha, é uma escolha metodológica de risco. Tal medida enquadra forçosamente qualquer opinião do entrevistado em um posicionamento ideológico construído artificialmente pelo analista, sem possibilitar a indefinição autodeclarada do eleitor, e essa é uma escolha que pode se mostrar bastante problemática, considerando os resultados explorados sobre a série histórica do WVS.

Afinal, não escolher um lado também é se posicionar politicamente, e, em termos eleitorais, o crescente grupo de indecisos pode se expressar nas urnas de diferentes modos. Para além de aspectos metodológicos, é importante frisar que toda pesquisa busca ao final somar-se a um conjunto de explicações capazes de contribuir para o entendimento de um fenômeno.

Nesse sentido, é importante ter atenção para a conexão entre as escolhas analíticas e como elas favorecem o entendimento da realidade brasileira.

Ainda que o apoio a algumas pautas progressistas possa ter avançado na sociedade brasileira nos últimos anos —e descontado o possível superdimensionamento pelas escolhas metodológicas—, recomenda-se cautela nas análises conjunturais sobre a eleição deste ano. Para ampliar sua competitividade, é especialmente importante que a esquerda não se isole.

Apesar de trazer insights interessantes, não devemos interpretar a pesquisa Datafolha como uma prova da autossuficiência da esquerda para competir nas eleições de outubro. Considerando a multiplicação das legendas de direita no sistema partidário nos últimos anos e as restrições para a conversão de ideologia em votos, a esquerda não deve prescindir de alianças que ampliem seu potencial nas urnas.

Se as conclusões subsequentes ao estudo fossem procedentes, as estratégias de campanha do ex-presidente Lula, que hoje lidera a corrida ao Planalto, estariam, no mínimo, equivocadas. Se a esquerda fosse dominante no eleitorado, seria aconselhável promover uma guinada em direção a agendas progressistas e, nesse caso, conveniente que o vice não fosse Geraldo Alckmin, mas um personagem como Guilherme Boulos.

Não parece ser esse o caso. Lula segue aglutinando múltiplas forças políticas à sua candidatura e conquistando eleitores transversalmente nos mais diversos recortes sociais. Se os valores da sociedade brasileira caminharão à esquerda, só o tempo dirá, mas o tempo da campanha é agora, e as consequências de interpretações desacauteladas podem custar caro. ←

A matriarca revolucionária

[RESUMO] Ainda pouco conhecida, Bárbara Pereira de Alencar, avó do escritor José de Alencar, foi uma figura histórica notável, mulher (branca e rica) que administrou um engenho e teve participação ativa na Revolução Pernambucana de 1817, movimento precursor da Independência. Perseguida pela Coroa portuguesa, tornou-se a primeira presa política do Brasil

Por ***Fernanda Mena***

Mestre em direitos humanos pela LSE (London School of Economics), doutora em relações internacionais pela USP e repórter especial da **Folha**

Ilustração ***Catarina Pignato***

Ilustradora e infografista da **Folha**

Inimiga do rei, agitadora, revoltosa, conspiradora, liberal, sanguínea, nervosa, mulher-macho. Uma rica sinhá sertaneja desafiou os costumes e os tabus de seu tempo e também o poder da Coroa portuguesa ao participar da articulação política que proclamou uma república no Vale do Cariri, onde o Ceará encontra Pernambuco.

Tamanha ousadia lhe rendeu a série de alcunhas que abrem este texto, mas também a denominação de patriota, e fez dela a primeira presa política do Brasil –ainda que pouca gente tenha aprendido sobre ela nas aulas de história.

Bárbara Pereira de Alencar era viúva, tinha 57 anos e cinco filhos criados quando tomou parte ativa do movimento que incendiou o Nordeste, no rastilho das ideias iluministas de liberdade, igualdade e participação política que desembarcavam no Recife.

Única mulher branca e rica proprietária de terras a participar da Revolução Pernambucana de 1817, dona Bárbara, como era conhecida, integrou a articulação precursora da Independência e da República no Brasil, uma luta que marcou sua trajetória de vitórias, derrotas e sacrifícios, antes de relegá-la ao esquecimento.

A Revolução Pernambucana foi um movimento que se opôs, de uma só vez, ao domínio português e ao regime monarquista e elaborou uma ideia de pátria para além do antigo regime e do sistema colonial, ainda que paradoxalmente mantivesse intacto o estatuto da escravidão.

Os insurgentes declararam independência da então província de Pernambuco cinco anos antes do suposto grito de dom Pedro 1º às margens do rio Ipiranga, em 1822. Derrubada a monarquia, instauraram ali uma república mais de 70 anos antes de Deodoro da Fonseca, o marechal, expulsar o imperador e a família real do Brasil em 1889.

O chamado revolucionário bateu à porta de dona Bárbara na noite de 29 de abril de 1817, quando seu filho mais novo, o então seminarista José Martiniano de Alencar, apareceu inesperadamente no Crato.

Ele havia viajado mais de 600 quilômetros desde o Seminário de Olinda, que havia se tornado uma espécie de centro irradiador das ideias iluministas derivadas da Guerra de Independência dos Estados Unidos (1776) e da Revolução Francesa (1789-1799).

O seminário era reduto de freis próximos da família Alencar e, particularmente, de Bárbara. Sua pregação liberal era recebida com entusiasmo pela aristocracia agrária brasileira da região, incomodada com a alta de impostos da Coroa e com o deslocamento do eixo econômico e político da colônia para o Rio de Janeiro, onde aportara a família real portuguesa em 1808, fugida das invasões de Napoleão Bonaparte na Europa.

Naquela noite de abril, o então subdiácono José Martiniano de Alencar chegou à casa da mãe, no sítio do Pau-Seco, não só como filho, mas também como emissário do novo governo revolucionário instaurado no Recife.

Sua missão era levar a conspiração ao Ceará e libertar a província do domínio português a partir do Vale do Cariri. Há registros de que sua mãe, Bárbara, teria atuado na costura de apoio entre os poderosos da região.

A articulação partia do princípio de que a vanguarda política tinha como limite a manutenção da escravatura –uma condição para colher apoio no mando local, todo escravocrata, assim como os Alencar.

Dias depois, José Martiniano deu início à insurreição política durante a missa na igreja matriz do Crato, quando subiu ao púlpito e leu o manifesto dos rebeldes patriotas.

Aplaudido, hasteou ali a bandeira branca da independência e seguiu com o público da missa para a frente da Câmara, onde o grupo deu vivas à República e "morras ao rei".

José Martiniano seria depois relembrado não pela proclamação desta República do Crato, mas como senador do Império, presidente da província do Ceará e pai do escritor romântico José de Alencar, autor de obras clássicas da literatura brasileira como "O Guarani" e "Senhora".

A reação foi rápida, e seu foco era prender os líderes da revolução. Três deles eram filhos de Bárbara. Ela mesma, a única mulher da lista de insurgentes, foi classificada pelo juiz como "muito culpada".

"Bárbara foi acusada de queimar papéis", conta a historiadora Danielly Teles, pesquisadora da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). "Sabemos muito pouco sobre o papel dela na revolução. Bárbara é uma personagem construída e fica difícil ter noção do que ela realmente fez", aponta.

"A participação política feminina nesse período, em que a mulher se movimenta de acordo com o que é possível, não se resume apenas a pegar em armas", explica Teles, autora de artigo sobre Bárbara que integra o quinto dos seis volumes da coletânea "Brasil: Independências".

Para a historiadora, Bárbara de Alencar pode ser considerada uma mulher revolucionária da época, ainda que não tenha sido a única a se engajar em lutas políticas. "Ela representou a imagem de uma mulher forte, do sertão, que fugia dos padrões estabelecidos", diz.

O movimento republicano pernambucano resistiu por 75 dias à repressão das armas da Coroa Portuguesa antes de sucumbir. Já sua versão cearense, conspirada e celebrada em encontros na casa de dona Bárbara, teve vida bem mais curta: a República do Crato durou apenas oito dias até que as ordens da Coroa levassem ao hasteamento de sua bandeira onde antes se via a flâmula dos revolucionários.

A contrarrevolução foi ágil, violenta e cruel. Levou Bárbara e três de seus filhos para as masmorras do quartel-general da capital cearense, a fortaleza Nossa Senhora de Assunção, construção que batizou a cidade.

Bárbara, uma mulher descrita como alta e forte, foi tratada como troféu e exibida pedagogicamente a cada povoado ao longo dos 500 quilômetros que separam o Vale do Cariri de Fortaleza. A viúva rebelde percorreu o trajeto acorrentada e a galope, desmilinguida sob o sol de verão do sertão cearense. Esse era só o começo de seu calvário.

Nascida na cidade de Exú (Pernambuco) em 1760 em uma família rica, proprietária de terras e de negros escravizados, Bárbara de Alencar cresceu acostumada ao poder e se tornou uma mulher livre e emancipada para os padrões da época.

A viúva rebelde percorreu o trajeto acorrentada e a galope, desmilinguida sob o sol de verão do sertão cearense. Esse era só o começo de seu calvário

"Era uma mulher decidida, abastada, que aprendeu desde cedo a ser dona do próprio nariz", diz a jornalista cearense Ariadne Araújo, autora de "Bárbara de Alencar", para o qual, afirma, montou um quebra-cabeças sobre a heroína sertaneja diante do desafio de obter informações a seu respeito.

"Ela se casou muito cedo e com um homem 30 anos mais velho, a contragosto do pai, o que demonstrava sua personalidade obstinada", afirma.

Casada, mudou-se para o sítio Pau Seco e passou a administrar o engenho de cachaça e rapadura e a produzir tachos contra a vontade do marido. Para o pensamento da época, essas eram atividades para homens, o que rendeu a Bárbara a imagem de mulher-macho.

"Ainda assim, ela não era totalmente transgressora: estava na vanguarda de alguns comportamentos e na tradição de outros. Não era abolicionista, mas era tratada como madrinha dos seus escravos, por exemplo", diz Araújo.

O escritor cearense Gylmar Chaves, que pesquisa a vida de Bárbara de Alencar há mais de dez anos para uma biografia, conta que ela mantinha escravizados muito próximos.

Um deles, conhecido como Barnabé, teria sido pego e torturado pelos soldados da Coroa para revelar o paradeiro da sinhá, fugida de suas terras. "Para não traí-la, ele decepou com os dentes a própria língua e a cuspiu aos pés do torturador", diz Chaves.

De rica e poderosa proprietária, Bárbara passou quase quatro anos em masmorras e calabouços fétidos de Fortaleza, Recife e Salvador, com o corpo machucado pelos grilhões de ferro que carregava, enfraquecida pela má alimentação e pelas crueldades de alguns carcereiros. Todos os seus bens foram confiscados pela Coroa e leiloados.

No final de 1820, Bárbara foi posta em liberdade. Também soltos, seus dois filhos mais velhos, Tristão e Carlos, retomaram a luta revolucionária. Queriam se libertar de Portugal e derrubar dom Pedro 1º.

Outorgada em 1824, a primeira Constituição na nação recém-independente não foi aceita pelos pernambucanos, que criaram a Confederação do Equador, organizada por frei Joaquim do Amor Divino Rabelo (1779-1825), mais conhecido como frei Caneca.

A Confederação tinha em Tristão uma liderança importante e reunia outras províncias do atual Nordeste, como Piauí, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, em um regime federalista em que cada unidade manteria sua soberania, a exemplo dos EUA.

Dom Pedro se organizou para reprimir os confederados e contratou mercenários ingleses, que promoveram um banho de sangue no Recife, executado por um exército de 3.500 homens.

Tristão, considerado presidente da Confederação no Ceará, foi morto dias depois pelas tropas imperialistas. Seu corpo mutilado ficou exposto por dias, postado de pé, com a mão direita decepada. Carlos, outro filho de Bárbara, também foi brutalmente assassinado, assim como outros 11 parentes do clã Alencar.

"As manifestações de poder da repressão da Coroa foram muito mais fortes e violentas em 1817 e em 1824 que durante a Inconfidência Mineira [1789]", afirma Maria Eduarda Marques, doutora em história e curadora da exposição "Revolução de 1817", organizada na Biblioteca Nacional por ocasião do bicentenário do levante iniciado em Pernambuco.

Exilada em uma fazenda entre o Ceará e o Piauí, Bárbara de Alencar morreu em 1832, aos 72 anos de idade. Seus restos foram sepultados na capela de Itaguá, local depois batizado de Poço das Pedras, em Campos Sales, no Ceará.

Para Marques, o Brasil vive um momento de resgate de nomes da história, e Bárbara emerge como uma figura de peso nessas descobertas. "Estamos desmistificando a história mainstream, o que abre possibilidades de uma visão mais diversificada da história brasileira e menos centrada no heroísmo clássico e nas figuras masculinas e brancas."

Em seu artigo, ainda inédito, Danielly Teles lembra que, em 2014, a então presidente Dilma Rousseff (PT) sancionou uma lei que ordenava que Bárbara Pereira de Alencar integrasse o Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília, fazendo dela uma das poucas mulheres a receber a homenagem.

Para a pesquisadora, Bárbara de Alencar é "uma mulher que buscou pensar e fazer política, se movimentando e articulando relações em uma sociedade construída sobre as bases de um sistema de relações desiguais".

Esse texto é a quarta publicação da série Perfis da Independência, que destaca nomes relevantes —muito conhecidos ou não— do período da emancipação do Brasil em relação a Portugal. O texto sobre a imperatriz Leopoldina deu início à série em fevereiro deste ano, seguido pelo artigo sobre Hipólito da Costa e o aventureiro escocês Thomas Cochrane

Casamentos adiados fazem noivos desconvidarem amigos

Ao reagendar eventos, casais notam aumento nos preços e equilibram gastos

EQUILÍBRIO

Sarah Lyon

THE NEW YORK TIMES Brissa Ortega e Devin Joll ainda não decidiram a melhor maneira de informar cerca de 35 amigos, parentes e colegas de trabalho que não estão mais convidados para o casamento deles em novembro.

Ortega, 33, analista de marketing de produtos da empresa de segurança de software Synopsys, e Joll, 34, pretendiam se casar em agosto de 2020.

Convidaram cerca de 80 pessoas por telefone e pessoalmente antes de adiar o evento por causa da pandemia, avisando aqueles que perguntaram que iriam reagendar a cerimônia. Depois de considerar novas datas —agosto de 2022, depois abril de 2023—, o casal se decidiu por 27 de novembro. Ao replanejar o casamento, notaram "um aumento dos preços" cobrados por muitos fornecedores, disse Ortega.

Para cortar despesas, ela e Joll, que moram em Santa Clara, na Califórnia, reduziram a lista de convidados para 45 antes de reservar o local, um resort em Napa Valley, na Califórnia, no início deste mês.

Agora que eles garantiram o lugar, enfrentam um enigma: como informar os não convidados —ou se devem contar a eles. "Acho que por enquanto não vamos dizer nada", disse Ortega, "só porque será um casamento muito pequeno" em comparação com o que eles adiaram.

Embora a etiqueta social tenha ficado mais descontraída, cancelar convites de casamento ainda é visto por alguns como uma grande gafe.

Mas a pandemia persistente forçou muitos casais a fazer exatamente isso nos últimos dois anos, por motivos que incluem mudanças nos protocolos da Covid-19, aumento dos custos e uma onda de eventos adiados que deixou muitos com dificuldade para encontrar locais disponíveis.

Mesmo que os convites sejam feitos só pessoalmente, as pessoas devem sempre ser avisadas quando forem desconvidadas, disse Elaine Swann, especialista em etiqueta e fundadora da Escola de Protocolo Swann em Carlsbad, na Califórnia.

Ela sugere desconvidar as pessoas da mesma forma que foram convidadas. Se elas receberam cartões "save the date" por correio, por exemplo, devem ser notificadas por meio de uma carta de que não são mais convidadas.

Não importa o meio, os casais devem ser transparentes sobre o que levou à sua decisão, disse Swann. "Aqui, é aceitável ser muito honesto e dizer: 'Decidimos fazer uma cerimônia muito menor'."

Mary Guido, que administra o Mary Guido Atelier, empresa de planejamento de casamentos em Washington DC, recomenda ser "preciso e pessoal" ao informar aos convidados que eles foram desconvidados. Após a pandemia, ela e seu agora marido, Nicholas McMurray, 33, reduziram drasticamente sua cerimônia.

Guido e McMurray, diretor administrativo de políticas públicas da ClearPath, organização com foco em energia limpa, mantiveram a data, mas optaram por uma cerimônia de autounião no Tregaron Conservancy em Washington, com apenas um fotógrafo presente. Seus convidados anteriores foram desconvidados por telefone.

"Eles foram muito compassivos e compreensivos", disse Guido, 30, que também é diretora de eventos globais do Fórum Internacional da Mulher.

Quando Ashley Montufar, 31, e Zachary Burgess, 30, decidiram adiar a data original do casamento, agendada para 26 de setembro de 2020, já tinham enviado "reserve a data" para cerca de cem pessoas, que foram notificadas pela primeira vez sobre a mudança de planos via redes sociais, telefone e boca-a-boca.

Após adiar por causa da Covid-19, o casal, que mora em Millington, Nova Jersey, não quis reagendar imediatamente pelo mesmo motivo. Para se dar um pouco de flexibilidade, eles inicialmente evitaram detalhar planos futuros, simplesmente dizendo aos convidados que o casamento estava suspenso e que eles estavam procurando novas datas.

> Aqui, é aceitável ser muito honesto e dizer: 'Decidimos fazer uma cerimônia muito menor'
>
> **Elaine Swann**
> especialista em etiqueta

Montufar, que é engenheira na ExxonMobil e Burgess, e líder digital e de análise na empresa de saúde Haleon, decidiram trocar votos diante de cinco membros da família em junho de 2021, na cobertura do William Vale Hotel em Nova York. Uma recepção viria meses depois, em setembro. Por motivos que incluem custos e segurança dos convidados, eles decidiram convidar apenas 40 pessoas para o evento, que realizaram no quintal de sua casa.

Antes da recepção, os que estavam na lista original de convidados ao casamento receberam um de dois cartões postais pelo correio.

Um, como Montufar contou, dizia aos destinatários: "Nós fugimos —mas venha comemorar conosco em 4 de setembro de 2021". O outro transmitia a notícia de que os dois se casaram legalmente e incluía um link para um site com fotos e vídeos.

O casal considerou convidar novamente pessoas da lista original para a recepção quando surgiram algumas vagas de última hora, relacionadas à pandemia. Mas acabaram optando por preencher esses lugares com outros conhecidos, como irmãos de alguns dos amigos presentes.

Montufar temia que a decisão pudesse incomodar seus convidados que viram fotos da recepção nas redes sociais. "Eu me senti tão mal", disse ela, "porque obviamente eles viram uma das irmãzinhas da minha melhor amiga lá, e é tipo: 'Ah, eles convidaram a irmã mais nova, mas não me convidaram'."

Ninguém manifestou decepção ao casal sobre o convite ter sido revogado, mas Montufar disse que ainda se sente culpada.

Pode parecer simples, mas convidar novamente as pessoas pode ser tão arriscado quanto desconvidá-las, disse Tracy Taylor Ward, dona da empresa de planejamento de eventos Tracy Taylor Ward Design, em Nova York.

Mas hoje em dia, "dado o estado do mundo e as condições de pandemia em constante mudança, encorajamos todos —casais e seus convidados— a ser gentis e agir supondo que os entes queridos têm as melhores intenções", acrescentou ela.

Ao convidar novamente um desconvidado, os casais devem "ser o mais honestos possível" enquanto adotam uma abordagem informal, disse Gayle Szuchman, presidente da Events by Gayle em Norwalk, em Connecticut.

"Considere até adicionar um pouco de humor à mensagem", disse Szuchman, "algo como 'Vamos tentar de novo' ou 'Por favor, seja nosso convidado novamente'."

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

A alta dos custos fez com que casais que adiaram casamentos na pandemia tivessem que redimensionar festas Paola Saliby/The New York Times

Desorganização pode afetar relacionamento de casais

Roseane Santos

RIO DE JANEIRO A toalha molhada em cima da cama, a louça acumulada na pia e as roupas misturadas no armário. Quem nunca se deparou com essas situações ao dividir o mesmo espaço com seu parceiro? Esse cenário pode comprometer a vida amorosa de um casal.

Para tentar driblar as dificuldades em meio à desorganização, especialistas recomendam conversar sobre os limites de cada um e entender o que o outro não se sente bem fazendo. Negociação e diálogo são os caminhos.

O cinegrafista Eduardo Cesar Gonçalves, 57, e a produtora de conteúdo Paula Géssica, 34, são casados há 14 anos. Eles já perderam as contas de quantas vezes brigaram por causa da organização do apartamento onde moram.

Paula admite ser a desorganizada, mas mesmo assim se sente injustiçada em algumas situações. "Ele guarda as coisas tão bem que ele mesmo esquece. Quando perde ou não sabe onde colocou tudo bem. Só que se isso acontecer comigo, começa a reclamar. Me sinto mal, parece que nem estou na minha casa", diz.

Já Eduardo tenta abstrair, mas nem sempre consegue. "Me pergunto se tem necessidade de ocupar os dois banheiros com as coisas dela, das oito gavetas no armário, cinco são só para ela e os sapatos dela já estão invadindo o lado dos meus", critica.

A desorganização interfere na produção e reprodução dos afetos na relação, uma vez que há uma sobrecarga de trabalho para um dos protagonistas, afirma a psicóloga Jacqueline Figueiredo, mestre em Educação Sexual pela Unesp (Universidade Estadual Paulista).

Os afetos podem transitar de um clima amistoso para outro de enfrentamento, além dos sentimentos de desconfiança, desamparo, desmotivação ou estresse.

Não há, porém, como se esquivar do conflito. Mesmo que sejam feitas negociações de maneira honesta para minimizar os desencontros e os desconfortos, Figueiredo diz que é preciso observar as diferenças existentes entre cada um.

"Por isso, sempre que se falar em relação, devem tratar os acordos a serem feitos e eles devem incluir aspectos de maior ou menor valor para os envolvidos. [Se] tem alguma coisa que é 'inegociável', que o outro realmente não se sente bem fazendo", ressalta.

Os limites entre o inegociável e o negociável dependerão da individualidade de cada um. "Considerando isso, retomar os acordos feitos em um primeiro momento da relação é uma constante para que o relacionamento seja saudável."

Mas não é só preguiça, a desorganização também pode ser um sintoma de ansiedade.

Sirlene Ferreira, psicóloga e psicanalista especializada em psicologia escolar e organizacional, afirma que pessoas perfeccionistas podem precisar de atenção profissional.

"Conviver num ambiente engessado e supercontrolado é estressante. Vamos imaginar que após um exaustivo dia de trabalho, tudo que almejamos é chegar em casa e descansar. Se para conseguir isso precisa estar dentro do formato do outro, não haverá descanso", afirma.

Ter combinados como colocar o copo usado na pia para lavar pode ajudar. "O inconveniente é ter que colocar o copo na pia de acordo com as exigências do perfeccionista. Pouco provável que esse relacionamento possa ser harmonioso", diz Ferreira.

Caso um dos parceiros tenha um diagnóstico de depressão ou esteja vivendo o puerpério, a organização deve ser uma prioridade menor na relação.

Bagunça, porém, é diferente de sujeira. Se uma pessoa não se incomoda em dormir num lugar sujo e usar um banheiro sem o mínimo de limpeza, ela não está emocionalmente bem.

"Não podemos afirmar qual é a sua psicopatologia, mas que há algo que a faz aceitar um ambiente sem o mínimo de ordem e limpeza, essa pessoa está com a autoestima afetada", afirma Ferreira.

De acordo com a especialista, os casais podem fazer combinados, desta forma nenhum dos dois ficará sobrecarregado. Entender que cada um tem seu tempo também é importante. Lavar a louça tem que ser algo negociável.

Dividir as tarefas, conversar e usar organizadores podem ser saídas para uma convivência mais harmoniosa. A organizadora Ju Aragon preparou dicas que podem ajudar a diminuir conflitos entre casais.

Fazer acordos é uma estratégia muito efetiva quando se trata de organização. Isso fará com que ambos se comprometam com as suas obrigações e saibam quais são suas tarefas. "Decidam juntos o que cada um se sente mais à vontade fazendo e o que é possível encaixar no dia a dia entre outros compromissos. Dessa forma, a organização se tornará um hábito, evitando possíveis discussões", afirma.

Diálogo acima de tudo. A organizadora lembra que a base de qualquer relacionamento é o diálogo, mas quando se trata de um casal, principalmente aqueles que acabaram de iniciar a vida a dois, conversar é ainda mais importante.

Ela também reforça que o lar deve ser o porto seguro do casal e isso só acontecerá se existir uma troca constante.

"Diga o que gosta e o que não gosta sempre de forma respeitosa e sugerindo melhorias. Você saberá que está no caminho certo quando considerar que a sua casa é o melhor lugar para descansar."

Depois de definir as responsabilidades de cada um e implementar o hábito do planejamento e da conversa, os organizadores podem ser aliados da rotina.

"Criados especialmente com essa finalidade de trazer qualidade de vida e facilitar a rotina, o casal pode investir em organizadores para todos os ambientes da casa, começando pelos mais coringas e que sejam mais necessários na rotina de ambos. Por exemplo, as colméias são perfeitas para delimitar o espaço dentro do guarda-roupa."

Continuação da pág. 4

Assisti a "Top Gun: Maverick" em sua recente estreia em Singapura, sentado em um cinema lotado de militares americanos entusiásticos, que começaram a aplaudir e comemorar já nas cenas de abertura, quando a trilha sonora facilmente reconhecível surge dos alto-falantes.

Falando pouco antes do filme e ostentando óculos em estilo Top Gun, Jonathan Kaplan, embaixador americano em Singapura, vinculou o filme diretamente ao papel que os EUA e suas Forças Armadas desempenham na Ásia como guardiões da "ordem mundial baseada em regras".

Muitos milhares de marinheiros e aviadores navais americanos trabalham em toda a região, disse Kaplan, "para garantir paz, segurança e um Indo-Pacífico livre".

O personagem de Cruise foi sempre um receptáculo curioso para representar essa forma de poderio americano e de respeito às regras, especialmente considerando sua inclinação a descumprir ordens. Mas a premissa do primeiro filme mesmo assim continuava a ser a de que homens como Maverick permitiam que os EUA e suas Forças Armadas patrulhassem e controlassem o mundo.

Na continuação, tudo isso parece menos seguro, tanto por causa da preocupação com o declínio na competência tecnológica americana quanto pela obsolescência intrínseca de pilotos como Maverick.

A sequência de abertura do filme mostra o contra-almirante Chester "Hammer" Cain, interpretado com impetuosa rouquidão por Ed Harris. O militar, que os seus comandados chamam de "drone Ranger", quer substituir os pilotos por capacidades autônomas de ataque aéreo acionadas por inteligência artificial. "O futuro está chegando", ele diz a Maverick em tom provocador, "e você não é parte dele".

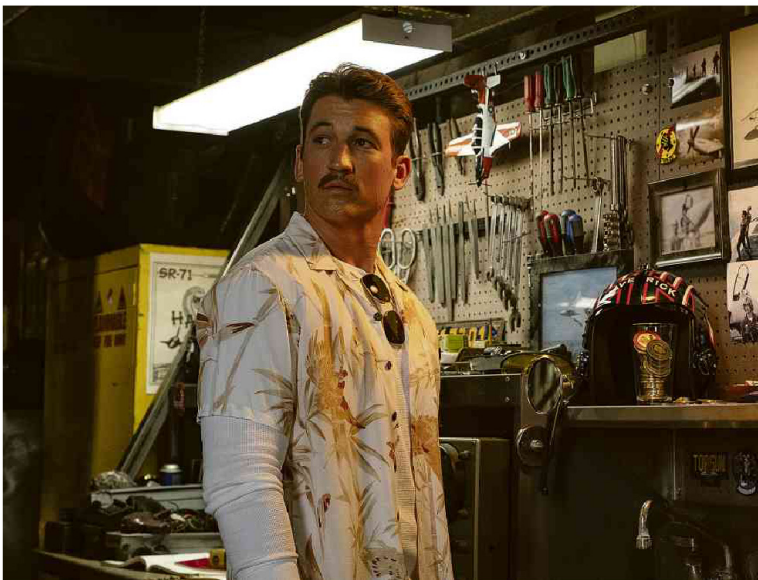
Isso não é inteiramente exato, já que o poderio aéreo tradicional continuará a ter papel importante a desempenhar em qualquer conflito plausível envolvendo forças americanas na Ásia. Há pouco, China e Rússia enviaram bombardeiros capazes de carregar armas nucleares estratégicas até perto do espaço aéreo do Japão, aparentemente em uma demonstração de força concebida como resposta à visita de Biden a Tóquio, que Pequim e Moscou entenderam como provocação.

Mas a visão de um futuro no qual os aviões de combate não serão tripulados tampouco pode ser tratada como ficção científica, como prova o sucesso dos "drones" turcos Bayraktar TB2 nos céus da Ucrânia.

O personagem de Harris na verdade reflete as ambições de muita gente nos altos escalões da defesa americana, que considera que o investimento rápido em tecnologia militar é o melhor caminho para que os EUA mantenham sua atual dominância militar.

Há um aspecto mais amplo a considerar quanto a isso. Elbridge Colby trabalhou no Departamento de Defesa americano como subsecretário assistente de defesa e ajudou a produzir a influente Estratégia de Defesa Nacional de 2018, que alterou a postura estratégica dos Estados Unidos, substituindo o foco no terrorismo e apontando para uma nova era de competição entre as grandes potências.

"Nós deveríamos receber com agrado o retorno de 'Top Gun', porque traz uma visão daquilo que realmente precisamos na defesa dos Estados Unidos", ele explica.

"Os filmes de guerra da década de 2010 se passavam todos nas montanhas do Afeganistão ou nas ruas de Bagdá. Agora vivemos uma era na qual os Estados Unidos precisam investir em tecnologia nova, mas na qual também precisaremos de mais porta-aviões e aviões para a região Indo-Pacífico, a fim de ajudar a deter a ascensão da China."

No novo filme, Maverick é convocado a treinar jovens pilotos, entre os quais Rooster (Miles Teller, na foto do alto); no longa de 1986, o personagem de Cruise era dado a descumprir ordens e tinha rivalidade com Iceman (Val Kilmer, com ele, acima)

Muitos estrategistas americanos esperam que seu país consiga repetir seu sucesso da década de 1980, que Colby descreve como "a década mais bem-sucedida na história militar dos Estados Unidos".

O período envolveu pesado investimento em capacitação militar e terminou com o colapso dos rivais soviéticos.

"O apelo de 'Top Gun' é o de que nós desejamos ser fortes —não por vaidade, mas, sim, para garantir uma boa paz", ele diz. "E por isso, sim, precisamos de novos 'drones' mas também precisamos investir em muitas outras coisas."

Algo que passa sem menção explícita no filme é que a China, maior fabricante mundial de "'drones", pode bem sair vitoriosa de qualquer disputa tecnológica sobre o futuro do poder aéreo. E temas semelhantes de ansiedade tecnológica e declínio militar incipiente surgem na tela.

O "Top Gun" original mostrava Cruise pilotando um caça F-14, já aposentado da frota, e sua continuação envolve principalmente o F/A-18 Super Hornet, um modelo de jato mais recente, introduzido no final da década de 1990.

Mas, desde o começo, Cruise e seus alunos são alertados de que os aviões não tripulados do inimigo provavelmente serão aparelhos "de quinta geração", o que significa modelos avançados desenvolvidos nos últimos dez anos ou pouco mais. Embora o filme não mostre aviões chineses, a Força Aérea chinesa é uma das poucas no planeta a contar com aviões desse tipo — além, é claro, das Forças Armadas americanas.

O mais avançado dos aviões de combate chineses dessa espécie, o caça "stealth" [invisível para radares] J 20, conhecido como "Mighty Dragon", frequentemente patrulha os céus sobre o mar do Sul da China, e o estreito de Taiwan, importante ponto potencial de confronto em qualquer futuro conflito entre as superpotências.

É claro que "Top Gun: Maverick" não ousa colocar Cruise em combate contra adversários identificados como chineses. Em lugar disso, o filme foi realizado levando em conta as sensibilidades chinesas.

A Tencent Pictures, produtora e distribuidora de cinema controlada pela gigante da tecnologia Tencent, de Shenzhen, anunciou um investimento em "Top Gun: Maverick" em 2019. A empresa se retirou discretamente do projeto naquele mesmo ano, de acordo com uma reportagem recente do Wall Street Journal. Observadores atentos perceberam rapidamente que até mesmo o trailer do filme parece ter sido montado a fim de evitar causar ofensa a Pequim. Algumas imagens do filme estavam em circulação em 2019 —seu lançamento foi muito postergado em função da pandemia— e mostravam Cruise usando a mesma jaqueta de piloto que ele usava no original. Desta vez, porém, bordados que traziam as bandeiras do Japão e de Taiwan nas costas da jaqueta original foram substituídos por símbolos ambíguos de cores semelhantes, mudança que muita gente supôs ter sido adotada para evitar qualquer possibilidade de incomodar os vigilantes censores chineses.

"Top Gun: Maverick" dificilmente está sozinho em seu esforço para evitar material que possa cair mal junto ao governo ou às audiências cinematográficas da China. "007 – Sem Tempo para Morrer", da franquia James Bond, teve destino semelhante, e o mesmo se aplica a muitos outros filmes de ação nos quais a presença de um vilão chinês poderia acrescentar um frisson de realismo geopolítico.

Executivos de Hollywood há muito se recusam a retratar personagens chineses como inimigos, porque isso geraria o risco de lhes barrar o acesso ao imenso mercado cinematográfico da China. De fato, é preciso recuar mais de duas décadas, a "Jogo de Espiões" (2001, e também dirigido por Tony Scott), para encontrar uma grande produção de Hollywood que pelo menos resvale em retratar o governo chinês de modo desfavorável. Se observarmos esse tipo de decisão com algum carinho, podemos imaginar que seja parte de um esforço para evitar inflamar qualquer futuro conflito.

O resultado faz com que "Top Gun: Maverick" tenha sequências de ação realistas, mas relações internacionais completamente falsas. Um filme que tem tanto medo de nomear seu inimigo mais provável demonstra não dispor da confiança que o personagem de Cruise personifica.

"Top Gun: Maverick" tampouco está sozinho em temer o eclipse tecnológico dos EUA diante do rápido avanço chinês. Temas semelhantes são proeminentes em "2034", romance publicado recentemente por Elliott Ackerman, veterano das Forças Armadas americanas, e pelo almirante reformado James Stavridis.

Livres da autocensura imposta por Hollywood, os autores estavam aptos a pelo menos imaginar o que poderia acontecer em caso de um confronto futuro entre EUA e China com relação a Taiwan.

Logo no começo da história, eles imaginam o roubo de um F-35, um jato de combate americano de quinta geração, por um grupo de intrusos cibernéticos, enquanto hackers chineses paralisam completamente o governo americano.

Ao longo do livro, a dependência excessiva dos EUA com relação à tecnologia é apontada como uma fraqueza que os rivais do país, tecnologicamente ainda mais astutos, são capazes de explorar.

Temas semelhantes fazem de "Top Gun: Maverick" em boa medida um exercício de nostalgia, no qual pilotos à moda antiga, voando em aviões tradicionais, terminam por provar seu valor apesar de tudo que existe contra eles.

Nostalgia desse tipo provavelmente é algo que o público receberá com agrado, não menos porque muitas das pessoas que curtiram o primeiro filme quando eram adolescentes agora, como Cruise, já chegaram confortavelmente aos 50 anos.

Mas, em termos militares, a visão que o filme propõe é cada vez mais anacrônica. Combates entre jatos militares quase nunca acontecem em conflitos modernos. A maioria dos planejadores militares que estão contemplando conflitos na Ásia concentra suas atenções em uma visão da guerra futura que virá repleta de tecnologias novas. O futuro está chegando, de fato, e aviadores navais audaciosos que pousam jatos velozes em porta-aviões terão papel muito menos importante do que tiveram no passado.

O filme recua a uma era geopolítica mais simples, igualmente, quando os EUA eram uma potência dominante sem rival que se aproximasse de sua força. Hoje, em lugar de uma União Soviética em declínio, os americanos enfrentam dois adversários determinados, a China e a Rússia.

Como aponta a versão 2018 da Estratégia de Defesa Nacional do Pentágono, "o desafio central para a prosperidade e segurança dos Estados Unidos é o ressurgimento de competição estratégica em longo prazo por [...] potências revisionistas".

Diante de um desafio como esse, os EUA estão se tornando um tipo mais ansioso de superpotência, preocupada com o declínio de seu poderio. Tanto em seu personagem principal envelhecido quanto no equipamento antiquado que ele pilota, "Top Gun: Maverick" oferece um retrato estranhamente preciso dessa vulnerabilidade americana.

Cruise continua a ser uma figura charmosa e a que muita gente quer assistir, e o ator tenta com todo afinco demonstrar que, como seu país, ele continua a ser a força que um dia foi. Poucos espectadores — seja em Pequim, seja em Washington— se deixarão convencer disso.

Tradução Paulo Migliacci

Estúdio sofre ação por não citar autor que inspirou franquia

'Top Gun: Maverick' está no centro de uma disputa entre o estúdio Paramount, e a família do autor que inspirou o longa original, 'Top Gun: Ases Indomáveis', de 1986. Segundo a viúva e o filho de Ehud Yonay —que escreveu o artigo jornalístico "Top Guns" na revista California, em 1983—, o novo longa não cita o autor e, com isso, estaria infringindo direitos autorais. Segundo a queixa, feita a um tribunal federal de Los Angeles, a Paramount não teria readquirido os direitos do artigo com a família antes de lançar a sequência derivada. Os herdeiros dizem que a Paramount teria ignorado a questão dos direitos autorais de propósito. A família buscava recuperar os direitos do artigo desde 2018 e teve sucesso dois anos depois. O filme entrou em produção em 2018, com vistas a sair em 2019, mas adiado algumas vezes até a chegada em 2022, e a família alega que o filme só foi realmente concluído em maio de 2021, mais de um ano após o aviso de rescisão entrar em vigor. O estúdio disse que as afirmações não têm mérito. Com a ação, a família almeja lucros da bilheteria, além de tentar impedir a Paramount de distribuir o filme e outras possíveis sequências.

Tom Cruise como Pete 'Maverick' Mitchell na sequência de 'Top Gun'; envelhecimento do protagonista reflete declínio relativo do poderio dos EUA Fotos Divulgação

O que 'Top Gun: Maverick' nos diz sobre os EUA

Anacrônico em termos militares e geopolíticos, filme revela ansiedade tecnológica americana diante do poderio chinês

ILUSTRADA

James Crabtree

FINANCIAL TIMES O mais recente "blockbuster" de Tom Cruise, "Top Gun: Maverick", chegou às salas de cinema com um timing geopolítico perfeito, enquanto o presidente Joe Biden se reunia com líderes da Austrália, Japão e Índia em Tóquio, depois de uma visita à Coreia do Sul. O presidente americano queria reassegurar os parceiros do país do compromisso de Washington para com a região, agora que as atenções americanas estão sendo cada vez mais atraídas para a sangrenta e já longa guerra da Ucrânia.

Que momento seria melhor, portanto, para uma exibição vulgar de poderio brando americano nas salas de cinema do planeta, oferecendo uma visão clara da longevidade e da vitalidade da competência militar dos EUA?

"Top Gun – Ases Indomáveis", o filme original, lançado em 1986, foi tanto um enorme sucesso de bilheteria quanto um hino ao poderio naval e aéreo americano na era Reagan. Dirigido por Tony Scott, o filme se tornou tanto o maior sucesso de bilheteria daquele ano quanto um dos maiores da história do cinema.

Diálogos do filme —como "você pode voar comigo quando quiser" e "negativo, Ghost Rider, não há vaga para você na sequência de aterrissagem" — se tornaram parte permanente da cultura popular. E o filme transformou Cruise em um dos astros mais bem sucedidos nas bilheterias, posição que ele persistentemente reteve praticamente desde então.

"Top Gun - Ases Indomáveis" também surgiu em um momento de avanço na supremacia mundial dos Estados Unidos, o que deu ao filme uma pungência geopolítica especial. O domínio que ele conquistou nas bilheterias surgiu um ano depois que Mikhail Gorbatchov se tornou secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética e quando o equilíbrio de poder entre as duas superpotências virou decisivamente em favor dos americanos.

Com as feridas deixadas pela derrota no Vietnã praticamente curadas, a metade da década de 1980 marcou o início de um longo período de domínio pelos EUA, sustentado pela forma de poderio militar que o alter ego cinematográfico de Cruise representava com autoconfiança.

O filme teve ressonância especial na Ásia, além disso, a começar já por sua tomada inicial, que mostra o porta-aviões USS Enterprise navegando pelo oceano Índico. A conclusão do filme vê o personagem interpretado por Cruise, Pete "Maverick" Mitchell, combatendo contra caças MiG-28 de um inimigo desconhecido, mas cuja pintura parece distintamente norte-coreana.

Agora, passados 36 anos, em um momento no qual os EUA estão se preparando para uma nova era de competição militar com a China, seria razoável imaginar que a continuação do filme ostentasse a mesma autoconfiança e orgulho patriótico.

Curiosamente, no entanto, a realidade é que "Top Gun: Maverick" é um "blockbuster" de tom razoavelmente ansioso, repleto de dúvidas sobre a durabilidade do poderio americano e que serve, de muitas maneiras, como uma elegia do declínio relativo dos EUA.

Dúvida não é aquilo que as plateias cinematográficas esperam de Cruise. E, de fato, pelo menos superficialmente a continuação exibe muito da masculinidade arrogante que caracterizava o filme precedente.

De novo equipado com sua jaqueta de pilotagem, óculos de aviador e motocicleta Kawasaki Ninja, Cruise se vê convocado a voltar a servir no programa TOPGUN, mais formalmente o Programa de Instrução de Táticas de Caça e Ataque da Marinha dos EUA, uma escola de elite para pilotos em Miramar, na Califórnia.

A despeito de seu talento indubitável como piloto, Maverick não tem uma patente que esteja à altura de sua competência, fato lamentado no começo do filme por um superior exasperado, interpretado por Ed Harris.

"Você não consegue promoções, você não se decide a pedir reforma, você se recusa a morrer", Harris reclama. "A esta altura, você deveria ser pelo menos contra-almirante. Como você explica isso?" Cruise abre um sorriso. "É um dos mistérios da vida, senhor."

É melhor não pensar demais na trama do filme, que envolve Cruise treinando uma nova geração de aviadores para derrotar um país renegado cujo nome nunca é dito e que parece determinado a obter armas nucleares. Como disse Maverick no primeiro filme, "lá em cima, você não tem tempo para pensar. Se você parar para pensar... você morre".

O mais importante para a maioria dos espectadores são as sequências aéreas, que são verdadeiramente empolgantes. Cruise é conhecido em Hollywood por sua dedicação a cenas de ação realistas, e faz pessoalmente cenas para as quais muitos outros atores recorreriam a dublês.

Na franquia "Missão Impossível", ele salta de edifícios e se pendura de aviões. No novo filme, ele conduziu seus companheiros de elenco em voos sacrificados em jatos pilotados por militares, que causaram contorções nos rostos dos atores por causa da intensa força gravitacional.

"Trabalhamos com a Marinha", disse Cruise em San Diego, na recente estreia do filme a bordo do porta-aviões USS Midway. "Todos os voos que você vê no filme são reais".

Mas a realidade que se vê em "Top Gun: Maverick" é notável menos pelas fantasias quanto ao poderio dos EUA do que pelos temas de ansiedade.

Parte disso envolve Cruise. No filme original, ele tinha 24 anos. Agora, tem 59, embora esteja muito bem conservado para um homem chegando à idade de aposentadoria.

O posicionamento cuidadoso das câmeras permite que ele se sustente bem em uma partida de futebol americano contra homens com metade de sua idade —uma citação reverente à célebre cena da partida de vôlei na praia em que ele aparece sem camisa, no filme original, hoje vista como um clássico homoerótico.

Mesmo assim, não há como disfarçar a passagem do tempo, no caso de Cruise. O mesmo se aplica a Val Kilmer, que retoma seu papel como Tom "Iceman" Kazansky, exceto que, desta vez, como um almirante adoentado, nos dias finais de sua vida.

O filme é razoavelmente casto, mas as ocasionais cenas de amor têm um toque de comercial de Viagra. Cruise é um ícone da masculinidade americana, e sua perda de energia inevitavelmente traz à memória um tempo em que tanto ele quanto seu país eram mais jovens e mais enérgicos. Fica claro que alguma coisa se perdeu.

Continua na pág. 5

Creperia que alude a genitais se diz censurada

La Putaria vai recorrer da decisão do Ministério da Justiça que determinou remoção de letreiro e produtos da vitrine

F5

Cleo Guimarães

RIO DE JANEIRO A La Putaria, loja de crepes em formato de pênis e vaginas com filiais no bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro, e em Belo Horizonte, vai recorrer da decisão do Ministério da Justiça que determinou, no último dia 1º, a remoção dos letreiros de suas filiais.

"Isso é uma ação orquestrada de censura em um ano eleitoral", diz a advogada da creperia, Deborah Sztajnberg —a mesma que defendeu Paulo Cesar de Araújo, autor da biografia não-autorizada de Roberto Carlos, no processo movido contra ele pelo cantor. "Não há nenhum fundamento jurídico para envolver as esferas municipais, estaduais e federais neste caso. Chega a ser ridículo", afirma.

Além do nome da empresa, as fachadas exibem a ilustração de um órgão genital masculino estilizado, entrelaçado a um coração. A determinação foi publicada no Diário Oficial da União (DOU) do mesmo dia e inclui também a proibição da exposição dos produtos em vitrines "de fácil visualização" pelos consumidores e a venda dos doces a menores de idade — o que a empresa afirma jamais ter feito.

"A loja é pequena e propositalmente comprida, para que os doces fiquem no fundo. Sua própria arquitetura não permite que eles sejam exibidos para o lado externo", assegura Sztajnberg. "Óbvio que ninguém em sã consciência exporia os produtos para menores", diz a advogada.

A decisão do Ministério da Justiça é direcionada também para outras lojas que vendem crepes, waffles e doces "com conteúdos pornográficos": a Ki Putaria, em Salvador; Assanhadxs Erotic Food, em São Paulo e La Pirokita, no Paraná. Com matriz em Portugal, a La Putaria é a pioneira no ramo dos crepes em forma de órgãos genitais no país.

No relatório do Ministério da Justiça, os doces comercializados pela creperia são classificados como "pornografia gratuita camuflada de guloseimas (...), réplicas perfeitas de órgãos sexuais melados com caldas que, por suas cores, buscam reproduzir o ato do orgasmo". A argumentação da Justiça, para a advogada da rede, é "ridícula e censória".

Crepes em formato de pênis e vaginas da La Putaria La Putaria no Instagram

A medida publicada no Diário Oficial da União é assinada pela diretora substituta Laura Tirelli, da Secretaria Nacional do Consumidor (Senacon). O órgão é chefiado por Rodrigo Rocca, advogado de Flávio Bolsonaro no caso das Rachadinhas. Ele assumiu o posto em março deste ano. Procurado pela **Folha**, Rocca não quis se pronunciar.

Presidente da Associação dos Moradores e Amigos de Ipanema, Carlos Monjardim foi quem entrou em contato com Rocca para, segundo ele, pedir "um estudo" sobre a fachada.

O presidente da associação de moradores, que a princípio não se opunha à loja, disse que mudou de ideia ao perceber a indignação dos moradores do bairro. "Venho sendo parado na rua por pessoas mais conservadoras, que exigiram que eu tomasse alguma providência."

Divulgação

BUDDY VALASTRO FAZ PROMOÇÃO INSPIRADA EM WILLY WONKA EM SP

Buddy Valastro, o confeiteiro que virou celebridade com o reality show Cake Boss, decidiu bancar o Willy Wonka, de 'A Fantástica Fábrica de Chocolate', e espalhou aleatoriamente dez bilhetes premiados em bolos vendidos nas seis unidades de São Paulo da sua loja, a Carlo's Bakery. Quem encontrar o tíquete vai poder ter um dia de confeiteiro com ele, na fábrica da sua marca, em Pinheiros, na zona oeste da cidade. Ele ainda vai dar aulas gratuitas em shoppings do estado. No dia 16, a partir das 10h, vai ao Internacional Shopping, em Guarulhos. Depois, às 17h, vai dar as caras no shopping Eldorado, na capital. Mas é só no dia 18 que ocorre o encontro entre o doceiro e os premiados. Com direito a um acompanhante, a ideia é que Valastro tire o dia para confraternizar com os fãs. Para encontrar os tíquetes, basta escolher um bolo em qualquer loja da Carlo's Bakery —veja os endereços no site da marca

Arroz com frango e especiarias é prato típico do Qatar e da Arábia Saudita

RECEITAS DO MARCÃO

Marcos Nogueira

Hoje vamos falar da comida do anfitrião da Copa, o Qatar. O prato mais tradicional do Qatar se chama machbus, às vezes grafado "makbus" ou "machboos". Trata-se de um panelão de arroz com frango, algo remotamente parecido com a nossa galinhada.

Os qatarianos compartilham o gosto pelo machbus com outras nações da Península Arábica, como Bahrein, Omã e, claro, Arábia Saudita. Se você olhar no mapa, verá que o Qatar é um país bem pequeno (tem cerca de metade da área de Sergipe). Está cercado de um lado pelo mar; do outro, pelos sauditas.

Na Arábia Saudita, o arroz de frango também tem status de prato nacional, mas lá ele é mais conhecido pelo nome kabsa, com poucas variações na receita —que também pode ser feita com carneiro, cabrito, frutos do mar e até camelo.

No machbus, tudo é cozido na mesma panela: arroz, frango e especiarias. O arroz, na receita original, deve ser da variedade basmati, mas o agulhinha nacional dá para o gasto.

Machbus, prato típico do Qatar, é composto por arroz com frango temperado Marcos Nogueira/Folhapress

O mix de temperos do machbus tem a cúrcuma como ingrediente mais marcante de aroma e de cor. Também leva noz-moscada, cominho, coentro, cravo, cardamomo canela e páprica, em proporções que podem variar ao gosto do freguês.

Um componente difícil de encontrar é o loomi, ou limão negro, um limão desidratado inteiro até ficar bem duro. O mais próximo disso que você pode achar aqui são as rodelas secas de limão.

O número de perninhas de frango da receita não foi tirado a esmo da minha cabeça: as bandejas que vêm dos frigoríficos costumam conter cinco coxas. Só não recomendo usar carne de peito, muito seca para este prato.

Nos países árabes, o machbus/kabsa é servido ao centro da mesa na própria panela e as pessoas comem com as mãos. Mas tudo bem se você preferir usar talheres.

Machbus de frango

Rendimento: 2 a 3 porções
Dificuldade: média

Ingredientes

- 1 colher (chá) semente de coentro moída.
- 1 colher (sopa) de cominho em pó.
- 1 colher (sopa) páprica doce.
- 2 colheres (sopa) de cúrcuma.
- ½ colher (café) de noz-moscada ralada.
- Sal a gosto.
- 5 coxas (ou duas coxas com sobrecoxas) de frango.
- 2 colheres (sopa) de óleo vegetal.
- 1 cebola grande, fatiada.
- 2 dentes de alho.
- 1 folha de louro.
- 3 vagens de cardamomo.
- 2 rodelas de limão desidratado.
- 1 pau de canela.
- 1 cravo.
- 1 xícara (200 g) de arroz basmati ou agulhinha.
- Coentro fresco a gosto.
- Para servir: cebola frita, passas e lascas de amêndoas.

Preparo

- Prepare o mix de especiarias com o coentro em pó, o cominho, a páprica, a noz-moscada e a cúrcuma. Tempere o frango com a mistura e sal a gosto
- Aqueça o óleo em fogo brando, em uma panela que acomode todo o arroz. Doure os pedaços de frango. Reserve. Aqueça o forno a 200 °C
- Na mesma panela, refogue a cebola. Acrescente o alho, o louro, a canela, o cravo e o limão desidratado. Refogue até a cebola começar a dourar
- Acrescente cerca de 750 ml de água. Quando ferver, adicione metade do frango
- Quando o frango estiver macio o bastante para remover a carne, desosse as coxas do caldo. Descarte os ossos e devolva a carne picada à panela
- Remova do caldo os limões, o louro, a canela, o cardamomo e o cravo. Descarte. Acrescente o arroz e as folhas de coentro. Cozinhe em fogo baixo, destampado, até secar. Junte mais água se for preciso
- Sirva o arroz com o frango, passas, cebola frita e amêndoas

folhamais

Crianças autistas, como o menino de 11 anos na foto acima, têm direito a educação inclusiva e atendimento médico multidisciplinar Zanone Fraissat - 30.mar.18/Folhapress

Familiares de autistas criticam atendimento em Carapicuíba

Promotora afirma que é possível recorrer ao MP e à Defensoria Pública

COTIDIANO

Mariane Ribeiro

SÃO PAULO Familiares de crianças e adolescentes autistas de Carapicuíba, região metropolitana de São Paulo, reclamam de falta de assistência do município. As queixas vão de falta de atendimento e terapia nos Caps (Centro de Atenção Psicossocial) da cidade a problemas na entrega de insumos.

A dona de casa Cristiane Martins Simão, 41, é uma das mães que diz não ter conseguido acesso a tratamento para sua filha, Monique, 18, no Caps.

Segundo Cristiane, a filha foi diagnosticada com autismo severo aos cinco anos, mas nunca conseguiu atendimento no centro. "Às vezes ela passa com o psiquiatra na policlínica da cidade, mas não faz tratamento, terapia e não está tomando remédios."

Jaqueline Jovina Rodrigues Teodoro, 42, babá, enfrenta problema semelhante. Ela é mãe de Pedro Henrique, 13, autista de grau leve que recebia atendimento no Caps desde os dois anos, mas que foi desligado do local recentemente. "Na pandemia, parou com a terapia ocupacional. Depois cancelaram várias consultas com o psiquiatra e, agora, falaram que ele estava desligado do Caps", conta.

Além da falta de tratamento, outra questão levantada é a dificuldade para retirada de insumos. Shirley Botelho Costa, 60, afirma que o município tem negado direitos a crianças autistas como seu neto de 4 anos.

"As fraldas que eles fornecem dão alergia no meu neto, mas eles se recusam a fornecer outro tipo. As papinhas também não. Eles também não fornecem os remédios básicos que ele toma", relata Shirley.

Sobre o caso de Monique, a prefeitura de Carapicuíba afirma apenas que ela está sendo acompanhada pelos especialistas da policlínica e pela equipe do programa Saúde da Família. Já sobre a situação de Pedro, a prefeitura diz que "a Secretaria de Saúde está à disposição da família para que os atendimentos sejam retomados no Caps Infantil".

Questionada sobre as reclamações feitas por Shirley, a administração municipal se limitou a dizer que "os insumos e as fraldas estão sendo devidamente entregues" e que Henry é paciente do Caps Infantil desde 2014.

De acordo com Paula de Figueiredo Silva, coordenadora do CAO (Centro de Apoio Operacional) da Promotoria da Pessoa com Deficiência do Ministério Público de São Paulo, os direitos dos autistas estão respaldados na Constituição, na Convenção Internacional e no Estatuto da PcD e na lei que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

Assim, a promotora explica que as crianças autistas têm direito a uma educação inclusiva que deve ser colocada em prática com base em um plano pedagógico individualizado, construído pela secretaria de educação.

"Ela será inserida no ensino regular e o poder público tem o dever de fazer adequações às necessidades da criança. Adaptar o material escolar, trazer métodos de ensino que melhor se ajustem àquela criança, ter profissionais de apoio, utilização do AEE (Atendimento Educacional Especializado) ou até de transporte escolar específico", diz Paula.

Na área da saúde, o raciocínio é similar. Há a necessidade da construção de um Projeto Terapêutico Singular, desenvolvendo propostas de atendimento integral e multidisciplinar a partir das demandas específicas de cada pessoa e da rede disponível na cidade.

Solicitações de remédios ou insumos específicos podem ser levadas às vias judiciais e atendidas, mas é preciso comprovar a necessidade e o motivo da demanda.

Paula afirma que familiares que estejam encontrando dificuldades para garantir os direitos de seus entes autistas podem recorrer ao MP ou à Defensoria Pública.

"A pessoa deve buscar o promotor da sua região e ele, já conhecendo a situação do município e casos anteriores, poderá escolher a via extrajudicial para fazer essa interlocução com o poder público ou seguir para a via judicial em nome da pessoa."

Há ainda a possibilidade de o cidadão ingressar com um pedido de execução a partir de uma Ação Civil Pública de 2001, que trata do tema. No entanto, a promotora alerta:

"Ela veio em uma realidade anterior ao processo de inclusão e às bases que são usadas hoje. Então, é necessário ajustar esse título às diretrizes que temos hoje e detectar qual nível do poder público deverá ser acionado", afirma Paula.

> "A pessoa deve buscar o promotor da sua região e ele, já conhecendo a situação do município, poderá escolher a via extrajudicial para fazer essa interlocução com o poder público ou seguir para a via judicial em nome da pessoa
>
> **Paula de Figueiredo Silva**
> promotora

Tecnologias digitais devem ser desenvolvidas levando em consideração os direitos das crianças

OPINIÃO

Mariana Ochs
coordenadora do EducaMídia, programa de educação midiática do Instituto Palavra Aberta

Crianças no Piauí estudam em sala de aula com apoio de tablets Divulgação Piauí Conectado

SÃO PAULO Se a pandemia acelerou e ampliou a adoção de tecnologias para muitas crianças, é fato que ela também evidenciou a exclusão de tantas outras, reforçando a necessidade de criarmos políticas públicas mais afirmativas de inclusão digital.

Em um mundo mediado por tecnologia, porém, é preciso considerar que nossos direitos são impactados por muito mais do que o acesso a ela.

A capacidade de encontrar, filtrar e produzir informações de forma crítica, ética e segura depende não só da disponibilidade de redes e equipamentos, mas sobretudo da construção de habilidades digitais e midiáticas que permitem fazer um uso construtivo e fortalecedor desse ambiente.

E é esse é um ponto bastante crítico quando se trata do público infantil. A Convenção sobre os Direitos da Criança foi elaborada pela Assembleia Geral da ONU, em 1989. É o instrumento sobre direitos humanos mais ratificado na história, adotado por 196 países como norteador de políticas públicas para a infância. Estabelece as condições básicas em que uma criança pode florescer e se desenvolver plenamente, com segurança e acesso a oportunidades.

Além disso, 1989 foi também o ano do lançamento da World Wide Web (www). Desde então, as tecnologias digitais transformaram profundamente a forma como nos relacionamos, produzimos, acessamos informações e serviços, com enormes consequências também para a infância e a juventude.

É inquestionável que a desigualdade de acesso às tecnologias de informação interfere criticamente nos direitos básicos de educação, informação e participação.

Diversos países já consideram em sua legislação que o acesso ao mundo digital é uma questão de equidade e inclusão, e portanto deve ser um direito básico de qualquer cidadão. No Brasil, o Senado acaba de aprovar a PEC 47/2021, da senadora Simone Tebet (MDB-MS), que coloca a inclusão digital como um direito fundamental previsto na Constituição.

Vale destacar que o design e a forma de funcionamento das tecnologias que utilizamos, mesmo que não diretamente, também têm impacto em nossas vidas –afetando não só o nosso acesso a informações e serviços, mas também nosso bem-estar, privacidade, segurança e direito de fazer escolhas livres.

O desconhecimento ou mau uso dessas tecnologias pode levar a uma violação de direitos. O impacto de inteligências artificiais que determinam o acesso a benefícios ou serviços sociais ou ainda o design de plataformas que pode favorecer o engajamento com informações descontextualizadas ou manipuladoras são dois exemplos disso.

É nesse contexto que a ONU publicou, no ano passado, o Comentário Geral 25 (2021) sobre os direitos da criança em relação ao ambiente digital.

O documento é fruto do esforço colaborativo de 40 estados nacionais, centenas de organizações para a infância e direitos civis e mais de 700 crianças em 28 países.

Fundamentado em publicações anteriores sobre o impacto das tecnologias digitais na sociedade, o documento estabelece diretrizes para políticas públicas "à luz das oportunidades, riscos e desafios na promoção, respeito, proteção e cumprimento de todos os direitos da criança no ambiente digital."

Esse trabalho traz um grande avanço em relação a muitos esforços e políticas das últimas décadas, cujo foco principal eram os danos ou violências que as crianças podem sofrer quando expostas aos ambientes virtuais –e que, portanto, tinham enfoque restritivo ou punitivo.

Ao reconhecer o direito das crianças e jovens à liberdade de expressão, à autonomia sobre seu desenvolvimento e à participação na sociedade, o texto oferece caminhos para realizar o enorme potencial positivo da tecnologia digital, desde que incorporada ao seu design, de forma proativa e intencional, a promoção desses direitos.

Os principais pontos do trabalho foram reunidos em cartaz disponível para escolas, produzido pela ONG inglesa 5Rights Foundation e lançado em português pelo EducaMídia, programa de educação midiática do Instituto Palavra Aberta.

Se o letramento digital e midiático pressupõe um olhar mais consciente e crítico sobre as tecnologias que utilizamos em nosso cotidiano, a exploração do Comentário 25 da ONU em contextos pedagógicos pode disparar projetos muito ricos, a exemplo do que já acontece com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Tornar as crianças mais conscientes e vigilantes quanto aos seus direitos é uma forma de fortalecê-las.

O nervo vago capta informações sobre como os órgãos estão funcionando Chloe Cushman/The New York Times

Estimulação do nervo vago pode melhorar depressão

Benefício também valeria para quem sofre de ansiedade, epilepsia e diabetes

EQUILÍBRIO

Christina Caron

THE NEW YORK TIMES Nos últimos anos, o nervo vago tornou-se objeto de fascínio, principalmente nas redes sociais. As fibras nervosas vagais, que vão do cérebro ao abdômen, foram citadas por alguns influenciadores como a chave para reduzir a ansiedade, regular o sistema nervoso e ajudar o corpo a relaxar.

Vídeos do TikTok com a hashtag "#vagusnerve" [nervo vago, em inglês] foram vistos mais de 64 milhões de vezes, e há quase 70 mil postagens sobre o tema no Instagram.

Algumas das mais populares apresentam truques simples para "tonificar" ou "reformatar" o nervo vago, nos quais as pessoas mergulham o rosto em banhos de água gelada ou deitam de costas com compressas de gelo no peito.

Há também massagens no pescoço e nos ouvidos, exercícios para os olhos e técnicas de respiração profunda.

Empresas de bem-estar capitalizaram a tendência, oferecendo produtos como "óleo de massagem para o vago", pulseiras vibratórias e sprays para travesseiro, que afirmam estimular o nervo, mas que não foram endossados pela comunidade científica.

Pesquisadores que estudam o nervo vago dizem que estimulá-lo com eletrodos pode ajudar a melhorar o humor e aliviar os sintomas em pessoas que sofrem de depressão resistente a tratamento, entre outras doenças.

Mas há outras maneiras de ativar o nervo vago? Quem se beneficiaria mais disso? E o que exatamente é o nervo vago, afinal? Nesta reportagem está uma visão do que sabemos até agora.

O termo "nervo vago" é uma abreviação para milhares de fibras. Elas são organizadas em dois feixes que descem do tronco cerebral pelos dois lados do pescoço e para o tronco, onde se ramificam para tocar nossos órgãos internos, disse Kevin J. Tracey, neurocirurgião e presidente dos Institutos Feinstein de Pesquisa Médica da Northwell Health em Nova York.

> Pode soar meio mágico, com todas as coisas que o nervo vago faz. E a compreensão que se tem sobre ele continua a crescer em riqueza e em profundidade
>
> **Eric Porges**
> professor na Universidade da Flórida

Imagine algo semelhante a uma árvore, cujos galhos interagem com quase todos os sistemas orgânicos do corpo. (A palavra "vagus" significa "errante" em latim.)

O nervo vago capta como os órgãos estão funcionando e envia informações do tronco cerebral de volta ao corpo, ajudando a controlar a digestão, a frequência cardíaca, a voz, o humor e o sistema imunológico. Por essas razões, ele, que é o mais longo dos 12 nervos cranianos, às vezes é chamado de "supervia da informação".

Tracey o comparou a um cabo transatlântico. "Não é uma mistura de sinais", disse. "Cada sinal tem um trabalho específico." O vago é o principal nervo do sistema nervoso parassimpático. Diferentemente do sistema nervoso simpático, associado à resposta de "lutar ou fugir" do corpo, o ramo parassimpático nos ajuda a descansar, digerir e nos acalmar.

Os cientistas começaram a examinar o nervo vago no final dos anos 1800, para investigar se sua estimulação poderia servir de tratamento para a epilepsia. Mais tarde, descobriram que um efeito colateral da ativação do nervo era uma melhora no humor. Hoje, os pesquisadores estão examinando como o nervo pode afetar distúrbios psiquiátricos, entre outras condições.

As evidências encontradas em pesquisas indicam que estimular o nervo vago pode ajudar pessoas com epilepsia, diabetes, depressão resistente a tratamento e TEPT (transtorno de estresse pós-traumático), além de condições inflamatórias autoimunes como doença de Crohn ou artrite reumatoide. Algumas pesquisas preliminares sugerem que até os sintomas da Covid longa podem se originar, em parte, da ação do vírus no nervo vago.

"Pode soar meio mágico, com todas as coisas que ele faz", afirmou Eric Porges, professor assistente do departamento de psicologia clínica e da saúde na Universidade da Flórida. E, segundo Porges, a compreensão que se tem sobre o nervo vago "continua a crescer em riqueza e em profundidade", mas ainda há muito a aprender.

No início dos anos 2000, pesquisadores começaram a mostrar que a estimulação do nervo vago poderia ajudar alguns pacientes gravemente deprimidos que não respondiam a outros tratamentos.

Seguiu-se uma onda de estudos. Em 2005, a FDA (agência reguladora de alimentos e medicamentos nos Estados Unidos) aprovou dispositivos geradores de pulso implantáveis, que enviam sinais elétricos ao nervo vago, para uso em pacientes de depressão com resistência a tratamento.

Dispositivos semelhantes foram aprovados para obesidade —para ajudar a controlar a sensação de fome e saciedade— e para o tratamento de epilepsia. Entretanto, a cirurgia é cara e pode levar meses para surtir efeito —às vezes até um ano.

Pesquisadores estão recrutando pacientes para o maior ensaio clínico já feito, para examinar até que ponto a estimulação pode ajudar pacientes com depressão que não conseguiram encontrar alívio em outros tratamentos.

O dispositivo pode ser especialmente útil para aqueles com depressão bipolar, porque há poucos tratamentos para eles, declarou Scott Aaronson, um dos psiquiatras que lideraram o ensaio clínico e diretor científico do Instituto de Diagnóstico e Terapêutica Avançados (um centro do hospital psiquiátrico Sheppard Pratt).

Em geral, um dos problemas com o tratamento da depressão "é que temos muitos medicamentos que praticamente fazem a mesma coisa", declarou Aaronson. E quando os pacientes não respondem a esses medicamentos, "não temos muitas novidades".

No entanto, estimulação do nervo vago implantado não é atualmente acessível para a maioria das pessoas, uma vez que as seguradoras se recusaram a pagar pelo procedimento —com exceção dos beneficiários do sistema Medicare dos EUA, que participaram do último ensaio clínico.

A pesquisa de Tracey, que usa estimulação interna do nervo vago para tratar inflamação, também pode ter aplicações em distúrbios psiquiátricos como transtorno do estresse pós-traumático, afirmou Andrew H. Miller, diretor do Programa de Imunologia Comportamental da Universidade Emory, que estuda como o cérebro e o sistema imunológico interagem e como as interações podem contribuir para o estresse e a depressão.

O TEPT é caracterizado por medidas aumentadas de inflamação no sangue, disse ele, que "podem influenciar circuitos no cérebro relacionados à ansiedade".

Em um estudo piloto na Emory, por exemplo, os pesquisadores estimularam eletronicamente a pele do pescoço perto do vago em 16 pessoas, oito das quais receberam tratamento de estimulação do nervo vago e oito receberam um tratamento simulado.

Os pesquisadores descobriram que o tratamento de estimulação reduziu as respostas inflamatórias ao estresse e foi associado a uma diminuição nos sintomas de TEPT, indicando que tal estimulação pode ser útil para alguns pacientes, incluindo aqueles com biomarcadores inflamatórios elevados.

Enquanto isso, Porges e seus colegas da Universidade da Flórida patentearam um método para ajustar a estimulação elétrica do nervo vago com base na fisiologia do paciente. Ele agora está trabalhando com a empresa Evren Technologies, da qual é acionista, para desenvolver um dispositivo médico externo que use essa abordagem para pacientes com TEPT.

A atividade do nervo vago é difícil de medir diretamente, devido à sua complexidade. Mas, como algumas fibras do nervo se conectam ao coração, especialistas podem medir indiretamente o tônus vagal cardíaco (a maneira como o sistema nervoso regula o coração) observando no eletrocardiograma a variabilidade da frequência cardíaca, que são flutuações do tempo entre os batimentos cardíacos.

Um tônus vagal anormal —com muito pouca variabilidade da frequência cardíaca— foi associado a condições como diabetes, insuficiência cardíaca e hipertensão. Uma alta variabilidade entre os batimentos cardíacos pode significar um tônus vagal ideal.

E como melhorar o seu tônus vagal em casa? Prender a respiração e mergulhar o rosto em água fria pode desencadear o "reflexo de mergulho", uma resposta que diminui o batimento cardíaco e contrai os vasos sanguíneos. Algumas pessoas que experimentaram isso disseram que tem um efeito calmante e pode até reduzir a insônia. Outras enrolam uma bolsa de gelo num pano e a colocam no peito para aliviar a ansiedade.

Esses exercícios específicos não foram suficientemente estudados como métodos para controlar a ansiedade ou a depressão, por isso é difícil saber se funcionam. Mesmo assim, alguns especialistas dizem que vale a pena tentar. "É certamente uma das coisas mais benignas que podemos fazer", disse o dr. Aaronson.

Mas Tracey pediu cautela, acrescentando que é difícil avaliar adequadamente os riscos e benefícios sem dados clínicos. "Eu não aconselharia ninguém a fazer qualquer intervenção sem consultar seu médico", declarou.

"Para o bem-estar, tente manter a atividade do nervo vago elevada por meio de atenção plena, exercícios e respiração acelerada", disse Tracey. "Tudo isso é muito bom."

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

LEIA TAMBÉM

cotidiano
➔ Familiares de autistas se queixam de falta de atendimento *p. 2*

f5
➔ Loja que vende crepes em forma de genitais se diz censurada *p. 3*

ilustrada
➔ O que 'Top Gun: Maverick' nos diz sobre os Estados Unidos e seu poderio *p. 4*

equilíbrio
➔ Casamentos adiados pela pandemia encolhem, e casais desconvidam amigos *p. 6*